



SALVADOR BERNAL

JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

**Apontamentos sobre a vida e os ensinamentos
do fundador do Opus Dei**

APONTAMENTOS

Salvador Bernal

Tradução por IA (Chat GPT) do
original "APUNTES"

Editado por 

ÍNDICE

NOTA À EDIÇÃO DIGITAL

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO PRIMEIRO

UMA FAMÍLIA CRISTÃ

1. De Barbastro a Logronho
2. O exemplo de um lar cristão
3. O ar de família do Opus Dei
4. Calor de lar
5. A santidade do amor humano

CAPÍTULO SEGUNDO

VOCACÃO PARA O SACERDÓCIO

1. Os pressentimentos de uma chamada divina especial.
2. Os anos de Zaragoza
3. Alma sacerdotal e mentalidade laical
4. Três amores: Cristo, Maria, o Papa
5. Ânsia por todas as almas

CAPÍTULO TERCEIRO

A FUNDAÇÃO DO OPUS DEI

1. Madrid, 2 de outubro de 1928
2. E o Fundador do Opus Dei continuou a trabalhar
3. A santificação do trabalho
4. Mulheres do Opus Dei: 14 de fevereiro de 1930
5. A Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz

CAPÍTULO QUARTO

TEMPO DE AMIGOS

1. Os primeiros membros do Opus Dei
2. Um amigo alegre e optimista
3. Confiança, lealdade, gratidão
4. Soube amar

CAPÍTULO QUINTO

CORAÇÃO UNIVERSAL

1. Os começos em Madrid
2. Em hospitais e subúrbios
3. Uma audácia: a Academia DYA
4. Cada caminhante siga o seu caminho
5. “A raça dos filhos de Deus”

CAPÍTULO SEXTO

O SELO DA FILIAÇÃO DIVINA

1. A loucura dos filhos de Deus
2. “Sem medo da morte”
3. “Sem medo da vida”
4. A prudência sobrenatural

CAPÍTULO SÉTIMO

AS HORAS DA ESPERANÇA

1. Dias de guerra em Espanha
2. O caminho jurídico do Opus Dei
3. “A barca de Pedro não se afunda”

CAPÍTULO OITAVO

A LIBERDADE DOS FILHOS DE DEUS

1. A contradição dos bons
2. Sem liberdade não se pode amar a Deus

CAPÍTULO NONO

PAI DE FAMÍLIA NUMEROSA E POBRE

1. Como o grão de mostarda

2. Pobre de solenidade

3. O sacrifício de Abel

EPÍLOGO

1975: “Como uma criança que balbucia”

NOTA À EDIÇÃO DIGITAL

Quando, a 26 de junho de 1975, Deus chamou à sua presença Mons. Escrivá de Balaguer, existia ainda muito pouco material biográfico publicado sobre uma personalidade que deixaria marca tão profunda na História da Igreja. Tinha prevalecido, acima de tudo, o lema *ocultar-me e desaparecer é o meu, que só Jesus brilhe*, que fez da sua vida e da sua doutrina uma permanente e humilde sementeira de serviço à Igreja e às almas. Mas, a partir dessa data, surgiu espontaneamente a justa gratidão de milhares de pessoas de todo o mundo para com aquele que as tinha encaminhado — instrumento de Deus — por caminhos de vida cristã. Essa gratidão manifestou-se também numa infinidade de artigos, testemunhos e recordações, que permitiram conhecer e saborear tantos pormenores inéditos da sua vida e do seu ensinamento exemplar.

Essa realidade explica a rápida e ampla difusão deste livro — todos aguardavam algum texto biográfico de conjunto —, já traduzido para as mais importantes línguas do mundo contemporâneo. E reflete também a atração que a vida e a espiritualidade de Mons. Escrivá de Balaguer exercem sobre milhares de almas do nosso tempo, de culturas e condições sociais muito diversas. Mas, sobretudo, e mesmo dentro da evidente limitação destas páginas, vem manifestar a extensão universal da devoção ao Fundador do Opus Dei, reconhecida solenemente pela Igreja desde que, em 12 de maio de 1981, se iniciou em Roma o Processo de beatificação e canonização do Servo de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer.

Com efeito, o Cardeal Ugo Poletti, Vigário do Papa para a diocese de Roma — onde faleceu o Servo de Deus —, decretou em 19 de fevereiro de 1981 a introdução da sua Causa de beatificação. Previamente, a Sagrada Congregação para as Causas dos Santos tinha estudado atentamente a documentação apresentada e, no Congresso Ordinário de 30 de janeiro de 1981, concedeu o *nihil obstat* para a abertura do processo, que o Santo Padre João Paulo II ratificou e confirmou a 5 de fevereiro seguinte.

O Decreto do Cardeal Poletti recordava a perene atualidade da figura de Mons. Escrivá de Balaguer, “ponto de referência a partir do qual a luz do

apostolado cristão se irradia sobre a sociedade de todos os tempos.

“Confirmam-no a vasta fama de santidade que já em vida rodeou o Servo de Deus, apoiada por abundantes e autorizados testemunhos. Desde que o Senhor o chamou a Si, esta fama de santidade foi-se progressivamente difundindo, com significativa espontaneidade. São milhares as cartas — de eminentes personalidades e de gente comum — chegadas ao Santo Padre desde os mais longínquos recantos da terra, com o fim de pedir a abertura da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus. Entre essas cartas, apraz-nos recordar a da Conferência Episcopal do Lácio, com as suas expressões de gratidão pelos frutos que o zelo sacerdotal de Mons. Escrivá semeou em Roma. Pessoas de todas as condições sociais e das mais variadas nacionalidades testemunham o cúmulo de favores, grandes e pequenos, espirituais e materiais, recebidos do Céu por recurso à intercessão do Servo de Deus. A cripta do oratório de Santa Maria da Paz, na Sede Central do Opus Dei, em Roma, onde repousam os restos mortais do Fundador, é meta de uma peregrinação ininterrupta de fiéis, que confiam à sua mediação junto de Deus todas as suas necessidades ou lhe agradecem favores obtidos”.

Como é sabido, cumpridos com rigor todos os passos estabelecidos na legislação canónica, o processo encerrou-se com a solene canonização de São Josemaría. A cerimónia foi presidida por S.S. João Paulo II, na Praça de São Pedro, a 6 de outubro de 2002, precisamente no ano em que se cumpriu o centenário do nascimento do fundador do Opus Dei.

Ao preparar uma nova edição castelhana de *Apuntes*, para além de assinalar estes factos decisivos, coloquei-me a possibilidade de atualizar o livro. Depois de o estudar com alguma atenção, cheguei à conclusão de que são muitos e muito importantes os novos dados e textos surgidos desde 1976. Mas não modificam — antes confirmam e ampliam — aqueles traços da personalidade do Fundador do Opus Dei que então me pareceu oportuno salientar e que hoje continuam a parecer-me particularmente expressivos, sobretudo para quem se aproxime pela primeira vez da vida e dos ensinamentos de São Josemaría.

Contudo, considero obrigatório recordar alguns documentos ou iniciativas de excecional importância posteriores à primeira edição destes

Apuntes, que alcançaram merecida e ampla difusão. Referir-me-ei a uma seleção mínima, pois o interessado pode recorrer aos boletins bibliográficos exaustivos da revista anual *Studia et Documenta*, do Instituto Histórico São Josemaría Escrivá de Balaguer, criado por iniciativa de Mons. Javier Echevarría, Prelado do Opus Dei, em 9 de janeiro de 2001. Dão também conta de obras coletivas, fruto de simpósios e encontros em torno da sua figura. Esta revista publicou já cerca de vinte números, com o resultado de investigações muito diversas sobre aspetos da vida do fundador do Opus Dei. Essa instituição romana promove igualmente a edição histórica — crítica das obras de São Josemaría, publicadas em castelhano pela Rialp. Confirmam que, nos seus escritos, São Josemaría propunha aos leitores aquilo que é carne da sua carne e vida da sua vida.

Nestes anos publicaram-se também biografias de São Josemaría, a partir de perspetivas diversas, que alcançaram grande difusão, em especial o ambicioso trabalho, em três extensos volumes, do escritor espanhol Andrés Vázquez de Prada.

Outra iniciativa de grande envergadura é o *Dicionário de São Josemaría Escrivá de Balaguer*, da editora Monte Carmelo: 1368 páginas, com 288 entradas ordenadas alfabeticamente, redigidas por 226 autores de 32 países (disponível também em edição digital).

Estou firmemente convencido de que esta documentação tão abundante facilita e enriquece o conhecimento do fundador e permitirá abordar com maior profundidade tantas e tão ricas facetas da sua personalidade e dos seus ensinamentos.

Noutro plano, gostaria de chamar a atenção para um pormenor talvez mínimo. Nestes *Apontamentos* recolhem-se testemunhos de inúmeras pessoas: algumas já não estão entre nós; outras ocupam hoje cargos civis ou eclesiásticos diferentes dos que desempenhavam em 1975 ou 1976. No entanto, pareceu-me preferível conservar o texto tal como estava, certo de que o leitor poderá ultrapassar facilmente eventuais ou aparentes *anacronismos*. Em todo o caso, reitero o meu cordial agradecimento a tantas pessoas que quiseram manifestar a sua gratidão, a sua amizade ou a sua admiração por Mons. Escrivá de Balaguer, autorizando-me a usar as suas palavras.

Por último, em 1982 teve lugar outro acontecimento histórico, que culminou um aspeto decisivo da vida de Mons. Escrivá de Balaguer, que trato no capítulo sétimo deste livro, *o caminho jurídico do Opus Dei*: a transformação da Obra em Prelatura pessoal, decidida por S.S. João Paulo II, aplicando uma figura jurídica introduzida pelo Concílio Vaticano II. Esta solução foi qualificada como *um bem para toda a Igreja* pelo Cardeal Baggio, ao apresentar em *L'Osservatore Romano* (28-XI-1982) os diversos documentos oficiais da Santa Sé sobre este importante ato pontifício. Apesar da minha decisão — a que me referi acima — de não modificar o texto que escrevi entre 1975 e 1976, considereei oportuno acrescentar algumas linhas: em parte, por rigor informativo; sobretudo, porque a configuração jurídica do Opus Dei exigiu tantos trabalhos e sofrimentos ao seu Fundador e foi intenção constante da oração e da penitência de Josemaría Escrivá de Balaguer desde 1928.

Quando redijo estas linhas, está em curso o processo de adaptação às reformas da Cúria e da legislação canónica promulgadas pelo Santo Padre Francisco. Sem dúvida, contribuirá para reafirmar o carisma fundacional e, em concreto, a humilde disposição que São Josemaría esculpiu no Opus Dei: não procurar glória humana e servir a Igreja como a Igreja quer ser servida.

Madrid, 9 de janeiro de 2024

Voltar ao Índice

APRESENTAÇÃO

No dia 26 de junho de 1975, por volta do meio-dia, faleceu em Roma Monsenhor Escrivá de Balaguer. Horas mais tarde, os seus restos mortais repousavam sobre o pavimento do Oratório dedicado a Santa Maria, na sede central do Opus Dei. O beato Álvaro del Portillo, então Secretário-geral da Obra, depôs umas rosas vermelhas aos pés do Fundador, enquanto repetia o verso de São Paulo: *Quam speciosi pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona!* (Rom., X, 15), como são formosos os pés dos que anunciam o Evangelho da paz, dos que anunciam coisas boas!

Terá sido um esplêndido epitáfio. Quantos o conheceram e trataram — ainda que por breves instantes — coincidem, com clara unanimidade, em destacar a sua alegria. O seu olhar sereno e límpido era cordialmente acolhedor. Era um homem de Deus, que transbordava simpatia e humanidade: infundia paz, alegria, serenidade, contentamento, desejo de servir os outros.

“Não me lembro de ninguém — escreveu D. Manuel Aznar poucos dias depois — que, com tanta espontaneidade, com uma naturalidade tão admirável, unisse num só feixe o natural e o sobrenatural; Deus e o homem; o homem e Deus. Essa difícilíssima tarefa de manter presentes as inspirações sobrenaturais no meio das mais humildes trivialidades da existência humana cumpria-se no Fundador do Opus Dei sem a menor aparência de esforço, sem rangidos ao ajustar as inquietações do além com as realidades do aquém.”

Viveu para Deus e foi maravilhosamente humano. Para realizar a Obra que o Senhor lhe pedia, recebeu dons que o tornaram uma pessoa atraente no plano humano. E, ao mesmo tempo, surpreendente, porque perante um fundador costuma procurar-se sempre algo de estranho, de diferente. “Eu estava a fazer atos de fé para acreditar que estava diante do Fundador do Opus Dei, tal é a sua simplicidade e cordialidade”, comentava um sacerdote de Jaén, quando o conheceu em Pozoalbero (Jerez de la Frontera) num dia de novembro de 1972. Outro reparou “na naturalidade com que oculta o seu

grande conteúdo sobrenatural”. Mas — acrescentava — “transborda-lhe. Não consegue ocultar a sua carga de Deus”.

Por isso, não é fácil explicar como foi e o que fez. São muitas e muito ricas as facetas da sua personalidade e da sua doutrina. Estão, por outro lado, tão entrelaçadas na sua unidade de vida simples e forte, que resistem à análise: não se pode esquartejar uma existência tão carregada de sentido humano e divino, até nos pormenores mais pequenos.

Tentei, contudo, apontar neste livro algumas manifestações da sua personalidade íntegra, porque, como digo, me é francamente difícil descrever a imagem de plenitude que guardo desde que o conheci pessoalmente, em 8 de setembro de 1960. Foi no pequeno jardim do Colégio Maior Aralar, em Pamplona, junto de mais de cem estudantes, que o apossámos com perguntas durante quase uma hora. Aprendi bastante nessa tarde. Fiquei profundamente mexido por dentro. Surpreendeu-me o seu sentido de humor. Rimo-nos todos muito. Tive a convicção de estar muito perto de Deus. E, além disso, talvez como síntese de tudo isto, diverti-me imenso: foi uma hora deliciosa.

Não imaginava que Mons. Escrivá de Balaguer tivesse tal simpatia, tal capacidade de conquistar os universitários: conhecia a fundo as nossas inquietações, falava — até com expressões castiças — a nossa linguagem, e servia-se desse dom para nos exigir muito, para nos empurrar para cima, fazendo-nos sair da moleza. (Sete anos depois, vivi em Vallecas uma reação semelhante, quando um operário, que tinha os filhos como alunos de Tajamar, me comentava: — A este padre percebe-se bem; fala como nós...).

Mas a sua facilidade inata de se fazer entender, a rapidez das respostas, a graça e simpatia humanas nada tinham que ver com um fazer-se simpático. Tudo era sólido, espontâneo, verdadeiro. Autêntica era também a sua confiança em nós — naquele verão de 1960 eu estava a meio do curso —, ao abrir-nos o coração contando-nos coisas de grande intimidade. Manifestava assim a sua ilimitada capacidade de amar, que, desde o mais elevado — o trato com Deus, o amor a Santa Maria, a dilatação da Igreja por países da Ásia e de África —, chegava até ao mais pequeno: a repreensão pelo descuido de ter deixado aberta uma portinhola — via-se desde o jardim — expondo os móveis do quarto ao forte sol do meio-dia; o

carinho por esse braço engessado, que raramente falta num grupo numeroso de jovens... E tudo salpicado de histórias francamente divertidas.

A vida do Fundador do Opus Dei quebra quase todos os esquemas: não provava licores, mas — brincando com a marca de um conhecido conhaque — referia-se a si próprio dizendo que, para fundador bom, o que vinha engarrafado... Porque se considerava, na sua humildade, um Fundador sem fundamento.

Tem razão José Ortego, catedrático de Direito Penal, que respondia assim a um inquérito jornalístico de urgência no dia 26 de junho de 1975: “Li uma biografia de D. Josemaría Escrivá. Depois, pensei no homem; e cheguei à conclusão de que D. Josemaría não é biografável. A sua personalidade forte transborda qualquer tentativa de nos contar como foi. Por muitos e ordenados que sejam os dados, por significativas que sejam as histórias, escapar-se-á sempre uma vida, tão intensa e tão complexa, que só o conhecimento direto pode alcançar.”

Felizmente, puderam filmar-se — depois de vencer a sua resistência pessoal durante anos — muitas cenas da última etapa da sua vida. Penso que meia hora de imagens do Fundador do Opus Dei, falando de Deus e respondendo a perguntas de pessoas muito diversas, facilita mais esse conhecimento direto do que tudo quanto aqui se dirá.

E estão também os seus livros, que alcançaram enorme difusão em todo o mundo. E os seus escritos inéditos: porque, como dizia muitas vezes jogando com o apelido, *Escrivá escreve*. Nesses textos encontra-se — mais do que nestas páginas — a verdadeira dimensão e a profundidade da sua vida.

No entanto, pareceu-me urgente fazer uma aproximação à figura deste sacerdote de Deus. Era preciso correr o risco de oferecer uma visão parcial de uma realidade plena de sentido. E quase de um fôlego, com pressa, depois de dedicar algumas semanas a documentar-me, escrevi estas páginas entre novembro e dezembro de 1975. Pareceram-me pobres, cheias de lacunas, e decidi completá-las com mais calma, embora o editor com quem tinha comentado o projeto quisesse já enviá-las para a tipografia, por pensar que podiam ser úteis. Retifiquei alguns pormenores ao longo de 1976, sem

praticamente acrescentar nada, conservando quase intactos o enfoque, a estrutura e a distribuição iniciais.

Não espere, pois, o leitor, uma biografia fechada. Tem nas mãos um perfil, umas impressões que, embora assentem em factos e dados históricos, não seguem uma ordem cronológica. Acontecimentos e escritos de épocas diversas aproximam-se e entrecruzam-se livremente, para esboçar, em rápidos traços, os rasgos do Fundador do Opus Dei que, em cada caso, pretendo salientar. Quem o tenha conhecido pessoalmente — na vida, nos seus escritos ou em filmes — verificará que há muitas coisas importantes que não aparecem aqui.

Talvez estes apontamentos ajudem, contudo, a repensar o vivido, a meditar de novo os escritos do Fundador do Opus Dei. Ter-se-á então cumprido o propósito que este relato buscava: dar a conhecer um pouco mais a grande personalidade de Mons. Escrivá de Balaguer, que gostava de passar despercebido, segundo o lema da sua vida: *ocultar-me e desaparecer é o meu, que só Jesus brilhe*.

Há muitos anos, um jornalista do londrino *The Times* comentava numa crónica: “A sua característica mais surpreendente é, em todo o caso, a sua absoluta normalidade. No seu modo de ser não há nada de fanático ou dominador, nenhum desses traços chocantes que as pessoas esperam encontrar num grande fundador ou num líder. A força do seu magnetismo, da sua energia espiritual, poderia facilmente passar despercebida. A sua estatura e o seu peso são normais; o rosto, pálido e algo redondo, sorri quase sempre. Há calor — carinho — na expressão dos seus olhos castanhos. A rapidez das respostas e os gestos que acompanham as palavras revelam uma inquietação enérgica. Ataca os assuntos de modo direto e pessoal, vai ao fundo, sem se perder no anedótico. Aborda os problemas em toda a sua amplitude e com audácia. Confia nos outros e delega facilmente. Fica sempre sublinhada a independência e a responsabilidade individuais dos membros do Opus Dei. Deixa a impressão duradoura de uma pessoa muito humana, feliz, que teria tido muito em comum com sir Tomás Moro, a quem, aliás, escolheu como um dos santos intercessores da sua Obra.”

Aquele jornalista sublinhou um traço decisivo: a impressão de normalidade que refletia a extraordinária personalidade do Fundador do

Opus Dei. É talvez este um dos seus legados mais preciosos: para ser muito divinos, é preciso ser muito humanos. Ensinou milhares de pessoas de todo o mundo a imitar a naturalidade da vida corrente de Jesus Cristo — Perfeito Deus, Perfeito Homem —, nos seus anos de trabalho oculto. Cristo foi sempre o único Modelo para buscar a santidade — santidade autêntica, sem eufemismos — nas ocupações e circunstâncias ordinárias da vida. Mal poderia Mons. Escrivá de Balaguer ter difundido essa mensagem se Deus não o tivesse feito profundamente humano, cordial e simples. Embora por vezes sofresse, porque não o entendiam ou não se esforçavam por o entender, e tivesse de pedir perdão *pela estranheza de não ser estranho*. Existe, de facto, uma acentuada tendência para valorizar o aparatoso, o artificial, o extraordinário, sem penetrar a profundidade — humana e divina — do quotidiano. Alguma vez, para explicar melhor o problema, aludia ao comentário que alguns fazem diante do primor de umas rosas frescas, de pétalas finas e bem delineadas — *parecem de pano!* —, porque preferem o artificial.

Na sua vida e na sua doutrina, o humano e o divino fundem-se de tal modo que não é nada fácil distinguir, em muitos momentos, se estamos perante um traço do seu carácter ou perante um fruto da graça de Deus, que atua de modo aparentemente natural. Viu-o bem o P. Sancho, O.P., quando afirma com rigor teológico: “A impressão que tenho dele é a de um homem de muitíssima virtude, que, na sua simplicidade, não exhibia. Não consigo destacar nenhum pormenor concreto da sua profunda humildade, porque a sua simplicidade enchia a sua vida de naturalidade. Não surpreendia nada, porque a sua constante era esta: sobrenaturalizar tudo de modo simples e, além disso, alegremente, que é o mais difícil.”

Assim atua sempre a graça de Deus nos homens. Torna sobrenatural a sua vida, sem aniquilar nem desfigurar o humano. Com efeito, só quem é fiel à graça de Deus pode ser plenamente homem.

Voltar ao Índice

CAPÍTULO PRIMEIRO

UMA FAMÍLIA CRISTÃ

1. De Barbastro a Logronho

No sopé dos Pirenéus aragoneses situa-se a ampla faixa do Somontano — com altitudes de 500 a 600 metros —, que faz a ligação entre a montanha e a planície, num rápido declive para sul. Esta posição geográfica deu ao Somontano uma grande importância histórica, como passagem obrigatória das rotas comerciais e como centro das lutas pelo poder político.

Dentro do Somontano, Barbastro já era uma cidade bem conhecida no período de domínio romano. Em 1100 foi reconquistada aos muçulmanos por Pedro I de Aragão e estabeleceu-se em Roda uma sede episcopal, que mais tarde foi transferida para Barbastro. Esta cidade não perdeu a sua importância ao longo dos séculos. Por volta de 1900 tinha cerca de 7.000 habitantes, continuava a ser sede episcopal, tinha estatuto jurídico de município — com os seus tribunais, o seu cartório notarial, o seu registo predial e toda a sua actividade administrativa —, e destacava-se como um núcleo comercial de primeira ordem, entre duas capitais de província, Huesca e Lérida.

Dom José Escrivá y Corzán — pai do futuro Fundador do Opus Dei — dedicava-se ao comércio em Barbastro. Em 1894 era um dos três sócios da “Sucesores de Cirilo Latorre”. A família era originária de Balaguer (Lérida), onde nascera o avô paterno de dom José. Alguns membros da família mudaram-se para Peralta de la Sal e depois para Fonz, localidade situada na margem esquerda do Cinca, a meio caminho entre Peralta de la Sal e Barbastro. Dom José Escrivá nasceu a 15 de Outubro de 1867 em Fonz, e ali viveram também durante muitos anos dois irmãos seus: mosén Teodoro e Josefa.

No dia 19 de Setembro de 1898, dom José casou-se em Barbastro com María de los Dolores Albás y Blanc, que era a penúltima de treze irmãos. Os Albás, muito conhecidos em Barbastro, ocupavam uma casa grande, e a

presença dessa numerosa família era tão notória que se falava daquele lar como “a casa dos rapazes”.

Martín Sambeat, que ainda vive em Barbastro, recorda dom José Escrivá como um homem cheio de bondade e rectidão, que se vestia com elegância ao estilo da época, de chapéu de coco, e que todos os dias mudava de bengala. O pai de Martín também era comerciante e, com outros, costumava reunir-se às quartas-feiras na parte de cima da sua loja. Mais de uma vez mandou o filho avisar dom José para que viesse à tertúlia. Ali conversavam, comentavam os acontecimentos e jogavam às cartas (tresillo) até ao fim da tarde. Por vezes reuniam-se também no casino “La Amistad”, na Praça da Câmara Municipal.

Dom José trabalhava no número 10 da Rua de Ricardos. Na cave fabricava-se chocolate. Da loja, por uma escada em caracol, subia-se a um mezanino, destinado a armazém de mercadorias. Nos dois andares superiores vivia a família de Juan José Esteban — notário de Barbastro até 1925 —, casado com uma sobrinha de dom Cirilo Latorre, a quem pertencera o negócio. A loja tinha o aspecto típico das lojas de tecidos da época: grandes prateleiras de madeira, com gavetões largos ao fundo; e um grande balcão corrido, uma tábua de madeira, com uma ranhura de mealheiro, onde iam sendo lançadas as moedas ao longo do dia. Não faltavam a báscula nem a balança, num canto da loja. O negócio corria bem. Quando, em Maio de 1902, se dissolveu a sociedade “Sucesores de Cirilo Latorre”, tinha um activo que hoje equivaleria a muitos milhões de pesetas. Com o que receberam da liquidação, dois dos três sócios, Juan Juncosa e José Escrivá, continuaram o negócio com o novo nome de “Juncosa y Escrivá”.

Alguns meses antes, a 9 de Janeiro de 1902, nasceu Josemaría na casa onde os pais viviam, na Praça do Mercado, junto à dos Argensola. Era o segundo filho. Na pia baptismal da catedral de Barbastro deram-lhe, no dia 13, os nomes de José, María, Julián e Mariano. A irmã mais velha, Carmen, tinha nascido a 16 de Julho de 1899. Depois viriam María Asunción (1905), María de los Dolores (1907), María del Rosario (1909) e Santiago (1919).

A vida decorria com normalidade. Dona Dolores tratava da casa, com a ajuda de uma cozinheira, María, de uma criada e, enquanto foi necessário,

de uma ama. Tinham, além disso, um criado para os trabalhos mais pesados.

Quem a conheceu então em Barbastro descreve-a como uma grande senhora, muito bonita, elegante, simples, serena, afável, com grande sentido de humor. Os amigos dos seus filhos iam brincar a sua casa, e ela deixava-lhes peças de roupa para se mascararem. Preferia que brincassem na “leonera”. Quando chegava a hora do lanche, dava-lhes pão com chocolate e laranjas.

Com naturalidade e sentido de humor, dona Dolores aproveitava todas as ocasiões para ensinar a piedade cristã aos filhos. Algumas lições ficaram gravadas para sempre na alma de Josemaría e ele as repetiria depois ao longo dos anos. Contaria, por exemplo, que naquele tempo eram frequentes as visitas. Iam famílias e algumas amigas da mãe. Ele tinha de as cumprimentar, porque era o menino da casa, e quando as amigas da mãe queriam beijá-lo, ele defendia-se, sobretudo de uma parente afastada da avó, com um verdadeiro bigode que picava.

Agora vocês têm prudência ao arranjar-se — dizia com graça, uma vez na Argentina, diante de um grupo numeroso de pessoas —, conforme as circunstâncias, porque não se vai ao mesmo sítio para tudo, nem é igual uma visita de circunstância ou uma festa..., e os produtos de toucador evoluíram. Mas naquele tempo, ou não se arranjavam, ou punham-se — como ouvia a minha mãe comentar, divertida: “Fulana há-de vir estucada” — e, de facto, tinha-se enchido de estuque —, e não a podemos fazer rir, porque lhe estala tudo.

A dona Dolores também não gostava da vergonha infantil do filho quando tinha de estrear roupa nova. E voltava à carga, como ele contou muitas vezes. *Metia-me debaixo da cama e não queria sair para a rua, teimoso, quando me vestiam o fato novo... E a minha mãe, com uma bengala daquelas que o meu pai usava, dava umas pancadinhas leves no chão, com delicadeza, e então eu saía: saía por causa da bengala, não por outra coisa.*

Depois, a minha mãe, com carinho, dizia-me: Josemaría: vergonha, para pecar. Muitos anos depois, percebi que havia naquelas palavras uma razão muito profunda.

A mãe ensinou-o a rezar e com ela aprendeu, por exemplo, essa oração de oferecimento, tão popular: *Ó minha Senhora, ó minha Mãe, eu me ofereço inteiramente a Vós...* Numa homilia de 26 de Novembro de 1967 referia que *ainda hoje, de manhã e à tarde — não um dia por outro, mas habitualmente — renovo aquele oferecimento que me ensinaram os meus pais*. E, em 1974, em Buenos Aires, para mostrar como às vezes são pequenas tolices as coisas que se opõem a uma entrega total a Deus, recordou o que lhe contara uma mãe de família, que também fazia o filho rezar essa oração — *Ó minha Senhora...* —, a mesma que ele aprendera em criança:

Aquele menino, já farto de brinquedos — porque era daqueles a quem não negavam nada —, recebeu de um amigo da família um coelhinho pequeno, vivo; e ele, com aquele coelhinho — como é que se chama aqui?... —, estava encantado e, quando dizia com a mãe: “e ofereço-vos os meus olhos, os meus ouvidos, a minha língua, o meu coração, numa palavra, todo o meu ser”, sentiu um remorso e disse: menos o meu coelhinho.

Pela mão da mãe, foi-se acendendo no coração de Josemaría uma vida de piedade simples, normal. O Fundador do Opus Dei evocaria isso quando, num dia de 1974, na Argentina, uma mãe de Córdoba lhe contou a história do seu filho único, de cinco anos. Iam os dois num autocarro, e o menino viu uma imagem de Nossa Senhora no veículo. Acenou-lhe com a mão e depois começou a falar com o motorista sobre o diálogo que poderia ter com Ela enquanto conduzia: o semáforo vermelho. E depois: está o semáforo verde...

— Virgem, temos de parar... — Virgem, agora seguimos... Porque, ao ouvir esta história, Mons. Escrivá de Balaguer ficou um instante pensativo. E disse logo àquela mãe: — *Isso é vida contemplativa; eu, quando tinha essa idade, era muito piedoso, mas não tinha vida contemplativa.*

Muitas pessoas recordam-no, nos anos de infância, como mais um, alegre e traquinas. Gostava muito de brincar com um grande cavalo de cartão, com rodas: levava os mais pequenos pela casa, puxando-o por uma espécie de rédea. Tinha também soldadinhos de chumbo e pinos (paus com soldados pintados, colocados a certa distância, e que se derrubavam com bolas).

Quando chegava o bom tempo, juntava-se na praça com os outros para jogar aos “polícias e ladrões” ou fazer corridas com arcos. Outras vezes ia à casa da Rua de Ricardos, onde estava a loja do pai. Ali iam os Esteban — filhos do notário — e outros amigos, como os Cajigós, os Sambeat e os Fantoba. Ainda vive em Barbastro María Esteban Romero. Ela pensa que iam brincar ali sobretudo à tarde de quinta-feira, quando não tinham aulas no colégio. Uma das brincadeiras era fazer sabão. Naquela época a roupa lavava-se com cinza, não com lixívia, e nas casas havia barris de cinza muito fina, usada para lavar. Os rapazes amassavam-na com água e coziavam-na em recipientes de brincar, para se transformar em sabão. Algumas noites, depois de fecharem a loja, ficavam a ajudar a calcular o dinheiro que se fizera naquele dia; divertia-os muito contar moedas, sentados no balcão. No entanto, María Esteban quase não coincidia com Josemaría, porque normalmente as crianças que iam a sua casa brincavam com os irmãos dela e as meninas ficavam à parte, embora às vezes assistissem às brincadeiras dos rapazes.

“Mas o que ele mais gostava quando estava com elas — afirma Adriana Corrales — era sentar-se numa cadeira de baloiço da sala e contar-lhes histórias — normalmente de medo, para as assustar — que ele próprio inventava.” De facto, devia gostar muito de histórias. A 16 de Junho de 1974, diante de milhares de pessoas, no Palácio de Congressos General San Martín (Buenos Aires), contou que em pequeno fugia para a cozinha, embora lhe dissessem que não devia ir: *mas havia lá duas coisas fantásticas: uma cozinheira chamada María, que era muito boa, que sabia sempre a mesma história, uma história de ladrões simpáticos; e, além disso, havia umas batatas fritas enormes. As duas coisas estavam-me proibidas: ouvir a história... Porque não lhe dizíamos: conta-nos uma história. Não: ouve lá, María, conta-nos a história. Sabíamos que ela não conhecia outra; mas contava-a tão bem que nos parecia sempre nova.*

Naquela casa da Praça do Mercado havia distinção e tradição. O ambiente era simples e elegante, alegre e piedoso. Também ali Josemaría aprendeu a rezar o Terço. Aos sábados desciam, com outras famílias amigas, até San Bartolomé, uma igreja que já desapareceu, e rezavam o Terço e a Salve. (A esta igreja iam também, às vezes, ouvir Missa os pais com os filhos mais velhos, Carmen e Josemaría).

Foi dona Dolores quem preparou o filho para a primeira confissão. Marcou a data com o seu confessor, o P. Enrique Labrador, um religioso escolápio muito santo. No dia marcado, depois de lhe dar as últimas recomendações, levou-o pela mão até à igreja. Ele próprio contava-o em 1972:

Quando fiz a minha primeira Confissão — tinha seis ou sete anos — fiquei muito contente, e dá-me sempre alegria lembrá-lo. A minha mãe levou-me ao confessor dela e... sabem o que me pôs de penitência? Digo-vos, que se vão rir imenso. Ainda estou a ouvir as gargalhadas do meu pai, que era muito piedoso, mas não era beato. Ao bom do padre — era um fradezinho muito simpático — não lhe ocorreu mais do que isto: dirás à mamã que te dê um ovo estrelado. Quando disse isto à minha mãe, ela comentou: filho meu, esse padre podia ter-te dito que comesses um doce, mas um ovo estrelado...! Vê-se que ele gostava muito de ovos estrelados!

Não é encantador que venha ao coração do menino — que ainda não sabe nada da vida, nem das misérias da vida — o confessor da mãe dizer-lhe que lhe dêem um ovo estrelado? É magnífico! Aquele homem valia um império!

A mãe ensinou-lhe as orações da manhã e da noite e, com o pai, ainda criança, rezou muitas vezes as orações da noite. Com dona Dolores aprendeu o Catecismo da doutrina cristã, até chegar o momento de fazer a Primeira Comunhão, no dia de São Jorge — 23 de Abril de 1912 —, porque no Alto Aragão era tradição fazê-la nesse dia:

Eu tinha então dez anos. Naquele tempo, apesar das disposições de Pio X, era inaudito fazer a Primeira Comunhão a essa idade. Agora é normal fazê-la mais cedo. E preparava-me um velho escolápio, homem piedoso, simples e bom. Foi ele que me ensinou a oração da comunhão espiritual.

Esta oração é hoje conhecida por milhares de pessoas em todo o mundo:

— Eu queria, Senhor, receber-Vos com aquela pureza, humildade e devoção com que Vós recebeu a vossa Santíssima Mãe; com o espírito e fervor dos Santos.

Quando Josemaría fez a Primeira Comunhão, em 1912, já era aluno do Colégio dos Escolápios em Barbastro. No colégio não havia muitos alunos: no início do século, fazer o ensino secundário, pelo menos em Barbastro, era excepcional, segundo afirma Aurelio Español, farmacêutico de Jaca, que também ali fez os estudos de ensino secundário, entre 1900 e 1912. O colégio tinha prestígio. Era servido por cerca de doze religiosos. Não em vão São José de Calasanz tinha nascido em Peralta de la Sal e começara o seu apostolado sacerdotal junto do Bispo de Barbastro, Felipe de Urríes, protector do Santo durante os seus estudos.

Um contínuo, chamado Faustino, recolhia os alunos todas as manhãs. Os meninos levavam um casaco azul-marinho com botões de metal. Também era azul-marinho a cor do boné de pano que usavam, com pala de verniz. Ao centro, e por cima da pala, ia o emblema do colégio. Ao pescoço usavam, como uma pequena echarpe, um lenço dobrado, de cor mais clara. Dentro do colégio usavam uma bata às riscas azuis, abotoada à frente, com cinto e gola também azuis.

No início, para fazer oficialmente o secundário, os alunos dos Escolápios iam examinar-se ao Instituto de Huesca, normalmente de comboio (Barbastro–Selgua–Tardienta–Huesca). Depois passaram para o Instituto de Lérida. O exame de ingresso no ensino secundário foi feito por Josemaría em Huesca, em 1912, isto é, quando tinha dez anos, conforme o estabelecido nas normas então em vigor.

No colégio, segundo o próprio Martín Sambeat, Josemaría distinguia-se dos outros pela serenidade; não era turbulento. Outro colega de estudos, José María Muñoz, filho do veterinário de Barbastro, hoje padre escolápio em Logronho, assinala que era aplicado e reflexivo; nem barulhento, nem fechado; bem-educado: “via-se que os pais se tinham preocupado com o rapaz desde pequeno”. Segundo o P. Mur, que estava dois anos à frente nesse colégio, Josemaría destacava-se — com Mariano Esteban, Leopoldo Puig e Ricardo Palá, também já falecidos — pelo talento, pelas boas notas e pela piedade. Com outro condiscípulo, Miguel Caveró — que morreu sendo um engenheiro muito conhecido —, obteve prémio na disciplina “Noções de Aritmética e Geometria”, no Instituto de Lérida, no ano lectivo de 1912–1913, ou seja, no seu primeiro ano do secundário (assim aparece no

semanário *Juventud*, Barbastro, 13 de Março de 1914, citado pelo P. Liborio Portolés Piquer, escolápio, num artigo publicado na revista dos antigos alunos do Colégio de San Antón, de Madrid).

Também fez exame do segundo ano do secundário no Instituto Geral e Técnico de Lérida. O semanário *Juventud* (Barbastro, 12 de Junho de 1914) publica os resultados obtidos pelos alunos dos Escolápios. Nesse mesmo número há um artigo de J. Argente Llanas, expressivo do ambiente que enquadrava esses exames no Instituto. Argente descreve como os alunos vão alegres, em grupo, em direcção ao Instituto, até que, de repente, ao fundo de uma rua longa e estreita, avistam a fachada daquilo que para eles é um *cadafalso*: “Depois de alguns passeios pelos severos claustros, toca a campainha. Nos rostos acentua-se ainda mais o abatimento, apodera-se deles o temor, o pânico. Fazem os exames diante de três senhores que inspiram mais do que respeito e admiração: medo. O aluno treme, o rosto cora, o corpo parece não funcionar, os sentidos embotam-se, excepto o ouvido, que espera ansioso as perguntas do senhor do barrete...”

Havia então três modos distintos de seguir o ensino secundário: a) *ensino oficial*: os alunos tinham obrigação de assistir a aulas nos Institutos; b) *ensino em colégio*: os alunos não iam ao Instituto, mas a colégios reconhecidos, que apresentavam os alunos a exame no Instituto, com uma relação das notas que cada um merecia, segundo o colégio; além disso, um professor do próprio colégio fazia parte do júri examinador; e c) *ensino livre*: os alunos não eram apresentados por ninguém.

Na prática, porém, os alunos do ensino livre costumavam, por vezes, passar pelo Instituto, para conhecer os professores que os iriam examinar. De modo que quem, em geral, tinha mais medo do Instituto eram os alunos do ensino em colégio, porque não iam ao centro oficial senão para se examinarem.

Em Junho de 1914, Josemaría saiu-se bem. Segundo a nota do semanário *Juventud*, foi o aluno do segundo ano com melhores classificações: notável em Geografia de Espanha (ninguém chegou a excelente); excelente em Língua Latina, Aritmética Demonstrada e Religião. Como todos, passou em Ginástica.

Mas, à medida que avançava no ensino secundário, as desgraças sucediam-se na família. O mais doloroso foi a morte das três irmãs que vinham a seguir: primeiro morreu a mais pequena, Rosario, a 11 de Julho de 1910, antes de completar um ano; depois, Lolita, a 10 de Julho de 1912, com cinco anos; e, por fim, Asunción, a quem em família chamavam Chon, a 6 de Outubro de 1913, pouco depois de fazer oito anos. Quando ela morreu, Josemaría tinha onze anos e a irmã mais velha, Carmen, acabara de fazer treze. Ambos sofreram muito com estes golpes tão duros.

As amigas de infância perceberam-no bem. Era então costume que as meninas designadas pela família assistissem ao funeral, levando as varas em que se colocava o caixão, ou as fitas que pendiam da urna, quando o menino ou a menina morria antes de fazer a Primeira Comunhão, como aconteceu com as três irmãs de Josemaría. Adriana Corrales, por exemplo, levou a fita de Rosario e de Lolita; em contrapartida, quando morreu Chon, que já tinha oito anos, levou uma das varas. Nunca esqueceu o quanto Josemaría sofreu com estas desgraças familiares. Quando Chon morreu, como as irmãs tinham ido morrendo por idades — da mais nova para a mais velha —, Josemaría dizia que então era a vez dele. Deixou de o repetir quando se deu conta de que isso entristecia a mãe. Ela assegurava-lhe:

— Não te preocupes, porque tu estás oferecido à Virgem de Torreciudad.

De facto, a família tinha grande devoção a esta invocação de Nossa Senhora e, quando Josemaría foi dado como perdido pelos médicos aos dois anos de idade, ofereceram-no a Nossa Senhora se curasse da doença. Por isso, mais tarde levaram-no em peregrinação ao santuário de Torreciudad.

A Baronesa de Valdeolivos viveu também essa etapa: “Não consigo calcular quanto tempo depois da morte de Dolores — deve ter sido no verão seguinte — adoeceu Chon. Parece que a estou a ver agora: era uma menina loira, muito querida.” E conta que, estando uma tarde debaixo dos alpendres, Josemaría lhe disse que ia subir a casa para ver como estava a irmã. Tinha morrido. A mãe disse-lhe que ela estava muito bem, porque já tinha ido para o Céu. Perante o desespero de Josemaría, ela teve de insistir:

— Filho, não sejas assim. Não chores. Não vês que a Chon já está no Céu?

A notícia impressionou também muito a Baronesa de Valdeolivos — então ainda criança —, porque era a terceira irmã que partia em muito pouco tempo, e eram amigas. Mas, apesar desta cena de dor que lhe ficou tão gravada, conserva a imagem de Josemaría como “um rapaz alegre, optimista, de muito bom coração”.

Os Valdeolivos viam bastante os Escrivá, pois, embora vivessem em Lérida, passavam o verão em Fonz, e no mês de Setembro iam a Barbastro para a casa da avó, que ficava debaixo dos alpendres, muito perto da dos Escrivá. Ali, sob as arcadas ou em casa, passavam muito tempo a brincar, apesar de Josemaría ser cinco ou seis anos mais velho do que ela. A lembrança que tem é a de “um rapaz bastante alto, forte, que usava meias altas até ao joelho e calções, como todos os da sua idade naquela época”. Ele, mais do que brincar com a menina e com os primos Joaquín Navasa e Julián Martí, entretinha-os, porque eram mais pequenos. Quando iam a sua casa, trazia-lhes os brinquedos para os divertir. Tinha muitos quebra-cabeças.

Elas gostavam de fazer castelos de cartas. Uma tarde — já tinham morrido Rosario e Dolores —, absorvidas à volta da mesa, prendiam a respiração ao colocar a última carta de um desses castelos, quando Josemaría — que não costumava fazer coisas dessas — o deitou abaixo com a mão. Elas ficaram quase a chorar, e Josemaría, muito sério, disse-lhes: — *É exactamente assim que Deus faz com as pessoas: constróis um castelo e, quando quase está terminado, Deus deita-o abaixo.*

Os pequenos amigos não perceberam nada. Hoje, a Baronesa de Valdeolivos pensa que esta frase “podia ser fruto da marca que tantos acontecimentos dolorosos iam deixando na alma de adolescente, fazendo-o sofrer”.

A estes momentos tão amargos juntavam-se as dificuldades económicas — cada dia mais sérias — por que a família passava. No fim de 1913, o negócio do pai estava à beira da falência. As pessoas costumavam dizer em

Barbastro a propósito de dom José Escrivá: “É tão bom, que lhe pregaram uma partida”.

O lar dos Escrivá passou então por momentos difíceis. Prescindiram da cozinheira, da criada e do restante serviço doméstico: da ama já tinham prescindido pouco depois da morte de Chon.

A Baronesa de Valdeolivos era ainda muito pequena, mas foi guardando o que ouvia. Por isso estranhou ver, uma tarde, Josemaría a lanchar pão com presunto e comentou com a mãe:

— Porque é que dizem que os Escrivá estão tão mal? Hoje o Josemaría lancheou tão bem.

A mãe fez-lhe ver que tão mal, tão mal, ao ponto de não poderem sequer lanchar, não estavam.

Dona Dolores arranhou maneira, com a ajuda da filha Carmen, de levar por diante as tarefas da casa, embora não estivesse muito bem de saúde. Amigos de infância dos filhos viam-na quase sempre, à tarde, a engomar, sentada numa cadeira, porque — pensavam — tinha problemas de coração. Admiraram sempre o seu sorriso constante: nunca se queixou, apesar das aflições económicas por que passava.

Assim, trabalhando de manhã à noite, a encontrariam anos mais tarde os membros do Opus Dei. Um deles, Pedro Casciaro, conheceu-a em Madrid, em 1936. Foi à casa reitoral do Patronato de Santa Isabel, onde ela vivia com o filho — que era o reitor —, para ajudar, com Francisco Botella, a transportar baús, malas e embrulhos para a que seria a nova casa, na Rua do Rey Francisco. Era a primeira vez que a via. Não sabia como tratá-la. Optou por dizer-lhe “Senhora”. E, de facto, sublinha, ela tinha um verdadeiro ar de senhora: impressionou-o o modo como falava, num tom baixo e doce.

Ao despedirem-se, ela agradeceu-lhes, e Pedro Casciaro ficou com a sensação de que “havia um parentesco especial entre ela e nós. Talvez depois de a conhecer naquele dia é que comecei a chamar-lhe Avó”. Viviam com ela também os outros dois filhos, Carmen e Santiago, mas desse dia de 1936 Pedro Casciaro só se lembra de dona Dolores: “O rosto dela era ainda

jovem. Irradiava serenidade e, ao mesmo tempo, deixava transparecer sofrimento interior: pareceu-me que tinha os olhos húmidos”. O país vivia em 1936 momentos difíceis. Depois das eleições de Fevereiro, crescera a insegurança social e acentuara-se o anticlericalismo. Dona Dolores tinha de mudar mais uma vez de casa, também em circunstâncias humanamente duras. Mas tinha-se reforçado a alegria serena com que aceitara, desde o início, aquela quebra económica de Barbastro, mais de vinte anos antes.

Dom José tinha suportado tudo com igual fortaleza. Todos concordam que o seu negócio acabou por correr mal porque alguns se aproveitaram da sua confiança, da sua boa-fé. Ele foi sempre um verdadeiro cavalheiro em tudo. Compreende-se que depressa tenha conseguido trabalho noutra cidade, continuando no comércio têxtil. No início de 1915 partiu para Logronho, para começar a trabalhar, procurar casa para a família e deixá-la preparada antes de se mudarem todos.

Os dois filhos, Carmen e Josemaría, terminaram o ano lectivo normalmente. Passaram o verão em Fonz. Voltaram no início de Setembro a Barbastro e, alguns dias depois, de madrugada, tomaram a diligência para Huesca, já a caminho de Logronho.

Na alma jovem de Josemaría ficou gravada para sempre a lição de fé e firmeza dos pais naquele momento difícil. Evocá-lo-ia anos depois, numa carta datada de 28 de Março de 1971, que escreveu ao presidente da câmara de Barbastro, dom Manuel Gómez Padrós, para responder à sua felicitação pelo dia de São José e para agradecer as notícias que lhe enviava sobre a promoção social da nossa terra:

Deixa-me dizer-te que a minha mãe e o meu pai, embora tenham tido de sair dessa terra, inculcaram-nos, juntamente com a fé e a piedade, um grande carinho pelas ribeiras do Vero e do Cinca. Recordo, concretamente do meu pai, coisas que me encham de orgulho e que não se apagaram da minha memória, apesar de eu ter saído daí aos treze anos: histórias de caridade generosa e escondida, fé firme sem ostentações, muita fortaleza na hora da prova, muito unido à minha mãe e aos filhos. Assim preparou o Senhor a minha alma, com esses exemplos cheios de dignidade cristã e de heroísmo escondido, sempre sublinhados por um sorriso, para que mais tarde eu fosse pobre instrumento — com a graça de Deus — na realização

de uma Providência sua, que não me afasta da minha terra tão querida. Perdoa-me este desabafo. Não te posso ocultar que essas recordações me encham de alegria.

Na Rua do Mercado, em Logronho, dom Antonio Garrigosa y Borrell tinha uma loja de tecidos chamada “La Gran Ciudad de Londres”. Com ele, dom José Escrivá chegou a um acordo para participar economicamente no negócio, ao mesmo tempo que trabalhava diariamente atendendo os clientes. A dom Manuel Cenicerós, afilhado de Garrigosa, que começou a trabalhar na loja em 1921, impressionava a elegância e a dignidade de todo o seu comportamento, especialmente na forma como lidava com a mudança de sorte. “Via-se que era um homem feliz e extremamente metódico e pontual. Muito cuidado no vestir.” Ainda o vê, de chapéu de coco e bengala, a passear aos domingos pelo centro de Logronho.

Era também um homem verdadeiramente religioso. Não se envergonhava de o confessar diante de pessoas que se vangloriavam de ser anticlericais; ia com frequência à Missa, antes de chegar pontualmente ao trabalho; rezava o Terço em família: a sua casa era um verdadeiro lar cristão. Dom José, na memória de Manuel Cenicerós, vivia assim com grande naturalidade, sem alardes, como mais um no trabalho, cheio de cordialidade, sempre disposto a ajudar todos. Nunca se queixou, nem teve um gesto mau com ninguém, apesar do revés da fortuna.

Quando, em Junho de 1975, um jornalista o entrevistou, dom Manuel Cenicerós confirmou o que, ao que parece, muitas vezes pensara diante dos colegas de trabalho: “Se a santidade do filho foi como a do pai, tenho a certeza de que chegará aos altares”.

Os primeiros meses em Logronho devem ter sido especialmente duros para a família Escrivá, porque mal conheciam alguém na cidade. Viviam na Rua Sagasta, número 18 (hoje, 12), num quarto andar, de tecto baixo, coberto apenas em parte por um sótão: um andar muito quente no verão e frio no inverno.

Ainda vive em Logronho dona Paula Royo, cujo pai trabalhava no comércio de Garrigosa. Ela contou como Garrigosa pediu ao pai dela que ajudasse os Escrivá a ambientarem-se à nova cidade. Surgiu assim uma boa

amizade entre os Escrivá e os Royo. Muitos domingos saíam a passear pela estrada de Laguardia, ou pela de Navarra, depois de atravessar a Ponte de Ferro sobre o Ebro. Reparou na alegria e no bom humor de Josemaría, bonito, alto e robusto. Parecia-se muito com o pai, “uma pessoa muito boa, doce e carinhosa”. A irmã Carmen era mais parecida com a mãe. Paula Royo achava-a um pouco mais séria, “mas encantadora também”.

Algum tempo depois, os Escrivá mudaram-se para a Rua de Canalejas, número 7, para outro quarto andar. Aí conheceu-os Sofía de Miguel, hoje uma idosa que, com mais de oitenta anos, conserva um carácter vivo e aberto, e que então morava no quinto andar. Um filho dela, Fernando, tinha uns dois anos mais do que Santiago Escrivá, nascido a 28 de Fevereiro de 1919, e brincavam juntos com frequência.

Aquele andar da Rua de Canalejas continuava a ser modesto. Quando chegava o carteiro e havia correspondência para os Escrivá, Sofía oferecia-se sempre para subir as cartas: “Não sabe com que amabilidade me agradecia este favor”, diz ela. “Lembro-me — acrescenta — de que um dia cheguei quando estavam a almoçar e de como tinham a mesa posta com tanto cuidado. Eram uns verdadeiros senhores! E o Santiaguito andava sempre tão bem arranjado, e é preciso ver como era bem-educado este menino...” Passados tantos anos, parece-lhe ainda ver dona Dolores: “Tinha uns olhos muito vivos, não muito grandes, mas alongados; e penteava-se sempre com um carrapito alto.” E elogia também dom José como um homem muito penetrante — inteligente, culto —, e não percebe porque trabalhava na loja de Garrigosa: “não sei porquê..., muitas vezes, as coisas correm mal...”

“Era uma família maravilhosa — escreve outro amigo daqueles anos — e posso garantir que, se vi algum casal unido na minha vida, foi aquele: o dos pais de Josemaría. O pai era verdadeiramente um santo. Estava apaixonadíssimo pela mulher. Tinha uma grande paciência e conformidade em tudo: via-se-o sempre alegre. A mãe era também uma grande senhora. Recordo perfeitamente — embora possa parecer um pormenor de pouca importância — os lanches que nos preparava. Sabia fazê-los muito bem e preparava tudo com grande cuidado.”

Dom José trabalhava intensamente durante todo o dia na loja da Rua do Mercado e, depois, ao chegar a casa, apesar do cansaço, continuava a trabalhar. Era muito responsável. E sabia viver com a sobriedade que as circunstâncias também lhe impunham. O seu lanche era um rebuçado. Manuel Ceniceros não se esqueceu desse pormenor, porque muitas vezes foi ele comprá-los: custavam dez cêntimos. E fumava pouco: numa cigarreira de prata levava os seis cigarros que fumava por dia e que, como era habitual então, ele próprio enrolava.

Por esse tempo, Josemaría tinha terminado o Bachillerato no Instituto de Logronho. Ficavam para trás o terceiro ano (1914–1915) e os exames em Lérida; o quarto, que fez já em Logronho como aluno não oficial, no Instituto; e o quinto e o sexto, como aluno oficial. Nas 14 disciplinas desses três anos em Logronho, obteve dois “Excelentes” com prémio, oito “Excelentes” e quatro “Notáveis”. Os prémios foram em Preceptiva e Composição, do quarto ano, e em Ética e Rudimentos de Direito, do sexto.

Nessa altura, muitos alunos oficiais iam de manhã ao Instituto — normalmente das 9 às 13 — e, depois de almoço, até às oito, frequentavam colégios onde tinham aulas de revisão, horas de estudo e actividades de formação humana e religiosa. Em Logronho havia dois desses colégios: o dos Irmãos Maristas e o Colégio de San Antonio, dirigido por leigos, embora tivesse também um director espiritual, que residia no colégio. Josemaría foi aluno do San Antonio.

Alguns colegas seus dão testemunho de que era um rapaz como tantos outros: sensato, não dado a alvoroços, “daqueles que não se desviam por nada” (Eloy Alonso Santamaría); alto, mais para o atarracado, sorridente e amável (Antonio Urarte); um pouco reservado, mas alegre (Julián Gamarra). Participava, como mais um, nas tertúlias do “casino”: era assim que chamavam à conversa no pátio do colégio, antes de entrarem para as aulas.

A filha de Antonio Royo diz que, para a idade, Josemaría era alto, mais para o forte, de boa aparência, com um riso contagiante. “No entanto — acrescenta —, a sua alegria não era estrondosa: era interior, verdadeira, muito agradável, e contagiava.” Paula Royo insiste em que nunca houve nada no seu comportamento, algo exterior, que levasse a pensar na sua

vocação sacerdotal. Quando ele disse que queria ser padre, “os seus pais comentaram isso aos meus, admirados, mas em momento algum lhe puseram dificuldades. Não esperávamos que quisesse ser padre. Era um rapaz de muito bom carácter, com muitos gestos de delicadeza..., mas muito normal, pronto”.

O habitual, então, era entrar no seminário ainda criança, por volta dos dez anos. Agustín Pérez Tomás, colega em Logronho, conta que um companheiro disse alguma vez a Josemaría que ele podia vir a ser sacerdote, e ele respondeu, muito convicto: — *Bah, disparates...*

Josemaría nunca pensou que o sacerdócio fosse para ele. Mas soube mudar de planos, ao pressentir o que Deus lhe pedia. Quando decidiu seguir esse caminho, falou com os pais, que lhe deram conselhos próprios de uma família profundamente cristã. E, em Outubro de 1918, começou a estudar no Seminário de Logronho, como aluno externo. Depois, em Setembro de 1920, mudou-se para Saragoça, onde, poucos meses antes da ordenação sacerdotal, foi surpreendido por uma nova desgraça familiar: a morte do pai.

Dom José faleceu em Logronho, a 27 de Novembro de 1924, na mesma casa da Rua Sagasta onde tinham vivido antes, embora não no quarto andar, mas no segundo. Tudo se passou em poucas horas. Ao levantar-se de manhã, sentia-se muito bem. Tomou o pequeno-almoço, rezou um bom bocado diante de uma imagem de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, que tinham nesses dias em casa, e pôs-se a brincar com o pequeno Santiago. Depois preparou-se para sair e, ao chegar à porta do quarto, sentiu-se mal. Encostou-se ao vão dessa porta e caiu desamparado no chão. Duas horas depois entregou santamente a alma a Deus, sem ter recuperado os sentidos.

Pouco depois das nove, na loja, acharam que algo sério devia ter acontecido a dom José, pois todas as manhãs chegava ao trabalho pontualmente. O dono mandou Manuel Cenicerós saber o que se passava. Quando chegou a Sagasta, dom José ainda vivia: morreu pouco depois — diz — “com uma santidade que envolvia toda a família”. Pediram-lhe que enviasse um telegrama para Saragoça, para informar Josemaría de que o pai estava muito doente e dizer-lhe que viesse. O próprio Cenicerós foi esperá-lo ao comboio rápido. No caminho da estação para casa, não teve outra

hipótese senão dizer-lhe toda a verdade: “Aceitou-o com uma serenidade tão grande, que me surpreendeu de um modo difícil de explicar”.

Com o tempo, o Fundador do Opus Dei resumiria assim a vida do pai: *Nunca me lembro dele com um gesto severo; lembro-me sempre sereno, com o rosto alegre. E morreu exausto: com apenas cinquenta e sete anos, mas esteve sempre sorridente. A ele devo a vocação.*

Alguns meses mais tarde, a família Escrivá mudou-se para Saragoça.

2. O exemplo de um lar cristão

Madrid, domingo, 1 de Outubro de 1967. O Fundador do Opus Dei reúne-se de manhã com os pais dos alunos de Tajamar (Vallecas). Fala-lhes de sonhos de juventude, de amor de Deus, de afecto, de trabalho, de lares de família, *desses vossos lares que eu abençoo com as duas mãos, como abençoo o lar — que já partiu — dos meus pais.*

Monsenhor Escrivá de Balaguer trouxe sempre no coração aquele lar e agradeceu especialmente aos pais terem tornado possível a sua vocação. Embora dom José não tenha chegado a conhecer os planos que Deus reservava ao filho, no entanto, com o exemplo da sua vida, a Providência divina formou o Fundador do Opus Dei, desde criança, para a missão que lhe confiaria em 1928.

Mais de uma vez se referiria àquele lar, que preparou a terra onde viria a frutificar a semente do chamamento de Deus: *Nosso Senhor foi preparando as coisas — apontava em 1970 — para que a minha vida fosse normal e corrente, sem nada de chamativo.*

Fez-me nascer num lar cristão, como costumam ser os do meu país, de pais exemplares que praticavam e viviam a sua fé, deixando-me uma liberdade muito grande desde pequeno e vigiando-me, ao mesmo tempo, com atenção. Procuraram dar-me uma formação cristã, e foi lá que a adquirir mais do que no colégio, embora desde os três anos me tenham levado para um colégio de religiosas e desde os sete para outro de religiosos.

Antes de mais, ensinaram-lhe o que é um lar autenticamente cristão: *amavam-se muito* — resumia no Chile, a 4 de Julho de 1974 —, *e sofreram muito na vida, porque o Senhor tinha de me preparar a mim (...). Vi-os sempre sorridentes. Não faziam carícias à nossa frente, mas o carinho sentia-se. E eu posso dizê-lo agora pelos cinco continentes, com gratidão; e acrescentar, como me ouvistes outro dia, que sou paternalista.*

Poucos dias antes, em Buenos Aires, tinham-lhe perguntado por que repetia que abençoa o amor humano com as duas mãos de sacerdote. Começou por citar alguns textos da Sagrada Escritura e desenvolveu a resposta:

(...) E eu não posso deixar de abençoar esse amor humano, que o Senhor me pediu a mim que renunciasse. Mas amo-o nos outros: no amor dos meus pais, no vosso, no dos cônjuges entre si. Agora, amai-vos de verdade! E, como vos aconselho sempre: marido e mulher, poucas zangas. Mais vale não complicar a felicidade. Cedam vocês um bocadinho. Ele também cederá.

E, claro, diante dos filhos, não discutam nunca; as crianças reparam em tudo e formam logo o seu juízo (...).

Costumo dizer, com muita alegria, que sou paternalista. Olhem bem para mim, vou parecer-vos antediluviano. Sou paternalista, porque tenho uma recordação maravilhosa do meu pai e da minha mãe. Nunca os vi discutir. Amavam-se muito..., depois discutiam: é claro.

Mas discutiam quando nós, os filhos, não estávamos à frente. E também não faziam tolices; um beijo, sim. Tenham pudor diante dos filhos (...).

Aprendeu assim uma grande lição: a do carinho, profundamente humano e sobrenatural. Mas não foi, de longe, a única. Uma boa parte das virtudes humanas — sem as quais um caminho de santidade no meio do mundo seria incompreensível — o Fundador do Opus Dei viveu-as desde criança no lar dos pais.

Eles ajudaram-no, por exemplo, a gerir a liberdade e a respeitar a dos outros, com compreensão diante dos erros, que corrigiam quando era

preciso. *Nunca me impunham a sua vontade*, elogiou muitas vezes. Souberam *tornar-se amigos* dos filhos, como explicava a um grande grupo de casais em Buenos Aires, em Junho de 1974:

Dá-me muita alegria dizer que não me lembro de o meu pai me ter batido mais do que uma vez. Eu era pequenino, muito pequenino. Foi uma das poucas vezes em que me sentei à mesa com os mais velhos, numa daquelas cadeiras altas. Deve ter sido uma teimosia minha. Eu sou muito teimoso, sou aragonês; e isso, levado para o sobrenatural, não tem importância; pelo contrário, é bom, porque é preciso insistir na vida interior, não é verdade? Enfim, deu-me um... não é?

(E fazia o gesto de dar uma bofetadinha.)

Nunca mais me tocou na vida; nunca mais: tratou-me sempre com doçura, e isso fez-me muito bem. Tenho uma recordação encantadora do meu pai, que se tornou meu amigo. E por isso, eu aconselho aquilo que vivi: tornem-se amigos dos vossos filhos.

Outra forma prática de como lhe ensinaram a gerir a liberdade era tê-lo *curto de dinheiro, curtíssimo, mas livre*. Em contrapartida, o pai preocupava-se muito com o bem-estar das pessoas que trabalhavam sob as suas ordens e tinha, para com todos os necessitados, um forte sentido de caridade. *Era muito dado à esmola*, resumia o Fundador do Opus Dei, para indicar o modo como ele vivia a pobreza e a caridade cristãs.

Recebeu dele também um exemplo constante de laboriosidade. Viu-o gastar-se dia após dia, incansavelmente, com um sorriso sempre presente: primeiro naqueles negócios de Barbastro, depois em Logronho, sem desistir do esforço pelo bem espiritual e material da família. Era cumpridor, pontual. Nunca poupou esforços no serviço aos outros e, ao mesmo tempo, enfrentou com firmeza e bom humor as contrariedades da vida, também as grandes e difíceis de suportar. Sempre sereno, como se tirasse importância às coisas.

Os pais de Josemaría souberam render-se generosamente à Vontade de Deus. Levaram sem uma queixa, como vimos, as provas que a Providência divina permitiu. O Espírito Santo preparava assim, escondidamente, o

Fundador do Opus Dei, que, com o passar dos anos, aceitaria humildemente:

Eu fiz sofrer sempre muito os que tinha à minha volta. Não provoquei catástrofes, mas o Senhor, para me formar a mim, que era o prego — perdão, Senhor —, dava uma no prego e cem na ferradura. E vi o meu pai como a personificação de Job. Vi-o sofrer com alegria, sem manifestar o sofrimento. E vi uma coragem que foi uma escola para mim, porque depois senti tantas vezes que me faltava a terra e que o céu me caía em cima, como se fosse ficar esmagado entre duas chapas de ferro.

A vida dos Escrivá foi, humanamente, difícil. Deus queria que o Opus Dei nascesse sem apoios nem muletas terrenas, como reconheceria, firmemente convencido, o seu Fundador:

O meu pai arruinou-se totalmente e, quando o Senhor quis que eu começasse a trabalhar no Opus Dei, eu não tinha nem uma virtude, nem uma peseta; não tinha mais do que a graça de Deus e bom humor. Vêem como isto foi bom? Agora amo mais o meu pai e dou graças a Deus por ele não ter corrido bem nos negócios, porque assim sei o que é a pobreza; se não, não o teria sabido.

Sinto um orgulho santo: amo o meu pai com toda a alma e tenho a certeza de que goza de um céu muito alto, porque soube levar toda a humilhação que é ficar na rua, de uma maneira tão digna, tão maravilhosa, tão cristã.

Do mesmo modo, a Providência divina serviu-se desta família para que Mons. Escrivá de Balaguer aprendesse, desde muito pequeno, a amar a Deus e a sua Mãe, Santa Maria, e seguisse, com toda a normalidade, pelos caminhos da oração cristã. O amor humano foi caminho para o amor de Deus. O Fundador do Opus Dei sublinharia isto em inúmeras ocasiões, para mostrar como deve ser o trato da alma enamorada com o seu Deus:

Quando há amor, atrever-me-ia a afirmar que nem sequer é preciso fazer propósitos. A minha mãe nunca fez propósitos de me querer, e vejam que gestos de carinho tinha comigo!

Também ela foi um exemplo vivo de laboriosidade, verdadeiramente decisivo para quem devia pregar aos cristãos a santificação no trabalho comum:

Não me lembro de a ter visto nunca desocupada; estava sempre entretida com alguma coisa: fazia trabalhos de malha, cosia ou remendava roupa, lia... Não tenho memória de ter visto alguma vez a minha mãe ociosa. E não era uma pessoa esquisita: era uma pessoa normal, afável (...) Era uma boa mãe de família, de uma família cristã, e sabia aproveitar o tempo.

O Fundador do Opus Dei costumava propor, como critério para viver cristãmente desapegados dos bens materiais, usá-los como faz um *pai de família numerosa e pobre*. Assim fizeram os seus pais: levaram sempre a casa com espírito de trabalho e com detalhes de boa ordem. Quando, a partir de certa altura, tiveram menos meios económicos, continuaram a viver com dignidade, com bom gosto, sem que se notassem as carências, porque supriam a falta de grandes coisas com imaginação, carinho e alguma astúcia.

Mas desde sempre tinham feito ver aos filhos a importância de fazer durar as coisas, para evitar gastos desnecessários; de pensar bem, com bom senso, qualquer compra, “sem estender o braço mais do que a manga”; de aproveitar até as coisas aparentemente menos aproveitáveis: “com os fios que se deitam fora, o diabo faz uma corda”, ensinou dona Dolores à filha Carmen quando aprendia a coser em Barbastro...

Uma história resume o seu sentido de distinção na vida familiar. A sobremesa tradicional da Sexta-feira de Dolores eram os *crespillos*, folhas de espinafres passadas por uma massa de ovo, farinha e leite, fritas em pouco óleo e polvilhadas com açúcar. Serviam-se em abundância, bem quentes, com muito açúcar, numa travessa grande de porcelana, coberta com um guardanapo de linho branco. Dona Dolores gostava muito de *crespillos*, mas percebia que não os podia pôr na mesa muitas vezes: e escolheu o dia do seu santo. Era um acontecimento em casa, que os filhos esperavam com mais entusiasmo do que os doces mais caros do mundo.

3. O ar de família do Opus Dei

Muito deve todo o Opus Dei — não só a pessoa do seu Fundador — à família Escrivá de Balaguer. Sem a educação e o carinho que o Fundador recebeu no lar paterno, não teria sido possível um traço capital da Obra: o seu ambiente de lar, de família cristã simples e alegre, onde a caridade também é carinho.

O Opus Dei é uma *organização desorganizada*, cheia de espontaneidade responsável; não uma máquina, nem um regimento, mas uma família que se multiplica na medida do amor e conserva o mesmo “ar” quando se torna numerosa, quando se enriquece com a variedade de raças e temperamentos dos homens.

No dia 26 de Julho de 1975, o Cardeal Baggio escrevia, no jornal *Avvenire* de Milão, como em 1946 teve “a sorte de conhecer Mons. Escrivá de Balaguer e de travar com ele uma amizade permanente, respeitosa e discreta, mas nem por isso menos afectuosa e profunda”. Uma das coisas que já então impressionaram Monsenhor Baggio foi o aspecto exterior da sede central do Opus Dei, que não tem “nada em comum com as construções eclesiásticas do tipo convencional”. É um edifício como os outros do Parioli romano, sem placas nem símbolos vistosos, com plantas e flores. Mons. Escrivá de Balaguer explicava-lhe então que isso fazia parte da espiritualidade laical própria da Obra, que procura santificar — até ao heroísmo — a vida quotidiana, sem alterar em nada a sua realidade própria e específica.

Esse ar de família correspondia ao tom humano que o Opus Dei devia ter, como o seu Fundador viu desde o primeiro momento. E contava, além disso, com o exemplo dos seus pais, dóceis ao querer de Deus, que, diante da vocação do filho, respondem com generosidade e se dispõem a ajudá-lo em tudo o que estiver ao seu alcance.

A ordenação sacerdotal de Josemaría, em 1925, encheu a família de alegria e de gratidão a Deus. Ao mesmo tempo, dona Dolores soube aceitar a entrega que essa vocação lhe exigia: o filho devia dedicar-se plenamente ao ministério sacerdotal.

Mais tarde, quando prosseguiu o seu trabalho sacerdotal em Madrid, a mãe e os dois irmãos, Carmen e Santiago, acompanharam-no. Nesta cidade nasceu o Opus Dei e, quando chegou o momento oportuno, explicou-lhes o que Deus queria dele. Todo o esforço da mãe se concentrou então, sem hesitação nem desânimo, em secundar a Obra que Deus realizaria através do filho. Foi uma entrega silenciosa, pouco vistosa, mas muito eficaz. *Sem a sua ajuda — declararia o Fundador do Opus Dei — teria sido difícil que a Obra avançasse.*

A partir de 1932, viveram no número 4 da Rua Martínez Campos. Nessa casa continuou o trabalho apostólico que dom Josemaría desenvolvia junto dos jovens. Ali se formaram os membros do Opus Dei. Iam à tarde a Martínez Campos e tinham com ele um tempo de conversa, de tertúlia; muitos começaram ali uma direcção espiritual. No fim, ele lia-lhes o Evangelho da Missa do dia, num missal grande, e fazia um comentário breve, incisivo e prático — hábito este, o comentário do Evangelho, que hoje se vive ao cair da tarde em todos os Centros do Opus Dei no mundo inteiro.

Pouco a pouco, ia-se enraizando neles aquilo que devia ser o seu *tom de família*. Sem a mão delicada de dona Dolores, isso talvez tivesse sido muito difícil, se não impossível. Ela tratava-os como filhos e tinha para com eles contínuos cuidados de mãe, como guardar-lhes uns doces ou umas guloseimas.

Juan Jiménez Vargas lancheou algumas vezes naquela casa. Pode parecer um facto sem grande importância, mas ajudou-o a entender o que seria uma verdadeira vida de família dentro do Opus Dei. Pelo tom de distinção humana que havia em casa — embora fosse materialmente modesta —, não se notava à primeira vista o sacrifício que esses convites representavam. Também assim iam aprendendo a envolver a escassez de meios em formas amáveis. Juan Jiménez Vargas refere como ele próprio foi melhorando, do ponto de vista espiritual e até na correcção humana, na temperança, na finura de trato: “realmente aquilo contribuía muito para nos polir, tanto que alguns podemos dizer que aprendemos até boas maneiras”.

Pouco depois começou a instalar-se o primeiro Centro da Obra — com a Academia DYA — num pequeno andar na Rua de Luchana, muito perto de

Martínez Campos; para esse local, dona Dolores forneceu muitos bens materiais de primeira necessidade. Com o passar dos anos, bastantes objectos da sua casa acabariam também por ir parar a diversos Centros da Obra. A família do Fundador chegou mesmo a desfazer-se dos seus próprios bens. A Baronesa de Valdeolivos conta que, em Setembro de 1933, estiveram todos em Fonz, por ocasião da morte de Mosén Teodoro, irmão de dom José Escrivá, que era beneficiado da casa Moner, para tratar da venda do que tinham, e não era pouco: “Lembro-me de que, no Palau, a família tinha uma propriedade bastante grande. No povo, estranhou-se que quisessem desfazer-se de tudo. Com o tempo, pensa-se melhor: deve ter sido muito triste para eles, mas foi uma demonstração palpável do desprendimento das coisas da terra”.

Foi preciso trabalhar muito para levar por diante, apesar da falta de meios, as primeiras Residências em Madrid. Dona Dolores também zelava pelo filho e zangava-se com ele, por exemplo, quando o via usar sapatos deitados fora pelos residentes e percorrer com esse calçado — velho, com as solas totalmente gastas, com grandes buracos — as ruas de Madrid na sua actividade apostólica diária. Teve de se negar a pôr remendos novos nas sotainas, já recosidas mil vezes.

Depois da Guerra Civil espanhola — três anos de intenso sofrimento para toda a família, durante os quais dona Dolores guardou, no colchão da cama, escritos e documentos da Obra, com o risco que isso implicava —, ela e a filha Carmen, a pedido de dom Josemaría, ocuparam-se do que mais tarde o Fundador do Opus Dei chamaria *o apostolado dos apostolados*: as tarefas domésticas e de administração nos Centros da Obra.

Vejo como Providência de Deus — diria — que a minha mãe e a minha irmã Carmen nos ajudassem tanto a dar à Obra este ambiente de família: o Senhor quis assim.

As duas assumiram os trabalhos necessários para que pudesse funcionar em Madrid a Residência da Rua de Jenner. Depois, em 1940, foram viver para a nova casa da Rua Diego de León, 14.

Eram tempos duros para todos os espanhóis. Uma mulher do Opus Dei avalia com admiração o trabalho que a mãe do Fundador e, sobretudo,

Carmen conseguiam realizar naquela casa da Rua Diego de León: “Era quase incrível que tivesse conseguido raparigas, e que elas aprendessem a fazer as coisas da casa e a apresentar-se bem. Nunca a vimos correr, embora se movesse e trabalhasse com leveza; também não a víamos cansada, nem despenteada, nem com uma nódoa”. Alguns anos depois, um grupo de mulheres da Obra tomou conta desse trabalho, e uma delas recorda: “Tínhamos de ficar às vezes à noite a fazer contas ou a terminar trabalhos pendentes. A Carmen tinha levado a casa sozinha”. Vê-se que a laboriosidade era ‘mal’ de família. “À noite, no quarto, cerzia meias. Não havia tempo durante o dia. E, como até os fios para cerzir eram difíceis de encontrar, quando se deitava fora algum par, ela desfazia-o, e depois cosia com esses novelos os pares rotos”.

Com o seu grande coração — também “mal” de família —, Carmen preocupava-se sempre em que todos comessem bem, dentro do possível, que era muito pouco, e com alimentos baratíssimos. Se via que alguém se deixava levar por uma sobriedade mal entendida, arranjava maneira de o fazer comer. Quem viveu com ela descreve-a — e a descrição soa-nos familiar — como trabalhadora, firme, com um coração grande e nobre, capaz de se dar sem reservas; muito sincera — chamava sempre as coisas pelo nome —, espontânea. Era tão natural no seu modo de ser que parecia não se esforçar, apesar de ter para todos contínuos gestos de carinho. Deixou uma lembrança inesquecível.

Naquela casa grande da Rua Diego de León, dona Dolores ocupava um quarto no segundo andar, com um miradouro que dava para a esquina com Lagasca, onde colocou pequenos vasos que ela própria cuidava. Nesse quarto — não grande, mas bem iluminado — passou os últimos meses da sua vida, trabalhando incansavelmente como sempre fizera. Uma imagem de Nossa Senhora assistiu aos seus últimos momentos na terra. Era uma pintura italiana a óleo, com um Menino muito penteado, rosado e rechonchudo, a quem a Virgem oferece uma rosa de chá. Essa imagem de Nossa Senhora acolheu o seu último sacrifício. Ofereceu tudo pela Obra: até a própria morte, em 1941.

O Fundador do Opus Dei deixou a mãe doente em Madrid — como escreveu quinze anos depois — *para ir a Lérida dar um curso de retiro a*

sacerdotes diocesanos. Não conhecia a gravidade, porque os médicos não pensavam que a morte da minha mãe fosse iminente, ou que ela não pudesse curar. Oferece os teus incômodos por este trabalho que vou fazer, pedi à minha mãe ao despedir-me. Ela anuiu, embora não pudesse evitar dizer, em voz baixa: este filho!...

Já no Seminário de Lérida, onde os sacerdotes estavam em retiro, fui ao Sacrário: Senhor, cuida da minha mãe, já que eu me estou a ocupar dos teus sacerdotes. A meio dos exercícios, ao meio-dia, fiz-lhes uma meditação: falei do trabalho sobrenatural, do papel inigualável que compete à mãe junto do filho sacerdote. Terminei e quis ficar recolhido um momento na capela. Quase imediatamente veio, com o rosto desfeito, o bispo administrador apostólico, que também fazia os exercícios, e disse-me: dom Álvaro chama-o ao telefone. Pai, a Avó morreu, ouvi eu de Álvaro.

Voltei à capela, sem uma lágrima. Percebi logo que o Senhor, meu Deus, tinha feito o que mais convinha: e depois chorei, como chora uma criança, rezando em voz alta — estava sozinho com Ele — aquela longa jaculatória que tantas vezes vos recomendo: fiat, adimpleatur, laudetur... iustissima atque amabilissima voluntas Dei super omnia. Amen. Amen. Desde então, sempre pensei que o Senhor quis de mim esse sacrifício, como sinal exterior do meu carinho pelos sacerdotes diocesanos, e que a minha mãe, em particular, continua a interceder por este trabalho.

Era 22 de Abril de 1941. Dom Josemaría foi ter com o governador civil de Lérida, que conhecia de Saragoça, pois muitas vezes o tinha acompanhado a fazer catequese por Casablanca:

— *Ouve, Juan Antonio, morreu a minha mãe. Como é que eu poderia chegar depressa a Madrid?*

— *Agora vai o meu carro, com o motorista.*

Chegou a Madrid às três da manhã. O corpo da mãe estava diante do altar do oratório, transformado em capela ardente. Chorou como uma criança, como um filho pequeno que perdeu a mãe. Essa mãe a quem não pôde acompanhar na hora da morte, porque o Senhor lhe pediu esse sacrifício, por amor aos sacerdotes.

Diferente foi, porém, a morte da sua irmã Carmen. Pôde estar junto dela, em Roma, quando Deus a levou. Carmen tinha chegado à Cidade Eterna já muito habituada às renúncias e aos gestos de entrega, e conservava o bom humor e a simplicidade de sempre. Também com simplicidade, por ser vontade divina, soube acolher a realidade da morte com aceitação serena e alegre. Depois de uma doença muito penosa, que durou dois meses desde o diagnóstico, sofreu uma agonia de quarenta e seis horas na qual nunca perdeu a união com Deus. Guiada pelo irmão e por dom Álvaro del Portillo, fez da agonia uma oração contínua: “Estamos todos contigo — dizia-lhe dom Álvaro nos momentos que antecederam a morte —. E sobretudo está Deus, que é quem te dá força. A tua vida inteira tens trabalhado por Deus, e agora vais encontrar-te com Ele”.

Morreu na madrugada de 20 de Junho de 1957, solenidade do Corpo de Deus. Pouco tempo antes, a meio de Abril, os médicos tinham diagnosticado um cancro sem cura possível. Recebeu a notícia “como uma pessoa santa do Opus Dei”; foi assim que dom Álvaro disse ao Fundador da Obra. E, a partir desse momento, com paz e alegria, começou a preparar-se para morrer bem. “Quando soubemos da sua doença — escreveu anos mais tarde um membro da Obra —, cuidámo-la como a nossa mãe, acompanhando-a e fazendo tudo o que estava ao nosso alcance para tornar mais suportáveis esses dias de vida que lhe restavam”. Pediu-se a Deus o milagre: “Senhor, se quiseres, podes”. Ela rezava “para que se cumprisse a Vontade de Deus”. E todos, com o coração apertado, aceitavam o que o Senhor dispusesse, repetindo: *Faça-se, cumpra-se, seja louvada e eternamente exaltada a justíssima e amabilíssima Vontade de Deus sobre todas as coisas. Amém. Amém.* A fé do Fundador do Opus Dei ficou confortada por uma “*dedada de mel*” que recebeu de Deus e que deixou registada — por se tratar de um facto sobrenatural — num documento que escreveu e guardou em envelope fechado, com a ordem de que não fosse aberto senão depois da sua morte. Naqueles dias, os membros da Obra ouviram-no dizer:

As lágrimas acabaram no momento em que ela morreu; agora estou contente, meus filhos, agradecido ao Senhor que a levou para o céu; com a alegria do Espírito Santo. Têm de me dar os parabéns, porque ela já está

no céu. Estava cheia de desejo de ir para o céu, desejosa mesmo. Já está a interceder por nós.

Tinha cessado a dor dela e o sofrimento daqueles que, com tanto carinho, a acompanharam. A expressão de paz que iluminava o seu rosto era reflexo da sua vida de entrega serena e sacrificada ao serviço de Deus. Os seus restos repousam hoje, muito perto dos do irmão Josemaría, na cripta do oratório de Santa María de la Paz, na sede central do Opus Dei. E é bem justo que assim seja, porque ela — sem ser do Opus Dei — foi também um verdadeiro alicerce da Obra.

4. Calor de lar

Deus queria que o Opus Dei fosse — no sentido literal do termo — uma família. E, como acabámos de dizer, serviu-se decisivamente das virtudes humanas e sobrenaturais do lar do seu Fundador. Mas ele também foi sempre, de facto, o Pai dessa família. Levou-a por diante humanamente, com coração paterno e materno, derramado sobre os membros da Obra, tanto quando eram poucos como quando passaram a ser dezenas de milhares, de todas as cores e de todas as raças.

Já estavam espalhados pelos cinco continentes havia anos quando Mons. Escrivá de Balaguer fez a sua última viagem a Espanha. Foi à sua cidade natal por ocasião da imposição — a 25 de Maio de 1975 — da medalha de ouro de Barbastro. Chegado o momento, ao começar a ler o breve discurso, na sala de sessões da Câmara Municipal, teve de interromper:

Perdoem-me. Estou muito comovido, por dois motivos: primeiro, pelo vosso carinho; e, além disso, porque, ao fim da tarde de ontem, recebi um aviso de Roma a comunicar-me a morte de um dos primeiros que eu enviei para fazer o Opus Dei em Itália. Uma alma limpa, uma inteligência notável, doutor em Direito Civil pela Universidade de Madrid, então Universidade Central; doutor em Direito Canónico pela Universidade Lateranense; advogado rotal. Depois, no tempo de João XXIII, nomeado auditor da Rota.

Serviu a Igreja com as suas virtudes, com o seu talento, com o seu esforço, com o seu sacrifício, com a sua alegria, com esse espírito do Opus Dei que é de serviço. Eu devia estar contente por ter mais um no céu, já que, numa família tão numerosa, um acontecimento destes tem de suceder com frequência. Mas estou muito cansado, muito abatido. Perdoem-me e fiquem contentes por saberem que eu tenho coração. Continuo.

Esta reacção — de pai de família, com coração humano e fé divina — ao receber a notícia da morte de D. Salvador Canals, era idêntica à que sempre teve diante da morte de outros membros da Obra. O P. Sancho, O.P., dá testemunho de que, quando morreu Isidoro Zorzano, em 1943, o Fundador do Opus Dei estava, ao mesmo tempo, triste pela separação e contente porque tinha morrido como um santo.

E é que — acrescenta o religioso dominicano — “no meio do seu zelo incansável por todas as almas, tinha um carinho paterno e um cuidado entranhado pelos seus filhos. Eram a menina dos seus olhos. Tratava-os com firmeza, exigindo-lhes que fossem santos, mas com a familiaridade de um pai com os filhos. A mim surpreendia-me este modo de os tratar, sobretudo aqueles membros da Obra que eu tinha em grande apreço, porque eram catedráticos: para ele eram sempre e principalmente seus filhos. Era muito respeitador da liberdade deles e amava-os a todos muitíssimo; é natural, porque, afinal, eram seus filhos”.

“Muitas vezes — diz dom José Luis Múzquiz, um dos três primeiros sacerdotes do Opus Dei, juntamente com dom Álvaro del Portillo e dom José María Hernández de Garnica — vi o Padre, mesmo tendo muito trabalho, passar tempo junto de um doente, dando-lhe visão sobrenatural, contando-lhe coisas para o distrair, fazendo com ele alguma norma de piedade.”

Nos anos setenta, quando dom José María Hernández de Garnica começou a ficar muito doente — Mons. Escrivá de Balaguer chamava-lhe sempre pelo apelido de família, “Chiqui” —, dom José Luis Múzquiz recebeu, em Fevereiro de 1972, uma carta de dom Álvaro, dizendo-lhe que “o Chiqui está muito mal de saúde” e que “o Padre quer que seja eu a escrever-te directamente para que rezes”. Ao ler isto, dom José Luis lembrou-se de que, tal como acontecera com a doença de Isidoro Zorzano

— como as mães quando os filhos pequenos estão doentes — o Padre pressentia algo grave antes do diagnóstico dos médicos. O mesmo sucedeu agora: dom José María Hernández de Garnica tinha ido a Roma e, mal o Padre o viu, mandou-o imediatamente fazer uma revisão médica completa.

Na véspera da Festa da Imaculada — 7 de Dezembro de 1972 —, dom José María morreu em Barcelona. Pouco depois, dom José Luis Múzquiz recebeu uma carta de Roma:

Chegou-me há uns momentos a dolorosíssima notícia do falecimento do Chiqui (r.i.p.). O Senhor quis levá-lo muito purificado. Não te posso esconder que sofri — que sofro muito —, que chorei.

Faz muitos sufrágios por ele e pede a todos que os façam, embora eu esteja certo de que já não os há-de precisar. Encomenda-lhe — eu o fiz desde o primeiro momento — todas as coisas que trazemos no coração, porque o Chiqui continuará a empurrar, como sempre fez, muito perto da Santíssima Virgem.

Que estejas sereno e em paz: o Senhor sabe mais.

Assim na morte, como na vida. Encarnación Ortega sublinha a delicada ternura do Padre: “Intuí a as nossas preocupações, o nosso estado de espírito.” E descreve manifestações bem concretas de como tornava compatível esse carinho — materno — com a energia na correcção e a firmeza de um pai que sabe exigir aos filhos, também porque os ama. Assim, quando chegavam a Roma mulheres da Obra, geralmente para estudar, preocupava-se em facilitar-lhes a adaptação, sobretudo se vinham de países longínquos, muito diferentes: poupá-las aos rigores do clima, ajudá-las a habituarem-se gradualmente à comida italiana, proporcionar-lhes a companhia de pessoas que falassem a sua língua.

Encarnación Ortega estava em Londres em Setembro de 1960. Pouco antes, algumas mulheres do Opus Dei tinham partido para Osaka e Nairobi. Começavam o trabalho apostólico da Obra, como sempre, com muito poucos meios materiais. O Fundador, que por aqueles dias se encontrava em Londres, sentia no coração a urgência de lhes telefonar para ter notícias

directas. Perguntou quanto custaria e calculou que, prescindindo de outras coisas, poderiam fazer essa despesa. E fez. Venceu-o o seu coração de Pai.

Mas o carinho não excluía a firmeza, que era um modo diferente de manifestar esse carinho. Nunca deixou de corrigir: nem em assuntos de fundo, em que estavam em jogo aspectos centrais do espírito do Opus Dei, nem em questões pequenas, aparentemente sem importância.

Porque sabia amar, soube corrigir. As suas advertências não feriam, não esmagavam. Punha tal afecto — por enérgica e clara que fosse a correcção — que todos se sentiam queridos e animados a fazer bem as coisas.

Este afecto faz com que o Opus Dei seja família, sem qualquer eufemismo. E esse carinho alcança de modo especial as famílias dos membros da Obra.

Fruto da sua meditação do quinto mistério gozoso do Santo Rosário — o Menino perdido e encontrado no Templo —, o Fundador do Opus Dei tinha escrito: (...) *E, ao consolarmo-nos com a alegria de encontrar Jesus — três dias de ausência! — a discutir com os Doutores de Israel (Lc., II, 46), ficará bem gravada na tua alma e na minha a obrigação de deixar os de nossa casa para servir o Pai Celeste.*

Era uma obrigação clara, vivida assim desde há muito na Igreja. Mas o Fundador do Opus Dei queria também que, sempre que fosse possível, os membros da Obra que não viviam com os pais os acompanhassem nos momentos difíceis, pelo menos — quando lhes fosse impossível estar fisicamente ao lado deles — com a oração incessante, com cartas frequentes, ou com a companhia de outras pessoas da Obra.

Viveu-o assim. E ensinou os mais novos a vivê-lo, porque — por temperamento, quase por lei da vida — podiam encobrir o amor e a gratidão pelos pais com um certo e aparente distanciamento — às vezes, simplesmente por preguiça.

Como anota dom Remigio Abad, que há anos é capelão de Xaloc, um estabelecimento de ensino assistido espiritualmente pelo Opus Dei em L'Hospitalet de Llobregat: “Ensinou-me a amar os meus pais com um

carinho mais intenso; em várias ocasiões perguntou-me — sabia que eu tinha preguiça de escrever —: *Há quantos dias não escreves aos teus pais?* Ele encomendava-os todos os dias na Santa Missa”.

Quando lhe falavam de pais que não acabavam por ficar contentes por os filhos serem da Obra, era a estes, normalmente — e com toda a razão — que ele atribuía a culpa. Porque não sabiam ser fiéis, na prática, ao espírito da Obra. Uma mãe brasileira escrevia, em 1974, ao filho, depois de conhecer Monsenhor Escrivá de Balaguer:

“Querido filho:

“Depois de sete anos, posso voltar a olhar-te nos olhos e dizer-te: realmente foi melhor assim. Realmente tinha de ser assim.

“Agora já consigo ver uma cruz, uma igreja, sem sentir dor no coração. Sim, agora já consigo ver que não mo roubaram. Que tu tinhas de partir. E que o teu mundo é maravilhoso.

“Tu, meu filho, és um privilegiado. Como o Padre me mudou! Ele devolveu-me a ti. E também a Deus, a quem agora posso amar.

“Meu filho, procura seguir os ensinamentos do Padre. Para mim é como se fosse o próprio Amor de Cristo.”

O coração do Fundador do Opus Dei era verdadeiramente paterno. Por isso compreendia muito bem os sentimentos de todos os pais. E por isso tinha sempre em conta as famílias dos membros da Obra. Quando as necessidades do trabalho os levavam para longe, animava-os sempre a escrever com frequência, a dar boas notícias, a fazê-los participar da sua alegria: porque a felicidade do filho é o que mais alegra o coração de uns pais.

Viveu-o assim com todos, até nos momentos terríveis da guerra de Espanha. Enrique Espinós Raduán comovia-se muito por ter estado algumas horas com o Padre em Valência, em Outubro de 1937, quando ele passou por lá a caminho de Barcelona. Foi despedir-se dele à estação com o primo Francisco Botella. Dessa entrevista guardou uma impressão de serenidade e

paz, de imensa confiança em Deus. Mais tarde, Paco reunir-se-ia com dom Josemaría em Barcelona e ficaria com ele até atravessarem os Pirenéus. Alguns meses depois, Enrique Espinós começou a receber cartas assinadas por Isidoro Zorzano, dando-lhe pormenores do percurso desde Valência até Burgos: “Foi uma mostra de delicada caridade comigo e com os pais do Paco; não há dúvida de que o fazia por sugestão do Padre, já que eu não conhecia o Isidoro”.

Também Pedro Casciaro teve ocasião de o experimentar naqueles dias. Tinha falado muitas vezes ao Fundador da Obra sobre a vida espiritual do seu pai, homem de virtudes humanas e grande bondade, mas cuja preocupação em melhorar as condições dos operários o levou a militar num partido político que foi derivando para posições cada vez mais anticlericais. Nesse ambiente, retraía-se de práticas externas de religião. Dom Josemaría animava Pedro a invocar com confiança a Santíssima Virgem. Em Dezembro de 1937, depois de chegar a Andorra, quis passar por Lourdes antes de regressar a Espanha. Pedro preparava-se para o ajudar na Missa que ele ia celebrar. Já ao pé do altar, voltou-se delicadamente para ele, que estava ajoelhado no degrau, e disse-lhe em voz baixa: — *Suponho que oferecerás a Missa pelo teu pai, para que o Senhor lhe dê muitos anos de vida cristã*. Pedro Casciaro ficou surpreendido: “Realmente, naquele momento, eu não tinha feito essa intenção, mas respondi-lhe no mesmo tom: — Fá-lo-ei, Padre.” Quando acabou a guerra, o pai teve de exilar-se. Sofreu muitas privações, mas o Senhor levou-o a viver como cristão fervoroso, com uma piedade sincera. Durante os últimos onze anos da vida — morreu com muita paz a 10 de Fevereiro de 1960, véspera da festa de Nossa Senhora de Lourdes — foi homem de oração, de Missa e Comunhão diárias. Gostou muito do Fundador do Opus Dei e era Cooperador da Obra.

Quando o Opus Dei cresceu pelo mundo, o carinho não diminuiu. Não é algo que se possa atribuir a causas humanas: pessoas de raças e temperamentos muito diversos, que não conheciam o castelhano e talvez nunca tivessem visto fisicamente Mons. Escrivá de Balaguer, tratavam-no — amavam-no — como um verdadeiro Pai. E é que ele era Pai de verdade. Chamava a atenção para isso um destacado pedagogo espanhol, Víctor García-Hoz, que o tinha conhecido em 1939: “Uma das coisas que mais me chamou a atenção nos últimos anos do Padre foi ver como, nas catequeses

multitudinárias, em *tertúlias* de centenas e até milhares de pessoas, sabia conversar com um ar de intimidade. Só consigo explicar isto por uma graça especial de Deus”.

O Fundador do Opus Dei tinha recomendado e praticado sempre o apostolado pessoal, de amizade e confiança. Mas, à medida que o desenvolvimento da Obra foi tornando impossível que recebesse e falasse com todos e cada um dos que queriam escutar o seu ensino, surgiu com naturalidade este tipo de *tertúlias*, em algumas das quais chegaram a participar mais de cinco mil pessoas à volta de Mons. Escrivá de Balaguer. Era impressionante ver que nunca se tornavam *massivas*, mas mantinham o ambiente de uma reunião familiar. Todos se sentiam *em família*, identificados com quem ia perguntando ou contando coisas: tanto uma senhora de oitenta anos como um rapaz de quinze; um casado com muitos filhos ou uma mulher solteira; um operário, um professor universitário ou uma atriz de cinema... Os temas de conversa nasciam dos problemas ou inquietações de cada um. O Padre mantinha um tom pessoal, íntimo. E todos se uniam na mesma preocupação e recebiam as respostas como se ele se dirigisse a cada alma em particular.

De algumas dessas *tertúlias* conservam-se imagens filmadas a cores, com som directo. Um só desses filmes descreve melhor do que muitas páginas como era o Fundador do Opus Dei e como amava todas as pessoas que se acotovelavam ao seu lado. A 16 de Junho de 1974, a reunião foi num enorme salão do Palácio de Congressos General San Martín, em Buenos Aires. Começou com palavras muito breves:

Não vos admirará se vos digo — porque vos parecerá lógico — que eu, esta manhã, na Santa Missa, me lembrei muito de vós; e também na acção de graças. Pedi ao Senhor por cada um: pelas suas preocupações, pelas suas ocupações, pelos seus afectos, pelos seus interesses, pela sua saúde temporal, material, e pela sua saúde espiritual. Porque vos quero felizes. E lembrava-me de que íamos parecer aqui uma multidão. Já estamos habituados no Opus Dei e sabemos que não somos isso: somos uma família. Ao fim de dois minutos a falar, a multidão transforma-se num grupinho. Falamos com o carinho de meia dúzia de pessoas que se entendem.

Pouco depois, um paraguaio comentou que a sua mãe, da Obra, tinha morrido a rezar pelo seu Fundador. Uma mulher, cujo marido era do Opus Dei, queria saber o que lhe faltava a ela para se decidir também. Outro estava preocupado porque, às vezes, a intensidade do trabalho profissional torna mais difícil dar-lhe um sentido sobrenatural. Depois tomou a palavra um membro da Obra, que estava ali com a mãe, viúva, inquieta com o que poderia ser do filho quando chegasse a velho...

— Diz que eu não vou ter família... E, como ela está aqui, ao meu lado, eu queria que o senhor lhe explicasse que nós temos família, que nos queremos muito e que, além disso, somos sempre jovens, como o senhor...

Mons. Escrivá de Balaguer ilustrou a resposta com uma história antiga. Uma vez, uma figura importante atacou um membro da Obra, porque este, no exercício da sua liberdade civil, tinha manifestado a sua discordância. Entre outras coisas, falou de que ele não tinha família. Então, o Fundador do Opus Dei foi ter com ele e disse-lhe: — *Tem a minha família; tem o meu lar.* Essa pessoa pediu perdão. E continuava: *Tu já sabes que o teu filho tem família e tem lar; e que morrerá rodeado dos seus irmãos, com um carinho imenso. Feliz por viver e feliz por morrer! Sem medo da vida e sem medo da morte! (...) É o melhor lugar para viver e o melhor lugar para morrer: o Opus Dei! Que bem se está, meus filhos!*

Muitos apreciaram, naquele dia, que ali — no Palácio de Congressos — havia um sabor de cristandade primitiva, que vibrava com um só coração, com uma só alma, com um único afecto. E entenderam que, verdadeiramente, o Opus Dei é lar, cheio de carinho humano e de delicadezas santas.

Dois anos antes, a 22 de Novembro de 1972, em Barcelona, uma rapariga jovem disse ao Padre, numa reunião semelhante:

— No outro dia também estive numa tertúlia consigo. Ao sair, uma amiga disse-me: — Reparaste naqueles sacerdotes que estavam com o Padre? De certeza que já o ouviram milhares de vezes dizer as mesmas coisas. E, no entanto, com que carinho o olhavam. Como as pessoas do Opus Dei se querem!

A resposta foi rápida, imediata, comovida:

—*Pois sim! Queremo-nos! Sim, senhor. Queremo-nos! E é o melhor elogio que nos podem fazer. Porque dos primeiros fiéis diziam os pagãos: vede como se amam.*

5. A santidade do amor humano

O Fundador do Opus Dei espalhou pelo mundo amor à família. Num tempo em que a santidade parecia mais coisa reservada a religiosos e sacerdotes, Deus serviu-se dele para mostrar a muitos casais que a vida conjugal é um verdadeiro caminho de santidade na terra.

Juan Caldés Lizana conheceu-o nuns dias de retiro. Era Setembro de 1948. “Abriu-se diante de mim — publica em *Mundo Cristiano*, Setembro de 1975 — um mundo entusiasmante ao contemplar o matrimónio (‘sacramento grande’) como uma verdadeira vocação, um novo caminho divino na terra.” Era um panorama inédito: todos chamados a uma mesma santidade, plenitude de vida cristã; a família, um *lar luminoso e alegre*, ocasião propícia para *transformar a prosa diária em endecassílabo, verso heróico*; os pais, *semeadores de paz e de alegria*; e os filhos, *gaudium meum et corona mea* (“a minha alegria e a minha coroa”). Esta última foi a frase que o Fundador do Opus Dei escreveu no verso de uma fotografia dos dez filhos de Juan Caldés, que viu naquelas ideias de 1948 uma profunda inovação sobre o papel dos leigos na Igreja.

As suas palavras soavam ainda mais novas nos anos trinta, quando falava de *vocação matrimonial* e apresentava o matrimónio como caminho de santidade. Sublinha-o o doutor Jiménez Vargas, que assistia aos círculos e meditações do Fundador do Opus Dei, e entende que as suas conversas sobre a virtude da pureza eram tremendamente originais, novas: hoje isso parece familiar — afirma — depois de tantas edições de *Caminho*, mas “é importante colocarmo-nos em 1933, com a maneira de pensar dos rapazes piedosos de então, e com o que era corrente em certas formas de pregar sobre a castidade, que mais do que outra coisa levavam a uma visão deformada e até freudiana do problema. Para começar, falava de pureza — mais do que de castidade — com essa visão positiva e optimista que hoje é

tão conhecida”. Mais surpreendente era ainda o seu modo de encarar o matrimónio, depois sintetizado em três pontos de *Caminho* (26, 27 e 28). O professor Jiménez Vargas esclarece que “ao dizer que o matrimónio é para a classe de tropa — então ainda não estava publicado *Caminho* nem *Considerações Espirituais* — pode assegurar-se que entusiasmava tanto os que se julgavam com vocação para a classe de tropa como os que pensavam que a sua vocação era outra. Nunca passou pela cabeça de ninguém uma ideia errada, nem ninguém se sentiu incomodado com este comentário que, além disso, tinha graça quando o ouvíamos directamente”.

Esse modo de apresentar a virtude cristã da pureza animava a lutar, porque ficava sempre muito claro o seu sentido positivo, amável, afirmativo, próprio de um coração apaixonado. Assim a definiu o Fundador do Opus Dei numa homilia de Natal de 1970: *A castidade — não simples continência, mas afirmação decidida de uma vontade enamorada — é uma virtude que conserva a juventude do amor em qualquer estado de vida.*

Mons. Escrivá de Balaguer tinha preparado desde muito cedo o caminho por onde inúmeras pessoas da Obra lutariam decididamente por ser santas na sua vocação matrimonial. O caminho jurídico levaria anos a abrir-se. Mas o Fundador do Opus Dei esperava, confiante na vontade de Deus; entretanto, ia formando as almas para que, no momento oportuno, pudessem receber explicitamente o chamamento divino.

Assim fez, por exemplo, com Antonio Ivars Moreno, que já em 1940, em Valência, participava nas actividades apostólicas que membros do Opus Dei desenvolviam numa casa da Rua Samaniego, 16, rapidamente transformada em Residência de Estudantes: “O Director era dom Pedro Casciaro. Com ele colaborava o meu velho amigo dom Amadeo de Fuenmayor. Um dia chamaram-me para falar comigo. Pedro disse-me, de forma sucinta, que na Obra havia pessoas que se tinham entregado plenamente a Deus. Mas acrescentou que o Padre tinha dito que eu tinha *vocação matrimonial* e que não me inquietasse. Tive a sorte de, por aqueles dias, ele estar entre nós e pude contar-lhe o que Pedro e Amadeo me tinham dito. Ele confirmou-mo e acrescentou que, quando tivesse de casar, viria: para me casar”.

A todos — solteiros, casados, namorados, sacerdotes — levou sempre a mergulhar nas profundezas do amor; preveniu-os contra a grande tentação do egoísmo — que impede resolver os problemas que essa paixão cria — e animou-os a fugir da sensualidade, porque — repetia muitas vezes — corta as asas do amor e apequena as coisas grandes de que o coração humano é capaz.

Aos mais novos ensinava o que deixou em *Caminho*, e repetia em 1974, com outras palavras, a um numeroso grupo de rapazes em São Paulo: *Peço ao Arcanjo São Rafael que, como a Tobias, aos que hão-de formar uma família os leve ao encontro de um amor terreno, limpo e bom. Abençoo esse vosso amor humano e abençoo o vosso futuro lar. E ao Apóstolo João, que tanto se apaixonou por Cristo Jesus e que foi valente — o único homem: os outros fugiram — ao pé da Cruz de Cristo, quando o Redentor era vitorioso e parecia vencido; a esse discípulo jovem, mas forte, peço que vos ajude, se o Senhor vos pedir mais.*

O Fundador do Opus Dei despediu-se destes rapazes com a bênção que se dá a quem parte em viagem: *Todos vamos caminho fora pela vida... É a bênção que Tobias deu ao seu filho quando — acompanhado pelo Arcanjo São Rafael — foi cobrar um dinheiro que deviam ao seu pai. Na realidade, porque foi também, sem o saber, procurar a noiva, e encontrou uma que era bonita e boa e rica. É uma bela história de pureza, de amor nobre, casto e fecundo, como o amor dos nossos pais, que eu abençoo.*

Poucos dias antes, também em São Paulo — como fez sempre ao longo da vida —, propunha a pessoas casadas o carinho do namoro como modelo do seu amor: *Que vos queirais muito. O amor dos cônjuges cristãos — sobretudo, se são filhos de Deus no Opus Dei — é como o vinho, que melhora com os anos e ganha valor... Pois o vosso amor é muito mais importante do que o melhor vinho do mundo. É um tesouro esplêndido, que o Senhor vos quis conceder. Conservai-o bem. Não o deiteis fora! Guardai-o!*

Mais adiante, nessa mesma conversa, respondendo a outra pergunta, Mons. Escrivá de Balaguer insistia: *Não é mau que manifesteis esse carinho limpo entre vós, diante dos filhos: mau seria que não o mostrásseis. Não façais diante das crianças manifestações de afecto extraordinário, por*

pudor; mas amai-vos muito, porque o Senhor fica muito contente quando vos amais. E, quando passarem os anos — agora sois todos muito novos —, não tenhais medo: o vosso carinho não ficará pior, mas melhor. Ficarão até mais entusiastas, voltará a ser o carinho do namoro.

Soube sempre tratar *de coisas divinas de modo humano e de coisas humanas de modo divino*. Usou imagens do amor humano para mover ao amor de Deus. Ao pregar sobre a Eucaristia — onde Cristo é, exclamava, *prisioneiro de Amor!* — falava da boa mãe que limpa o filhinho, o perfuma, o aperta ao coração e “o enche de beijos”... E Cristo chega onde os homens não conseguem: faz-se alimento, vida da nossa vida; “tomai e comei”, diz-nos.

Numa Quinta-Feira Santa de 1960, na sua homilia, evocava a experiência humana da despedida de duas pessoas que se amam: *Queriam estar sempre juntas, mas o dever — seja qual for — obriga-as a separar-se. O desejo seria não se separarem, e não podem. O amor humano, que por grande que seja é limitado, recorre a um símbolo: os que se despedem trocam uma lembrança, talvez uma fotografia, com uma dedicatória tão ardente, que admira que o cartão não arda. Não conseguem fazer mais, porque o poder das criaturas não vai tão longe quanto a sua vontade.*

O que nós não podemos, pode-o o Senhor. Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, não deixa um símbolo, mas a realidade: fica Ele próprio. Irá para o Pai, mas permanecerá com os homens. Não nos deixará um simples presente que evoque a sua memória, uma imagem que com o tempo tende a esbater-se, como a fotografia que depressa aparece desbotada, amarelada e sem sentido para quem não foi protagonista daquele momento de amor. Sob as espécies do pão e do vinho está Ele, realmente presente: com o seu Corpo, o seu Sangue, a sua Alma e a sua Divindade.

Sempre animou todos a tratar Deus com naturalidade, com o mesmo coração e as mesmas palavras com que se tratam as pessoas queridas da terra; ou *sem ruído de palavras, enquanto estás na rua, à mesa, a sorrir a alguém, a estudar...*

Mais de uma vez, quando alguém se dirigia a ele com um “Padre, diga-me uma jaculatória...”, reagiu espontaneamente:

—Eu dava-vos uma sova... Uma jaculatória...? Mas é possível que vocês não saibam falar com o coração às pessoas? Como teriam falado à namorada? Queriam que alguém vos soprasse para conversarem com a namorada? Pois, para falar com Deus Nosso Senhor, é o mesmo.

Partia do amor humano para fazer compreender a riqueza santificadora escondida nos mil pormenores da vida quotidiana, que a alma apaixonada sabe descobrir. Nada tem de estranho, portanto, que, ao esclarecer o sentido do matrimónio, acentuasse aspectos aparentemente triviais. Também em São Paulo houve uma conversa que reflecte com exactidão o tom com que Mons. Escrivá de Balaguer se dirigia a quem devia tornar santa a vida conjugal. Foi um diálogo vivo — é quase impossível reproduzi-lo por escrito — e interrompido pela emoção da pessoa que perguntava. A primeira interrupção foi do Fundador do Opus Dei, quando ela disse que estava casada há 23 anos e que tinha cinco filhos...

— Ouve, tu não dizes a verdade... Vinte e três anos! Tão jovem e tão bonita!

Ela tinha perguntado como manter e aumentar no matrimónio o entusiasmo dos primeiros tempos.

— Senta-te, minha filha, senta-te. Tu serás uma... Como se diz “namorada” em português?

— Namorada, sugeriram a Mons. Escrivá de Balaguer.

—(...) uma enamorada permanente, constante. Todos os dias deves conquistar o teu marido, e ele a ti.

(...) Conseguirás isso se olhares para o teu marido como o que ele é: uma grande parte do teu coração, todo o teu coração; se souberes que ele é teu e tu és dele; se te lembrares de que tens a obrigação de o fazer feliz, de partilhar as alegrias e as penas dele, a saúde e a doença...

E Mons. Escrivá de Balaguer, como se se dirigisse a todas as esposas que estavam na sala apinhada do Palácio das Convenções, no Parque Anhembi, continuava:

Vocês sabem mais do que ninguém no mundo, porque o amor é sapientíssimo. Quando o marido chega do trabalho, da sua labuta, da sua tarefa profissional, que não te encontre a ti a ferver. Arranja-te, põe-te bonita; e quando passarem os anos, arranja um bocadinho mais a fachada, como se faz com as casas. Ele agradece-te tanto! Muitas vezes, nos momentos de contrariedade que teve no trabalho, pensou em Deus e pensou em ti e disse: vou para casa e... que bem!; ali encontrarei um refúgio de paz, de alegria, de carinho e de beleza; porque, para ele, não há nada no mundo mais bonito do que tu. (...) No dia em que ele vem cansado — e tu sabes, tu prevês —, lembras-te daquele prato de que ele gosta: isto faço-lho eu. E não lho dizes, para não lho fazer pesar; surpreendes-no, e ele olha-te com um olhar... e pronto! Pronto!

Centenas de conselhos — cheios de bom senso e de visão sobrenatural — deu o Fundador do Opus Dei aos pais de família. Muitos estão recolhidos nos seus livros. Outros é preciso colhê-los pacientemente ao longo destas reuniões numerosas e nas conversas pessoais com quem foi vê-lo a Roma, ou o tinha tratado mais de perto nos anos de Espanha. Realmente amou as famílias, todas: as famílias numerosas, as que têm menos filhos, ou as que não têm nenhum, porque Deus não lhos dá, depois de terem posto — *o marido também*, repetia incansavelmente — todos os meios sobrenaturais e os humanos honestos. Só de vez em quando lhe escapava o que não queria:

Não sou amigo das famílias que, por egoísmo, cortam as asas do amor e o tornam estéril e infecundo...!

Aconselhava-os a educar cristãmente os filhos, antes de mais, pelo exemplo. Ensinar-lhes a rezar, mas sem os obrigar *a grandes rezas: poucas, mas todos os dias* (as mães, sim, mas também os pais). Mantê-los com pouco dinheiro e ensiná-los a usá-lo, embora — especificava — *é melhor que o manejem quando o ganharem*. Respeitar prudentemente a liberdade deles. Fazê-los ajudar os outros conforme a idade de cada um, enchendo o dia de pequenos serviços. Conseguir que a casa — numa palavra — fosse *um lar luminoso e alegre*. (Quantas vezes, nos últimos anos, abençoava as guitarras dos vossos filhos!)

Mons. Escrivá de Balaguer fez os casais compreenderem que o carinho se fortalece com as penas e dificuldades da vida. Como declarou à directora da revista *Telva* em Fevereiro de 1968:

Pobre conceito tem do matrimónio — que é um sacramento, um ideal e uma vocação — quem pensa que o amor acaba quando começam as penas e os contratempos, que a vida traz sempre consigo. É então que o carinho se robustece. As enxurradas das penas e das contrariedades não conseguem afogar o verdadeiro amor: o sacrifício generosamente partilhado une mais. Como diz a Escritura, aquae multae — as muitas dificuldades, físicas e morais — non potuerunt extinguere caritatem (Cant., VIII, 7), não poderão apagar o carinho.

Outro jornalista, Luis Ignacio Seco, publicou, depois da morte da filha de sete anos, um artigo em que desabafava o coração: Marta tinha adoecido de leucemia em 1970 e Luis Ignacio Seco escreveu a Mons. Escrivá de Balaguer para lhe pedir que rezasse muito por ela. “A resposta chegou depressa: falava-me da *amabilíssima vontade de Deus* e prometia-me as suas orações; e fez-me compreender logo que o que tínhamos em casa era um tesouro escondido, uma maravilha posta nas nossas mãos para vivermos a fundo a vocação de pais, de colaboradores directos e voluntários da Providência, de cristãos comuns que procuram tornar real, sem teatro, o formidável amor de Deus por todos os seus filhos, os homens.”

Mas não era preciso ser intelectual para perceber as exigências do amor humano santo que o Fundador do Opus Dei difundia a quem o escutava. A sua mensagem encontrava eco em pessoas de toda a condição social. Dava-lhe expressão Maria, uma mulher do Opus Dei, que vive nos arredores de Pozoalbero (Jerez de la Frontera), cujo marido, um simples homem do campo, esteve com Mons. Escrivá de Balaguer em Pozoalbero, em Novembro de 1972. Naqueles dias, dizia à mulher:

— Agora tenho de deixar a roupa bem dobradinha, porque está aqui o *Monzeñó*...

Era a maneira prática de melhorar, depois de ter escutado o Fundador do Opus Dei. E Maria alegrava-se também ao ver que o marido, “desde que viu

o Padre”, fazia esforços visíveis para não se zangar, nem mesmo com essas pequenas questões domésticas que surgem em todas as famílias.

Mons. Escrivá de Balaguer teve palavras de encorajamento para quantos atravessavam circunstâncias difíceis. Ajudou-os, pelo menos, a suportá-las, quando não era humanamente possível encontrar solução. A entrevista com a directora da revista *Telva* oferece um retrato muito completo — que vale sempre a pena reler — da sua atitude perante a variada gama de situações que podem dar-se na vida matrimonial: o trabalho da mulher casada, a sua projecção social, o sentido vocacional do matrimónio, o número de filhos, a infertilidade conjugal, a separação dos cônjuges, as discussões e divisões, o conflito de gerações, a educação na piedade, a orientação dos filhos, o “casamento à experiência”, a monotonia do lar, o conforto e a sobriedade, etc. Talvez seja exacto dizer que só falta uma pergunta, a que lhe fizeram em São Paulo, em Maio de 1974:

— Existem hoje em dia, infelizmente, muitas famílias compostas por pessoas divorciadas. Qual deveria ser a atitude de um católico perante essas famílias e perante os filhos dessas famílias?

— *Em primeiro lugar, compreensão, meus filhos. Não ganhamos nada em maltratar as pessoas. Se são almas que precisam de ajuda, de um bom conselho, de uma palavra afectuosa, não as vamos tratar mal. São doentes do espírito, como há outros doentes da mente ou do corpo.*

Primeira atitude: não os tratar mal.

Segunda: se perguntarem: que lhe parece a minha situação?, uma resposta clara: pois... lamentável! Lamento muito, mas é lamentável. Para que vamos mentir? Mas não desesperes, que com a graça do Senhor se poderá ir compondo. Como costumam ser coisas sentimentais e há filhos pelo meio, é difícil. Muitas vezes essas situações resolvem-se; e, ao fim da vida, sempre.

Nunca os trateis mal. Está claro? E aos filhos dessas pessoas, ajudai-os no que puderdes. Que não se envergonhem, embora essas pobres criaturas não possam estar muito satisfeitas. É um choque tremendo, mas é mais uma razão para os tratarmos bem, com afecto, com sentido sobrenatural, e para

lhes mostrarmos que somos cristãos. Portanto, sede humanos, em primeiro lugar; e depois, cristãos. Primeiro, somos homens; e depois vem, com o Baptismo, a graça de sermos filhos de Deus. Na vida, nas vossas relações com as pessoas, têm de se notar essas duas qualidades: as virtudes humanas e as virtudes sobrenaturais. O teu trato afectuoso e cordial, porque és uma pessoa delicada; e, além disso, o remédio sobrenatural dos teus bons conselhos de cristão e do teu bom exemplo.

Voltar ao Índice

CAPÍTULO SEGUNDO

VOCAÇÃO PARA O SACERDÓCIO

1. Os pressentimentos de uma chamada divina especial.

Nunca pensei em fazer-me sacerdote, nem em dedicar-me a Deus. Esse problema não se me tinha colocado, porque eu achava que isso não era para mim. Mais ainda: incomodava-me a ideia de poder vir a ser sacerdote um dia, de tal modo que me sentia anticlerical. Gostava muito dos sacerdotes, porque a formação que recebi em casa era profundamente religiosa; ensinaram-me a respeitar, a venerar o sacerdócio. Mas não para mim: para os outros.

Foi assim que Mons. Escrivá de Balaguer o afirmou. E, por outro lado, nenhum dos que o conheceram em criança pensou que ele viria a ser sacerdote. Mas a vocação divina foi abrindo caminho, pouco a pouco, sem nada aparentemente extraordinário. Isto, que aconteceu na história de tantas almas, é especialmente providencial no caso daquele que viria a ser Fundador do Opus Dei e teria de ensinar a santificar o habitual, o de cada dia, prevenindo os que o ouviam contra a *tentação do extraordinário*: para o cristão comum, a santidade não consiste em fazer coisas estranhas, ou *difíceis*, mas precisamente em transformar *a prosa diária em endecassílabo, em verso heróico*.

A tentação do extraordinário aparece em vários momentos ao longo das páginas do Evangelho. O diabo — no fim do jejum no deserto — quer afastar Cristo da sua missão redentora, poupando-Lhe os padecimentos humanos — a fome, a sede, a dor — com os quais, precisamente, levaria a cabo a Redenção dos homens. Mas não é só Satanás. Os parentes de Jesus querem que vá com notoriedade à Judeia, por ocasião da Festa dos Tabernáculos. E os próprios discípulos O incitam a fazer algo que chame a atenção das pessoas. Quando João e Tiago lhe pedem que faça descer fogo do céu e devore os habitantes daquela cidade da Samaria, o Senhor tem, mais uma vez, de reprimir a tentação de se apoiar no anormal: «Não sabeis de que espírito sois». E assim até ao momento dramático do Calvário,

quando os príncipes dos sacerdotes e os escribas troçam d'Ele, dizendo-Lhe que desça da Cruz e acreditarão nas suas palavras. Cristo rejeita a tentação: redime o género humano com a dor e a morte, não com êxitos espetaculares. Que sentido teriam, de outro modo, os seus trinta anos de vida oculta e de trabalho em Nazaré?

Deus serve-Se de acontecimentos correntes para atrair as almas ao seu amor. Por vezes faz grandes milagres, que passam despercebidos ao olhar humano. Mas o maior milagre continua a ser o caminho habitual, simples, da sua providência ordinária. Por estes trilhos abriu caminho a vocação de Josemaría Escrivá de Balaguer. Muitas vezes o repetiria aos membros da Obra, também para os prevenir contra a tentação do espetacular, do fulgurante:

—Vêm-me ao pensamento tantas manifestações do Amor de Deus naqueles anos da minha adolescência, quando pressentia que o Senhor queria algo de mim, algo que eu não sabia o que era. Acontecimentos e detalhes comuns, aparentemente inocentes, de que Ele se servia para meter na minha alma essa inquietação divina. Por isso compreendi muito bem aquele amor tão humano e tão divino de Teresa do Menino Jesus, que se comove quando, pelas páginas de um livro, aparece uma estampa com a mão ferida do Redentor. Também a mim me aconteceram coisas desse género, que me abalaram e me levaram à comunhão diária, à purificação, à confissão e à penitência.

Fazia considerar este modo divino de proceder, no caso de pessoas que, oferecendo sinais claros de que Deus as chamava, tinham medo, ou lhes faltava generosidade. Mais uma vez o assunto foi levantado em Buenos Aires, em 1974. Alguém se referiu a vários amigos seus, a quem parecia faltar apenas um empurrãozinho, pequenino, pequenino...

—Não serei eu a dá-lo... Porque a vocação para o Opus Dei é divina. E porque, meu filho, eu... resisti tanto quanto pude. Mea culpa, mea culpa. Resisti. Distingo duas chamadas de Deus: uma, ao princípio, sem saber para quê, e eu resistia. Depois..., depois já não resisti, quando soube para quê.

Deus foi preparando-o de modo progressivo, até contra a sua inclinação pessoal e os seus próprios planos:

Lembro-me de que, quando fazia o curso liceal, estudávamos latim no colégio. Eu não gostava; de um modo tolo — agora tenho tanta pena disso! — dizia: o latim, para os padres e os frades... Vedes como eu estava bem longe de ser sacerdote?

No dia 1 de julho de 1974, em Santiago do Chile, o Fundador do Opus Dei animava um grande grupo de pessoas a lutar por Jesus Cristo e a levar muitas almas a Deus. E, para que soubessem vencer possíveis cobardias, ou falsos respeitos pela liberdade alheia, concluía: *A mim, Jesus Cristo não me pediu licença para entrar na minha vida. Se a mim me dissessem, em certos tempos, que eu ia ser padre... E aqui estou!*

Muitas vezes reiterou esta ideia: *Nunca pensei em dedicar-me a Deus. O problema não se me tinha colocado, porque pensava que isso não era para mim. Mas o Senhor ia preparando as coisas, ia-me dando uma graça atrás de outra, passando por cima dos meus defeitos, dos meus erros de criança e dos meus erros de adolescente...*

Num dia de geada forte, em pleno inverno de Logronho, Josemaría — ainda adolescente — viu as pegadas de pés descalços de um Carmelita sobre a neve. Essas pegadas mexeram-lhe com o coração, que se acendeu no desejo de um amor grande. Perante o sacrifício, por amor de Deus, daquele frade, Josemaría perguntava-se o que fazia ele por Deus.

Josemaría sentiu estes *pressentimentos do Amor* quando tinha quinze ou dezasseis anos. Ao mesmo tempo, dava-se perfeitamente conta de que o Senhor queria algo dele, mas não sabia o quê. Naqueles dias de inverno, nos primeiros meses de 1918, foi conversar em várias ocasiões com o P. José Miguel, um dos frades que viviam ao lado do Convento das Carmelitas Descalças e atendiam a sua igreja.

Depois, Josemaría pensou em ser sacerdote. *Porque é que me fiz sacerdote?* — perguntar-se-ia anos mais tarde —. *Porque achei que assim seria mais fácil cumprir uma vontade de Deus, que eu não conhecia. Desde*

uns oito anos antes da minha ordenação eu a pressentia, mas não sabia o que era, e só o soube em 1928. Por isso me fiz sacerdote.

Foi constante, desde então, a sua oração por aquilo que ainda ignorava. Na sua alma, com os anos, tomaria forma um clamor feito de jaculatórias: *Domine, ut sit! Domina, ut sit!* (Senhor, Senhora, que seja!). E exclamaria, como que cantando, aquelas palavras do Senhor: *Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur?* («Fogo vim trazer à terra, e que quero senão que se acenda?»). A resposta impunha-se inequívoca: *Ecce ego, quia vocasti me!* («Eis-me aqui, porque me chamaste»).

Josemaría falou com o pai. Don José Escrivá ouviu, surpreendido, as suas confidências. Como sempre aceitara docilmente a Vontade de Deus, respeitou e amou o caminho que o Senhor traçava para o filho. Deve ter-lhe custado muito, porque tinha outra ideia, mas favoreceu a decisão: *A ele devo a vocação*, observaria sempre o Fundador do Opus Dei.

A Baronesa de Valdeolivos relata um episódio que ocorreu no verão de 1919. Don José Escrivá foi a Fonz passar uns dias com os irmãos e mostrou-lhes fotografias dos filhos: de Santiago, que acabara de nascer — «este é o benjamim», dizia —, de Carmen e de Josemaría. Notava-se que estava muito orgulhoso deles. E, mostrando uma foto de Josemaría, anunciou pensativo: — Este disse-me que quer ser sacerdote, mas ao mesmo tempo vai estudar para advogado. Vai custar-nos um pouco de sacrifício...

Por seu lado, o próprio Fundador do Opus Dei contaria:

Um belo dia disse ao meu pai que queria ser sacerdote: foi a única vez que o vi chorar. Ele tinha outros planos possíveis, mas não se revoltou. Disse-me:

—Meu filho, pensa bem. Os sacerdotes têm de ser santos... É muito duro não ter casa, não ter lar, não ter um amor na terra. Pensa mais um pouco, mas eu não me oponho.

E levou-me a falar com um sacerdote amigo dele, o abade da colegiada de Logronho.

A colegiada de Logronho — vulgarmente chamada «La Redonda» — é hoje concatedral da diocese de Calahorra, Logronho e La Calzada. Então, o abade era don Antolín Oñate Oñate — mais tarde nomeado chantre de Calahorra, em 1943 —, uma verdadeira instituição em Logronho.

Também orientou Josemaría, por incumbência do pai, don Albino Pajares, sacerdote castrense que esteve colocado em Logronho desde fevereiro de 1917 até maio de 1920.

Don Antolín e don Albino animaram-no a prosseguir na sua vocação e ajudaram-no, como professores, a completar os cursos de Filosofia, a aprofundar o latim e o primeiro ano de Teologia, que fez como aluno externo no Seminário de Logronho. O Fundador do Opus Dei esteve sempre muito agradecido a estes dois sacerdotes.

Sabemos, no entanto, que não lhe interessava a carreira eclesiástica; não o atraía ser padre, no sentido usual que o termo tinha então para o grande público: *Isso não era o que Deus me pedia, e eu dava-me conta: não queria ser sacerdote para ser sacerdote, o padre, como se diz em Espanha. Eu venerava o sacerdote, mas não queria para mim um sacerdócio assim.*

Desde outubro de 1918 foi aluno externo do Seminário. Além disso, estudava em casa com um professor particular, Manuel Sanmartín. No ano letivo de 1919–1920 terminou em primeiro lugar em Teologia. Obteve a classificação de *meritissimus* em todas as disciplinas, menos numa, em que foi *benemeritus*.

Um condiscípulo, don Manuel Calderón, declara que era bom estudante e mostrava ter uma grande cultura geral: «aprumado, elegante, de finos modos, parecia que vinha de casa principal». Outro companheiro, don Amadeo Blanco, recorda com precisão o seu casaco azul, com gola alta e laço; no entanto, o que mais lhe chamava a atenção era o sorriso, o seu carácter agradável, amável, risonho. Algo semelhante notou don Máximo Rubio: era bem-educado, cuidadoso no vestir e nos modos ao tratar os outros; bom estudante, sério, embora — no seu entender — com um carácter mais reservado: «falava o necessário e era muito observador e piedoso». Porém, don Pedro Balamero Larios — filho de um encadernador muito amigo do pai de Josemaría — via-o «simpático,

comunicativo, alegre e muito agradável. A mim impressionava-me muito, porque o considerava de grande talento».

Don Pedro Baldomero Larios era aluno externo do Seminário, de cursos inferiores aos de don Máximo e de don José María Millán, já falecido, que, ao que parece, foi naqueles anos o mais amigo do futuro Fundador do Opus Dei. A vida dele decorria entre a família e as aulas, e pouco mais. Reuniam-se de vez em quando em casa dos Larios, ou dos Escrivá, ou na dos Rubio. Por vezes passeavam em direção a Lardero — então parecia-lhes um caminho longo —, ou iam ao rio apanhar lagostins.

Larios — talvez por ser mais novo — não traz nada de especial relevo quanto à vida de piedade: «costumávamos ir diariamente — embora fôssemos externos — à Missa no Seminário. Depois íamos tomar o pequeno-almoço a casa e a seguir para as aulas». É Máximo Rubio quem corrobora que Josemaría, durante uma temporada, ia muito e passava longos momentos no convento dos Carmelitas. Máximo Rubio alude também à inquietação apostólica de Josemaría: nas conversas que tinham à saída das aulas, fazia-os pensar no trabalho que se poderia realizar com os alunos do Instituto e manifestava-lhes a sua pena pela falta de espírito cristão que se notava naquela juventude.

No Seminário havia uma catequese muito numerosa, levada pelos internos. Não parece que os alunos externos ajudassem muito na catequese, porque a don Amadeo Blanco — interno — ficou-lhe gravada a presença de Josemaría: todos os domingos, sem obrigação, ia lá — a catequese fazia-se na própria igreja do Seminário — e punha-se à disposição «para o que lhe mandassem».

Josemaría esteve pouco tempo como aluno externo do Seminário de Logronho. Em setembro de 1920 transferiu-se para Saragoça, para continuar os estudos de Teologia na Universidade Pontifícia de São Valero e São Braúlio.

2. Os anos de Saragoça

Passou o tempo, e aconteceram muitas coisas duras, tremendas, que não vos digo porque a mim não me causam pena, mas a vós entristecer-vos-iam. Eram machadadas de Deus Nosso Senhor, para preparar — daquela árvore — a viga que havia de servir, apesar da sua fraqueza, para fazer a sua Obra. Eu, quase sem dar por isso, repetia: Domine, ut videam!, Domine, ut sit! Não sabia o que era, mas seguia em frente, em frente, sem corresponder plenamente à bondade de Deus, esperando o que mais tarde haveria de receber: uma coleção de graças, uma atrás da outra, que não sabia como qualificar e a que chamava operativas, porque dominavam de tal modo a minha vontade que quase não tinha de fazer esforço. Em frente, sem coisas raras, trabalhando só com mediana intensidade... Foram os anos de Saragoça.

Josemaría começou nesta cidade uma vida muito diferente da que tinha levado até então, que decorreria entre o Seminário de São Carlos e a Universidade Pontifícia de São Valero e São Braúlio.

A Universidade Pontifícia ficava na praça da Sé, junto ao Palácio Arcebispal. Ali podiam obter-se a Licenciatura e o Doutorado em Filosofia, em Teologia e em Direito Canónico. Os seminaristas iam às aulas nesta Universidade Pontifícia, enquanto o resto da formação sacerdotal — estudo, piedade, disciplina — a recebiam nos Seminários onde residiam.

No fim de setembro de 1920, Josemaría incorporou-se no Seminário de São Francisco de Paula, que ocupava dois andares no edifício do Seminário Sacerdotal de São Carlos, mas tinha oratório e refeitório independentes.

Os seminaristas vestiam uma túnica preta, sem mangas, e levavam beca vermelha com escudo metálico: um sol e a palavra *charitas*. De São Carlos iam pelo Coso até à praça da Sé, em duas filas, acompanhados por um inspetor. Antes do pequeno-almoço, faziam em São Carlos meia hora de meditação e assistiam à Santa Missa. Ao acabar as aulas — normalmente três — voltavam ao Seminário para o almoço. E, à tarde, de novo para a Universidade. Quando regressavam, tinham recreio, estudo e rosário; jantavam e, antes de se deitarem, rezavam umas preces e recebiam uma breve prática, com os pontos para a meditação do dia seguinte. Às quintas-feiras à tarde iam passear, em filas, por lugares pouco frequentados, ou pelo campo. Aos domingos podiam sair os que tinham parentes em Saragoça.

Uma das razões por que Josemaría se transferiu de Logronho foi a de poder estudar também Direito, na Universidade de Saragoça. Como vimos pouco antes, assim o comentava o pai em Fonoz, durante o verão de 1919. Enquanto Josemaría esperava ver com clareza o que Deus queria dele, pensava que, humanamente, estaria melhor disposto para cumprir a vontade divina se tivesse também um título civil. Don José, por sua vez, aconselhava-o a fazer o curso de Direito, apesar dos sacrifícios económicos que implicava a mudança do filho.

Em Saragoça viviam vários parentes próximos e amigos íntimos da família. Entre eles estava um tio seu, don Carlos Albás, que era cónego arcediogo na Sé. Amigos de Josemaría dessa época fazem notar, no entanto, que as relações entre don Carlos e a família do sobrinho não foram especialmente assíduas, não por causa dos Escrivá. Ao que parece, o Arcediogo da Sé não apreciava muito o cunhado, a quem chegava a acusar de ser responsável pelo seu revés económico: «Era uma tremenda injustiça — observa uma testemunha da época, referindo-se à postura intransigente do cónego para com o pai de Josemaría — não se dar conta da atuação reta e honrada que aquele homem teve durante toda a vida, até ao ponto de liquidar o seu negócio, pensando mais na sua consciência cristã limpa do que nos interesses pessoais materiais». O certo é que don Carlos não foi a Logronho, em 1924, quando morreu don José, nem assistiu depois à primeira Missa de Josemaría, em 1925.

Não era fácil para Josemaría a vida no Seminário. Deve ter sido dura a sua integração naquela casa de São Carlos, pois até então estivera afastado dos caminhos normais da formação eclesiástica. O ambiente do Instituto ou do Colégio de Santo António em Logronho era muito diferente do que encontrava agora entre os seminaristas de Saragoça.

Um companheiro de estudos naquele Seminário, hoje notário numa cidade espanhola, descreveu em termos precisos o clima que ali se respirava. Não o teria feito se não lhe tivessem perguntado expressamente. E, ao voltar a esses anos, custa-lhe pensar que as suas palavras possam ser mal interpretadas. Quer apenas — é notário — remeter-se aos factos, muito justificáveis e razoáveis, com a consciência tranquila de que do Seminário saíam homens muito santos.

Boa parte dos alunos chegava a São Carlos com as virtudes tradicionais dos ambientes rurais aragoneses, mas também com alguns defeitos notórios naquela época: cultura demasiado elementar, certo desprezo das formas por uma sinceridade mal entendida, descuido na higiene pessoal, etc. As virtudes cristãs supriam muito. De facto, o Fundador do Opus Dei, sempre que aludia aos seus tempos no Seminário, dizia que dos companheiros não recordava senão virtudes e desejos de servir a Igreja.

Desde o primeiro momento, alguns não compreenderam o porte, a atitude e os modos de Josemaría. Quando foi nomeado superior do Seminário, teve como fâmulos José María Román Cuartero, que o via sempre muito correto e mais refinado do que os outros seminaristas: refere, por exemplo, que todos os dias se lavava dos pés à cabeça, coisa que os outros não faziam. Estes e outros detalhes levaram aquele rapaz a pensar que Josemaría não chegaria a ser sacerdote, porque o considerava com possibilidades humanas para fazer carreiras melhores. Outro condiscípulo, don Francisco Artal Luesma, comenta esse contraste de modo mais positivo: a sua permanência no Seminário era manifestação clara da sua correspondência à Vontade de Deus; a sua limpeza exterior e a correção no vestir, sinal de amor à dignidade sacerdotal, reflexo da finura da sua alma e da sua vida interior.

Naturalmente, nem todos julgavam assim as coisas. Alguns interpretaram-nas de modo bem contrário. Mas as incompreensões não o afetaram, como atesta outro companheiro, que lhe ouviu alguma vez: *Não creio que a sujidade seja virtude*. Argumentava «com graça, sem acrimónia, com o seu característico sentido de humor». Don Agustín Callejas Tello, hoje pároco de Magallón, detém-se em considerações semelhantes: Josemaría era sumamente humano e tinha grande sentido de humor; punha graça em tudo, via o lado divertido das coisas; sabia muitas histórias e contava-as com graça: «Produzia-nos grande admiração, a nós, seus amigos, a agudeza dos comentários que, em epigramas, com grande carga festiva ou satírica, punha por escrito. Esses epigramas surpreendiam-nos muito, porque supunham um bom domínio da língua castelhana, como consequência da sua familiaridade com os autores clássicos».

Por outro lado, as motivações que tinham levado Josemaría ao Seminário eram, em certa medida, diferentes das habituais em muitos: não queria *fazer carreira* e, por isso, o enquadramento eclesiástico — tema frequente de conversas — não era a sua única preocupação. Além disso — especialmente desde que foi nomeado Superior — tinha facilidade para sair do Seminário, embora — como sintetiza um condiscípulo — «saía pouco e, quando o fazia, voltava cedo, porque tinha sempre pressa de fazer alguma coisa». Mas isto deu origem a algum mal-entendido, apesar de Josemaría ser atencioso com todos e procurar a amizade de todos. Don Agustín Callejas qualifica-o «como um pioneiro e um avançado, pela independência e liberdade de espírito que manifestava, que, por deformação, alguns não entendiam e interpretavam injustamente como altivez».

Até um professor se deixou levar por essa impressão. Conservam-se umas notas escritas suas em que, com referência ao ano 1920–21, define o carácter de Josemaría como «inconstante e altivo, mas educado e atencioso». Observa que a sua piedade é boa, mas regular a sua aplicação e disciplina. No ano seguinte já anota um “bem” nestes dois conceitos. (De facto, no curso 1920–21, Josemaría obteve a classificação de *meritissimus* em quatro disciplinas e *benemeritus* noutra; nos cursos seguintes, conseguiu *meritissimus* em todas). Mas não muda a apreciação do seu carácter, embora não concorde com os resultados objetivos: não encaixa a inconstância com a pontuação máxima em todas as disciplinas.

Nesse manuscrito figura também uma anotação marginal, infelizmente sem data. Reflete o momento que pôde ter sido de máxima tensão. A nota diz literalmente: «Teve uma rixa com don Julio Cortés, e foi-lhe imposto o castigo correspondente, cuja aceitação e cumprimento foi uma glória para ele, pois, a meu ver, foi o adversário quem primeiro e mais lhe bateu, e proferiu contra ele (contra don Josemaría) palavras grosseiras e impróprias de um clérigo e, na minha presença, o insultou na Catedral da Sé». Nada mais pude apurar com certeza acerca deste incidente. Apenas que, muito tempo depois, em 8 de outubro de 1952, de um modo que o honra, don Julio Cortés escreve ao Fundador do Opus Dei desde Jaén — onde morreu, sendo capelão do Sanatório antituberculoso «El Neveral» — pedindo-lhe perdão, «arrepentido e da maneira mais submissa e incondicional, *mea culpa...!*»

Pôde ter sido o desgosto mais importante, mas nem de longe o único. A alma de Josemaría ia-se forjando para enfrentar contradições, bastante mais graves, que sofreria ao longo da vida.

De uma coisa ninguém duvidou nunca: da sua vida de piedade intensa, simpática, alegre e atraente, que não só era compatível, como fundamentava o seu constante sentido de humor e a sua visão positiva das coisas. Não dava, contudo, importância ao que fazia, nem se gabava de nada: com naturalidade, fazia o possível para passar despercebido. Um dia, um companheiro encontrou no seu quarto um cilício e contou aos outros. Josemaría ficou desta vez sério e mostrou-lhes que não era de bom gosto, nem prudente, fazer mexericos com a piedade dos outros.

Don Agustín Callejas admirava a sua atitude durante a meditação diária no Seminário: recolhimento, concentração, oração intensa. E a devoção com que comungava, sem fazer nada de estranho, «com as mãos juntas sobre o peito, o corpo direito e o passo firme».

No ano letivo de 1922–23, as relações com os companheiros adquiriram um tom diferente, pois foi nomeado Superior do Seminário. Alguns lembram-se de que o Cardeal Soldevila — então Arcebispo de Saragoça — o distinguia muito. Quando se encontrava com eles no Seminário, na Catedral ou noutro lugar, costumava dirigir-se a ele diante dos demais e perguntar-lhe como estava, como iam os estudos. Por vezes indicava-lhe: — Vem ver-me quando tiveres um bocado. Don José López Sierra, que foi reitor do Seminário nesse período, afirmou que o Cardeal nomeara Josemaría Superior dos seminaristas «em atenção à sua conduta exemplar, não menos do que à sua aplicação». No entender do reitor, distinguia-se entre os restantes seminaristas «pela sua educação esmerada, trato afável e simples, notória modéstia». Era — insiste — «respeitoso para com os superiores, complacente e bondoso com os companheiros, muito estimado pelos primeiros e admirado pelos segundos».

Para ser Superior ou Inspetor — ambos os termos se usam indistintamente em documentos oficiais — do Seminário, era preciso ser clérigo, ter recebido a tonsura. Por esta razão, o Cardeal Soldevila tonsurou Josemaría a 28 de setembro de 1922, só a ele, numa capela do Palácio Arcebispal de Saragoça, hoje desaparecida.

Os diretores — ou inspetores — eram escolhidos entre os alunos mais distintos e piedosos. A sua missão consistia em dirigir os estudos, cuidar da observância da disciplina e dos regulamentos, acompanhar os alunos nas saídas para as aulas ou para passeios, etc. Embora fossem seminaristas, o Regulamento considerava-os superiores, e devia-se-lhes obediência e respeito. Tinham também algumas distinções externas: quarto individual um pouco maior do que os outros e um fâmulos ao seu serviço. (Os fâmulos eram seminaristas que tinham matrícula gratuita e se encarregavam da limpeza dos quartos dos superiores e de servir a mesa de todos: algo análogo ao que ainda se faz em modernas universidades de grande prestígio, como as americanas de Harvard e de Princeton). Em São Carlos havia dois inspetores: um para humanistas e filósofos e outro para teólogos. O seu trabalho — explica um antigo seminarista — «era difícil, porque os rapazes mais novos costumavam fazer a algazarra própria da idade. Josemaría nunca se alterava nem perdia a compostura; comportava-se sempre com caridade, prudência e educação».

José María Román Cuartero, o fâmulos que atribuíram a Josemaría quando foi nomeado Inspetor, recorda aqueles tempos em que, entre outros serviços, lhe fazia a cama de manhã e atendia a mesa separada onde, no refeitório geral, se sentavam os superiores: sempre lhe impressionou «a sua bondade e paciência no trato». Quando Josemaría o via aborrecido, procurava animá-lo com alguma frase carinhosa ou pregando-lhe partidas. E partilhava com ele a comida, pois a dos diretores era especial. «Dou-me conta agora de que fazia estas mortificações sem que se notasse, de maneira natural».

O reitor do Seminário, don José López Sierra, elogiou sempre — até à morte — o afã apostólico de Josemaría como diretor de seminaristas: queria ganhá-los a todos para Cristo, que todos fossem um em Cristo, e conseguia-o com o seu proceder reto. Não era partidário de castigos. Formava os jovens seminaristas com uma «simplicidade e suavidade encantadoras»: «a sua mera presença, sempre atraente e simpática, continha os mais indisciplinados; um simples sorriso acolhedor assomava-lhe aos lábios quando observava nos seminaristas algum ato edificante; um olhar discreto, penetrante, triste às vezes e muito compassivo, reprimia os mais indóceis».

Assim foram decorrendo os anos de Seminário. Sabemos também que passava muitas horas a rezar na tribuna da direita (do lado da epístola), lá em cima, na igreja de São Carlos.

Passava os períodos de férias em Logronho e, seguramente, como quando era pequeno, iria a Fonz, onde vivia o tio, Mosén Teodoro. Nalgum verão esteve algum tempo em Vilel (Teruel), com a família de don Antonio Moreno, então vice-presidente do Seminário sacerdotal de São Carlos. Regista-o Carmen Noailles, viúva de outro Antonio Moreno, sobrinho do anterior, mais ou menos da idade de Josemaría, que estudava Medicina na Universidade de Saragoça. A sua vida nessa aldeia era completamente normal: conversavam, passeavam, iam pescar ou apanhar lagostins, faziam, por vezes, alguma excursão. Carmen Noailles aponta vários detalhes que exprimem a finura com que Josemaría praticava a virtude da pureza e o pudor.

Nunca saiu ali com raparigas. Os seus modos elegantes, o aspeto esbelto, a aparência agradável no trato, atraíam as raparigas. Quando Antonio ou algum outro amigo lhe faziam chegar comentários nesse sentido, cortava-os, exclamando algo como: —*Se me conhecessem bem, por dentro, tal como sou...* E se alguém contava histórias de mau gosto ou coisas pouco limpas, com afeto, mas com vigor, deixava-os sem resposta com réplicas muito oportunas. «Nunca o vi fazer a mais pequena concessão, e não admitia brincadeiras ou comentários levianos a esse respeito.»

Todos naquela casa gostavam muito dele, porque Josemaría sabia fazer-se querer: «era muito comedido, discreto e prudente, mas afetuoso, e aparecia constantemente o seu natural e maravilhoso sentido de humor». Consideravam-no como mais um filho da família.

Estas recordações de Carmen Noailles correspondem aos verões de 1921 ou de 1922. Talvez a ambos. Porque foi no verão de 1923 que Josemaría começou a estudar Direito, para se examinar em setembro às primeiras disciplinas. Já era clérigo — pela simples tonsura — ao matricular-se na Faculdade no ano 1922–23. Em outubro de 1922 começou o quarto ano de Teologia. A 17 de dezembro recebeu as ordens menores do ostiariado e leitorado, e no dia 21 — também no Palácio Arcebispal — o

exorcistado e o acolitado, das mãos do Cardeal Soldevila, que morreria a 4 de junho de 1923, assassinado por um grupo anarquista.

Entretanto, Josemaría continuava sem vislumbrar essa “outra coisa” que pressentia do amor de Deus. Estudava, rezava e punha-se nas mãos da Virgem, nas suas visitas diárias a Nossa Senhora do Pilar: *Continuo a tratá-la com amor filial* — escreveria a 11 de outubro de 1970, no *El Noticiero* de Saragoça —. *Com a mesma fé com que a invocava por aqueles tempos, por volta dos anos vinte, quando o Senhor me fazia pressentir o que esperava de mim.*

Nas mãos dela punha a solução do que se gestava na sua alma, sentindo-se — como dizia noutra ocasião — *meio cego, sempre à espera do porquê: por que é que me faço sacerdote? O Senhor quer algo, o que é?* E, num latim de baixa latinidade, tomando as palavras do cego de Jericó, repetia: *Domine, ut videam! Ut sit! Ut sit! Que seja isso que Tu queres e que eu ignoro.*

A sua oração de anos materializou-se numa imagem da Virgem, que alguém encontrou tempo depois:

Passaram os anos, muitos anos, e uma vez, já estando em Roma, veio a Secretária Central e disse-me: Padre, chegou aqui uma imagem de Nossa Senhora do Pilar, que o senhor tinha em Saragoça. Respondi-lhe: não, não me lembro. E ela: sim, olhe; há aí uma coisa escrita pelo senhor. Era uma imagem tão horrível, que me pareceu impossível que tivesse sido minha. Mostrou-ma e, por baixo da imagem, com um prego, estava escrito sobre o gesso: Domina, ut sit!, com uma admiração, como costume pôr sempre nas jaculatórias que escrevo em latim. Senhora, que seja! E uma data: 24-5-924.

Em junho de 1924 tinha terminado o quinto ano de Teologia. No dia 14 desse mês recebeu o subdiaconado na igreja do Seminário de São Carlos, das mãos de don Miguel de los Santos Díaz Gómara, que o estimava muito. Don Miguel era presidente do Seminário de São Carlos e costumava escolher Josemaría para o acompanhar em atos que tinha de presidir ou em celebrações litúrgicas por ocasião da administração de Sacramentos.

Durante o verão de 1924 estudou muito e, em setembro, apresentou-se a exame na Faculdade de Direito a sete disciplinas. Em junho anterior só se tinha apresentado a História de Espanha, disciplina que conhecia muito bem pelos estudos liceais e pelas abundantes leituras: sempre foi apaixonado, um verdadeiro erudito da História. Embora durante o ano estivesse centrado na preparação sacerdotal — só nos meses de verão se ocupava do curso civil —, apresentou-se a exame em junho, porque tinha uma excelente formação histórica, apesar de o professor catedrático lhe ter feito saber, por meio de amigos comuns, que não se apresentasse, pois o reprovava, porque nunca tinha assistido à aula dele, o que o professor considerava uma afronta pessoal. Josemaría ficou admirado, mas, como tinha um alto sentido de justiça e, sendo aluno livre, não era obrigado a assistir às aulas e, além disso, dominava a disciplina, apresentou-se. E foi reprovado, sem o deixarem fazer o exame.

Em setembro, o professor reconheceu nobremente a injustiça e, antes dos exames, assegurou-lhe — através desses amigos comuns — que estava aprovado, bastando ir ao exame. Também nessa época de setembro, Josemaría obteve Matrícula de Honra em Direito Romano e Direito Canónico; excelente em Economia Política; bom em Direito Natural e aprovado em História do Direito e Direito Civil I.

O ano académico seguinte, 1924–25, foi praticamente um ano em branco para os estudos civis. Embora se tenha matriculado em quatro disciplinas e tenha *aplicado* a duas as matrículas de honra obtidas no ano anterior, só pôde apresentar-se a exame de Direito Civil II. Nessa disciplina conseguiu “bom”, mas não se examinou a mais nenhuma, nem em junho nem em setembro.

Não admira que tenha sido assim, pois nesse ano 1924–25 aconteceram muitas coisas decisivas. A 27 de novembro de 1924 morreu, em Logronho, don José Escrivá. A 20 de dezembro, Josemaría recebeu o diaconado, das mãos de don Miguel de los Santos Díaz Gómara, na igreja do Seminário de São Carlos. A 28 de março de 1925, o próprio don Miguel de los Santos, que tinha sido bispo auxiliar do Cardeal Soldevila, conferiu-lhe a ordenação sacerdotal. A primeira Missa foi celebrada no Pilar, na Capela da Virgem, no dia 30. Estiveram poucas pessoas — umas doze — nessa Missa, que o

novo sacerdote ofereceu em sufrágio da alma do pai. Era segunda-feira da Semana da Paixão e, no dia seguinte, don Josemaría já estava numa aldeia — Perdiguera — cujo pároco se encontrava doente. Substituiu-o até 18 de maio.

No ano letivo de 1925–26, embora se tivesse matriculado como aluno não oficial, frequentou as aulas da Faculdade de Direito. Em junho de 1926 apresentou-se a Direito Internacional Público (Matrícula de Honra), Direito Comercial (bom), Direito Político (bom) e Direito Administrativo (aprovado). Na época de exames de setembro aprovou Direito Penal, Fazenda Pública e Processos judiciais, e obteve “bom” em Direito internacional privado. Faltava-lhe apenas, para terminar o curso, uma disciplina: Prática forense e redação de instrumentos públicos. Ao abrigo da R.O. de 22 de dezembro de 1926, sobre exames extraordinários para alunos a quem faltassem no máximo duas disciplinas para terminar os estudos, aprovou-a na época extraordinária de janeiro de 1927. Obteve assim o título de Licenciado em Direito, pois então estava em vigor um R.D. de 10 de março de 1917, que tinha suprimido as provas finais e exercícios para a obtenção de títulos. Bastava pagar os emolumentos — 37,50 pesetas —, o que fez a 15 de março de 1927, ao mesmo tempo que solicitava a transferência do processo para Madrid, para aí cursar o doutoramento.

David Mainar Pérez lembra-se bem daqueles anos, especialmente do ano 1925–26, em que don Josemaría, já sacerdote, ia assiduamente à Faculdade. Não se lhe esqueceu o banco do pátio da Universidade onde passaram tantos momentos entre aula e aula. Era «muito aberto no trato com os outros». Chegou a ter verdadeira amizade até com alunos que tinham muitas dúvidas de fé. Sabia adaptar-se com graça às conversas dos estudantes, que podiam ter dado lugar a situações embaraçosas para um sacerdote, pelos temas ou pela linguagem. Mas — continua David Mainar — «tinha um “quê” especial para sair airoso — com o seu sentido pessoal do humor — de momentos embaraçosos, sem perder a dignidade e fazendo-se respeitar com delicadeza, sem violência».

Outro companheiro, Juan Antonio Iranzo Torres, refere também que, ao princípio, era olhado com certa reserva, mas a confiança e a simplicidade com que se apresentava fez com que todos o tratassem logo como mais um.

Elogia o seu carácter franco e simples, nada empolado, nem que pudesse parecer vaidoso. Domingo Fumanal reforça esta ideia: «Alguém disse que ele era vaidoso, e isso é absolutamente mentira: era exatamente o contrário»; «era um homem íntegro que, sorrindo, sabia manter os seus princípios». E acrescenta que tinha especial cuidado no trato com mulheres.

Um dia mencionou a Domingo Fumanal a sua possível ida para Madrid. Pareceu-lhe lógico, porque «em Saragoça não tinha campo, nem o ajudavam como merecia», pensou Fumanal. Don Josemaría apontou a possibilidade de se colocar como preceptor, e Fumanal deu-lhe alguns conselhos, com linguagem viva de estudante, para que tratasse as mulheres de uma maneira diferente de como vinha fazendo: pela delicadeza com que o jovem sacerdote vivia a castidade, o amigo temia que ele não pudesse prosperar nesse tipo de trabalho.

Don Josemaría tinha pensado em sair de Saragoça porque, com o coração disposto a secundar o querer divino, julgava que aquilo que Deus lhe pedia — mas que ainda ignorava — poderia cumpri-lo mais facilmente numa cidade como Madrid. No entanto, enquanto esperava novas luzes de Deus, continuou o seu trabalho sacerdotal na diocese de Saragoça.

No dia seguinte à sua primeira Missa na capela do Pilar, tinha partido para Perdiguera, a 24 quilómetros de Saragoça, no extremo ocidental da comarca dos Monegros, entre a serra de Alcubierre e o vale inferior do rio Gállego. Durante o tempo em que esteve nessa aldeia, viveu com uma família de camponeses, já todos falecidos: Saturnino Arruga, a mulher, Prudencia Escanero, e um filho. Nos dois meses que passou ali, as inquietações da sua alma não cessaram:

Fiquei hospedado em casa de um camponês muito bom. Tinha um filho que todas as manhãs saía com as cabras, e eu tinha pena de ver que passava o dia inteiro por aí, com o rebanho. Quis dar-lhe um pouco de catecismo, para que pudesse fazer a Primeira Comunhão. Pouco a pouco, fui-lhe ensinando algumas coisas.

Um dia lembrei-me de lhe perguntar, para ver como ia assimilando as lições:

—Se fosses rico, muito rico, o que gostavas de fazer?

—O que é ser rico?, respondeu-me.

—Ser rico é ter muito dinheiro, ter um banco...

E... o que é um banco?

Expliquei-lho de modo simples e continuei:

—Ser rico é ter muitas propriedades e, em vez de cabras, umas vacas muito grandes. Depois, ir a reuniões, mudar de fato três vezes por dia... O que farias se fosses rico?

Abriu muito os olhos e disse-me por fim:

—Comia um prato de sopa com vinho, todos os dias!...

Todas as ambições são isso; não vale a pena nada. É curioso, não me esqueci daquilo. Fiquei muito sério e pensei: Josemaría, está a falar o Espírito Santo.

Isto foi obra da Sabedoria de Deus, para me ensinar que tudo o que é da terra era isso: bem pouca coisa.

Em Perdiguera trabalhou — até 18 de maio de 1925 — como um sacerdote exemplar, segundo aprecia o então acólito, hoje sacristão da paróquia, don Teodoro Murillo Escuer: tempo de confessionário, Santa Missa, rosário à tarde, hora santa às quintas-feiras, catequese e primeiras comunhões, preocupação especial pelos doentes. Visitava-os com frequência e, se pediam sacramentos, sempre os facilitava: «Por aquela época só se costumava levar a Sagrada Comunhão aos doentes graves, e em procissão; ele levava-a a todos os doentes que a pedissem, e em privado.»

Teodoro Murillo sentiu mesmo a sua partida. Em tão pouco tempo tinha-lhe tomado grande afeto, porque era «alegre, com um humor excelente, muito educado, simples e carinhoso».

Don Josemaría voltou a Saragoça. Dedicou mais horas do que antes a terminar os seus estudos civis. A mãe e os irmãos viviam com ele numa casa da rua de San Miguel — demolida anos depois —, um pouco além do cruzamento com a de Santa Catalina. Deu aulas de Direito Romano e Canónico no Instituto Amado, talvez para os sustentar economicamente.

Dirigia esse centro, situado na rua de Don Jaime I, número 44, don Santiago Amado Lóriga, capitão de Infantaria, Licenciado em Ciências. Era uma academia, como as que existiam nas cidades mais importantes do país, onde se podia estudar o curso liceal e os cursos preparatórios de algumas Faculdades. Preparavam-se também ali alunos para o ingresso nas Escolas de Engenharia e nas Academias Militares, ou para as conhecidas oposições a Advogados do Estado, Magistratura, Notarias e Registos, ou para muitos outros concursos para corpos do Estado. No Instituto Amado formavam-se ainda estudantes de Direito, Letras, Ciências, Comércio e Magistério.

Deve ter sido um centro de prestígio — não mera academia preparatória de concursos —, pois em 1927 começou a publicar uma revista mensal, na qual, a par de informações gerais, se incluíam ensaios especializados sobre Direito, temas militares ou Engenharia e Ciências. Entre os seus professores figuraram pessoas que viriam a ser, antes ou depois, catedráticos universitários ou figuras conhecidas da vida espanhola. No número 3 da revista, correspondente a março de 1927, aparece, por exemplo, uma nota de don Santiago Amado, diretor do Instituto, explicando a ausência da colaboração de um professor do centro, don Luis Sancho Seral, porque acabava de ganhar as suas provas para a cátedra de Direito Civil em Saragoça. Publica-se também, nesse número, um artigo de don Josemaría Escrivá sobre *A forma do matrimónio na atual legislação espanhola*: é o primeiro texto impresso conhecido do Fundador do Opus Dei.

Em Saragoça celebrava Missa, em geral, na igreja de San Pedro Nolasco, dos PP. Jesuítas, que residiam nas torres de San Ildefonso, mas iam a San Pedro para o culto (todos os Padres e Irmãos dessa comunidade já faleceram). Participava, com gente jovem, em várias catequeses, uma no bairro de Casablanca. Na Semana Santa de 1927 foi enviado para Fombuena. No arquivo da Notaria Maior do Arcebispado de Saragoça consta a sua nomeação como regente auxiliar do pároco de Perdiguera (30

de março de 1925), mas o seu nome não volta a aparecer nesse arquivo até 17 de março de 1927, quando lhe é concedida licença por dois anos para partir para Madrid, por motivo de estudos.

Enquanto esperava confiadamente a luz definitiva de Deus, don Josemaría foi —como o seria por toda a sua vida— um sacerdote cem por cento, entregue ao seu ministério.

3. Alma sacerdotal e mentalidade laical

«Era um sacerdote inteiramente sacerdote e com todas as suas consequências. Esta era a impressão indelével que causava em todos os que o tratámos naquela época», afirma o doutor don Juan Jiménez Vargas, hoje catedrático de Medicina, que conheceu o Fundador do Opus Dei em 1932. Ao longo destas páginas, teremos ocasião de ver as mais diversas consequências da identificação de Mons. Escrivá de Balaguer com o seu sacerdócio. Todas obedecem a uma única raiz: o amor ao Santo Sacrifício da Missa.

Aos meus sessenta e cinco anos —comentava em 1967—, fiz uma descoberta maravilhosa. Encanta-me celebrar a Santa Missa, mas ontem custou-me um trabalho tremendo. Que esforço! Vi que a Missa é verdadeiramente Opus Dei, trabalho, como foi um trabalho para Jesus Cristo a sua primeira Missa: a Cruz. Vi que o ofício do sacerdote, a celebração da Santa Missa, é um trabalho para confeccionar a Eucaristia; que se experimenta dor, e alegria, e cansaço. Senti na minha carne o esgotamento de um trabalho divino.

A Cristo também lhe custou esforço. A sua Humanidade Santíssima resistia a abrir os braços na Cruz, com gesto de Sacerdote eterno. A mim nunca me custou tanto a celebração do Santo Sacrifício como nesse dia, quando senti que também a Missa é Opus Dei. Deu-me muita alegria, mas fiquei feito em pedaços.

«Toda a sua vida —escreveu don Marcelo González, Cardeal Primaz de Espanha— foi como o prolongamento de uma Missa ininterrupta que glorificava o Pai, procurava obter o perdão para o pecado mediante a graça

sacramental e colocava o trabalho profissional e as preocupações familiares como uma hóstia purificada junto do altar. Tudo isto foi o que percebi nas conversas que tive com ele; e também o captei pelos seus escritos, e venho-o comprovando nos sacerdotes do Opus Dei que conheci».

Sobre a Santa Missa, sobre a Sagrada Eucaristia, o Fundador do Opus Dei deixou páginas belíssimas. São reflexo do seu coração enamorado, que entendia a Missa como um epitalâmio, como um cântico nupcial, manifestação de amor.

É patente o influxo desses textos, que levaram muitíssimas almas, no mundo inteiro, a saborear a divina realidade de que a Santa Missa é *o centro e a raiz da vida interior*, como precisava constantemente Mons. Escrivá de Balaguer desde que era um jovem sacerdote, e que o Concílio Vaticano II recolheria textualmente muitos anos depois.

As palavras do Fundador do Opus Dei sobre a Santa Missa comovem, porque deixam transparecer uma realidade plena e inteiramente vivida. «Creio que a sua “loucura” era a Santíssima Eucaristia», considera don Joaquín Mestre Palacio, Prior de Nossa Senhora dos Desamparados em Valência, que assim amplia o seu testemunho: «Vem-me à memória o carinho, a unção e a piedade com que ao senhor Arcebispo (trata-se de don Marcelino Olaechea) e a mim nos mostrava os oratórios de Bruno Buozzi (sede central do Opus Dei), detendo-se especialmente no Sacrário. Mostrava-no-lo com a mesma delicadeza e unção com que um recém-ordenado, enamorado do sacerdócio, poderia mostrar o cálice da sua primeira Missa».

Muitas pessoas tiveram ocasião de assistir a uma Missa celebrada por Mons. Escrivá de Balaguer. Os comentários são unânimes quanto ao modo intenso, delicado e profundamente piedoso com que celebrava.

O bispo de Sigüenza–Guadalajara, don Laureano Castán Lacoma, não esqueceu as Missas do sacerdote recém-ordenado, don Josemaría, em Fonz, num verão de 1926 ou 1927. Don Laureano, então seminarista, passava em Fonz —a sua terra natal— as férias. Coincidiram por ocasião das breves visitas que don Josemaría, com a família, fazia ao tio, mosén Teodoro, beneficiado da capelania da casa Moner. Don Laureano ajudou-o alguma

vez a celebrar a Santa Missa na capela dos senhores de Otal —Barão de Valdeolivos—, com quem o unia —também a don Laureano Castán Lacoma— uma grande amizade. E exalta «a piedade e fervor com que celebrava o Santo Sacrifício, ao qual eu me unia com piedade e grande devoção, que não passaram despercebidas a Mons. Escrivá, como em data recente me comentava por escrito don Álvaro del Portillo. É fácil compreender que já então vivia o que anos mais tarde escreveria: *A Missa é ação divina, trinitária, não humana. O sacerdote que celebra serve o desígnio do Senhor, emprestando o seu corpo e a sua voz; mas não atua em nome próprio, mas in persona et in nomine Christi, na pessoa de Cristo e em nome de Cristo*».

Também Pedro Rocamora ajudou à Missa o Fundador do Opus Dei. Foi em Madrid, na capela do Patronato de Enfermos, na rua de Santa Engracia. Assistia muitas manhãs, antes de ir para a Universidade: «Cada palavra tinha um sentido profundo e um acento estranho. Saboreava os conceitos... Don Josemaría parecia desprendido do seu contorno humano e como preso por laços invisíveis à divindade». Rocamora sabia de cor o texto latino da Missa, e por isso podia seguir bem a liturgia. Embora tenham passado tantos anos —era então 1929—, mantém a sua emoção: «Aqueles manhãs na capela da rua de Santa Engracia, ao acabar a Missa, os acólitos do Padre Escrivá por vezes não conseguíamos conter as lágrimas». Para que não restem dúvidas, Rocamora diz de si mesmo que é um homem normal, não demasiado sensível nem exageradamente emotivo.

Com o tempo, o Fundador do Opus Dei teria de viver o seu amor à Sagrada Eucaristia em circunstâncias tão adversas como as que se produziram nos períodos de perseguição religiosa no Madrid republicano. Julián Cortés Cavanillas publicou num artigo do *ABC* que, na manhã de 11 de maio de 1931, enquanto em Madrid ardiam igrejas e conventos, «acompanhado por mim, levou ao peito o Santíssimo, desde a capela onde era capelão, na rua de Manuel Cortina, até às casas militares, próximas da rotunda de Cuatro Caminos, onde depositou o divino tesouro eucarístico, em casa de uns amigos aragoneses».

Por essas datas, como depois em Madrid e Barcelona entre julho de 1936 e dezembro de 1937, a sua devoção eucarística teve de superar

dificuldades tremendas: celebrar a Santa Missa clandestinamente, levar escondida a Comunhão de um sítio para outro, eram riscos que podiam pagar-se com a vida. Muitos sacerdotes santos de Madrid —e de outras cidades espanholas— não tiveram medo da morte. Mons. Escrivá de Balaguer comentaria que, naqueles meses, pensava frequentemente na perseguição dos primeiros cristãos. Às escondidas, com um fato de civil emprestado, muito fino, assim que pôde circular por Madrid, desenvolveu uma intensa atividade sacerdotal: confessava, dava ajuda espiritual em conversas pessoais e em meditações a pequenos grupos —chegou a pregar uns exercícios espirituais—, celebrava a Santa Missa e levava a Comunhão a uns e outros.

Em circunstâncias semelhantes decorreu o seu trabalho sacerdotal nos dias em que permaneceu em Barcelona, antes de iniciar o caminho que, através dos Pirenéus, o conduziria a Andorra. Foram com ele alguns membros da Obra e uns poucos amigos, dentro de uma expedição geral conduzida por guias conhecedores do terreno, para abandonar a zona *vermelha*.

No dia 28 de novembro celebrou a Santa Missa em pleno monte. Tinham acabado de chegar ao barranco da Ribalera, depois de caminhar toda a noite. Sem esperar mais, escolheram dentro daquela espécie de circo, protegido do vento, as pedras que melhor pudessem servir de altar. Temia irreverências, pois durante a marcha noturna se tinham ouvido algumas blasfêmias, mas anunciou que ia celebrar e que podia assistir quem quisesse.

Havia ali mais de vinte pessoas que não tinham podido ir à Missa desde julho de 1936. A expectativa foi grande. E emocionaram-se ainda mais perante o modo como celebrava a Missa. Um estudante, Antonio Dalmases, vinha com outro grupo que se tinha incorporado a esta expedição. No seu diário ficou anotado: «Nunca ouvi Missa como hoje. Não sei se pelas circunstâncias, ou porque o sacerdote é um santo».

Uns dias depois, celebrava o Santo Sacrifício em Andorra, com todos os ornamentos e vasos sagrados, depois de quase dezassete meses de clandestinidade. Mosén Pujol Tubau não esqueceu, ao fim de trinta e sete anos, que se encontrou com um punhado de homens. Adiantou-se um que o

saudou de braços abertos: —*Graças a Deus que vemos um padre!* Essa pessoa era don Josemaría, que se lhe apresentou como sacerdote e lhe explicou que acabavam de cruzar a fronteira e que queria celebrar a Santa Missa para dar graças a Deus. Assim o fez no dia seguinte —num dos primeiros de dezembro— no altar-mor da igreja de Santo Estêvão. Mosén Pujol recebeu uma impressão de profunda piedade, «pela devoção com que oficiou, assim como pelo tempo que permaneceram depois, ele e os que o acompanhavam, dando graças e fazendo oração diante do Sacrário».

Afirmações semelhantes fazem muitas pessoas. Antonio Ivars Moreno era estudante quando assistiu, num dia de 1939, à Missa num pequeno entresolo da rua Samaniego, onde estava o primeiro Centro do Opus Dei em Valência: «Não perdi uma palavra. Nem um gesto. Quando celebrava, fazia sentir aos que estávamos com ele que tinha penetrado nas profundezas do grande mistério da nossa Redenção. Aquela Missa era verdadeiramente o próprio Sacrifício incruento do Calvário. Não havia lugar para distrações».

Um conhecido arquiteto valenciano, Vicente Valls Abad, deixou por escrito, nas páginas do diário *Levante*, a marca dos seus tempos universitários na Residência de Estudantes da rua Jenner, em Madrid. Era o ano 1942, e don Josemaría encarregava-se pessoalmente da direção espiritual dos residentes e da pregação de meditações e retiros. Embora ele tivesse alguma reserva, foi a um retiro espiritual. Foi tocado pela pregação direta, concreta, prática, penetrante, que animava a melhorar. Mas sobretudo o desarmou o modo como dava a Bênção com o Santíssimo Sacramento: «a unção e o respeito com que o tratou, esse aperto final contra o peito e esse movimento ininterrupto dos seus lábios, dizendo coisas ao Senhor até ao fim da cerimónia. Eis aqui —pensei— um sacerdote enamorado de Deus».

Com coração de enamorado celebrava a Missa o Fundador do Opus Dei. E com carinho a dizia até nos detalhes mais pequenos. Vicente Jabonero, histopatologista de Oviedo, reparou num deles durante a Missa de Mons. Escrivá de Balaguer no campus da Universidade de Navarra em 1967. Chamou-lhe a atenção que, ao rezar o *Confiteor*, fizesse uma pausa no *Ideo, precor*. O doutor Jabonero entendeu que era lógico que fosse assim, com a pausa própria da vírgula, e não seguido: como se em castelhano se dissesse

«portanto, rogo a...». E comenta: «a vírgula (pausa) era obrigatória. Então compreendi, na prática, o que em *Caminho* tinha escrito acerca da oração vocal: *Repara no que dizes e a quem o dizes...*»

Don Juan Antonio Paniagua, professor de História da Medicina, lembra-se do pequeno apartamento de Valladolid a que chamavam «El Rincón». Servia para a obra apostólica com estudantes universitários, no início dos anos quarenta. Ali aprendeu, pela mão do Fundador do Opus Dei, a valorizar a importância dos mais pequenos gestos de amor à Sagrada Eucaristia, a evitar qualquer imprevisto no que diz respeito ao culto divino. Pois Juan Antonio Paniagua notou que estes detalhes, antes de mais, revelavam —velavam— um amor: um amor “louco” como o daquele que descreve *Caminho* (438):

—*Louco! —Já te vi —julgavas-te sozinho na capela episcopal— pôr, em cada cálice e em cada patena, recém-consagrados, um beijo: para que O encontre Ele, quando pela primeira vez “descer” a esses vasos eucarísticos.*

—*Que loucura!, não é?*, conta Juan Antonio Paniagua que comentou o Fundador do Opus Dei a Javier Silió, o mais novo dos que então ali estavam.

—Sim, Padre, que loucura!, disse ele, e respondeu-lhe:

—*Pois sê tu também muito louco, meu filho.*

Na sequência da morte de Mons. Escrivá de Balaguer, o bispo de Aquisgrão, Mons. Pohlschneider declarou: «Os sessenta mil membros do Opus Dei choram a morte do Pai, que se lhes foi. Mas depois da sua morte guardar-lhe-ão fidelidade interior, porque sabem o que lhe devem. Podem dizer, com palavras de Lacordaire: “A maior felicidade que um homem pode gozar na terra é ter encontrado na vida um verdadeiro homem segundo o coração de Deus, um autêntico sacerdote”».

Mas a autenticidade do seu sacerdócio desvanecer-se-ia se a separássemos da sua *mentalidade laical*. Numa perspetiva negativa, tem mentalidade laical aquele que não é *clerical*, isto é, aquele que não se serve

das estruturas eclesiásticas para procurar fins de ordem profana, ou para receber um trato diferente do dos cidadãos normais na vida civil. Por isso, ao Fundador do Opus Dei repugnavam os privilégios, as isenções. Encantava-lhe, pelo contrário, trabalhar dentro do quadro das leis civis, cumprindo os seus deveres e —também— exigindo os seus direitos: direitos de cidadão, não privilégios sacerdotais.

Outro tipo de clericalismo mau é o que pode surgir por mimetismo, ou por complexo de inferioridade: apresentar como se fossem um ideal para o leigo as atividades próprias do sacerdote; exigir a presença do padre nos trabalhos civis como sistema para os impregnar de sentido cristão. O padre *secularizado* e o leigo *sacristão* —fora do templo— são desarranjos produzidos por um clericalismo mau, que fazem perder o sentido da realidade e invertem o *lugar de cada um*. Pelo contrário, faz parte da mentalidade laical saber estar *cada um no seu lugar*.

Mons. Escrivá de Balaguer caracterizava-se pelo «seu decidido apoio à secularidade», inseparável do «seu sacerdócio tão plenamente, tão consequentemente, tão coerentemente vivido até ao último detalhe» (Mons. Francisco Hernández, em *La Religión*, Caracas, 26 de julho de 1975).

Porque o lugar do clérigo no mundo é lugar de serviço, universal, sem exceção alguma. O sacerdote deve ser outro Cristo, que veio servir, não ser servido. E o grande serviço que —hoje como ontem— deve prestar o sacerdote aos homens é falar-lhes de Deus, tornar Deus presente na vida deles. Não tenho a menor dúvida de que não há nada mais *laical* num sacerdote do que *falar de Deus*.

Ao Fundador do Opus Dei perguntaram muitas vezes sobre a mentalidade laical. Num dia 19 de outubro de 1972, em Madrid, enunciaria de novo: *eu sou anticlerical porque amo o sacerdote*. O seu foi um *anticlericalismo bom*, porque buscava a fidelidade do sacerdote à sua própria e exclusiva missão. Queria persuadi-los de que os padres que não falam de Deus são todos clericais, no sentido pejorativo da palavra.

Praticamente tudo na vida do Fundador do Opus Dei estava orientado para que os leigos se santificassem no seu trabalho profissional ordinário: esse trabalho de que vivem, de que tiram o necessário para sustentar a

família e cumprir os seus deveres sociais. E encarava também o ministério sacerdotal como *trabalho profissional ordinário*, como *um trabalho de Deus*.

Mons. Escrivá de Balaguer foi um sacerdote que não falava senão de Deus. Era ostensivo, clamorosamente patente. E viveu também muito a fundo essa *mentalidade laical* que tanto pregou, com todas as consequências práticas que daí decorrem: para um sacerdote, não *mandar* nas almas, não se intrometer no que é dos outros, respeitar a liberdade das consciências, abominar de privilégios e isenções...

Levou esta atitude ao extremo de não querer viver da sotaina. Houve momentos em que passou por graves apertos económicos. Entre muitos outros, quando se mudou para Madrid em 1927. Então deu aulas de Direito romano e de Direito canónico na Academia Cicuéndez, pela simples razão de que precisava de dinheiro para atender às necessidades económicas da sua família.

Depois da Guerra de Espanha aceitou um lugar como professor na Escola Oficial de Jornalismo. Certamente continuava a precisar de dinheiro, embora ali não devesse ganhar muito. Foi para essa Escola para atender o pedido de um amigo, Giménez Arnau, então Diretor-Geral de Imprensa, e porque explicar Ética e Deontologia a futuros jornalistas era um modo de dar doutrina, de falar de Deus. Esta foi a razão fundamental da sua presença na Escola Oficial de Jornalismo.

Na *Hoja del Lunes* de Madrid, escreveu Pedro Gómez Aparicio, primeiro secretário daquela Escola: «Suponho que ainda perdura a lembrança de don Josemaría entre os que foram seus alunos. O seu trato era simples, respeitoso e afável; o seu carácter, aberto, otimista e generoso, sempre disposto a um diálogo cordial. Creio que teria sido um grande jornalista, se não o absorvessem as suas atividades apostólicas».

Ainda que desempenhasse esses trabalhos com sentido de responsabilidade, estava claro que não era essa a sua *dedicação profissional*. Só queria ser sacerdote. Muitos o animaram a preparar concursos para cátedra, mas a sua resposta foi sempre negativa: respondia que assim poderia haver mais um catedrático; mas que, se fosse sacerdote

cem por cento, se fosse plenamente sacerdote, haveria muitos sacerdotes e muitos profissionais, e muitos operários e muitos casais santos entregues a Deus.

Desta perspectiva compreende-se por que insistia tanto em que os sacerdotes vestissem o traje talar ou outro hábito correto que, cumprindo as normas dadas pelos seus bispos, tornasse imediata a presença do ministro de Cristo. Entendia o sacerdócio como um ministério, como um serviço público, e julgava que os outros —católicos ou não— tinham direito a poder reconhecer o sacerdote pelo seu traje, para recorrer aos seus serviços em qualquer lugar ou circunstância. Dizia aos sacerdotes que se mostrassem assim por dever de caridade ou de justiça, mas também como consequência da sua mentalidade laical.

Don Josemaría viveu-o, até heroicamente, em tempos difíceis, quando em Madrid era arriscado andar pela rua de sotaina. Depois das queimadas de igrejas e conventos de maio de 1931, sacerdotes capazes de uma atuação decidida e valente se chegasse o caso, andavam geralmente de civil pelas ruas madrilenas. O Fundador do Opus Dei, segundo testemunha o Dr. Jiménez Vargas, desde que o conheceu em 1932, «nunca admitiu ir de civil. Mais: usava manteo, que sem dúvida era mais chamativo —vá lá a palavra— do que o sobretudo».

Mons. Cantero, Arcebispo de Saragoça, resumiu estes e outros traços da alma sacerdotal, da personalidade inteira de Mons. Escrivá de Balaguer, na homilia que pregou no funeral celebrado naquela cidade pelo seu eterno descanso: «o equilíbrio e a harmonia para unir na sua vida e na sua obra a prudência e a audácia; a tenacidade da sua terra baturra e a abertura sem rodeios ao pensamento dos outros; o respeito e o amor à liberdade com a observância da disciplina e da obediência; o sentido do humor com a resistência perante a cruz do sofrimento físico e moral; o talante de um otimismo empedernido com a avaliação das limitações e misérias humanas; a fidelidade à ortodoxia com a fome e a sede de criatividade ao serviço de Deus, da sua Igreja e dos homens seus irmãos, porque amava a Deus, a Igreja e os homens com o mesmo coração».

E é que Mons. Escrivá de Balaguer foi, antes de tudo e acima de tudo, um homem de Deus: um sacerdote.

4. Três amores: Cristo, Maria, o Papa

Que procures Cristo, que encontres Cristo, que ames Cristo. Madrid, 29-V-33. Don Ricardo Fernández Vallespín conserva um exemplar da *História da Sagrada Paixão* do P. Luis de la Palma, com esta dedicatória do Fundador do Opus Dei.

Desde a juventude, e até à morte, poder-se-ia dizer que Mons. Escrivá de Balaguer não fez outra coisa senão pôr almas diante de Cristo, desse Cristo que é *heri et hodie, ipse et in saecula*, «o mesmo ontem e hoje e pelos séculos» (*Heb.* 13,8). Cristo, que é a única Vítima, o único Modelo. Cristo, que não é uma personagem histórica, mas vive e espera cada um dos cristãos há vinte séculos.

Provavelmente um teólogo que analise com calma os seus escritos ver-se-á obrigado a reconhecer que a sua doutrina, antes de mais, é nitidamente *cristológica*. Mas, sem entrar em profundidades teológicas —outros o farão—, é claro que o seu sentido cristocêntrico vai inseparavelmente unido à sua devoção mariana e ao seu afeto incondicionado para com o Papa, o Vice-Cristo, o doce Cristo na terra, como gostava de repetir com Santa Catarina de Sena.

Bastava um pouco de conversa —por breve que fosse— para perceber logo que tudo na sua vida girava em torno de Cristo, de Maria e do Papa. Comprovou-o don Alfonso Casas, chantre da catedral de Tuy, a quem o bispo dessa diocese apresentou ao Fundador do Opus Dei em 1945: «Não sei se foi então (ou mais tarde, através dos seus escritos) que pude apreciar a sua profundíssima devoção à Santíssima Virgem, a São José e o seu incessante e intenso amor ao Papa».

«Três grandes forças —esboçou no diário *ABC* don Marcelo González, Cardeal Primaz de Espanha— animavam a sua vida interior, presentes cada dia e cada hora no seu espírito, de valor supremo e insubstituível para viver como filho da Igreja na sua dupla dimensão mística (amor ao mistério da Esposa de Cristo) e apostólica (dinamismo de uma fé que aspira a renovar o mundo). Eram a Eucaristia, particularmente o santo sacrifício da Missa (sentido de redenção); amor à Humanidade de Cristo, menino, homem,

morto e ressuscitado (sentido de encarnação da fé no mundo); e amor vivíssimo à Santíssima Virgem Maria, da qual não queria ver separado São José (sentido de família dos filhos de Deus que têm junto de si motivos de alegria, ao encontrarem a beleza espiritual e a ajuda materna de Maria)».

Efetivamente, a sua devoção a Santa Maria era inseparável de São José. Levava-o ao extremo —se se quisesse, anedótico, mas altamente significativo— de unir numa só palavra o seu nome próprio, *Josemaria*. Como relatava o cônego don Mariano A. Taberna no *Diario de Ávila* (28 de junho de 1975), a propósito da sua morte: «Escrevo o nome completo, porque nunca tolerava que lhe chamassem apenas don José. *Por favor, não me tire a Virgem*, dizia imediatamente».

Outro sacerdote, don Ramón Cermeño, recorda uns exercícios espirituais no Seminário de Ávila, pouco depois de terminada a guerra de Espanha: insistia na importância de fomentar durante o dia a presença de Deus, chamava à Virgem «a Senhora» e «Santa Maria», e recomendava invocá-la antes de começar o estudo com a jaculatória *Sancta Maria, Mater Dei et Sedes sapientiae, ora pro me*, «costume que, no que me diz respeito, chegou a tornar-se connatural». E conclui: «Incitou também a ter grande devoção ao “Senhor São José”, coisa que se notava que ele vivia».

O Fundador do Opus Dei vivia o que dizia, falava do que vivia. A propósito de aspetos diversos da vida cristã, todos os que o conheceram o notam. Não há exceção também quando se trata de São José e de Santa Maria. Afirma o P. Sancho, O.P.: «Era muito devoto da Virgem, muito, muito. Conservo o seu livro sobre o Santo Rosário, que é todo ele uma prova viva da sua devoção mariana; se não a tivesse, não teria escrito esse livro cheio de uma grande ternura para com a nossa Mãe».

Diversas manifestações de carinho à Virgem, cheias de delicadeza para com a que é Mãe de Deus e Mãe nossa —assim gostava de reiterar—, incorporaram-se na vida diária dos membros do Opus Dei, por ele recolhidas do tesouro das sólidas e seculares tradições cristãs: o Santo Rosário, o Ângelus, o Lembrai-vos, as três Avé-Marias da noite, o escapulário do Carmo, as imagens de Santa Maria que presidem a tantos lugares de trabalho e de oração.

E, juntamente com a devoção a Santa Maria —inseparável—, recorreu sempre a São José, a quem muito cedo invocou como *Pai e Senhor*. A ele se encomendou sempre, como mestre de vida interior. Sobre São José deixou páginas esplêndidas que glosam a sua vida de trabalho, a sua docilidade aos planos divinos, o seu humilde sentido de responsabilidade, o seu amor e delicadeza para com Maria e Jesus. Do Santo Patriarca tinham de aprender os fiéis da Obra a tratar —a contemplar— Jesus Cristo e a Virgem.

Nos últimos anos da sua vida, a presença da *trindade da terra* —Jesus, Maria e José—, que desde que era sacerdote jovem foi connatural ao Fundador do Opus Dei, torna-se de dia para dia mais intensa, mais entranhável. E nesses anos finais do seu caminho terreno, proclama com ímpeto o seu amor a São José, a quem reserva um trato especial que tudo penetra. Cabe destacar duas ideias, que o Fundador do Opus Dei invocava a propósito e sem propósito, e que, sem dúvida, estão no centro da sua última pregação sobre o Santo Patriarca. Têm densidade teológica e, sobretudo, um inesgotável desdobramento de consequências práticas. Ficaram bem gravadas num membro brasileiro do Opus Dei, em maio de 1974, que ia com o Padre no avião que o levava do Rio de Janeiro a São Paulo. Durante a viagem, começou a falar de São José e do seu propósito, para aquele mês de maio, de *meter São José* em tudo. Essas duas ideias, que enquadravam todo um programa de vida contemplativa e que esboçou brevemente durante o voo, eram:

—*Depois de Santa Maria, é a criatura mais perfeita que saiu das mãos de Deus; tenho a certeza.*

—*Pensai que se poderia aplicar a São José o que dizem os teólogos de Santa Maria: que Deus Nosso Senhor podia enchê-la com a sua graça, e se pôde, fê-lo...*

Com São José, a sua Esposa está presente nos momentos decisivos da vida de Mons. Escrivá de Balaguer e da história do Opus Dei. Antes da sua fundação, na súplica confiante à Virgem do Pilar. No dia 2 de outubro de 1928, nas badaladas da igreja madrilena de Nossa Senhora dos Anjos, que festejavam a sua Padroeira e ele ouviu enquanto fazia oração. Na primeira aprovação que o Opus Dei recebeu da Santa Sé, em 11 de outubro de 1943, dia da Maternidade da Virgem. No dia 2 de fevereiro de 1947, Festa da

Purificação de Nossa Senhora, quando Pio XII promulgou a Constituição Apostólica *Provida Mater Ecclesia*, mediante cuja aplicação o Opus Dei obteria a aprovação solene da Igreja. No dia 15 de agosto de 1951, quando na Santa Casa de Loreto —em momentos muito difíceis— fez a Consagração da Obra ao Coração Dulcíssimo de Maria. Até à hora do Ângelus de 26 de junho de 1975, quando sentiu o delicado beijo de Santa Maria, a caminho da presença eterna diante do seu Filho.

O recurso filial a Nossa Senhora foi constante: acudia a Ela no que era grande e no que era aparentemente mais pequeno. E tinha afeto por todas as invocações da Virgem.

Lorenzo Martín Nieto, arquiteto de Sevilha, encontrou-se com Mons. Escrivá de Balaguer, nos anos quarenta, num dia de Quinta-Feira Santa. O Fundador do Opus Dei tinha chegado a Sevilha no dia anterior. Via-se a necessidade de encontrar um sítio onde pudessem viver alguns membros da Obra e, a partir daí, desenvolver o trabalho naquela cidade:

Rezai para que em breve tenhamos uma casa, pois aqui estamos de emprestado —confiou-lhes—. Pedi-o à vossa Padroeira, a Virgem dos Reis, e disse-lhe que, se nos preparar depressa uma residência de estudantes nesta terra, a sua imagem presidirá ao oratório que ali se instalar.

No dia 15 de novembro de 1972 consagrou o altar do oratório do Colégio Maior Guadaira, instalado poucos anos antes num edifício novo. O oratório é presidido por uma imagem da Virgem dos Reis, numa talha diferente, melhor acabada, do que a que esteve na primeira sede de Guadaira, desde os anos quarenta.

Naquele dia, depois de consagrar o altar, ficou um bom bocado com os residentes, no salão de atos. E, realçando como Cristo perdoava desde a Cruz, veio-lhe à mente a primeira vez que tinha estado em Sevilha, durante uma Semana Santa. Pôs-se a rezar diante de um passo, de uma imagem da Virgem:

Fui para a lua. Ao ver aquela imagem da Virgem, tão preciosa, nem dava conta de que estava em Sevilha, nem na rua. E alguém me tocou assim, no ombro. Voltei-me e encontrei um homem do povo, que me disse:

—Padre cura, esta não vale nada; a nossa é que vale!

De primeira intenção quase me pareceu uma blasfémia. Depois pensei:

—Tem razão; quando eu mostro retratos da minha mãe, embora me agradem todos, também digo: este, este é o bom.

Que amor tendes à Virgem aqui, meus filhos! Que Ela vos abençoe e vos guarde.

Que vos faça limpos, que vos faça retos, que vos faça alegres —sois—, que vos faça felizes na terra; embora tenhais algum pecadilho ou outro... Jesus Cristo vos perdoará, porque quando voltais a Ela, voltais ao seu Filho.

Além disso, somos todos tão fracos... Já rezareis para que também eu volte sempre à minha Mãe, com o amor que lhe tendes vós. Vim a Sevilha, uma vez mais, para aprender a amar a Virgem. Não venho ensinar: venho sempre aprender. E quero a Virgem em todas as vossas imagens, que são tão maravilhosas. Precisamente diziam-me ontem:

—Não irá o senhor ver..., tal imagem da Virgem?

E eu respondi-lhes:

—Olha, a mim agradam-me todas as imagens de Nossa Senhora. Teria de ir vê-las todas, e isso não é possível; por isso não poderei ver essa imagem que me dizes.

Num recanto de Aragão estamos a levantar um grande santuário à Virgem. Amo tanto Nossa Senhora, que não farei propaganda nenhuma da Virgem de Torreciudad, nenhuma (...). Porque amo todos os retratos da minha Mãe, todas as imagens da Virgem.

Nos primeiros anos da sua vida, ermidas e santuários de toda a Espanha tinham conhecido os *piropos* —o Santo Rosário— do Fundador do Opus Dei. Depois seriam os do mundo inteiro: Lourdes, Fátima, Loreto, Einsiedeln, Guadalupe (México), Nossa Senhora Aparecida (Brasil), Luján

(Argentina), Lo Vásquez (Chile). Ou qualquer imagem de Santa Maria escondida nos recantos de uma rua madrilenha ou romana, ou em igrejas —católicas ou não— de meia Europa.

Pedro Casciaro, que tinha conhecido don Josemaría nos começos de 1935, quis tê-lo como diretor espiritual. Sob a sua orientação foi aprendendo a fazer oração, a viver na presença de Deus em todos os momentos, também na rua. Para o ajudar de modo prático, perguntou-lhe um dia qual era o caminho habitual desde sua casa —na rua de Castelló— até à Escola de Arquitetura —tinha aulas no edifício de Areneros que o governo tinha confiscado à Companhia de Jesus— ou até à Faculdade de Ciências, ainda em San Bernardo. E então foi-lhe enumerando as imagens da Virgem que podia encontrar pelo caminho:

Na rua de Goya —mais ou menos foram estas as suas palavras— há uma pastelaria, logo ao virar da esquina de Castelló, que tem uma nicho com a Puríssima Conceição; ao chegar à estátua de Colombo, no cruzamento com o passeio da Castellana, tens num dos relevos do pedestal da estátua uma cena dos Reis Católicos onde há uma imagem da Virgem do Pilar; subindo pelos Bulevares...

Pedro Casciaro ficou surpreendido ao verificar a sua pouca capacidade de observação, ele —estudante de Arquitetura— que tanto costumava reparar nos pormenores ornamentais. Na realidade —acrescenta—, «só uma alma enamorada da Virgem teria sido capaz de as detetar. Desde então, as minhas horas de trabalho foram adquirindo um novo sentido de santificação, e os meus percursos pelas ruas de Madrid, novas perspetivas contemplativas».

E, por fim, o Papa, o doce Cristo na terra.

Encarnación Ortega ilustra com muitos pormenores a sua chegada a Roma, a 27 de dezembro de 1946, com outras três mulheres da Obra, as primeiras que iam permanecer em Itália. No percurso do aeroporto romano até ao pequeno apartamento, instalado na Piazza Città Leonina, o Fundador quis que passassem pelo Coliseu e que ali rezassem, pausadamente, um Credo, pedindo aos mártires —que naquele lugar deram a vida— fé e fortaleza para serem bons instrumentos ao serviço da Igreja e do Romano

Pontífice. Na manhã seguinte, diante do túmulo do primeiro Papa, renovaram o pedido com amor filial e rezaram intensamente pelo Romano Pontífice que então ocupava a Sé de Pedro.

Não foi uma exceção. Pelo contrário: o Fundador do Opus Dei ensinou sempre as almas a amar e a rezar pelo Santo Padre, vendo nele o representante —o *Vice-Cristo*— de Deus na terra. Por isso queria que toda a pessoa do Opus Dei que chegasse a Roma fosse imediatamente à Basílica de São Pedro para renovar a fé e prestar homenagem ao Pontífice reinante.

O seu amor, a sua veneração pelo Papa —fosse quem fosse— eram patentes. Não era preciso, de modo nenhum, ser do Opus Dei para o perceber. A 27 de agosto de 1972 —e é apenas um exemplo entre muitos— o Cardeal Frings pregava em Colónia por ocasião da primeira Missa solene de um novo sacerdote do Opus Dei: «Para ser sacerdote na Igreja Católica é necessário estar firmemente convencido —convencido, diria eu, com uma certeza divina— de que a Igreja é dirigida no seu cume por Pedro e pelo seu sucessor, o Papa. Mons. Escrivá compreendeu-o há muito tempo. E foi à frente dos seus na leal fidelidade ao Papa, permanecendo sempre numa fidelidade inabalável ao Papa».

O Consiliário do Opus Dei em Espanha, don Florencio Sánchez Bella, pronunciou a homilia no funeral pela alma de Mons. Escrivá de Balaguer, celebrado nos primeiros dias de julho de 1975 na Basílica madrilena de São Miguel. Num dado momento, contemplou o seu amor apaixonado pela Igreja:

«As suas últimas palavras —lestes-lo na imprensa— foram de amor à Igreja e ao Papa.

«Permiti-me uma confidência de amigo. Quero contar-vos uma história muito recente, do sábado passado. Estávamos na oração da manhã, cedo, no oratório do Conselho Geral do Opus Dei, em Roma. Fazia poucas horas que tínhamos dado sepultura ao corpo de Monsenhor Escrivá de Balaguer. Ambiente de paz e serenidade, enquanto o sacerdote, sentado numa pequena mesa, lia um livro de meditações composto havia bastantes anos. Até que chegou a uma citação do Padre, ali recolhida. Vou ler-vos:

Quando vós fordes velhos, e eu tiver prestado contas a Deus, vós direis (...) como o Padre amava o Papa com toda a sua alma, com todas as suas forças.

«Aqui brotaram soluções que sublinhavam como o nosso Padre já nos ia preparando nos caminhos da fé, da esperança e do amor, inseparavelmente unidos à Igreja e ao Papa».

Este espírito do Fundador do Opus Dei condensava-se num adjetivo: «romano». O Cardeal Poletti, Vigário da diocese de Roma, escrevia a Mons. Álvaro del Portillo, então Secretário-Geral do Opus Dei, no dia 27 de junho de 1975:

«A Diocese de Roma deve muito a tantos Fundadores de Institutos Religiosos, Associações e atividades apostólicas que se desenvolveram na Urbe. Mons. Escrivá de Balaguer, personalidade de inesgotável riqueza espiritual, junta-se a esta admirável série de homens de Deus.

«Ele —que vivia em Roma desde 1946— orgulhava-se de ser “muito romano” e inculcou aos seus filhos e filhas, espalhados pelo mundo, este amor por Roma, a diocese do Papa. (...) Como Vigário Geral do Santo Padre, ao recordar a figura do Fundador do Opus Dei, desejo exprimir o meu agradecimento pelo seu zelo e pelo dos seus filhos, que foi um fermento de vida apostólica nos mais variados ambientes da vida romana».

O texto integral desta carta apareceu no número da *Rivista Diocesana di Roma* correspondente a julho-agosto de 1975. Nesse mesmo número, Francesco Angelicchio publicava um artigo com o expressivo título *Un sacerdote español “muy romano”*. Nele pergunta-se: «Porque quis Mons. Escrivá de Balaguer ser “muito romano”? Qual foi a razão para querer com todas as suas forças, como repetia aos seus filhos, “romanizar” a obra que fundou? Sem dúvida, para ter ele próprio e para dar à nova fundação o mesmo ar com que Cristo quis dar à sua Igreja e ao seu Vigário, estabelecendo-o em Roma. Para o Fundador do Opus Dei, romanidade é sinónimo, ao mesmo tempo, de unidade e de universalidade; é manifestação de amor e de obediência ao Papa, Bispo de Roma; é expressão de docilidade e de serviço à Sé Apostólica; é desejo de se impregnar do espírito da cristandade primitiva e da Igreja dos mártires que, em Roma,

deram a maior contribuição para a salvação e para o incremento da fidelidade à Esposa de Cristo e ao Primado de Pedro».

O Fundador do Opus Dei queria gravar nos membros da Obra —em todos os católicos— o amor pelo Vigário de Cristo que transbordava do seu coração de cristão. Mais uma vez, dizia e ensinava o que vivia.

A sua primeira viagem a Roma foi em 1946. Depois de uma difícil travessia marítima de Barcelona a Génova —onde Mons. Escrivá de Balaguer celebrou a sua primeira Missa em terra italiana, numa igreja meio destruída pelos bombardeamentos da guerra—, fez o percurso de Génova a Roma de automóvel, juntamente com don Álvaro del Portillo e don Salvador Canals, que tinham ido recebê-los a Génova. Viajava também don José Orlandis, que narra assim a chegada à Cidade Eterna:

«Ainda havia luz no céu, no crepúsculo de um dos dias mais longos do ano, quando, pela Via Aurelia, chegámos às proximidades da Urbe. A certa altura, depois de uma curva da estrada, surgiu diante dos nossos olhos a cúpula de São Pedro. O Padre comoveu-se visivelmente e rezou em voz alta um Credo. Poucos minutos depois, detínhamo-nos na Piazza della Città Leonina, onde ficava o apartamento recém-alugado, que foi a primeira residência de Monsenhor Escrivá de Balaguer em Roma. Uma varanda dessa casa abria-se para a Praça de São Pedro, e à direita erguia-se a massa do Palácio Vaticano, com a janela iluminada onde trabalhava o Romano Pontífice. O nosso Padre estava, naturalmente, cansado depois daquela longa e dura viagem. Mas, apesar dos nossos pedidos, não quis retirar-se para descansar e passou a noite inteira em oração nessa varanda, tendo diante de si a casa do Vigário de Cristo na terra.

«Quero ainda deixar registado um pormenor que, sem dúvida, constituiu para o nosso Fundador uma mortificação heróica e silenciosa. A grande ilusão de toda a sua vida tinha sido fazer a sua “romaria” e *videre Petrum*. Aconteceu que a primeira residência onde foi viver à chegada a Roma ficava a um passo da Praça de São Pedro. Mas o nosso Padre deve ter resolvido então oferecer a Deus aquilo que para ele representava o sacrifício mais custoso. E deixou passar um dia, e outro, e outro, até seis, sem atravessar a Praça e se prostrar diante do túmulo de São Pedro. Por fim —nós vínhamos observando estas coisas com silencioso respeito— no dia

29, Festa do Apóstolo, disse: *Vamos a São Pedro*. Saímos para a rua, atravessámos a Praça, entrámos na Basílica, e o nosso Fundador passou longo tempo a rezar de joelhos diante do Altar da Confissão. Depois, regressámos ao apartamento da Città Leonina».

Algo de semelhante relata Francesco Angelicchio, no artigo citado pouco acima: «Gostava muito —em certas épocas durante muitos dias seguidos— de se aproximar da Praça de São Pedro para rezar o Credo e a oração “*pro Pontifice*”. Ao chegar às palavras “creio na Igreja, una, santa, católica, apostólica”, fazia uma pequena variação, que rezava com grande intensidade: *creio na minha Mãe, a Igreja Romana*, repetindo três vezes este ato de fé. Em seguida, prosseguia: “una, santa, católica, apostólica”. Víamos como as meditava e procurava gravá-las a fogo na cabeça e no coração até das pessoas que o acompanhavam».

Mons. Escrivá de Balaguer rezava e fazia rezar, todos os dias, em todos os Centros da Obra, e a todos os membros, pela pessoa e pelas intenções do Papa. Sublinhou-o o Consiliário do Opus Dei em Itália, Mario Lantini, nos funerais celebrados a 28 de junho de 1975 na Basílica romana de São Eugénio:

«*Cristo. Maria. O Papa. Não acabámos de indicar, em três palavras, os amores que compendiam toda a fé católica?*» Mons. Escrivá de Balaguer, o Padre, tinha escrito estas palavras em 1934, quando tinha trinta e dois anos e o Opus Dei contava apenas seis. Estas três palavras compõem um programa que guiou toda a sua vida, a de todos os membros do Opus Dei e a de centenas de milhares de pessoas em todo o mundo.

5. Ânsia por todas as almas

Até ao próprio momento da sua morte, o Fundador do Opus Dei manifestou o seu amor —a sua autêntica paixão— pela santidade dos sacerdotes. Na manhã de 26 de junho de 1975, duas horas antes de morrer, dizia num Centro de mulheres do Opus Dei, em Castelgandolfo:

Vós, por serdes cristãs, tendes alma sacerdotal, digo-vos como sempre que venho aqui. Podeis e deveis ajudar, com essa alma sacerdotal e, com a

graça de Deus, o ministério sacerdotal de nós, os sacerdotes. Entre todos, faremos um trabalho eficaz.

Tirai motivo de tudo para tratar Deus e a sua Mãe Bendita, nossa Mãe, e São José, nosso Pai e Senhor, e os nossos Anjos da Guarda, para ajudar esta Igreja Santa, nossa Mãe, que está tão necessitada, que o está a passar tão mal no mundo nestes momentos. Temos de amar muito a Igreja e o Papa. Pedi ao Senhor que seja eficaz o nosso serviço à sua Igreja e ao Santo Padre.

Tratava-se de um tema muito original, que pregou sem interrupção ao longo dos anos —ninguém até ele tinha explicitado essa realidade teológica da *alma sacerdotal*, própria de todos os fiéis, também das mulheres—, e uma vez mais pedia ajuda.

O seu amor pelos sacerdotes —e pelos religiosos e pelas religiosas, embora advertisse sempre que não era essa a sua vocação— foi constante na sua vida. Destacava-o o Arcebispo de Saragoça, Mons. Cantero, na homilia que pronunciou num funeral pela alma do Fundador do Opus Dei, com uma história expressiva: «Nunca esquecerei um dos meus encontros pessoais com o meu querido e chorado amigo Josemaría Escrivá. Inesperadamente, ao cair da tarde de 14 de agosto de 1931, apresentou-se em minha casa, em Madrid, com um calor sufocante, num céu em que, mesmo passados três meses, parecia ainda pairar o fumo da queima dos conventos. Aquela visita e conversa com Josemaría Escrivá mudaram a perspectiva da minha vida e do meu ministério pastoral».

Mons. Abilio del Campo, bispo de Calahorra, La Calzada e Logronho, testemunhou também o seu amor incondicional e sem reservas pelo Romano Pontífice, a sua veneração pela Hierarquia e pelos sacerdotes, seus irmãos, e o seu carinho pelos religiosos. E sublinhou com especial força o seu amor pelos sacerdotes diocesanos, para os quais providencialmente abriu um lugar na sua Obra, e aos quais inculcou sempre obediência rendida ao Ordinário próprio. Na sua diocese conheceu diversos sacerdotes realmente exemplares, associados da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, que «sempre foram para mim filhos obedientes e zelosos colaboradores nas tarefas pastorais».

Por sua vez, Mons. Méndez, Arcebispo de Pamplona, declarava numa entrevista jornalística de urgência, ao ter-se notícia do falecimento do Fundador do Opus Dei: «Também percebi a sua dimensão sacerdotal. O tema do sacerdócio aflorava com vivo amor. Tudo o que se relacionava com os sacerdotes lhe interessava de forma apaixonada».

E viveu esta solicitude em todo o momento, inclusive em circunstâncias muito duras. Assim, nos bosques de Lérida, enquanto esperava no inverno de 1937 o momento de iniciar o caminho que pelos Pirenéus o deveria levar até Andorra, havia um sacerdote de Pons, escondido no feudo de Vilaró, que foi ver o Fundador do Opus Dei e conversou com ele em diversas ocasiões. Noutra cabana, a cerca de uma hora de distância, havia um grupo de sacerdotes refugiados desde o primeiro dia da guerra. Não deixou de os visitar, para reforçar o seu otimismo e a sua visão sobrenatural.

Sentia com grande clareza que da santidade dos sacerdotes depende a santidade de muitas almas. Observou-o um sacerdote de Leão, don Manuel Martínez Martínez, ouvindo-o pregar os exercícios espirituais para os sacerdotes daquela diocese, pouco depois de terminada a Guerra de Espanha. Tinha-o convidado o P. Ballester, bispo de Leão, que um dia comentou: —Viu como o escutam? E Mons. Escrivá de Balaguer respondeu ao prelado que procurava esmerar-se com os sacerdotes, porque depois eles teriam de mover a piedade dos fiéis: se se consegue —dizia— que os sacerdotes sejam homens de mais fé, mais virtuosos, ter-se-á conseguido tudo.

Este amor por todas as almas explica que o Fundador do Opus Dei pregasse, naqueles anos quarenta, tantos exercícios e retiros espirituais a sacerdotes. Não lhe sobrava tempo, porque então o seu trabalho para impulsionar a Obra era enorme e —até 1944— foi o único sacerdote do Opus Dei. Tinha de preparar os membros da Obra para o apostolado e fazia, além disso, um amplo trabalho com muitos outros fiéis, que nele procuravam direção espiritual e alento. E, para cúmulo, bispos de toda a Espanha chamavam-no para pregar a sacerdotes e a religiosos. Ao terminar a guerra de Espanha tinha 37 anos, e eram muitos os prelados que o estimavam. Por isso recorriam a ele, para que os ajudasse a formar os seus sacerdotes.

Dom Jesús Enjuto, que tinha 73 anos em 1975, participou no verão de 1942 —ou 1943, não sabe precisar de memória— nos exercícios espirituais que o Fundador do Opus Dei orientou no Seminário diocesano de Segóvia, a convite do Bispo, Monsenhor Platero. Como, até datas recentes, todos os prelados organizavam exercícios para o clero das suas dioceses, não é arriscado pensar que talvez algum sacerdote tivesse ido mais por cumprir o que o bispo determinava do que por verdadeiro desejo de aproveitar esse meio tradicional para crescer na vida interior. Precisamente naquele verão, a dom Jesús Enjuto deu que pensar a unanimidade de todos: “foram uns exercícios espirituais como nunca se tinham feito”, pela força da sua pregação, cheia de afeto, de amor, de espiritualidade, e que “não usava as disjuntivas tremendistas habituais, por vezes desanimadoras, que apresentavam a santidade como algo inalcançável”. Pelo contrário, era “uma pregação estimulante, que a todos, sem exceção, nos tocou, nos entusiasmou”. Notava-se que o pregador amava os religiosos, mas não amava menos os seus irmãos no sacerdócio e queria-os também santos, tão santos como o religioso mais observante (ideia esta —é preciso sublinhá-lo hoje— pouco habitual naqueles tempos, em que a vida de santidade, a perfeição, se associava ao claustro, à entrega própria dos religiosos).

Inúmeros sacerdotes valorizam hoje —ao fim de mais de trinta anos— os exercícios ou retiros a que então assistiram. Alguns conservam apontamentos, como dom Jaime Bertrán Crespell, que esteve de 13 a 18 de outubro de 1941 no Seminário Conciliar de Lérida. Era coadjutor da paróquia de São João Batista e professor adjunto de Religião no Instituto de ensino secundário daquela cidade. A ideia central que guarda desses dias foi “apaixonar-me por Jesus Cristo”. E os seus dois primeiros propósitos, “sentir-se sacerdote a cem por cento” e “aparecer como tal em toda a parte”, inspirados pelo diretor da tanda.

Uma das coisas mais expressivas publicou-a dom Juan Ordóñez Márquez, no diário *ABC* de Sevilha. O artigo começava: “Não sabemos se morreu um santo. A Igreja julgará no seu dia. Só sabemos que morreu um sacerdote que abriu caminho. E que sacerdote!”. Fazia depois toda uma descrição do sacerdócio sem fronteiras do Fundador do Opus Dei, que culminava —como supremo elogio— na afirmação de que foi um

“sacerdote, enfim, capaz de contagiar de entusiasmo sacerdotal os próprios sacerdotes na Igreja”.

Para conseguir essa sintonia, esse entusiasmo, não parecia fazer nada de extraordinário. Era mais um, irmão dos seus irmãos, que os queria com loucura; e, por isso, nunca deixava de se sentir esmagado pelo facto de ter de ser ele a pregar-lhes: em mais de uma ocasião dizia-lhes que era como *vender mel ao apicultor*. Nada de estranho, nada de extraordinário havia nos seus exercícios espirituais. Dom Francisco Álvarez Rodrigo, pároco de São Francisco de la Vega, em Leão, participou numa dessas tandas: nem sabia, nem então imaginou, nem pôde deduzir, que quem dirigia os exercícios era o Fundador do Opus Dei. Via nele simplesmente o amigo do bispo, o P. Ballester, que o tinha trazido para pregar aos padres da sua diocese. “Mais: pela maneira como se exprimia e pelos exemplos que dava, fiz a ideia de que era de Ávila ou de Segóvia. E, como eu, creio que aconteceu a muitos”.

Na mesma tanda participou dom Gumersindo Fernández García, que guarda os apontamentos tomados então. Entre as muitas coisas que ouviu —sobre a Virgem e São José, sobre a devoção à Eucaristia e o amor à Santa Missa, etc.— destaca a importância da vida de oração e da vida de fé: “Da fé em Deus falou muito, muito. É onde mais ouvi falar de viver vida de fé: durante estes exercícios”. A dom Gumersindo admirou-o o modo como dominava as Sagradas Escrituras, a facilidade com que citava passagens evangélicas, dados das Epístolas, de memória, ao pormenor, sem hesitar: “vivía o Evangelho e fazia-nos vivê-lo”.

Os exercícios deixaram-lhe uma marca profunda que o tempo não conseguiu apagar, pois todos os anos revê e medita os apontamentos que então tomou: “No dia em que recebi a notícia da morte do Padre estive a ler os apontamentos da meditação sobre a morte que tinha dado naqueles exercícios”.

Mal fazia um ano que, em Buenos Aires, o Fundador do Opus Dei evocava, perante um numeroso grupo de sacerdotes argentinos, aquele seu trabalho dos anos quarenta:

Eu comecei a dar muitos, muitos cursos de retiro espiritual —faziam-se de sete dias naquele tempo—, por diversas dioceses de Espanha. Era muito

novo, e tinha uma vergonha tremenda. Começava sempre dizendo ao Senhor: Tu verás o que dizes aos teus padres, porque eu... Vergonhadíssimo! E depois, se não vinham, chamava-os um por um. Porque não tinham o costume de falar com o pregador.

O Fundador do Opus Dei percorreu praticamente todas as dioceses de Espanha. Levava na alma a sua paixão pelos irmãos no sacerdócio, que nunca o abandonou. Também depois de ter transferido a sua residência para Roma, em 1946, continuou, na medida do possível, a pregar a sacerdotes. Aí o conheceu, por exemplo, Monsenhor Infantes Florido, Bispo das Canárias, que assistiu, em 1957, a um retiro espiritual para o clero secular, em Castelgandolfo. A Monsenhor Infantes impressionou-o a insistência com que osurgia a fomentar uma santidade sacerdotal séria e responsável, em fiel comunhão com a Hierarquia (*nihil sine Episcopo*) e em cordial fraternidade com todos os sacerdotes, que tornasse impossível o desânimo ou o isolamento.

Prelados do mundo inteiro, desde o Cardeal Enrique y Tarancón, Presidente da Conferência Episcopal Espanhola, ao Cardeal Parecattil, Arcebispo de Ernakulam (Estado de Kerala, Índia), ou ao Cardeal Cooke, Arcebispo de Nova Iorque, manifestaram publicamente a sua gratidão a Mons. Escrivá de Balaguer por este desvelo que tanto bem fez aos sacerdotes das suas dioceses, prestando um serviço magnífico à Igreja. Com certa emoção, elogiava-o Mons. José María Guix, bispo auxiliar de Barcelona, ao conferir o diaconado a cinquenta e quatro leigos do Opus Dei, poucos dias depois do falecimento do seu Fundador. E animava-os a amá-lo mais, para que, do Céu, continuasse a ajudá-los a serem cada vez melhores filhos da Igreja: “bons sacerdotes, que amem —como ele amou— a Santa Igreja, o Romano Pontífice e a Hierarquia”.

Mons. Escrivá de Balaguer inculcou aos fiéis a importância de rezar pelos sacerdotes, o dever de não os deixar sós, a obrigação de os atender também nas suas necessidades materiais. Por vezes, dirigindo-se a leigos, exclamava em voz alta, como no Teatro Coliseo de Buenos Aires, a 23 de junho de 1974:

Rezai por todos os sacerdotes —pecadores como eu—, para que não façamos disparates e para que, no altar e fora do altar, nos portemos como

Jesus Cristo e a nossa Mãe, a Igreja, querem. Não há nenhum sacerdote mau, são todos bons. Seriam melhores se rezássemos mais. Vamos pedir mais!

Aos sacerdotes diocesanos repetia sempre, em termos parecidos aos que usou num dia de maio de 1974 no Brasil: *Eu tenho a vossa mesma vocação. Nunca tive outra. Por isso, não ofendo os religiosos —a quem tanto quero—, se a vós vos amo de uma maneira muito particular. É uma obrigação especial de fraternidade.*

“Sei também quanto amava os religiosos, concretamente a vida contemplativa, como o manifestava claramente nas suas cartas, e infundia nos seus filhos esta estima e apreço pela oração das almas contemplativas”, afirma sor Maria Rosa Pérez, monja clarissa num mosteiro de Valência.

Nestas páginas citaram-se —e citar-se-ão— testemunhos diversos de religiosos que professaram profundo afeto a Mons. Escrivá de Balaguer e que refletem a grande estima que ele tinha pelo estado religioso, embora Deus não o tivesse chamado de modo algum por esse caminho. O Fundador do Opus Dei devia promover e difundir o afã de santidade no meio da rua; dirigia-se aos que vivem e trabalham em circunstâncias ordinárias. E o grande meio com que contava era a oração. Também a oração das religiosas e dos religiosos, a quem *mendigava* essa *esmola* das suas orações com notável perseverança. “Nas suas cartas —confirma esta monja clarissa de Valência— pedia-me igualmente que rezasse por ele e pela Obra”.

Mas não se lembrava deles apenas para obter as orações de que precisava; pelo contrário, preocupado e vibrante por toda a Igreja universal, rezava e fazia rezar pelos religiosos. Conseguiu vocações também para a vida consagrada (como aquele cartuxo de Porta-Coeli, a que alude um artigo de Aurelio Mota no diário *Las Provincias*, de Valência, a 2 de julho de 1975). E, quando lho pediam, trabalhou diretamente em favor deles.

Um agostinho, Eduardo Zaragüeta, deixava registo destas realidades em *La Voz de España* de San Sebastián (8 de julho de 1975): “Os agostinhos conhecemos o seu caráter e a sua simplicidade cordial quando deu exercícios no mosteiro de San Lorenzo el Real, de El Escorial. Escrivá

amava Santo Agostinho e a rica tradição da Ordem que ele fundara há dezasseis séculos, em circunstâncias muito parecidas às atuais”.

Frei Joaquín Sanchis Alventosa, franciscano, que ocupou cargos de governo relevantes na sua Ordem e participou ativamente no Concílio Vaticano II, não esqueceu os primeiros passos do Opus Dei em Valência, por volta do ano de 1939. A casa da rua de Samaniego, sede de uma residência de estudantes, ficava perto do seu convento de San Lorenzo, e o diretor da residência encarregou-os de celebrarem ali diariamente a Missa e de oficiarem aos sábados a Bênção com o Santíssimo. Surgiu assim uma relação muito amistosa, da qual Frei Joaquín elogia “o carinho e as deferências que tinham para conosco, religiosos franciscanos, aqueles universitários que começavam a viver uma espiritualidade secular. Esta veneração era sinal do amor ao estado religioso que Mons. Escrivá infundia nesses filhos seus, que procuravam a santificação no meio dos seus afãs profissionais”.

Ficava claro —como a Igreja universal sancionaria com o passar dos anos— que a vida no Opus Dei é muito diferente da vocação religiosa. Mas esta nítida diferença, longe de ser motivo de separação, leva à admiração e ao carinho mútuos. Se a Frei Joaquín lhe encantava que uns jovens universitários o tratassem com tanto carinho, emociona também a grandeza de espírito —magnanimidade cristã— com que este frade franciscano se alegra ao ver a misericórdia de Deus nas atividades do Opus Dei: “Muitos ex-alunos dos nossos colégios franciscanos contaram-me o papel decisivo que para eles teve o apostolado da Obra à sua chegada à Universidade. Não poucos receberam a vocação ao Opus Dei. Recordo agora a alegria que me deu encontrar, em Roma, um dos meus queridos ex-alunos, que tinha recebido a ordenação como sacerdote do Opus Dei”.

O Fundador difundiu por todo o mundo o chamamento universal à santidade, também e sobretudo para os leigos. Mas, como reconhece o P. Aniceto Fernández, que foi Mestre Geral dos Dominicanos, esta realidade nunca significou nele, nem nos membros da Obra, “uma desvalorização ou censura da vida religiosa, nem diminuir em nada a excelência da vocação religiosa”.

Outra manifestação prática do seu amor aos religiosos aparece na ajuda decisiva que prestou para a restauração da Ordem dos Jerónimos, no Parral (Segóvia), desde 1940. José María Aguilar Collados, monge jerónimo, capelão do Mosteiro de San Bartolomé em Inca (Maiorca), testemunha que deve a sua vocação de jerónimo a Mons. Escrivá de Balaguer, e acrescenta os nomes de alguns estudantes a quem também o Fundador do Opus Dei confirmou no seu caminho de religiosos.

No Mosteiro do Parral conheceu-o e tratou-o, no princípio dos anos quarenta, dom Pío María, monge camaldulense no Eremitério de Santa María de la Herrera (San Felices, Logronho). Orientou-lhes alguns exercícios espirituais, nos quais punha todo o seu esforço —humano e sobrenatural— para mexer de verdade com cada um, embora lhes dissesse com frequência que ele não era monge... De facto, além disso, indica dom Pío María, nunca quis intrometer-se no governo da Ordem; em mais de uma ocasião ouviu-lhe: —*Cada um deve governar segundo o seu espírito*.

Do Eremitério, num recanto afastado de Logronho, dom Pío María atesta em 1975, vinte e nove anos depois do seu último encontro com Mons. Escrivá de Balaguer: “Ao saber agora que o Opus Dei se desenvolveu pelos cinco continentes, enchi-me de alegria; mas não foi para mim uma surpresa”.

São alguns retalhos da solicitude que o Fundador do Opus Dei teve pelos religiosos, do carinho mútuo que surgia entre eles, apesar da diversidade de vocações. Nunca deixou de rezar por todos e, sempre que pôde, visitou-os, para corresponder ao seu afeto, às suas orações e também aos convites que constantemente recebia para estar um pouco com eles.

Deste modo, em 1972, durante os meses de outubro e novembro, em que realizou um amplo trabalho pela Península Ibérica, não deixou de ir a alguns conventos de religiosas contemplativas. Esteve em Navarra com as monjas cistercienses do Mosteiro de São José, em Alloz. Em Madrid visitou, numa tarde, as agostinhas recoletas de Santa Isabel, de cujo Real Padroado foi Reitor muitos anos antes. Esteve no Carmelo de Coimbra. Em Cádiz, com as monjas de uma comunidade de carmelitas descalças. Depois, em Valência, com as carmelitas de Puzol. Por fim, em Barcelona, quase no final desses dois meses de atividade incessante, conversou com as monjas

clarissas do Mosteiro de Pedralbes. Para todas teve palavras de alento sobrenatural e de agradecimento.

—*Sois o tesouro da Igreja*, resumia muitas vezes, também em Puzol, um convento de carmelitas rodeado de laranjais, que visitou durante a sua permanência em Valência:

—*A Igreja ficaria árida sem vós, e não poderíamos dizer: tirai com alegria as águas das fontes do Salvador. É aqui que tirais as águas de Deus, para que nós possamos transformar a terra seca num pomar cheio de laranjeiras. Sem a vossa ajuda não faríamos nada; por isso venho dar-vos as graças. Estou convencido de que muitos sacerdotes que agora sofrem e choram no mundo, ao ouvir os vossos cânticos —também os da recreação— se encherão de alegria. Mil vezes benditas sejais!*

Nestas visitas insistia no amor com que as monjas deviam ser fiéis ao seu chamamento e prometia rezar para que tivessem muitas vocações:

—*Não sou religioso, mas amo-vos com toda a minha alma, e sofro quando vejo que não tendes vocações. Pedirei muito para que esta comunidade tenha também gente jovem.*

Muitos religiosos e religiosas manifestaram o seu afeto e gratidão ao Fundador do Opus Dei quando souberam do seu falecimento. Às vezes, como assinala a Superiora Geral das Servas dos Pobres, porque dos seus escritos tinham recebido impulso para lutar pela santidade pessoal e para viver generosamente a própria vocação. A Superiora Geral das Irmãs dos Anciãos Desamparados assegura: “Os seus escritos, conhecidos por todas nós, ajudaram-nos a aumentar o nosso amor à Igreja e ao Papa, e a aprofundar a doutrina de Jesus Cristo”. A comunidade das carmelitas descalças da Encarnação (Ávila) destaca especialmente a veneração que o Fundador do Opus Dei teve pelos sacerdotes, o que nelas, como queria a sua Mãe Santa Teresa, lhes produz “grande alegria e estímulo”. E as monjas de São José —o primeiro mosteiro fundado pela Santa de Ávila— sublinham carinhosamente a frequência com que Mons. Escrivá de Balaguer citava, na sua pregação, Santa Teresa, assim como a estima que “tanto ele como os seus filhos espirituais sempre mostraram pela Ordem Carmelita”.

Poder-se-iam multiplicar os testemunhos que, de modo simples e espontâneo, denotam a profunda unidade de corações em almas que Deus conduz por caminhos tão diferentes. Sor Teresa J. García de Samaniego, Superiora do Mosteiro da Visitação de Santa Maria (Oviedo), certifica que, como muitas outras monjas de clausura, rezam pelo Opus Dei: “Monsenhor Josemaría Escrivá sabia-o e agradecia-no-lo publicamente ou por meio dos seus filhos sacerdotes, que nos pedem que rezemos por muitas das suas obras apostólicas”. Sor Teresa cita expressamente um texto de *Conversas com Mons. Escrivá de Balaguer*:

O Opus Dei contou sempre com a admiração e a simpatia dos religiosos de tantas ordens e congregações, de modo particular dos religiosos e das religiosas de clausura, que rezam por nós, nos escrevem com frequência e dão a conhecer a nossa Obra de mil modos, porque se dão conta da nossa vida de contemplativos no meio dos afãs da rua.

E sor Teresa conclui: “Na nossa vida comunitária levamos já há algum tempo a meditar os escritos de Mons. Escrivá de Balaguer. Lemos as suas homilias no refeitório e na recreação, e depois também o fazemos em privado, para que a nossa oração mental se encha de moções divinas. Levam-nos a Deus, unem-nos a Cristo Jesus, fazem-nos querer mais o nosso Criador e rezar mais por todas as criaturas da terra. Ao deixarmo-nos levar pela mão deste santo Fundador, em quem Cristo vivia de modo intenso, muitas de nós notámos como um novo fervor para viver o nosso espírito”.

Voltar ao Índice

CAPÍTULO TERCEIRO

A FUNDAÇÃO DO OPUS DEI

1. Madrid, 2 de outubro de 1928

Dom Josemaría começou a trabalhar em Madrid nos primeiros meses de 1927. Desenvolvia uma ampla actividade sacerdotal: era capelão do Patronato de Doentes das Damas Apostólicas, dava aulas na Academia Cicuéndez e preparava o seu doutoramento em Direito. Entretanto, rezava e continuava à espera de que a Vontade divina se lhe manifestasse com clareza.

Foi assim que, inesperadamente, o dia 2 de outubro de 1928 o surpreendeu. Nessa data, fazendo uns dias de retiro na casa dos Padres Paulistas, na rua García de Paredes, em Madrid, veio ao mundo o Opus Dei.

A Mons. Escrivá de Balaguer nunca lhe agradou — porque compreendeu que a Obra era de Deus e não desejava roubar nada da glória do Senhor — falar ou entrar em pormenores sobre esse 2 de outubro de 1928, data em que soube, com uma clareza transparente, que ele, então um sacerdote de 26 anos, quase desconhecido, sem meios humanos, era o instrumento escolhido por Deus para realizar na terra a empresa divina do Opus Dei.

Em outubro de 1967, o diretor da revista *Palabra* colocava-lhe uma pergunta intencional: "Em diversas ocasiões, e ao referir-se ao início da vida do Opus Dei, o senhor disse que possuía unicamente *juventude, graça de Deus e bom humor*. Além disso, nos anos vinte, a doutrina do laicado ainda não tinha alcançado o desenvolvimento que hoje presenciamos. No entanto, o Opus Dei é um fenómeno palpável na vida da Igreja. Poderia explicar-nos como, sendo um sacerdote jovem, pôde ter tal compreensão que lhe permitisse levar por diante este propósito?"

Como em tantas outras ocasiões, a resposta foi aparentemente evasiva:

Eu não tive nem tenho outro propósito senão cumprir a Vontade de Deus: permita-me que não entre em mais pormenores sobre o início da Obra —que o Amor de Deus me fazia pressentir desde o ano de 1917—, porque estão intimamente ligados com a história da minha alma e pertencem à minha vida interior. A única coisa que posso dizer-lhe é que atuei, em todo o momento, com a licença e com a afectuosa bênção do queridíssimo Sr. Bispo de Madrid, onde nasceu o Opus Dei em 2 de outubro de 1928. Mais tarde, sempre também com o beneplácito e o apoio da Santa Sé e, em cada caso, dos Revmos. Ordinários dos lugares onde trabalhamos.

Nesta atitude reflecte-se uma realidade que tem sido constante na vida da Igreja: os que receberam carismas de Deus foram muito pouco carismáticos; todo o seu empenho foi sempre fazer ver aos outros que aquilo que diziam tinha o aval das autoridades eclesiais: era de Deus por ser da Igreja e por estar aprovado pela Hierarquia.

O Fundador do Opus Dei mantinha esse delicado silêncio, até mesmo perante pessoas da Obra. Assim aconteceu, por exemplo, num dia 2 de outubro de 1968, que passou em Pozoalbero (Cádiz). Conta-o D. José Luis Múzquiz, presente naquela ocasião. As razões que deu para quase não contar nada eram as seguintes:

— a primeira, que *já o sabeis*;

— a segunda, que *o encontrareis escrito quando eu morrer*;

— a terceira, que acreditariam que *eu sou alguma coisa, e sou apenas um pobre pecador*;

— e a quarta, a mais importante, é que, sim, houve coisas extraordinárias na Obra, mas o *"nosso"* é a *santificação das coisas ordinárias*.

Naquele 2 de outubro de 1928, durante esses dias de retiro na casa dos Padres Paulistas, na rua García de Paredes, em Madrid, tinham-lhe atribuído um quarto que ficava numa zona hoje desaparecida. Enquanto fazia oração nesse quarto —comentava em público D. Álvaro del Portillo— viu o Opus Dei e ouviu o repicar dos sinos da não muito distante paróquia de Nossa

Senhora dos Anjos, junto a Cuatro Caminos, que tocavam a repique, festejando a sua Padroeira.

Desde esse momento —diria ao pregar em 2 de outubro de 1962— já não tive tranquilidade alguma, e comecei a trabalhar, de má vontade, porque resistia a meter-me a fundar fosse o que fosse; mas comecei a trabalhar, a mexer-me, a fazer: a lançar os alicerces.

E fê-lo com plena confiança no querer de Deus, como reconhecia —agradecido— em 1950: *A Sabedoria infinita foi-me conduzindo, como se brincasse comigo, desde a obscuridade dos primeiros pressentimentos até à clareza com que vejo cada pormenor da Obra, e bem posso dizer: Deus docuisti me a iuventute mea; et usque nunc pronuntiabo mirabilia tua (Ps., LXX, 17), o Senhor tem-me instruído desde o princípio da Obra, e não posso deixar de cantar as suas maravilhas e de lutar para que se cumpra a sua vontade, porque está em jogo a salvação da minha alma, se eu não o fizer.*

E para abrir caminho a este querer divino, verdadeiro fenómeno teológico, pastoral e social na vida da Igreja —ratificaria em 1961 numa carta que é um autêntico cântico de acção de graças à misericórdia divina—, Deus levava-me pela mão, em silêncio, pouco a pouco, até fazer o seu castelo: dá este passo —parecia que dizia—, põe isto agora aqui, tira isto da frente e põe aquilo ali. Assim foi o Senhor construindo a sua Obra, com traços firmes e perfis delicados, antiga e nova como a Palavra de Cristo.

Na história do nosso caminho jurídico dentro da vida da Igreja, aparece com muita clareza este jogo divino de que vos falo. Não tive de andar a fazer cálculos, como se jogasse xadrez; entre outras coisas porque nunca pretendi adivinhar a jogada do outro, para poder dar xeque-mate depois. O que tive de fazer foi deixar-me levar.

De 1943 a 1950, a Igreja concedeu ao Opus Dei as necessárias aprovações. Nesses documentos pontifícios aparece bem patente o reconhecimento do carácter sobrenatural daquela missão, para cujo cumprimento o seu Fundador continuava a considerar-se *instrumento inepto e surdo*. Ficou definitivamente claro, como em abril de 1970 diria o Cardeal

Dell'Acqua, que na Igreja, justamente, "se considera esta Obra como uma Obra do Senhor". Outro ilustre prelado, o Cardeal Baggio, subscreveria pouco depois da morte de Mons. Escrivá de Balaguer: "Não temos a necessária perspectiva para avaliar o alcance histórico do ensinamento (em tantos aspectos autenticamente revolucionário e antecipador) e da acção pastoral (de uma eficácia e uma irradiação sem equivalentes) deste insigne homem da Igreja. Mas é evidente desde já que a vida, a obra e a mensagem do Fundador do Opus Dei constituem uma viragem ou, mais exactamente, um capítulo novo e original na história da espiritualidade cristã, se a considerarmos —e assim deve ser— como um caminho rectilíneo sob a guia do Espírito Santo".

O Cardeal Primaz de Espanha, D. Marcelo González Martín, publicou algumas reflexões, às quais já se aludiu nestas páginas, sobre a condição sobrenatural do Opus Dei. No seu entender, para explicar o êxito do Fundador ao levar por diante a sua *empresa*, não basta recorrer ao "carácter de quem a empreendeu; não está aí o segredo. Porque a empresa é de índole sobrenatural e, por muito que ajudem as condições pessoais de quem a promove, como instrumento eficaz, é necessária outra chave muito mais íntima e radical. Um carácter humano, por muito dotado que esteja para a perseverança e o entusiasmo ao serviço de uma causa, se conta apenas com os seus próprios recursos instrumentais, dispersa-se na inoperância real, quando a causa é precisamente viver apaixonado pela santidade e comunicar aos outros o mesmo amor. A sua actividade converte-se então em activismo; a sua palavra, em gritaria ou em sussurro; mas nada mais, e a energia da sua vontade transforma-se em puro afã de mando. Nada disso serve para conduzir pelos caminhos da perfeição cristã. Quem o tentar fracassará ao primeiro embate".

Qual era esta empresa sobrenatural para a qual Deus chamava D. Josemaría Escrivá de Balaguer? O Cardeal Primaz de Espanha sintetiza-a em poucas palavras: uma obra "que prega e promove a santificação do homem no meio do trabalho ordinário da vida. Isto —sublinho as palavras de D. Marcelo—, *que era tão simples e tão evangélico, estava praticamente esquecido*".

Depois do Concílio Vaticano II, boa parte da mensagem que o Fundador do Opus Dei difundiu desde 1928, soa a coisa conhecida. Não é estranho, porque —como formulou em 1961—, a Obra *é uma novidade, antiga como o Evangelho, que torna acessível a pessoas de toda a classe e condição —sem discriminação de raça, de nação, de língua— o doce encontro com Jesus Cristo nas ocupações de cada dia. Novidade bem simples, como são as novas do Senhor.*

Velha como o Evangelho, e como o Evangelho nova, assim descreveu muitas vezes o espírito do Opus Dei o seu Fundador. Nova, efectivamente, porque, entre outras coisas, durante séculos se tinha esquecido a chamada universal à santidade. Não seria fácil fazê-lo entender nos começos da Obra.

Explicam-se —neste contexto— as palavras com que, em 1937, o então bispo de Pamplona, Mons. Marcelino Olaechea, apresentou o Fundador do Opus Dei a Mons. Añoveros: "Se a Obra que este sacerdote projecta vier a ser aprovada pela Igreja, será uma verdadeira revolução no campo do apostolado leigo".

Era tal a *novidade* do planteamento, que houve quem considerasse aquele jovem sacerdote um sonhador, um louco. Alguém quis certificar-se muitos anos depois, no Brasil, com uma pergunta bem directa: — Porquê, quando e quem lhe tinha chamado louco? E esta foi a resposta:

—Acha pouca loucura dizer que, no meio da rua, se pode e se deve ser santo? Que pode e deve ser santo o que vende gelados num carrinho, e a empregada que passa o dia na cozinha, e o director de uma empresa bancária, e o professor da universidade, e o que trabalha no campo, e o que carrega às costas as malas...? Todos chamados à santidade! Agora isto foi recolhido pelo último Concílio, mas, naquela época —1928—, não cabia na cabeça de ninguém. De modo que... era lógico que pensassem que eu estava louco (...)

—Agora já parece natural, mas então não era assim. A alguém que queria ser santo diziam: pois, mete-te... fradinho.

Mons. Escrivá de Balaguer dirigiu-se, nesse momento, ao Consiliário do Opus Dei no Brasil, para lhe perguntar se se dizia assim em português...

—*Fradinho, respondeu-lhe.*

—*Não, senhor! Se Deus o chama para casado, que se case e que seja santo: um pai de família santo. E se não, não precisa de se meter num convento. E se o chama para ser fradinho, pois fradinho. Mas todos iguais, diante da necessidade de responder, segundo o seu caminho, ao convite do Mestre! Todos chamados à santidade! Todos!*

Em termos semelhantes se expressaria naquela pregação de 2 de outubro de 1962: *Comecei a trabalhar, e não era fácil: as almas escapavam-se como se escapam enguias na água. Além disso, havia a incompreensão mais brutal: porque o que hoje já é doutrina corrente no mundo, então não o era. E se alguém afirma o contrário, desconhece a verdade.*

Eu tinha vinte e seis anos —repito—, a graça de Deus e bom humor: nada mais. Mas, assim como os homens escrevemos com a pena, o Senhor escreve com a perna da mesa, para que se veja que é Ele quem escreve: isso é o inacreditável, isso é o maravilhoso. Era preciso criar toda a doutrina teológica e ascética e toda a doutrina jurídica. Deparei-me com uma ruptura de continuidade de séculos: não havia nada. A Obra inteira, aos olhos humanos, era um disparate. Por isso, alguns diziam que eu estava louco e que era um herege, e tantas outras coisas.

O que começou a ensinar a estudantes e operários em Madrid contrastava seriamente com o ambiente geral da época. Também com o clima que se respirava nos sectores católicos. D. Saturnino de Dios Carrasco, um sacerdote que conheceu a Obra nos anos trinta, atesta que o que pretendia era algo diferente das associações que então surgiram em Espanha: "Falava de lançar raízes fundas e de abarcar tudo. Para mim, nada do que o Opus Dei fez ao longo destes anos foi novidade; tudo isto já eu tinha ouvido a D. Josemaría. O Padre voava muito alto. Com a perspectiva dos anos vê-se que tudo aquilo era sobrenatural, divino".

Nessa época —pouco depois de 1931—, a D. Saturnino impressionava profundamente a audácia do Fundador do Opus Dei. Era "um colosso, um valente", diz; mas também "um homem feito e bem feito, já maduro para a sua idade; como se tivesse vivido mais intensamente, uma vida mais

vivida". A D. Saturnino encantava ouvir os seus planos apostólicos, embora "metessem medo pela magnitude da empresa. Eram sonhos. Naquela altura não se pensava como pensava o Padre. Tinha de ser uma pessoa escolhida por Deus para pensar e fazer aquilo".

Juan Jiménez Vargas, um estudante que seguiu o Fundador do Opus Dei nos anos trinta, pensa também que a sua maneira de falar da santificação do trabalho ordinário não poderia ter ocorrido a uma pessoa, por muitas qualidades humanas que tivesse: "Tinha de ser uma autêntica inspiração sobrenatural". Conhecia a Universidade e os seus problemas como coisa vivida, mas "percebia-se algo que estava acima de tudo isso. Antes de mais, porque falava do trabalho de qualquer espécie e de pessoas de todas as classes sociais; de que a Obra não tirava ninguém do seu lugar...".

Por aquele tempo, para uma grande maioria de estudantes, o trabalho profissional era um simples meio para construir um futuro. Não faltavam na Universidade de Madrid grupos de activistas que, de posições muito diversas, coincidiam em politizar tudo. Havia depois algumas minorias —entre os mais intelectuais— que olhavam com certo desprezo para as práticas religiosas. Em contraste, os grupos católicos confessionais, preocupados com o futuro da religião, trabalhavam com vistas a ocupar lugares na vida civil a partir dos quais pudessem servir a Igreja.

O Fundador do Opus Dei não pretendia resolver nenhum problema imediato. A perspectiva com que colocava a santificação do trabalho era absolutamente nova, original. Referia-se sempre aos primeiros cristãos —explicasse ou não a Obra—, e assim o trabalho, ou o estudo, eram entendidos como elementos indispensáveis na vida de uma pessoa comum para procurar ser santa no meio do mundo. O esforço por santificar o trabalho — qualquer que ele fosse — era, além disso, inseparável do *Mandatum novum* da caridade: espírito de serviço, capacidade de sacrifício para ajudar verdadeiramente os outros, à margem de todo o egoísmo pessoal; sentido de responsabilidade perante todos os problemas dos homens.

Ia à raiz: santificar o trabalho significava, antes de mais, transformar o trabalho em oração. Era uma realidade tão central, tão fundamental, que — como recordava numa ocasião Mons. Álvaro del Portillo —, se tivesse sido

possível, o Fundador não queria que a Obra tivesse nome algum. Até que, em 1930, alguém lhe perguntou: «Como vai essa Obra de Deus?» «Foi uma clareza fulgurante: já que teria de ter um nome, esse era o nome: Obra de Deus, *Opus Dei*, *operatio Dei*, trabalho de Deus; trabalho profissional, corrente, feito por pessoas que sabem que são instrumentos de Deus; trabalho realizado sem abandonar as ocupações do mundo, mas convertido em oração e em louvor do Senhor — *Opus Dei* — em todas as encruzilhadas dos caminhos dos homens.»

A semente demoraria necessariamente tempo a germinar e a dar todos os seus frutos, porque o ambiente geral não era favorável. Em 1941, Víctor García Hoz, que se confessava com dom Josemaría, ficou profundamente surpreendido quando um dia este lhe disse: *Deus chama-te pelos caminhos da contemplação*. «Naqueles anos — analisa — era quase incompreensível que a um homem casado, com dois ou três filhos então e à espera, como de facto aconteceu, da chegada de mais filhos, tendo de trabalhar para sustentar a família, se lhe falasse da contemplação como algo que ele próprio tinha de viver.»

Aos primeiros membros da Obra, como a tantos outros, tornou-se clara nos anos trinta a novidade do espírito da Obra e, sobretudo, a evidência da vocação divina do seu Fundador. Iam-no percebendo com naturalidade, sem a menor nota de sensacionalismo e sem concessões ao «extraordinário», porque surgia de forma límpida a humilde correspondência do Fundador do *Opus Dei* a um chamamento autenticamente divino. Como avaliava um deles, no meio da naturalidade e simplicidade com que os tratava, «era evidente que o Padre era a pessoa que Deus tinha escolhido para fazer a Obra, e que se tinha entregue de tal modo que a sua preocupação em tornar realidade aquela missão divina tinha acabado por constituir a característica mais decisiva da sua própria personalidade».

Este carácter sobrenatural do chamamento e da resposta seria reconhecido, com o passar dos anos, por milhares de pessoas de boa vontade em todo o mundo. Não era preciso ser do *Opus Dei* para se dar conta disso. Bastava observar — ainda que apenas nas suas linhas mais gerais — a amplitude dos frutos que a semente vinha dando nos cinco continentes.

O *Diario de Navarra* publicou, a 5 de outubro de 1975, um artigo do Marquês de Lozoya, dom Juan de Contreras y López de Ayala, bem conhecido em toda a Espanha pela sua retidão moral e pelos seus cinquenta anos de docência universitária. A colaboração intitulava-se *Espanhóis universais* e via um deles no Fundador do Opus Dei: «Criar uma Obra que conta com milhares de sacerdotes exemplares e vários milhares de leigos, destacados nas disciplinas mais exigentes — homens e mulheres de todas as nações, de todas as raças, espalhados por todo o mundo, entregues às mais diversas atividades, sempre em benefício da Igreja ou ao serviço de alguma necessidade humana — é algo que ultrapassa o natural, o humanamente explicável. É preciso entrever o sopro divino, arrebatador nos seus começos, constante ao longo dos séculos, que tornou possível a obra gigantesca dos ‘fundadores’.»

2. E o Fundador do Opus Dei continuou a trabalhar

Para realizar o Opus Dei não é preciso mudar de ocupação, nem é necessário fazer coisas estranhas. Por isso, depois de 2 de outubro de 1928, D. Josemaría continuou a trabalhar, dedicado às tarefas que desempenhava antes dessa data.

Em 17 de março de 1927 tinha obtido autorização do Arcebispado de Saragoça para ir a Madrid, por dois anos, por motivo de estudos, e no dia 28 do mês seguinte já estava matriculado nas disciplinas do doutoramento na Faculdade de Direito. Fez duas nesse ano lectivo de 1927—28 e examinou-se em setembro a História do Direito Internacional e a Filosofia do Direito. (Mais tarde frequentou História da Literatura jurídica espanhola e Política social).

Alojava-se então numa residência sacerdotal, na rua Larra, número 3. Ainda vivem alguns companheiros dessa residência, como Mons. Avelino Gómez Ledo, que o via sair antes do pequeno-almoço e regressar normalmente mais tarde do que os outros à hora do almoço. Tanto ele como D. Fidel Gómez Colomo sabem que, entre outras coisas, dedicava tempo à sua tese de doutoramento. Tratava da ordenação sacerdotal de mestiços e quarteirões nos séculos XVI e XVII.

O certo é que, até depois da guerra de Espanha, não pôde defender a sua tese na Faculdade de Direito de Madrid. Fê-lo em 18 de dezembro de 1939, com a classificação de sobressaliente. Versou sobre a Abadessa de Las Huelgas, porque o seu trabalho de investigação, que acabo de citar, desapareceu, com toda a sua biblioteca —que era muito boa—, durante a guerra civil. Sobre a Abadessa publicaria em 1944 um livro —reeditado em 1974—, baseado na tese de doutoramento, mas redigido de modo totalmente diferente.

Durante aquele ano lectivo de 1927—28 deu aulas de Direito romano e Direito canónico na Academia Cicuéndez, que ficava num primeiro andar da rua de San Bernardo, esquina com a do Pez, em frente ao Ministério da Justiça. A Academia tinha prestígio, pois contava com professores de autêntica qualidade universitária, na opinião de Pedro Rocamora. Só havia aulas à tarde, e iam alunos que faziam exames "por livre" na Faculdade, por vezes porque alternavam o estudo de Direito com outras actividades, como no caso de Julián Cortés Cavanillas, que estudava jornalismo na escola de *El Debate*.

José Manuel Sanchiz Granero, hoje advogado em Madrid, foi aluno da Academia no curso de 1927—28. As aulas de D. Josemaría eram agradáveis e eram seguidas com interesse. Estava sempre bem-disposto. Às vezes, ao terminar, ficavam a conversar com ele sobre temas diversos. Dessas conversas ficou-lhe gravada a resposta que deu a alguém que lhe dissera que não podia acreditar enquanto houvesse sacerdotes que levassem uma vida dupla; o Fundador do Opus Dei respondeu-lhe que o sacerdócio era semelhante a um licor de altíssimo valor, que podia estar guardado num jarro valiosíssimo ou num copo vulgar.

José Manuel Sanchiz conta que, um dia, outro sacerdote que dava aulas na Academia Cicuéndez revelou aos alunos a obra que D. Josemaría realizava nos subúrbios. Comentou-se entre uma aula e outra, e houve um grupo de alunos que não acreditou, porque lhes parecia impossível, dado o porte distinto e a estatura intelectual do seu professor de Romano. A discussão acabou em aposta. Alguns foram encarregados de o seguir à saída das aulas, coisa que fizeram durante vários dias, e comprovaram que, efectivamente, ia a Vallecas e a Tetuán.

E é que, sem alardes, D. Josemaría era Capelão do Patronato de Doentes, e desenvolvia uma intensa actividade apostólica em todos os bairros periféricos de Madrid: embora a sua capelania não o obrigasse a isso, deixava-se levar pelo seu zelo sacerdotal neste apostolado, com um entusiasmo incrível e com um esforço sobre-humano.

O Patronato de Doentes tinha sido promovido por D. Luz Rodríguez Casanova, Fundadora das Damas Apostólicas do Sagrado Coração de Jesus, aprovadas pela Santa Sé precisamente em 1927. A sua casa central ficava na rua de Santa Engracia, número 13, num edifício inaugurado pelo Rei Afonso XIII, em 14 de julho de 1924.

Das Damas Apostólicas dependiam vários apostolados, entre os quais se destacavam: 1) A Obra da Preservação da Fé em Espanha, que fundava escolas nos bairros mais desatendidos (em 1928 tinha 61 escolas). 2) O Patronato de Doentes, para os assistir *nos seus domicílios*, com alimentos, medicamentos, roupa e ajuda espiritual: a média anual era de quatro mil doentes atendidos pelas Damas Apostólicas e por raparigas que colaboravam com elas. 3) Refeitórios de Caridade, para socorrer os necessitados. E 4) Obra pós-escolar, com escolas nocturnas e associações de jovens. Era também das Damas Apostólicas a Casa Sacerdotal, na rua de Larra, onde vivia o Fundador do Opus Dei. E, a partir de 1929, começou a funcionar o Noviciado das Damas Apostólicas em Chamartín de la Rosa.

O Director espiritual das religiosas era o P. Rubio, S.J., substituído, ao falecer em 1929, pelo P. Valentín Sánchez Ruiz, também jesuíta. O Fundador do Opus Dei era apenas Capelão da igreja do Patronato, mas impunha-se o trabalho de procurar —entusiasmando-os com o seu zelo— sacerdotes diocesanos que colaborassem no atendimento espiritual dos doentes —pelos bairros mais pobres de Madrid— e das crianças que iam às escolas. O seu esforço foi muito notável, como assinala Asunción Muñoz, hoje em Daimiel, então naquela casa de Santa Engracia. D. Josemaría desenvolvia uma tarefa sacerdotal transbordante, mas sem interferir em nada no governo dessas actividades apostólicas. Ali o conheceu, em 1927, Emília Zabaleta, que se confessava com o P. Rubio. A sua irmã Maria Luísa recorreu alguma vez a D. Josemaría, quando o P. Rubio não estava. Impressionava-as sempre a sua humildade, porque quando lhe consultavam

algum assunto que pudesse relacionar-se com o Patronato como Congregação religiosa, respondia sempre que, quanto a isso, quem as podia orientar era o Director e não ele.

Nos anos vinte, os hospitais de Madrid estavam sobrelotados, e muitos doentes pobres morriam nas suas casas quase sem assistência de qualquer tipo. À sua atenção se dedicavam as Damas Apostólicas, com a ajuda de senhoras e raparigas de Madrid que tinham inquietações cristãs. O trabalho era difícil, sobretudo a partir de 1930, pois expunham-se a receber insultos, a ser expulsas das casas ou das ruas, a sofrer o impacto das blasfémias mais retorcidas. Uma delas não esqueceu o susto que passou, no bairro de Ventas, quando as encurralaram, para as tentar amedrontar e fazê-las deixar de ir por ali. Noutra ocasião, no bairro de Tetuán, arrastaram-nas pela rua, enquanto lhes cravavam uma lanceta de sapateiro na cabeça; a uma Dama Apostólica que tentou defender as outras, arrancaram-lhe o cabelo e maltrataram-na até a deixar desfigurada.

Neste ambiente —testemunha Asunción Muñoz— "o nosso Capelão tornou-se-nos imprescindível (...). Eu era a mais nova da Fundação e tinha mais resistência para actuar de dia ou de noite (...). Aproximávamo-nos das casas humildes destes doentes. Muitas vezes era preciso legalizar a sua situação, casá-los, resolver problemas sociais e morais urgentes. Ajudá-los em muitos aspectos. D. Josemaría ocupava-se de tudo, a qualquer hora, com constância, com dedicação, sem a menor pressa, como quem está a cumprir a sua vocação, o seu sagrado ministério de amor.

"Assim, com o nosso Capelão, tínhamos assegurada a assistência em todo o momento. Administrava-lhes os Sacramentos e não tínhamos de incomodar a Paróquia a horas impróprias. Nós encarregávamo-nos de tudo".

Iam aos bairros periféricos, hoje integrados em Madrid, como Ventas, Pueblo Nuevo, Ciudad Lineal, Tetuán, Almenara ou Cuatro Caminos. Podia-se chegar de eléctrico no início de 1931. Mas, com frequência, a partir de onde terminavam as linhas, era ainda preciso fazer vários quilómetros por caminhos de lama, ou campo fora, até chegar às miseráveis barracas onde viviam os doentes.

Às quintas-feiras levava-lhes a Comunhão num carro emprestado. Mas, nos outros dias —testemunha uma daquelas mulheres— "ia de eléctrico ou a pé, como pudesse. Às vezes com mau tempo, porque tanto se atendiam os doentes no Inverno como no Verão". Maria Luísa Zabaleta sublinha que iam a todos os bairros periféricos, tanto Vallecas como o bairro do Lucero ou Magín Calvo. E sempre, a toda a parte, ia D. Josemaría: "era muito abnegado". Josefina Santos acrescenta outros nomes de Madrid: Paseo de Extremadura, Vallecas, Lavapiés, San Millán, Ribera del Manzanares.

Nesses bairros periféricos funcionavam também as escolas das Damas Apostólicas. Alguns colégios tinham capela, que era por vezes a única em vastas zonas sem paróquia, como Usera. As Damas Apostólicas encontravam a dificuldade de conseguir sacerdotes dispostos a colaborar com elas: para dizer Missa nos dias festivos, para pregar às crianças, para falar com elas e confessá-las. O zelo apostólico de D. Josemaría levava-o a todos esses colégios. Confirma-o Mons. Avelino Gómez Ledo: confessava incansavelmente as crianças e ensinava-lhes o catecismo, naquela época de especial efervescência anticlerical, que fazia com que, em alguns bairros, "recebessem os sacerdotes não apenas com frieza, mas com hostilidade: por vezes chegaram a apedrejá-lo".

Mais de uma vez o Fundador do Opus Dei o recordaria nos últimos anos da sua vida. Em 14 de fevereiro de 1975, em Altoclaro (Venezuela), fizeram-lhe uma pergunta sobre a confissão das crianças... Entre outras coisas, apoiou-se na sua experiência sacerdotal:

Eu tenho na minha consciência —e digo-o com orgulho— o ter dedicado muitos, muitos milhares de horas a confessar crianças nas periferias pobres de Madrid. Gostaria de as ter ido confessar em todas as grandes periferias mais tristes e desamparadas do mundo. Vinham com o ranho até à boca. Era preciso começar por lhes limpar o nariz, antes de limpar um pouco aquelas pobres almas. Levai as crianças a Deus, antes que o demónio se meta nelas. Acreditai-me, far-lhes-eis um grande bem. Digo-o por experiência, por experiência de milhares e milhares de almas, e por experiência minha pessoal.

Num só ano lectivo, 1929–30, fizeram a Primeira Comunhão, na capela do Patronato, cerca de 4.000 crianças. Como eram tantas, recebiam a

Comunhão em dias sucessivos. Todos os alunos das escolas das Damas Apostólicas eram preparados —e confessados— pelo Capelão do Patronato, que se fazia ajudar, quando podia, por sacerdotes diocesanos. Não exagerava ao falar de muitos milhares de horas dedicadas a confessar esses miúdos.

D. Josemaría, além de preparar o doutoramento em Direito, dar aulas na Academia Cicuéndez, visitar os doentes e dedicar-se aos alunos das escolas das Damas Apostólicas, atendia o culto da igreja de Santa Engracia e ocupava-se dos pobres que iam ao Refeitório de Caridade daquela casa. Celebrava a Santa Missa de manhã, dirigia o Santo Rosário e oficiava a Bênção com o Santíssimo Sacramento. Dedicava-se também pessoalmente aos pobres do refeitório: "era um amigo e um santo sacerdote", confirma Asunción Muñoz, que, quando foi nomeada Mestra de Noviças, agradeceu ao Fundador do Opus Dei as suas visitas, muitos domingos, à casa-noviciado que tinham no Paseo de la Habana, em Chamartín: "No meio da sua enorme actividade diária, D. Josemaría não parecia ter pressa. Fazia tudo com simplicidade e com paz".

No entanto, chegou um momento, em 1931, em que lhe foi já impossível dar conta de tudo, desempenhando tantas actividades com o mínimo de serenidade indispensável para que a sua vida interior não se ressentisse. Por outro lado, como é natural, as tarefas relacionadas com a fundação da Obra ocupavam-lhe cada vez mais tempo. Por essas razões, em julho de 1931 deixou de ser capelão das Damas Apostólicas.

Pouco tempo depois começou a celebrar a Missa na igreja do Patronato de Santa Isabel. Havia ali um colégio, dirigido pelas monjas da Assunção, e um convento de clausura de Agostinhas Recoletas, fundado por Filipe II e pelo Beato Orozco (canonizado em 2002 por João Paulo II).

D. Josemaría foi de facto capelão das Agostinhas Recoletas do Mosteiro de Santa Isabel (antigo Patronato Real), desde 20 de setembro de 1931, sem receber qualquer retribuição oficial, como expunha mais tarde —em 26 de janeiro de 1934— ao solicitar à Direção-Geral de Beneficência a possibilidade de ocupar a casa destinada no Convento a quem exercia o cargo de capelão. O processo teve despacho favorável, com data de 31 de janeiro. E, no final do ano, além disso, *La Gaceta de Madrid* de 13 de

dezembro de 1934 publicou um Decreto pelo qual era nomeado Reitor do Patronato de Santa Isabel. Assinavam-no Niceto Alcalá-Zamora e o Ministro do Trabalho, Saúde e Previdência, Oriol Anguera de Sojo, pois, nos termos de outro Decreto de 17 de fevereiro desse mesmo ano, uma parte dos Patronatos da extinta Casa Real tinha passado a depender desse Ministério. Oficialmente, D. Josemaría tomou posse desse cargo reitoral em 19 de dezembro de 1934. Antes disso, obtivera a licença para aceitar o cargo do Ordinário Palatino, Arcebispo de Sião, que continuava a ter a jurisdição eclesiástica sobre os antigos Patronatos Reais, e do Arcebispo de Saragoça, que era a diocese de D. Josemaría.

Sor Maria do Bom Conselho Fernández, agostinha recoleta do Mosteiro de Santa Isabel, que conheceu em 1931 o Fundador do Opus Dei, explica que "os PP. Agostinhos Recoletos celebravam a Santa Missa para a Comunidade, mas tinham o Convento longe e, à medida que as coisas se iam tornando más no país —sobretudo quando se proclamou a República—, era perigoso vir a pé pela rua até ao nosso Convento". Até que um dia a Madre Priora —Sor Vicenta Maria do Sagrário— reuniu a Comunidade e comunicou-lhes que um sacerdote de Saragoça viria diariamente celebrar a Santa Missa. Tinha-se oferecido voluntariamente para ser seu capelão, ao saber da situação angustiosa em que se encontravam as Recoletas, monjas de clausura e sem sacerdote.

A Missa era às oito em ponto. Antes e depois, D. Josemaría ouvia confissões. Quando era necessário, distribuía a Comunhão às monjas doentes. Sor Maria do Bom Conselho informa que, durante dois meses seguidos, teve de a levar a uma delas, que não se podia mover.

Em Santa Isabel vinha confessar-se um grupo de raparigas que tinham direcção espiritual com o Fundador do Opus Dei. O seu apostolado com homens fazia-o onde podia: na rua, numa chocolateria da rua Alcalá chamada "El Sotanillo", passeando pelo Retiro, na própria casa da rua Martínez Campos, 4, 1.º andar, onde vivia com a mãe e os dois irmãos desde finais de 1932, ou nas suas visitas aos hospitais.

O Senhor tinha levado ao Opus Dei, desde 1928, os seus primeiros membros. E todo o trabalho da sua formação recaía também logicamente

sobre o Fundador, pois era o único que podia ensinar-lhes o espírito da Obra.

Mas tinha tempo —fazia parte da formação que aqueles primeiros fiéis da Obra deviam receber— para o empregar generosamente visitando os doentes mais desamparados dos hospitais públicos madrilenos.

Na própria rua de Santa Isabel ficava o Hospital Geral da Deputação Provincial de Madrid, um enorme edifício que ainda se conserva, embora hoje destinado, apenas em parte, a actividades muito diferentes. Ia lá aos domingos à tarde, pelo menos desde o ano lectivo de 1931–1932. Acompanhava-o um bom grupo de jovens, que prestava todo o tipo de serviços no Hospital, cheio de doentes, paupérrimos ao extremo, a tal ponto que —como faltavam camas— muitos estavam deitados pelos corredores do edifício. Foi ali intensíssimo o ministério sacerdotal de D. Josemaría, confessando, levando a Comunhão aos doentes, dando-lhes consolo espiritual e ajuda material.

Também exerceu o seu zelo incansável no Hospital do Rei, um hospital de epidemias, onde se tratavam doenças contagiosas graves, para impedir a sua propagação, coisa que até à sua inauguração em 1925 costumava acontecer nos outros hospitais públicos de Madrid, por causa da superlotação e da promiscuidade das instalações apinhadas. Tifo exantemático, varíola e tuberculose eram as três doenças infecciosas mais comuns entre os doentes. No seu primeiro ano de funcionamento —1925— teve 637 doentes; 1.971 em 1928; 2.666 em 1936. Até ao aparecimento dos antibióticos e quimioterápicos, a taxa de mortalidade nesse centro rondava os 20 por cento. Não há dados estatísticos por doenças, mas é previsível que, naqueles anos, a mortalidade fosse quase total em enfermidades como a tuberculose. De facto, o povo de Madrid conhecia o local como "o hospital dos incuráveis".

Quando foi inaugurado em 1925, era atendido por uma Comunidade de Filhas da Caridade, cuja Superiora era Sor Engracia Echeverría. Ao proclamar-se a República em Espanha e desaparecer pouco depois o Orçamento de Culto e Clero, o Hospital do Rei ficou sem capelão. Por essa altura apresentou-se a Sor Engracia D. Josemaría Escrivá de Balaguer, que "naquele tempo era um jovem sacerdote que mal teria trinta anos de idade, e

disse-me que não me preocupasse por já não termos Capelão oficial. Que de noite e de dia, e a qualquer hora, e sob a minha responsabilidade, devia chamá-lo conforme a gravidade do doente que pedisse os Santos Sacramentos".

Ajudava-o muito D. José María Somoano Berdasco, sacerdote asturiano, de Arriendas, que veio a ser, de facto, capelão do hospital. Todos destacam a sua piedade acrisolada, o seu afã de almas, a sua coragem, a sua delicada lealdade ao Fundador do Opus Dei. Mas faleceu repentinamente, pouco tempo depois, em plena juventude, por uma causa inesperada. Colaborava também outro sacerdote, D. Lino Bea-Murguía, que também tinha pedido a admissão na Obra e morreu depois assassinado em Madrid, nos anos da guerra. O certo é que, como declara Sor Engracia, "D. Josemaría Escrivá era a alma do grupo de sacerdotes daquela época": era muito trabalhador e, embora ela pensasse que então estava a trabalhar com algum alto dignatário da Igreja, na realidade não parava e estava sempre disponível para atender os doentes do Hospital do Rei, apesar de este ficar muito longe do centro da cidade.

Outra irmã dessa comunidade, Sor Isabel Martín, testemunha que lhes celebrava a Santa Missa aos domingos ou nos dias festivos. Quando fazia bom tempo, preparavam um altar portátil no jardim, na esplanada onde hoje se encontra uma grande estátua de pedra representando o Coração de Jesus. E visitava todos os pavilhões, pois o sacerdote podia entrar para atender qualquer doente, mesmo que estivesse rigorosamente isolado por causa da infecção: "tomavam-se todas as precauções, mas entrava".

Também visitava assiduamente o Hospital da Princesa, um centro da Beneficência Sanitária. Ficava situado na Praça de San Bernardo. Tinha capacidade para cerca de 2.000 doentes, alojados em enfermarias muito grandes, de 200 e 300 camas, aproveitadas ao máximo, pois entre cama e cama havia espaço apenas para uma mesa-de-cabeceira ou uma cadeira, segundo descreve um médico, D. Tomás Canales Maeso, que ali trabalhou de dezembro de 1932 a julho de 1936. Os doentes eram verdadeiramente pobres, e eram atendidos gratuitamente pela Beneficência. O Dr. Maeso trabalhava sob a direcção do Dr. Blanc y Fortacín, professor da Faculdade de San Carlos. Um dia, no início de 1933, apresentou-lhe um jovem

sacerdote como "um grande sacerdote, parente e conterrâneo meu (de Barbastro), que não é um trabucaire". (Chamavam "trabucaires", nesses anos, aos sacerdotes que se metiam na política.)

Desde esse dia encontrava-o com muita frequência no hospital, quase diariamente, de manhã, percorrendo enfermaria por enfermaria, falando com os doentes, confessando-os e levando-lhes a Comunhão: "Algum dia vi-o várias vezes, pelo que calculo que permanecia ali três ou quatro horas". E continua: "Apesar de naqueles tempos se fazerem, com facilidade, comentários pouco favoráveis sobre o clero, para o Padre tudo eram elogios por parte tanto do pessoal sanitário como dos doentes. A todos gostava de falar com ele, porque atraía. Tinha algo de especial, difícil de definir".

Por estas datas, a obra do Opus Dei ia tomando corpo, bem enraizada na Cruz, com a dor e a oração dos pobres e dos doentes desamparados de Madrid. O Fundador viu a necessidade de dispor de um local apropriado para formar as novas vocações e, ao mesmo tempo, continuar a tarefa apostólica que vinha realizando.

Em dezembro de 1933 conseguiu arrendar um apartamento na rua Luchana, número 33, onde acorriam muitas pessoas que já participavam nas tarefas apostólicas do Opus Dei. Ali passava bastantes horas, sobretudo ao cair da tarde. E de novo aparece aqui um traço decisivo da sua personalidade, que o acompanharia pelo resto da vida: trabalhar até à exaustão e disfarçar o cansaço para continuar a trabalhar, atendendo às necessidades dos outros.

Foi isso que pôde observar em 1934 D. Ricardo Fernández Vallespín, nesse apartamento da rua Luchana: "Algumas vezes, à tarde, chegava o Padre. A mim —que o estimava— doía-me vê-lo com aquele ar cansado, mas o Padre recompunha-se rapidamente e, com imensa paciência, estava sempre disposto a conversar com quem quisesse —e éramos muitos! Tudo tinha de ser feito pelo Padre!".

Anos depois, Mons. Escrivá de Balaguer contaria aos membros da Obra, com sentido de humor, uma história desse período: *Sabem o que eu fazia numa época —há anos, mal tinha completado trinta— em que estava tão cansado que quase não conseguia dormir? Pois, ao levantar-me, dizia-me:*

antes de comer, vais dormir um pouco. E quando saía para a rua, acrescentava, ao ver o panorama de trabalho que tinha pela frente nesse dia: Josemaría, enganei-te outra vez.

Com a consciência clara de que *só tem valor o tempo que gastamos ao serviço de Deus*, desenvolveu uma tremenda actividade que, nem de longe, se parecia com activismo, nem sequer do ponto de vista puramente exterior: porque conseguia realizar um trabalho intensíssimo sem dar sensação de pressa. D. Jesús Urteaga resume —referindo-se aos anos quarenta— esta impressão:

"Não foram muitas, mas, de todas as vezes que entrei no seu gabinete da rua Diego de León, em Madrid, para lhe fazer alguma consulta ou perguntar-lhe algo, tive sempre a sensação de que me recebia como se estivesse à minha espera e não tivesse outra coisa para fazer. Quando, ao despedir-me, antes de fechar a porta olhava para ele, podia certificar-me de que já estava de novo no seu trabalho, como se nada o tivesse interrompido".

Muitos anos depois, D. Jesús Becerra García, um mexicano que o conheceu em dezembro de 1966, observa, na mesma linha, que era "rápido nos movimentos e nos gestos, sem perder tempo na passagem de uma actividade para outra, mas sem precipitação nem falta de delicadeza no trato; mais ainda, quando estava com alguém, nunca dava a sensação de ter pressa: como se tivesse todo o tempo do mundo para o atender ou ouvir".

O próprio D. Jesús Urteaga publicou na revista *Mundo Cristiano* o parágrafo de uma carta manuscrita que Mons. Escrivá de Balaguer lhe tinha escrito anos antes desde Roma: *Quando o excesso de trabalho te esmaga um pouco, pensa que o trabalho é uma doença incurável —o trabalho excessivo— para os que somos filhos de Deus no seu Opus Dei. E sorri, e dá aos outros esse bom espírito.*

Trabalhar com um sorriso. Tirar importância ao cansaço com um pouco de humor. O Fundador do Opus Dei brincava nos anos setenta, dizendo que não usava relógio, *porque não preciso; quando termino uma coisa, começo outra, e em paz.*

Era como um vendaval pausado. As almas urgiam-lhe e, por isso, trabalhava com rapidez, aproveitando o tempo. Mas sem "sensação de pressa": menos ainda com as almas, que eram o que realmente lhe importava. Por isso lhes dedicava muito tempo. Porque sabia —tantas vezes o repetiu— que *as almas, como o bom vinho, melhoram com o tempo*.

Se em algo especialmente se podia dizer que não tinha impaciência, era na direcção espiritual, no Sacramento da Penitência, ali onde a alma sai do anonimato para se confrontar com as suas responsabilidades diante de Deus. Nunca lhe faltava tempo para confessar, e menos ainda para confessar doentes ou crianças. Desde 1931 ia também habitualmente ao Asilo de *Porta Coeli*, na rua García de Paredes, administrar o Sacramento da Confissão aos rapazes —verdadeiros traquinas— ali acolhidos. E continuou a fazê-lo quando o seu apostolado pessoal com estudantes universitários também lhe ocupava muito tempo.

Chegava a ir várias vezes no mesmo dia confortar um doente moribundo em qualquer bairro de Madrid. Quando se tratava de confissão, não poupava horas: D. Ramón Cermeno refere que, quando deu exercícios espirituais a sacerdotes jovens no Seminário de Ávila —em 1940— a maioria queria confessar-se com ele, e atendeu-os com grande paciência e afabilidade. Por sua vez, Encarnación Ortega ficou impressionada ao vê-lo levantar-se da cama, com muita febre, para se sentar no confessionário e dar a absolvição a uma só pessoa: ela telefonou-lhe para a casa da rua Diego de León, e pouco depois ele chegava ao Centro que a Secção feminina do Opus Dei tinha na rua Jorge Manrique.

Ao professor García Hoz, no início de 1940, causou verdadeiro espanto a absoluta disponibilidade do Fundador do Opus Dei para aqueles que se tinham confiado à sua direcção espiritual. Ele costumava ir à residência da rua Jenner. Mas, quando se tratava da sua mulher, o próprio D. Josemaría dava-se ao trabalho de procurar uma igreja e um confessionário a uma hora adequada: "E isto não uma ou duas vezes, mas todas as vezes que a minha mulher recorria a ele, o que normalmente acontecia uma vez por semana. Lembro-me de que várias vezes utilizou o confessionário da igreja de São José e o da igreja de Santa Bárbara".

Mons. Escrivá de Balaguer foi capaz de trabalhar muito —e duramente— sem perder a serenidade, porque sabia dar importância ao que era verdadeiramente importante, porque era extraordinariamente ordeiro.

Em 11 de junho de 1976, no Colégio Maior Aralar, da Universidade de Navarra, D. Álvaro del Portillo contou a um numeroso grupo de estudantes uma história significativa. Cumprindo um dever filial, procurava cuidar muito do Fundador e, em particular, sempre que passavam por Pamplona, providenciava para que fosse visto pelos médicos. Uma vez, numa dessas revisões gerais, fizeram-lhe um electroencefalograma e comentaram: "É o traçado habitual de um homem de empresa".

"E o Padre —acrescentava Mons. del Portillo— aperfeiçoou a sua constituição física, somática, com uma batalha longa e intensíssima, para atingir o cume da virtude da ordem. Num caderno que escreveu por volta de 1932, sobre a sua luta e a sua vida interior, o Padre fala da necessidade de ser ainda mais ordeiro... Naqueles anos, o seu trabalho estava cheio de imprevistos: atendimento de moribundos nos bairros periféricos de Madrid, catequese por toda a cidade, preparação de milhares de crianças para a Confissão e para a Primeira Comunhão. Além disso, dedicava muitas horas à oração diante do Santíssimo, rezava as três partes do Santo Rosário, lia o Breviário com pausa e atenção. O Padre, que —insisto— era ordeiro por natureza e até por constituição cerebral, obrigou-se a uma luta titânica para melhorar a sua ordem e poder chegar a mais almas, sem perder um minuto de oração, de trato directo com o seu Pai Deus, indispensável para viver vida contemplativa ao longo de todo o seu dia de trabalho infatigável".

Desta luta servir-se-ia o Espírito Santo para imprimir na sua alma duas consequências práticas. Uma redigiu-a então, em 1932, recolheu-a depois em *Consideraciones Espirituales* e passou ao ponto 79 de *Camino: Virtude sem ordem? —Rara virtude!* A segunda ajudaria muito, com o tempo, homens e mulheres que exercem profissões *desordenadas* —como a de médico ou jornalista—, nas quais é difícil programar, porque todos os dias surgem imprevistos. *Sobre esse aparente desordem* —ensinava sempre o Fundador do Opus Dei—, *cada um tem de aprender a construir a sua própria ordem*. Este conselho resumia uma parte da sua luta —enquanto foi Capelão em Santa Engracia— para ser cada dia mais ordeiro por amor a

Deus e às almas, para levar a ordem natural a um plano sobrenatural e para mostrar com obras que não se podia estar no grande sem estar no pequeno.

Como expressava em setembro de 1975 Mons. Álvaro del Portillo, um dos traços capitais do espírito do Fundador do Opus Dei "era precisamente esse maravilhoso encaixe, num coração tão grande, numa alma que voou tão alto, com o amor ao pequeno: ao que só se percebe pelas pupilas que o amor dilatou".

O seu sentido de ordem, a sua laboriosidade e a sua entrega chegaram a extremos heróicos, na primeira residência da rua de Ferraz, antes da guerra de Espanha: lavar o chão e fazer camas —quando os estudantes tinham ido para a Universidade e não podiam dar por isso— era uma tarefa habitual das suas manhãs. Em julho de 1975, o jornal *ABC* de Sevilha publicou a carta de uma empregada doméstica, que queria agradecer publicamente ao recentemente falecido Fundador do Opus Dei por lhe ter sido possível ouvir palavras maravilhosas sobre o seu trabalho, que a tinham ajudado a transformá-lo num trabalho de Deus: "O senhor soube ensinar-me que o meu trabalho é santo se o faço com perfeição; que todas as profissões são da mesma categoria se se fazem diante de Deus (...) Padre, pergunto-me: como sabia tanto do nosso trabalho sendo uma pessoa com tantos títulos?".

Para que o trabalho fosse de Deus —*opus Dei*— antes de mais tinha de ser trabalho. Mons. Escrivá de Balaguer soube de facto fazer trabalho de Deus de todos os trabalhos, mesmo dos aparentemente mais humildes. Deus quis que tivesse de os desempenhar, gravando assim na sua alma o carácter universal da chamada a santificar o trabalho.

Quando, depois da guerra, as mulheres do Opus Dei começaram, pouco a pouco, a assumir as tarefas de administração doméstica dos Centros da Obra, o Fundador podia assegurar-lhes que já tinha realizado pessoalmente, antes delas, algumas dessas atividades — fazer camas, cozinhar, limpar os pavimentos —, com a convicção de que isso era tão importante como dar uma aula na Universidade ou preparar um artigo para uma revista de investigação científica.

Parece como se Deus tivesse querido que no Opus Dei não houvesse nada de *teórico*: tudo o que o seu Fundador ensinaria ao longo de quase

cinquenta anos, tinha-o vivido antes, de uma forma ou de outra. Mais uma razão para poder exigir aos membros da Obra que aproveitassem o tempo ao máximo, diante de Deus, e não diante dos homens; que evitassem qualquer manifestação de “senhoritismo”; que soubessem também descansar, isto é, mudar de atividade, ocupar o tempo em tarefas que exigem menos esforço ou um esforço diferente do habitual; que aprendessem, enfim, a dar a vida, a dar-se, entregando-se a Deus e aos outros — sem espetáculo — no trabalho corrente, transformado em serviço amoroso de Deus para o bem de todas as almas.

Em Mons. Escrivá de Balaguer reuniram-se as condições para que Deus pudesse utilizá-lo como instrumento, a fim de recordar aos cristãos que, como está escrito no Génesis, Deus criou o homem para trabalhar. Pois, antes de mais, e desde jovem, trabalhou. Teve sempre tempo para rezar, para celebrar com calma a Santa Missa, para pregar, para confessar, para o trabalho do seu ministério; para atender às tarefas de direção do Opus Dei; para escrever — são muitos os seus escritos —; para rever periodicamente os tratados de Teologia e de Ciências eclesiásticas; para ler obras de Literatura; para acompanhar habitualmente a imprensa e as imagens dos telejornais.

Não desperdiçou as horas, nem mesmo em momentos em que isso poderia parecer desculpável, como, por exemplo, durante os meses em que andou escondido por um Madrid em guerra. Naturalmente, a sua grande preocupação era então — como sempre — a vida da Igreja e as dificuldades e sofrimentos de tantos homens.

Durante algum tempo esteve refugiado com outras pessoas num apartamento da rua Sagasta, n.º 29, propriedade da família Sainz de los Terreros. Foram dias intermináveis, em que não saíram à rua para nada. Nessas circunstâncias, além de exigir mais de si na vida de piedade, não deixava de ler temas de interesse cultural, porque mesmo naquela situação mantinha um critério claro do que significa aproveitar o tempo.

As condições externas mudaram quando pôde entrar na Legação das Honduras, onde o ambiente se caracterizava por um clima de ansiedade que — segundo testemunhas presenciais — favorecia a procura de algum relaxamento, de tal modo que qualquer manifestação de comodidade podia

ter desculpa e até justificação, pois em poucos metros quadrados se alojavam muitas pessoas, de idades e temperamentos muito diferentes, generosamente acolhidas pela família que dirigia o Consulado.

Alguns aspetos da vida nessa Legação, e o espírito que incutia aos outros, ficaram descritos no ponto 697 de *Caminho*:

Os acontecimentos públicos meteram-te num encerramento voluntário, talvez pior, pelas suas circunstâncias, do que o encerramento de uma prisão. — Sofreste um eclipse da tua personalidade.

Não encontras campo: egoísmos, curiosidades, incompreensões e murmurações. — Pois bem; e então? Esqueces a tua vontade libérrima e o teu poder de “criança”? — A falta de folhas e de flores (de ação externa) não exclui a multiplicação e a atividade das raízes (vida interior).

Trabalha: o rumo das coisas mudará, e darás mais frutos do que antes, e mais saborosos.

O Fundador e os membros do Opus Dei que ali se encontravam, para manterem bem ocupadas as horas desse encerramento inevitável, ajustaram-se a um horário, com tempos de oração, momentos de tertúlia e horas de estudo, de verdadeiro trabalho intelectual. Entre outras coisas, estudaram línguas, o que mais tarde facilitaria a multiplicação das atividades e a eficácia apostólica pela Europa e pela América.

Este espírito — não saber estar sem fazer nada, pois o trabalho é *doença incurável* para os filhos de Deus no Opus Dei — foi depois observado em Burgos por aqueles que ali conviveram com ele até ao fim da guerra, ou pelos que vinham das frentes para passar ali algumas horas.

Numa dessas deslocações, José Luis Múzquiz reparou numa cama coberta por pequenos montes de fichas. Duas pessoas estavam a classificá-las. De montes de fichas como aqueles tinha surgido, em 1934, a primeira versão de *Caminho*, publicada em Cuenca com o título *Considerações Espirituais*. Dom Josemaría tinha o hábito de anotar, de vez em quando, uma ou duas palavras na pequena agenda ou caderneta que levava no bolso da sotaina. Era um gesto rapidíssimo, que não interrompia as conversas.

Essa palavra servir-lhe-ia depois para recordar a ideia que lhe tinha ocorrido ou a frase feliz que surgira na conversa. Nas horas de trabalho a sós, redigia essas ideias.

Nos momentos de maior tranquilidade em Burgos, foi passando à máquina e selecionando muitas dessas ideias, pois queria levá-las à tipografia o mais depressa possível, para facilitar a meditação daqueles que ainda estavam nas frentes ou na Armada. A publicação só aconteceu depois da guerra, por falta de meios económicos. Dom Pedro Casciaro, que esteve muito tempo com o Fundador do Opus Dei em Burgos, confirma que “não passou uma única hora ocioso”.

Compreende-se a resposta de dom Fidel Gómez Colomo quando, por acaso, se encontrou com ele um dia em Roma, nos primeiros anos cinquenta. Dom Fidel tinha coincidido com ele, em 1927, na residência sacerdotal da rua Larra. Viviam ali vários sacerdotes “mais velhos” e três jovens: dom Fidel, dom Josemaría e dom Avelino, que se ocupavam de fazer os arranjos necessários na residência, de tratar de instalações pendentes, etc. Já em Roma, dom Fidel caminhava em direção à Datária Apostólica, para levar um embrulho ao Cardeal Tedeschini. Um carro parou, e ouviu dom Josemaría chamá-lo:

— *Para onde vais, Fidel, distraído? Levo-te de carro.*

Quando o convidou para ir à casa onde vivia, dom Fidel recusou, a brincar:

— Ouvi dizer que a estás a construir e, como fazes trabalhar toda a gente, não vou, porque me vais pôr a assentar tijolos.

Vicente Ballester Domingo, religioso salesiano, foi secretário particular de dom Marcelino Olaechea entre 1937 e 1939. Dom Marcelino, que tinha grande afeto pelo Fundador do Opus Dei, alojou-o no palácio episcopal de Pamplona, pouco depois de regressar a Espanha, após atravessar a fronteira de Andorra. Dom Vicente Ballester resume essa época em duas palavras: “*não parava*”: “dom Josemaría ia de um lado para o outro, num movimento contínuo e incansável, para atender aos membros da Obra, a muitas outras

peças objeto do seu zelo pastoral em diversos pontos de Espanha, e aos sacerdotes, aos quais dedicava uma atenção e um carinho especiais”.

Mons. Escrivá de Balaguer não parou até ao próprio momento da sua morte, a 26 de junho de 1975. Morreu no quarto onde costumava trabalhar.

3. A santificação do trabalho

Aquele médico de Cádiz estava sempre irritado na consulta da Segurança Social. Em novembro de 1972 ouviu Mons. Escrivá de Balaguer em Pozoalbero. À saída, comentava com a mulher:

— A partir de agora, vou tratar cada doente do Seguro como se fosse a minha própria mãe.

Milhares de histórias como esta repetiram-se desde 2 de outubro de 1928. Ao calor das palavras do Fundador do Opus Dei, homens e mulheres de todo o mundo fizemos o firme propósito de santificar o trabalho. Esta era a grande mensagem que devia difundir entre os homens, tornando vivo e atual o desígnio divino.

Josef Ganglberger, também médico, professor da Universidade de Viena, descrevia em setembro de 1975 a sua gratidão a Mons. Escrivá de Balaguer por lhe ter ensinado o valor do trabalho como meio de santificação: “Como ele próprio dizia, qualquer trabalho humano, por humilde e insignificante que pareça, contribui para ordenar cristãmente as realidades temporais, para manifestar a sua dimensão divina, e é assumido e integrado na obra prodigiosa da Criação e da Redenção do mundo: assim o trabalho eleva-se à ordem da graça, santifica-se, torna-se obra de Deus”.

E um suíço, Edwin Zobel, começou a tratar, em 1949, por motivos profissionais, algumas pessoas do Opus Dei: “Em todos eles admirava o mesmo espírito de trabalho, trabalho sério, feito com consciência. A mim — que fui trabalhador incansável durante toda a vida — surpreendia-me a capacidade de trabalho daqueles jovens”. Até que a força do exemplo dessas pessoas, que faziam os maiores sacrifícios pessoais com um sorriso nos lábios, o levou a orientar a sua vida por novos caminhos.

Um catedrático de Direito do Trabalho afirmava, no diário *Informaciones* de Madrid, que uma das inovações mais importantes de Mons. Escrivá de Balaguer era precisamente o seu esforço por unir vida cristã e trabalho corrente. Juan A. Sagardoy destacava algumas possíveis consequências sociais desse espírito: encontrar um sentido cristão para o trabalho pode libertar e dignificar quem o realiza, numa época como a nossa em que, com tanta frequência, sucede o contrário, e o trabalho acaba com o melhor do homem.

E Alejandro Corniero, comentador em *El Noticiero Universal* de temas relacionados com o trabalho e a justiça, improvisava estas linhas na sexta-feira, 27 de junho de 1975: “Este homem, que morreu ontem, dedicou a sua existência a ajudar as pessoas a realizarem o seu destino sobrenatural pela via humana de serem mais trabalhadoras e mais justas. Ensinou que trabalhar com autenticidade é amar o próprio ofício e realizá-lo com desejo de obra bem feita. Ensinou que uma maneira de fazer justiça com autenticidade é pôr esse mesmo empenho no cumprimento de todo o tipo de deveres: porque — reparemos bem — na raiz de toda a injustiça está a negação ou a limitação do direito dos outros, e esta situação produz-se sempre que alguém, obrigado perante esse outro ou, de forma geral, perante a sociedade, não cumpre esse dever. De tal modo que, se todos cumpríssemos as nossas obrigações, a injustiça seria erradicada: assim mesmo”.

A Noel Zapico, dirigente sindical espanhol, parece-lhe justo salientar “a decisiva contribuição de Monsenhor Escrivá de Balaguer para que os cristãos saibam descobrir o sentido humano e sobrenatural do trabalho”.

Deste convencimento participam hoje milhares de pessoas em todo o mundo, que, pela pregação e pelo exemplo do Fundador do Opus Dei, aprenderam que os seus esforços no trabalho ou na vida familiar podem converter-se em verdadeiro serviço a Deus e aos outros. Como confirma um trabalhador madrilenho, Juan Muñoz Batanero, vigilante de prédios urbanos, “fez um grande bem a muitas pessoas que, como eu, se dedicam a trabalhos muito correntes e podem pensar que não servem para quase nada”.

Mas é claro que esta abordagem da vida cristã não se limita a uma época histórica. É, em si mesma, universal, porque, enquanto houver

homens na terra, os homens trabalharão. Assim, com e a partir do trabalho, abre-se um caminho de santificação no qual cabem todos os homens, de todos os tempos, de todas as culturas. Não é preciso mudar de lugar para procurar a santidade.

Santificar o trabalho exige respeitar a ordem da natureza das coisas criadas, a legítima autonomia do temporal, porque — longe de qualquer indício teocrático — o reino de Deus é uma realidade no coração dos cristãos, que dão vida à alma da sociedade inteira — sem dogmas nem trilhos de sentido único — quando lutam para que Cristo reine no centro da sua vida quotidiana. O Fundador do Opus Dei esclareceu muitas vezes aquela luz que Deus lhe fez ver nos primeiros tempos da Obra:

Quando um dia, na quietude de uma igreja madrilena, eu me sentia um nada! — não pouca coisa; pouca coisa ainda teria sido algo —, pensava: Queres, Senhor, que eu faça toda esta maravilha? E erguia a Sagrada Hóstia, sem distração, de modo divino... E lá, no fundo da alma, compreendi com um sentido novo e pleno aquelas palavras da Escritura: Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum (Jo., XII, 32). Compreendi-o perfeitamente. O Senhor dizia-nos: se Me colocardes no coração de todas as atividades da terra, cumprindo o dever de cada momento, sendo o meu testemunho no que parece grande e no que parece pequeno..., então, omnia traham ad meipsum! O meu reino entre vós será uma realidade!

O próprio Fundador explicou esta ideia central em inúmeras ocasiões, com palavras precisas e atraentes. Eis algumas, recolhidas de várias respostas suas a diferentes jornalistas, publicadas num livro com o título conhecido de *Conversas com Mons. Escrivá de Balaguer*:

O Senhor suscitou o Opus Dei em 1928 para ajudar a recordar aos cristãos que, como conta o livro do Génesis, Deus criou o homem para trabalhar. Viemos chamar de novo a atenção para o exemplo de Jesus que, durante trinta anos, permaneceu em Nazaré a trabalhar, exercendo um ofício. Nas mãos de Jesus, o trabalho — um trabalho profissional semelhante ao que realizam milhões de homens no mundo — transforma-se em tarefa divina, em labor redentor, em caminho de salvação.

O espírito do Opus Dei recolhe a belíssima realidade — esquecida durante séculos por muitos cristãos — de que qualquer trabalho digno e nobre, do ponto de vista humano, pode tornar-se um quehacer divino. No serviço de Deus não há ofícios de pouca categoria: todos têm grande importância.

Para amar a Deus e servi-Lo não é necessário fazer coisas estranhas. A todos os homens, sem exceção, Cristo pede que sejam perfeitos como o seu Pai celestial é perfeito (Mt., V, 48). Para a grande maioria dos homens, ser santo consiste em santificar o próprio trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros com o trabalho, encontrando assim Deus no caminho da própria vida.

As condições da sociedade contemporânea, que valoriza cada vez mais o trabalho, facilitam evidentemente que os homens do nosso tempo possam compreender este aspeto da mensagem cristã que o espírito do Opus Dei veio sublinhar. Mas ainda mais importante é a ação do Espírito Santo, que, na sua obra vivificadora, quis que o nosso tempo fosse testemunha de um grande movimento de renovação em todo o cristianismo (...).

Com o início da Obra em 1928, a minha pregação tem sido que a santidade não é coisa para privilegiados, mas que podem ser divinos todos os caminhos da terra, todos os estados, todas as profissões, todas as tarefas honestas. As implicações dessa mensagem são muitas, e a experiência da vida da Obra ajudou-me a conhecê-las cada vez com maior profundidade e riqueza de matizes. A Obra nasceu pequena e foi depois crescendo normalmente de modo gradual e progressivo, como cresce um organismo vivo, como tudo o que se desenvolve na história (...).

Hoje fazem parte da Obra pessoas de todas as profissões: não apenas médicos, advogados, engenheiros e artistas, mas também pedreiros, mineiros, agricultores; qualquer profissão: desde realizadores de cinema e pilotos de aviões a jato até cabeleireiras de alta moda. Para os membros do Opus Dei, estar atualizados, compreender o mundo moderno, é algo natural e instintivo, porque são eles — juntamente com os outros cidadãos, iguais a eles — que fazem nascer esse mundo e lhe dão a sua modernidade.

Num extenso artigo publicado pelo jornal *Avvenire*, de Milão, a 26 de julho de 1975, o Cardeal Baggio sublinhava a mesma ideia: santidade para o homem comum, não um ideal para privilegiados; aquilo que a muitos parecera heresia, depois do Concílio Vaticano II tornara-se princípio indiscutível. “O que continua a ser revolucionário na mensagem espiritual de Mons. Escrivá de Balaguer é a maneira prática de orientar para a santidade cristã homens e mulheres de toda a condição, numa palavra: o homem da rua.

“O modo de concretizar, na prática, esta mensagem baseia-se em três novidades características da espiritualidade do Opus Dei: 1) antes de mais, os leigos não devem abandonar nem desprezar o mundo, mas permanecer nele, amando e partilhando a vida dos seus concidadãos; 2) permanecendo no mundo, os leigos devem saber descobrir o valor sobrenatural de todas as circunstâncias normais da sua vida, incluindo as mais prosaicas e materiais; 3) em consequência, o trabalho quotidiano — isto é, aquele que ocupa a maior parte do tempo e caracteriza a personalidade da maioria das pessoas — é a primeira realidade que deve ser santificada e o primeiro instrumento de apostolado”.

O Cardeal Poletti começa o seu Decreto de introdução da Causa de beatificação do Fundador do Opus Dei (19.II.1981), recordando que esse foi, na expressão de Paulo VI (Motu proprio *Sanctitas clarior*, 19.III.1969), “o elemento mais característico” do Concílio Vaticano II “e, por assim dizer, o seu fim último”. Por isso — acrescenta o Cardeal Vigário de Roma — “Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer foi unanimemente reconhecido como um precursor do Concílio precisamente naquilo que constitui o núcleo fundamental do seu Magistério, tão fecundo para a vida da Igreja”.

Mons. Escrivá de Balaguer ensinou sempre que os leigos devem seguir o exemplo dos primeiros cristãos: nessa época, os fiéis esforçavam-se por viver o Evangelho permanecendo no mundo e participando plenamente em todas as atividades honestas da sociedade. E, tal como os primeiros cristãos — homens e mulheres, jovens e idosos, patrícios, plebeus e escravos — se santificaram na sua vida quotidiana e transformaram o mundo pagão, assim também os cristãos de hoje, se não têm vocação para o estado religioso, são chamados a santificar o mundo a partir de dentro.

Terei de voltar a afirmar — assegurava em 1967 — que os homens e as mulheres que querem servir Jesus Cristo na Obra de Deus são simplesmente cidadãos iguais aos outros, que se esforçam por viver com séria responsabilidade — até às últimas consequências — a sua vocação cristã? Nada distingue os meus filhos dos seus concidadãos.

Mons. Escrivá de Balaguer não ignorava as consequências práticas de uma espiritualidade verdadeiramente laical:

Há muitos aspetos do ambiente secular em que vos moveis que se iluminam a partir destas verdades. Pensai, por exemplo, na vossa atuação como cidadãos na vida civil. Um homem que sabe que o mundo — e não apenas o templo — é o lugar do seu encontro com Cristo, ama esse mundo; procura adquirir uma boa preparação intelectual e profissional; vai formando — com plena liberdade — os seus próprios critérios sobre os problemas do meio em que vive; e toma, em consequência, as suas próprias decisões que, por serem decisões de um cristão, procedem também de uma reflexão pessoal, que tenta humildemente captar a vontade de Deus nesses detalhes pequenos e grandes da vida.

E, aqui, a sua marcada aversão a todo o tipo de clericalismo: *Mas a esse cristão nunca passa pela cabeça acreditar ou dizer que desce do templo ao mundo para representar a Igreja, e que as suas soluções são as soluções católicas para esses problemas. Isto não pode ser, meus filhos! Isto seria clericalismo, catolicismo oficial ou como lhe queirais chamar. Em qualquer caso, é violentar a natureza das coisas.*

Esta paixão pela liberdade é uma herança rica e fecunda que o Fundador do Opus Dei deixa aos membros da Obra e a todos os cristãos:

Tendes de difundir por toda a parte uma verdadeira mentalidade laical, que deve conduzir a três conclusões:

a ser suficientemente honrados para assumir a própria responsabilidade pessoal;

a ser suficientemente cristãos para respeitar os irmãos na fé, que propõem — em matérias opináveis — soluções diferentes daquelas que

cada um de nós sustenta;

e a ser suficientemente católicos para não se servirem da nossa Mãe, a Igreja, misturando-a em bandos e disputas humanas.

O valor cristão da vida quotidiana é assim realçado naquela Homilia de 1967 no campus da Universidade de Navarra: *Eu costumava dizer àqueles universitários e àqueles operários que vinham ter comigo nos anos trinta — e o Cardeal Baggio observa aqui que ainda faltavam muitos anos para a Constituição pastoral Gaudium et Spes do Concílio Vaticano II — que tinham de saber tornar concreta a vida espiritual. Queria afastá-los assim da tentação, tão frequente então e agora, de levarem uma vida dupla: por um lado, a vida interior, a vida de relação com Deus; e, por outro, distinta e separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas.*

Não, meus filhos! Não pode haver uma vida dupla; não podemos ser como esquizofrénicos, se queremos ser cristãos: há uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser —na alma e no corpo— santa e cheia de Deus: esse Deus invisível, encontramos-Lo nas coisas mais visíveis e materiais.

E o Fundador do Opus Dei insistia, consciente da novidade deste modo de ver:

O autêntico sentido cristão —que professa a ressurreição de toda a carne— enfrentou-se sempre, como é lógico, com a desencarnação, sem receio de ser acusado de materialismo. É lícito, portanto, falar de um materialismo cristão, que se opõe audaciosamente aos materialismos fechados ao espírito.

O trabalho é, pois, a matéria-prima a santificar, o instrumento da santificação própria e da santificação dos outros. A vida do cristão não se constrói com idealismos desencarnados, mas com esforços concretos para a realização de uma sociedade mais justa — esforços que enobrecem todas as atividades humanas, das mais vistosas às mais humildes e despercebidas. Mons. Escrivá de Balaguer glosava com frequência os conhecidos textos de

São Paulo: “Todas as coisas são vossas, vós sois de Cristo e Cristo é de Deus”... “Quer comais, quer bebais, fazei tudo para a glória de Deus”.

Esta doutrina da Sagrada Escritura, que se encontra —como sabeis— no núcleo mesmo do espírito do Opus Dei, há de levar-vos a realizar o vosso trabalho com perfeição, a amar a Deus e aos homens, pondo amor nas coisas pequenas da vossa jornada habitual, descobrindo esse algo divino que se encerra nos detalhes.

Numa Homilia intitulada *Rumo à santidade*, ampliava: *Quando a fé vibra na alma, descobre-se, pelo contrário, que os passos do cristão não se separam da própria vida humana corrente e habitual. E que esta grande santidade, que Deus nos reclama, se esconde aqui e agora, nas coisas pequenas de cada dia.*

Gosto de falar de caminho, porque somos viadores: dirigimo-nos para a casa do Céu, para a nossa Pátria. Mas vede que um caminho, embora possa apresentar troços de especial dificuldade, embora nos faça por vezes vadear um rio ou atravessar um pequeno bosque quase impenetrável, normalmente é algo corrente, sem surpresas. O perigo é a rotina: imaginar que nisto, no de cada instante, não está Deus, porque é tão simples, tão ordinário!

E, falando dos membros do Opus Dei, que procuram encarnar esta mensagem nova —e no entanto tão simples e natural— da santificação do trabalho ordinário, o Fundador da Obra especificava naquela Homilia de 1967:

Os que seguiram Jesus Cristo —comigo, pobre pecador— são: uma pequena percentagem de sacerdotes, que antes exerceram uma profissão ou um ofício laical; um grande número de sacerdotes seculares de muitas dioceses do mundo (...) e a grande multidão formada por homens e mulheres —de diversas nações, de diversas línguas, de diversas raças— que vivem do seu trabalho profissional: casados na maior parte, solteiros muitos outros; que participam com os seus concidadãos na grave tarefa de tornar mais humana e mais justa a sociedade temporal; na nobre luta dos afãs diários, com responsabilidade pessoal —repito—, experimentando com os outros homens, lado a lado, êxitos e fracassos, procurando cumprir os

seus deveres e exercer os seus direitos sociais e cívicos. E tudo com naturalidade, como qualquer cristão consciente, sem mentalidade de selectos, misturados na massa dos seus colegas, enquanto procuram detectar os brilhos divinos que reverberam nas realidades mais vulgares.

4. Mulheres do Opus Dei: 14 de fevereiro de 1930

«Ao folhear o Missal não tive outro remédio senão desiludir-me ao ver que todas as santas tinham sido monjas, virgens, mártires ou, pelo menos, viúvas», conclui, não sem sentido de humor, Wilhelmine Burkhart, mãe de família, professora de música em Viena: «Que libertação pensar que não só o esforço e o sofrimento, mas também as atividades humanas que enchem de alegria — como, no meu caso, fazer ou ensinar música — podem transformar-se numa oração contínua. Dezenas de milhares de pessoas devem este “caminho” a Josemaría Escrivá de Balaguer».

A professora Burkhart conheceu a Obra através do seu filho mais velho, membro do Opus Dei. No dia 24 de setembro de 1971 foi visitá-lo a Roma. Pôde então estar também com Mons. Escrivá de Balaguer. O filho traduzia-lhe do castelhano para o alemão palavras que falavam de servir a Igreja com alegria, cada um no seu lugar: *Podes transformar a tua arte em oração.*

Hoje, com a perspectiva dos anos, parece o mais normal do mundo que o espírito que o Fundador do Opus Dei viu claramente a 2 de outubro de 1928 se aplique de igual modo aos homens e às mulheres. No entanto, nos primeiros momentos, o Fundador não pensou nelas. Dizia-o expressamente:

Eu não queria fundar nem a Secção de varões nem a Secção feminina do Opus Dei. Na Secção feminina nunca tinha pensado. Garanto-vos, com uma segurança física —assim, física— que sois filhas de Deus.

Aconteceu a 14 de fevereiro de 1930. Como sabemos, a Mons. Escrivá de Balaguer não lhe agradava falar destes momentos íntimos em que o Senhor lhe deu a conhecer a sua Vontade. Contudo, às vezes —por indicação expressa da Santa Sé e também pela insistência das pessoas da Obra— relatava alguns pormenores, para que soubessem dar graças a Deus

pela misericórdia que mostrava aos homens. Assim, numa ocasião, evocava:

Para que não houvesse qualquer dúvida de que era Ele quem queria realizar a sua Obra, o Senhor punha sinais externos. Eu tinha escrito: “Nunca haverá mulheres —nem por brincadeira— no Opus Dei”. E, poucos dias depois... a 14 de fevereiro: para que se visse que não era coisa minha, mas contra a minha inclinação e contra a minha vontade.

Eu ia a casa de uma senhora idosa de oitenta anos que se confessava comigo, para celebrar Missa naquele pequeno oratório que tinha. E foi ali, depois da Comunhão, na Missa, que veio ao mundo a Secção feminina. Ao acabar, fui a correr ao meu confessor, que me disse: isto é tão de Deus como o resto.

A fundação do Opus Dei saiu sem mim; a Secção de mulheres, contra a minha opinião pessoal, e a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, querendo eu encontrá-la e não a encontrando. Também durante a Missa. Sem milagreirices: providência ordinária de Deus. Para mim, é tão milagre que o sol nasça e se ponha todos os dias como que pare. E mais milagre é que nasça e se ponha todos os dias, segundo uma lei imposta por Deus, que nós, homens, já conhecemos.

Assim, por meios tão ordinários, Jesus, Nosso Senhor, o Pai e o Espírito Santo, com o sorriso amabilíssimo da Mãe de Deus, da Filha de Deus, da Esposa de Deus, fizeram-me avançar sendo o que sou: um pobre homem, um burro que Deus quis tomar pela mão: ut iumentum factus sum apud te, et ego semper tecum (Ps., LXXII, 23).

Aquela casa em que o Fundador do Opus Dei celebrou a Santa Missa a 14 de fevereiro de 1930 ficava —já não existe— na rua Alcalá Galiano, n.º 1 e 3. Vivia ali a Marquesa de Onteiro, mãe da Fundadora das Damas Apostólicas do Sagrado Coração. Era muito idosa e pediu à filha Luz que um sacerdote fosse celebrar Missa no oratório privado da sua casa. A Marquesa de Onteiro morreu a 22 de janeiro de 1931 e foi sepultada no panteão familiar da Igreja da Conceição, em Madrid.

Com a fundação da Secção feminina do Opus Dei, o Senhor deixou em Mons. Escrivá de Balaguer a convicção, já definitiva, de que também é missão da mulher cristianizar o mundo a partir de dentro: tanto no lar como em qualquer ocupação civil. Com o tempo, poderia confiar a um jornalista, com toda a justiça:

Dediquei a minha vida a defender a plenitude da vocação cristã do laicado, dos homens e das mulheres comuns que vivem no meio do mundo e, por isso, a procurar o pleno reconhecimento teológico e jurídico da sua missão na Igreja e no mundo (...). Cabe aos milhões de mulheres e de homens cristãos que enchem a terra levar Cristo a todas as atividades humanas, anunciando com as suas vidas que Deus ama todos e quer salvar todos. Por isso, a melhor maneira de participar na vida da Igreja, a mais importante e aquela que, em todo o caso, deve estar pressuposta em todas as outras, é ser integralmente cristãos no lugar onde estão na vida, para onde os levou a sua vocação humana.

É hoje bem evidente, com a distância dos anos, que o mesmo espírito move os varões e as mulheres do Opus Dei. A unidade é tão plena —jurídica, espiritual e moral— quanto evidente a mútua autonomia. Numa ocasião, o Fundador comparou o trabalho de uma e outra Secção da Obra a dois burricos que puxam o mesmo carro, na mesma direção, como duas forças paralelas, que não se interferem nem se misturam.

Mons. Escrivá de Balaguer deu alguma vez uma razão sobrenatural desse desígnio divino, que suscitou a Secção de mulheres da Obra dezasseis meses e doze dias depois de 2 de outubro de 1928:

Se —em 1928— eu soubesse o que me esperava, teria morrido; mas Deus Nosso Senhor tratou-me como a uma criança: não me apresentou de uma vez todo o peso e foi-me conduzindo pouco a pouco. A uma criança pequena não se dão quatro encargos de uma vez. Dá-se um, depois outro, e outro ainda quando fez o anterior. Já vistes como brinca um miúdo com o pai? A criança tem uns blocos de madeira, de formas e cores diversas... E o pai vai dizendo: põe este aqui, e esse ali, e aquele vermelho mais além... E no fim, um castelo!

Este é o modo divino de fazer as coisas —escreveria, cheio de agradecimento, em 1961—: primeiro uma, depois outra, guiando os passos, utilizando causas segundas, mediações humanas. Vede o que nos contam os Atos dos Apóstolos ao narrarem a conversão de Saulo. Depois de o Senhor o ter ferido com a sua graça, ele diz: Domine, quid me vis facere? Senhor, que queres que eu faça? E ouve a resposta divina: surge et ingredere in civitatem et ibi dicetur tibi quid te oporteat facere (Act. IX, 6); levanta-te, entra na cidade e ali te dirão o que convém que faças. Vedes?, primeiro uma graça, depois um encargo: com uma divina seleção de tempos, de modos e de circunstâncias. Assim foi o Senhor fazendo a sua Obra: primeiro uma Secção, depois outra, e depois —novo dom— os sacerdotes. E em cada aspeto do nosso caminho, em cada frente que havia de conquistar nesta bela guerra de paz, o Senhor tratou-me sempre assim: primeiro isto, depois aquilo. Por isso, repito-vos: agradecei comigo esta contínua providência amorosa que o nosso Pai Deus manifestou.

A consideração desta bondade do Senhor move-me à contrição, por eu não ter sabido corresponder a tão grande misericórdia. E porque, ao longo deste caminhar, fiz sofrer outros, pelos meus erros —não sei suportar sem protesto e sem lágrimas a injustiça: venha de onde vier e se faça a quem se fizer—; pelos meus erros, digo, e porque Deus Nosso Senhor tinha de me preparar: parece que acertava uma no prego e cem na ferradura..., talvez porque me doía mais a dor dos outros.

Desde 14 de fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer pôs-se a trabalhar para iniciar a Secção feminina do Opus Dei. A sua tarefa foi mais lenta porque, por delicadeza e prudência, não podia ter com as mulheres que se sentiram atraídas pela mensagem da Obra a relação constante e contínua que tinha com os varões (e assim seria sempre: em concreto, nunca viveu num Centro de mulheres).

Por outro lado, naqueles anos, as raparigas jovens —nas quais mais facilmente podia pegar este novo espírito— tinham pouquíssima liberdade. Eram obrigadas a dar aos pais todo o tipo de explicações: onde iam, com quem, para quê, quando voltariam... E então, juridicamente, a Obra não era nada: atravessava os momentos delicados do começo da gestação.

Em 1930, como vimos, don Josemaría era capelão nas Damas Apostólicas. Aos seus refeitórios de caridade, aos seus roupeiros, às suas visitas a doentes, iam, com zelo apostólico, muitas raparigas de Madrid. Mas não consta que ali o Fundador falasse da Obra. Conhecendo-o um pouco, é lógico que fosse assim: por respeito a essa Congregação, cujas vocações surgiam ordinariamente dessas raparigas; e porque, se tinham vocação religiosa, não podiam tê-la para a Obra que Deus lhe pedia, que era de trabalho civil, profissional, no meio da sociedade.

Esta deve ter sido outra das razões pelas quais, em 1931, deixou de trabalhar no Patronato de Doentes. Como sabemos, ali não se limitava ao seu ofício estrito de capelão, na pequena igreja das Damas Apostólicas, mas o seu zelo sacerdotal levava-o a percorrer diariamente os recantos mais pobres dos subúrbios madrilenos. Devia dedicar cada vez mais tempo à Obra que Deus lhe pedia. Com os varões podia exercer o seu apostolado em qualquer lugar: passeando pelas ruas de Madrid ou na sua própria casa. Mas, para a direção espiritual de mulheres, precisava do confessional, melhor ainda numa igreja pública grande, como a de Santa Isabel. Aqui, além de atender convenientemente as Agostinhas Recoletas, confessava —já há bastante tempo— um grupo de raparigas, das quais algumas se incorporaram na Obra.

Na igreja de Santa Isabel, antes e depois da Missa que celebrava às oito da manhã, estava no confessional. Assim algumas conheceram o Opus Dei. O fervor com que o viam celebrar o Santo Sacrifício levava-as a confessarem-se com ele e a receber dele direção espiritual. Era um ambiente propício para abrir horizontes de santidade e de apostolado. Formou-se um grupo em que havia pessoas muito diferentes: uma professora do colégio contíguo da Assunção, uma empregada, uma enfermeira e várias raparigas jovens que ainda não trabalhavam. Todas iam confessar-se a Santa Isabel de oito em oito dias. Só ali viam o Fundador do Opus Dei, pois ele não assistia às reuniões que, de vez em quando, tinham em casa das duas mais velhas. Também não as acompanhava aos domingos ao catecismo que davam no bairro de La Ventilla.

No entanto, assistiu sacerdotalmente, com um zelo extraordinário, María Ignacia García Escobar, uma das primeiras mulheres do Opus Dei,

que faleceu no Hospital do Rei a 13 de setembro de 1933, de um modo verdadeiramente santo. Sofreu muito, pois padecia de tuberculose intestinal e tiveram de a operar várias vezes. É comovente ler os cadernos que María Ignacia escreveu naquele hospital de incuráveis, com um estilo que lembra a mais clássica literatura espiritual espanhola. Tinha pedido a admissão na Obra a 9 de abril de 1932 —“uma nova era de Amor”, anota no seu caderno dois dias depois—, mas, antes dessa data, vinha oferecendo, pela intenção de don Josemaría, as suas febres, os seus múltiplos incómodos, as suas dores intensas que, por exemplo, lhe impediam de escrever durante semanas seguidas. María Escobar tinha a consciência certa de estar a fazer a Obra de Deus a partir da sua cama no hospital: “É preciso cimentá-la bem. Para isso, procuremos que estes alicerces sejam de pedra de granito; não nos aconteça o que sucedeu àquele edifício de que fala o Evangelho, construído sobre a areia. Os alicerces, antes de tudo; depois virá o resto”.

A dor dos doentes daquele hospital foi alicerce inconvencível do Opus Dei. María Ignacia rezava pela Obra desde que, nos últimos meses de 1931, don José María Somoano Berdasco lhe pediu:

—María: é preciso pedir muito por uma intenção, que é para bem de todos. Este pedido não é para dias: é um bem universal que precisa de orações e sacrifícios, agora, amanhã e sempre.

Don José María Somoano encorajava muitos doentes a oferecer os seus sofrimentos por aquela intenção; e por ela suportavam os seus incómodos, ofereciam operações dolorosíssimas ou comiam quando não tinham apetite. “De noite —anota María— quando as dores não me deixam dormir, entretenho-me em lembrar repetidas vezes a Nosso Senhor a sua intenção”.

Uma irmã de María, Braulia, mudou-se para Madrid no final da doença. María estava “maravilhosamente assistida espiritualmente pelo Padre. Iam também vê-la e fazer-lhe companhia outras raparigas; algumas pertenciam à Obra”. Braulia regista as dificuldades que uma delas tinha para ir dar catecismo num subúrbio de Madrid, pois a família se opunha a que fosse a bairros tão perigosos então. Lembra-se também de outra que dactilografava uns guiões para ajudar María a fazer a meditação, reunindo neles os temas espirituais tratados nas reuniões que tinham.

Este grupo de mulheres sofreria muito com o início da guerra de Espanha, em julho de 1936. Perderam contacto com o Fundador. Além disso, na confusão daqueles momentos dramáticos, chegou-lhes a notícia de que tinha morrido. Algumas nunca mais voltariam a vê-lo, convencidas do seu falecimento. A outras, ao terminar a guerra, don Josemaría fez compreender que não tinham vocação para a Obra: não por falta de vibração espiritual, mas porque, nesses anos de afastamento físico, chegaram a inclinar-se para modos de ser e de agir próprios da vida religiosa — modos que são santos para quem Deus dá essa vocação, mas não para quem Ele chama a servi-Lo no mundo.

Entretanto, o Fundador da Obra tinha retomado a sua atividade, centrando-a sobretudo nas irmãs dos rapazes que eram da Obra ou estavam muito ligados a esta. Assim surgiram vocações de mulheres, já durante a guerra.

Ao terminar a contenda, com don Josemaría de novo em Santa Isabel, foram lá confessar-se. Mas, muito depressa, mudou-se para a rua Jenner, onde —num apartamento diferente do da residência de estudantes— viveu com a mãe e os irmãos.

Foi nesta casa da rua Jenner que Lola Fisac o ouviu descrever, em profundidade, o Opus Dei: “Pareceu-me avassalador e belíssimo. Assustou-me um pouco.” Porque, embora fossem poucas, ele já lhes apresentava a Obra em toda a sua extensão futura pelo mundo. E então, por não terem, não tinham sequer um lugar onde se reunir.

No fim de 1940, alugaram um pequeno andar na rua Castelló para fazer um trabalho apostólico, enquanto todas continuavam a viver com as suas famílias. Montaram-no como puderam, levando móveis de casa dos pais. Mas a experiência durou pouco: não parecia prudente que um sacerdote jovem fosse com frequência a um andar onde não vivia ninguém, para formar um grupo de raparigas também jovens... Por isso, em dezembro desse mesmo ano, deixaram esse andar e começaram a ir para a rua Lagasca, esquina com a de Diego de León, onde se tinha aberto um novo Centro da Obra. Para uma zona independente dessa casa mudou-se também a família de don Josemaría. Dentro dessa zona —com plena separação dos

varões— ele pôde atendê-las. Assim foram sendo formadas estas mulheres que se incorporavam ao Opus Dei.

Pouco depois vieram outras. E viu-se a conveniência de organizar um novo Centro. Começou a funcionar no verão de 1942, na rua Jorge Manrique.

A atividade era ainda incipiente, mas o panorama apostólico estava bem definido. Don José Luis Múzquiz recorda as explicações que o Fundador da Obra dava, em 1943, aos que iam ser sacerdotes e teriam de atender espiritualmente as mulheres do Opus Dei, que deviam santificar-se e fazer apostolado na sua própria profissão ou ofício. Algumas poucas ocupar-se-iam dos trabalhos —trabalhos profissionais— próprios do cuidado e da administração dos Centros da Obra. Outras, além de trabalhos semelhantes aos que realizavam os varões, fariam alguns apostolados próprios: trabalho com camponesas, com bibliotecas circulantes, etc.

O Fundador entusiasmava-se com essas atividades que, no futuro, as mulheres da Obra levariam a cabo. Rezava, fazia rezar, e oferecia mortificações e penitências para que o trabalho se desenvolvesse quanto antes. Com infinita paciência, dedicava-se a formá-las. *Sonhai, e ainda assim ficareis aquém*, animava-as. Incutia nelas uma fé gigantesca, pois, humanamente, mal havia nada. Mas tinha a certeza —confiando apenas em Deus— de que o seu labor se estenderia por todo o mundo. E consolava-as perante as incompreensões e contradições que não podiam faltar: *Se não encontrardes a Cruz* —ouviu don José Luis Múzquiz, uma vez, quando ele abençoava uma delas antes de sair de viagem— *é sinal de que não estais no bom caminho, pois não tereis encontrado Jesus Cristo*.

Desde o primeiro momento —o que não deixa de ser um tanto insólito para aquela época— ocupou-se da sua formação doutrinal e religiosa. Segundo relata Encarnación Ortega, em 1943, quando naquele Centro da rua Jorge Manrique “éramos apenas quatro ou cinco da Obra, já tínhamos um professor —do Seminário de Madrid— que nos dava aulas de Teologia e de canto gregoriano”.

Agora, apenas trinta anos depois, muitas mulheres da Obra são doutoradas por Faculdades de Teologia ou de Direito Canónico, e estão em

condições de continuar esse trabalho de formação.

Muitas outras adquiriram títulos semelhantes nas mais diversas ciências profanas e —como escreveu uma jornalista venezuelana, Beatriz Mercedes Briceño–Picón, em *El Nacional* de Caracas— “exercem todas as profissões e ofícios nobres da terra, desde o simples e acolhedor trabalho que leva o amor cristão ao labor da terra, à oficina, ao lar familiar, até à difícil missão de lecionar cadeiras universitárias e exercer altos cargos na administração pública”. São maioria —ainda que isso não chame a atenção de ninguém— as mulheres do Opus Dei, mães de família, que procuram fazer dos seus lares espaços de paz, *luminosos e alegres*, onde os filhos, desde os primeiros anos, aprendam a viver as virtudes cristãs e a preparar-se para trabalhar seriamente ao serviço dos seus irmãos, os homens.

Mas do que não há a menor dúvida é que o mesmo espírito, equivalente responsabilidade, idêntica urgência humana e apostólica dizem respeito ao homem e à mulher. Porque —para Mons. Escrivá de Balaguer— não há diferença alguma entre eles quando se trata da sua dignidade como pessoas ou da sua condição de filhos de Deus. As particularidades do homem ou da mulher só podem entender-se a partir da sua igualdade fundamental, como explicou brilhante e claramente nas suas respostas à diretora da revista *Telva* de Madrid, recolhidas em *Conversas com Mons. Escrivá de Balaguer*. Convido o leitor a reparar, por exemplo, no número 90 desse livro e a lê-lo substituindo, sempre que aparece a palavra “mulher”, pela palavra “homem”: verá que não há diferença nenhuma, porque são em tudo semelhantes as suas responsabilidades como pessoas, como filhos de Deus.

Compreende-se o seu desabafo, noutra passagem desse livro —número 14—, quando declara:

Ainda me recordo do espanto e até da crítica —agora, pelo contrário, tendem a imitar, nisto como em tantas outras coisas— com que determinadas pessoas comentaram o facto de o Opus Dei procurar que também as mulheres que pertencem à Secção feminina da nossa Associação adquirissem graus académicos em ciências sagradas.

Penso, no entanto, que estas resistências e reservas irão caindo pouco a pouco. No fundo, é apenas um problema de compreensão eclesiológica:

dar-se conta de que a Igreja não é formada só pelos clérigos e pelos religiosos, mas que também os leigos —mulheres e homens— são Povo de Deus e têm, por direito divino, uma missão e uma responsabilidade próprias.

5. A Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz

Em 13 de julho de 1975, o Cardeal Casariego conferia, em Barcelona, a ordenação sacerdotal a 54 profissionais do Opus Dei. Com eles, somavam já quase mil os leigos da Obra que tinham sido chamados ao sacerdócio, desde que foram ordenados, por don Leopoldo Eijo y Garay, os três primeiros —Álvaro del Portillo, José María Hernández de Garnica e José Luis Múzquiz—, em Madrid, a 25 de junho de 1944.

Foi uma data importante, que ficou gravada para sempre no coração do Fundador do Opus Dei. Em mais de uma ocasião comentaria que essa primeira ordenação de sacerdotes lhe causou *ao mesmo tempo muita alegria e muita tristeza*:

Amo de tal modo a condição laical da nossa Obra, que sentia transformá-los em clérigos com uma verdadeira dor; e, por outro lado, a necessidade do sacerdócio era tão clara, que tinha de ser grato a Deus Nosso Senhor que esses filhos meus chegassem ao altar.

A Obra precisava de sacerdotes que, juntamente com a preparação e as virtudes de todos os bons sacerdotes, tivessem uma experiência pessoal e um conhecimento bem vivido do espírito do Opus Dei, para servir com o seu ministério os homens e as mulheres da Obra e para colaborar com o apostolado dos leigos: porque estes, embora através do convívio com os seus iguais façam um eficaz trabalho de ajuda espiritual, acabam por se deparar necessariamente com aquilo que Mons. Escrivá de Balaguer chamava, muito expressivamente, *muro sacramental*.

Precisamos —ponderava em 1945— de sacerdotes com o nosso espírito: bem preparados; alegres, operativos e eficazes; com um ânimo desportivo perante a vida; que se sacrifiquem de bom grado pelos seus irmãos, sem se sentirem vítimas.

E, recordando a ordenação dos três primeiros, agradecia as sinceras felicitações que recebera de pessoas de todos os ambientes, sublinhando *este novo fenómeno pastoral que se verifica dentro da Obra de Deus: homens jovens que exercem uma profissão universitária, com a vida humanamente aberta para fazerem livremente a sua vontade, que vão servir, sem qualquer estipêndio, todas as almas —especialmente as dos seus irmãos— e trabalhar duramente, porque as horas do dia serão poucas para a sua tarefa espiritual.*

De facto, surgira assim, na vida da Igreja, um novo fenómeno pastoral, mas também jurídico. Pois no Opus Dei não muda o chamamento de Deus ao cumprimento perfeito da vocação cristã pelo facto de alguém ser sacerdote. Embora o sacerdócio *seja a coisa maior que Deus pode dar a uma alma*, também é claro, no pensamento do Fundador do Opus Dei, que *para nós o sacerdócio é uma circunstância, um acidente, porque —dentro da Obra— a vocação de sacerdotes e de leigos é a mesma.*

No Opus Dei, todos somos iguais. Só há uma diferença prática: os sacerdotes têm mais obrigação do que os outros de pôr o coração no chão como um tapete, para que os seus irmãos pisem macio.

Não é este o momento de aprofundar a novidade e a riqueza ascética e teológica deste fenómeno pastoral, hoje tão difundido. Resumiu-o muito bem o Cardeal Frings, a 27 de agosto de 1972, por ocasião da primeira Missa solene de um sacerdote do Opus Dei em Colónia: “Foi vontade de Jesus Cristo, que fundou a Igreja e lhe deu o seu regime, que a maioria dos santos sacramentos só possa ser administrada por aqueles que receberam a ordenação sacerdotal. E por isso também esta Obra precisa de sacerdotes, que, no entanto, em geral não desempenham cargos dentro da instituição; isso é coisa de leigos. Mas, quando se trata de celebrar a Santa Missa ou de administrar os sacramentos, especialmente o da Penitência, do Altar, ou de dar direcção espiritual pessoal a cada um, o sacerdote não pode faltar. É uma atividade discreta, sem brilho, aquela que assume o sacerdote do Opus Dei. Portanto, desde o primeiro momento, tem de estar consciente de que não o esperam honras, mas uma tarefa de serviço aos leigos que, na Igreja de Cristo, se esforçam por seguir o seu caminho para alcançar a santidade. Esta

é a tese que Mons. Escrivá de Balaguer tem pregado há tanto tempo e que o Concílio Vaticano II fez sua”.

É justo observar que isto, que hoje parece normal a milhares e milhares de pessoas em todo o mundo —porque o viram tornado vida em centenas de sacerdotes do Opus Dei—, exigiu do Fundador muita oração e muita penitência. Num escrito de 1956, Mons. Escrivá de Balaguer fazia ver aos membros da Obra que tinha rezado *com confiança e entusiasmo, durante tantos anos*, pelos primeiros sacerdotes, e pelos que mais tarde seguiriam o seu caminho; *e rezei tanto, que posso afirmar que todos os sacerdotes do Opus Dei são filhos da minha oração.*

Tinha a certeza sobrenatural de que os sacerdotes deviam proceder dos leigos da própria Obra, mas não sabia como resolver os graves problemas jurídicos que isso colocava. A sua oração de anos foi escutada:

No dia 14 de fevereiro de 1943, depois de procurar e não encontrar a solução jurídica, o Senhor quis dá-la-ma, precisa e clara. Ao acabar de celebrar a Santa Missa num Centro da Secção feminina (...), pude falar da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz.

Tratava-se do Centro da rua Jorge Manrique, em Madrid.

Antes do 14 de fevereiro de 1943, embora o problema ainda não estivesse resolvido, com grande fé na Providência divina, o Fundador do Opus Dei tinha feito começar —com anos de antecedência— os estudos sacerdotais a um grupo de leigos da Obra. Com a aprovação do Bispo de Madrid, procurou um quadro de professores verdadeiramente excepcional. Entre eles estavam alguns dominicanos de grande prestígio, que ensinavam no “Angelicum” de Roma e não tinham podido regressar por causa da guerra mundial, como o P. Muñiz, que lhes explicou Teologia Dogmática, ou o P. Severino Álvarez, professor de Direito Canónico. Don José María Bueno Monreal, depois Cardeal de Sevilha, explicou-lhes Teologia Moral. O futuro arcebispo castrense, Fray José López Ortiz, era professor de História da Igreja. O P. Celada, O.P., que trabalhara muitos anos no Instituto Bíblico de Jerusalém, ensinava-lhes Sagrada Escritura. Foram também seus professores Fray Justo Pérez de Urbel, especialista em Liturgia, don Máximo Yurramendi, depois bispo de Ciudad Rodrigo, don Joaquín

Blázquez, atual Diretor do Instituto de Teologia Francisco Suárez, do Conselho Superior de Investigações Científicas, o P. Permuy, C.M.S., etc.

Anos depois, a 25 de junho de 1969, Mons. Escrivá de Balaguer quis celebrar em Roma as bodas de prata sacerdotais dos primeiros. Nesse dia, as recordações tornaram-se mais vivas:

Quando estes três primeiros se iam ordenar, estudaram apaixonadamente e tiveram o melhor professorado que pude encontrar, porque sempre tive o orgulho da preparação científica dos meus filhos como base da sua atuação apostólica. Estudaram muito, muito, muito... Eu dou-vos as graças, porque me destes o orgulho santo —que não ofende a Deus— de poder dizer que tivestes uma preparação eclesiástica maravilhosa.

Pôs grande empenho na sua preparação. Fê-los estudar sem pressas, sem correr, mas, ao mesmo tempo, sem qualquer período de férias.

Tinham aulas na casa da rua Diego de León, e também ali faziam exames, diante de um júri formado por três daqueles professores. Enquanto foi necessário, fizeram os exames dos cinco anos de latim e do biénio filosófico no Seminário Conciliar de Madrid.

Mas não se dedicavam exclusivamente ao estudo. Alternavam as aulas com o trabalho e com a atenção às atividades apostólicas. Estavam realmente ocupados, sobretudo don Álvaro del Portillo, que já era Secretário-geral do Opus Dei e ajudava o Fundador de modo especial. Tiravam tempo —do dia e da noite— para estudar, e faziam-no a fundo. Tinham consciência de que deviam combinar a seriedade científica com a disponibilidade mais completa, pois aumentavam os membros e as tarefas apostólicas, e Mons. Escrivá de Balaguer continuava a ser o único sacerdote.

Por isso, quando já tinham algumas cadeiras frequentadas —com o mesmo número de horas de aula exigidas numa Universidade Pontifícia—, ficando apenas os exames por fazer, saíam de Madrid, geralmente para El Escorial, e concentravam-se no estudo e na preparação próxima das provas finais.

O Fundador do Opus Dei acompanhou muito de perto os seus estudos. E quis encarregar-se diretamente da formação espiritual, pastoral e apostólica daqueles futuros sacerdotes. É don José Luis Múzquiz quem recorda, com gratidão, os passeios que por vezes davam pelas estradas dos arredores de Madrid. E também, durante as épocas de preparação para os exames —em El Escorial ou em El Encantiño, uma pensão perto de Torrelodones—, as visitas que lhes fazia, ao entardecer, para falar com eles, passear um pouco e ir formando neles o melhor modo de servir a Igreja, o Papa, todas as almas, a Obra, com a sua imediata tarefa sacerdotal: “Tudo isto o Padre fazia sem lhe dar importância, como se não supusesse nenhum esforço. Mas era um esforço acrescido a toda a carga que levava em cima: a direção da Obra, ser o único sacerdote com um trabalho incessante e esgotante; e, além disso, as calúnias e incompreensões que pesavam sobre os seus ombros”.

Anos mais tarde, em 1956, referia-se nestes termos à formação daqueles três:

Desde que preparei os primeiros sacerdotes da Obra, exagerei —se assim se pode dizer— a sua formação filosófica e teológica, por muitas razões: a segunda, para agradar a Deus; a terceira, porque havia muitos olhos cheios de carinho postos em nós, e não se podia defraudar essas almas; a quarta, porque havia gente que não nos queria e procurava uma ocasião para atacar; depois, porque na vida profissional exigi sempre aos meus filhos a melhor formação, e não ia ser menos na formação religiosa. E a primeira razão —já que eu posso morrer de um momento para o outro, pensava—, porque tenho de dar contas a Deus do que fiz e desejo ardentemente salvar a minha alma.

Desde então, periodicamente, com toda a naturalidade e simplicidade, foi-se repetindo essa *leva de sacerdotes*, que apresenta um balanço extraordinário. Como disse o Cardeal Casariego em 1975, “pela primeira vez na história da Igreja, um sacerdote, enquanto viveu, levou ao sacerdócio perto de um milhar de profissionais, especialistas em muitas ciências humanas e naturais dos cinco continentes”. Mesmo que não tivesse feito mais nada —comentou por aqueles dias um sacerdote sevilhano— “já teria feito algo realmente admirável”.

No entanto, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz só ficou completa, por assim dizer, quando também puderam incorporar-se sacerdotes que não tinham sido do Opus Dei antes da sua ordenação. Com estes sacerdotes diocesanos, aconteceu ao Fundador algo semelhante ao que tinha experimentado com a ordenação dos leigos da Obra. Tinha a ideia clara, mas não encontrava o modo jurídico de a pôr em prática, pois não havia então nenhum caminho aberto no Direito canónico vigente.

Do ponto de vista teológico, a vocação era a mesma para os leigos e para os sacerdotes diocesanos: *o mesmo fenómeno teológico vocacional*, dizia frequentemente o Fundador. Mas não via a solução jurídica (como em tantos outros problemas que hoje parecem fáceis e elementares, porque estão resolvidos).

Chegou a decidir abandonar o Opus Dei para se dedicar a uma nova fundação para sacerdotes diocesanos: *por amor de vós, que é amor a Jesus Cristo*, asseguraria, com palavras comovidas, a 14 de novembro de 1972, em La Lloma (Valência), a um numeroso grupo de sacerdotes. Comunicou-o aos diretores e diretoras do Opus Dei. Ficaram tristes, e alegres, porque compreendiam a necessidade apostólica. Avisou a irmã Carmen e o irmão Santiago de que, se recomeçassem as calúnias, não se preocupassem: —*É isto*. Antes, tinha informado a Santa Sé, que lhe deu o seu assentimento.

Havia sacerdotes que esperavam a solução do problema, alguns desde que tinham conhecido o Fundador da Obra. Desde então, tinham-lhe manifestado o desejo de fazer parte do Opus Dei. Ele tinha de os fazer esperar.

Mas, a certa altura, o Senhor fez-lhe compreender que não era necessária uma nova fundação e que, portanto, não devia abandonar a Obra.

Como explicaria depois muitas vezes, Deus resolve as coisas muito bem, e como todos —sacerdotes e leigos— têm a mesma vocação, também juridicamente os sacerdotes diocesanos encontraram lugar na Obra.^[1] Muitos anos depois, em 1972, em Islabe (Derio, Biscaia), confessava a um bom grupo deles:

Agradeço a Nosso Senhor que vós sejais irmãos dos vossos irmãos e que não tenha havido necessidade de dividir um coração de pai e de mãe.

Mons. Álvaro del Portillo, Prelado do Opus Dei, explicava em declarações ao ABC (Madrid, 29.XI.1982) que “o Concílio Vaticano II, no Decreto sobre os presbíteros, elogia e estimula as Associações destinadas a fomentar a santidade dos sacerdotes, no exercício do seu próprio ministério. Este é o fim da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, que proporciona aos seus sócios a oportuna assistência espiritual e ascética: assistência que não só deixa intacta, como reforça a obediência canónica que estes sacerdotes devem ao seu próprio Bispo”.

[1] Ao erigir João Paulo II, em 1982, a Prelatura pessoal da Santa Cruz e Opus Dei, a solução jurídica procurada e desejada por Mons. Escrivá de Balaguer é confirmada e consolidada. Como se lê na *Declaratio* da Sagrada Congregação para os Bispos, de 23.VIII.1982, “está unida à Prelatura, de modo inseparável, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, associação à qual podem pertencer sacerdotes do clero diocesano que desejem procurar a santidade no exercício do próprio ministério segundo a espiritualidade e a prática ascética do Opus Dei”, e que “permanecem, para todos os efeitos, sob o regime do seu próprio Ordinário”.

Voltar ao Índice

CAPÍTULO QUARTO

TEMPO DE AMIGOS

1. Os primeiros membros do Opus Dei

A história dos começos do Opus Dei pode resumir-se como a história dos amigos do seu Fundador. Depois de 2 de outubro de 1928, don Josemaría continuou, com uma luz nova, a fazer a sua vida normal. Essa nova luz sobrenatural, que iluminava o seu sacerdócio, impelia-o a procurar pessoas dispostas a juntarem-se à loucura que Deus lhe pedia.

Quando chegou a Madrid, em 1927, a maior parte dos seus amigos ficara em Aragão e em La Rioja. Algumas famílias, conhecidas da sua, estavam em Madrid. Depois de 2 de outubro de 1928, essas relações de amizade —junto com as que iam surgindo por ocasião do seu próprio trabalho sacerdotal, das suas tarefas de ensino na Academia Cicuéndez e das aulas particulares que se via obrigado a dar— seriam o campo em que frutificaria a semente da vocação ao Opus Dei.

Assim aconteceu, por exemplo, com Luis Gordon, um dos primeiros membros do Opus Dei. Luis era parente da Marquesa de Onteiro, mãe de doña Luz Rodríguez-Casanova, Fundadora das Damas Apostólicas, no cujo Patronato de Enfermos don Josemaría era Capelão desde 1927. Através desta família o conheceu e, em 1931, Luis Gordon era uma das pessoas em quem o Fundador do Opus Dei podia confiar de modo especial, por ser um homem maduro. Engenheiro industrial, promotor de uma maltaria em Ciempozuelos, aparece com os Romeo e com outros amigos no grupo que, a partir de 1931, vai todos os domingos à tarde ao Hospital Geral de Madrid, para atender os doentes. É o protagonista do ponto n.º 626 de *Caminho*:

É verdade, Senhor, que Te dava grande consolação aquela “subtileza” do homenzarrão-menino que, ao sentir o desconcerto que provoca obedecer em algo incómodo e, por si, repugnante, Te dizia baixinho: Jesus, que eu faça boa cara!?

A história passou-se naquele hospital da rua de Santa Isabel, onde iam prestar diversos serviços aos doentes: cortar-lhes as unhas, penteá-los, dizer-lhes palavras de carinho. A Luis Gordon e a esta mesma história se referia Mons. Escrivá de Balaguer, um dia de 1972, em Espanha:

Lembro-me —deste posso falar, porque já está no Céu há muitos anos— de que uma pessoa, de uma família conhecida, um dos primeiros daquela época, dos primeiríssimos anos do Opus Dei, pegou num urinol —era de um tuberculoso e estava...!—. Eu disse-lhe: vamos limpá-lo! E depois tive um pouco de pena, por aquela cara de nojo que ele tinha feito. Fui atrás dele e havia no mesmo piso —era num hospital geral— um quartinho onde se limpavam essas coisas, e vi-o com uma cara maravilhosa de céu, a limpar com toda a mão.

Mas, como acontecera com outras almas de idêntica estatura sobrenatural —María Ignacia García Escobar, don José María Somoano Berdasco—, o Fundador do Opus Dei não pôde contar com Luis Gordon para continuar a fazer a Obra: faleceu em novembro de 1932.

Por ocasião daquelas visitas ao Hospital Geral, don Josemaría conheceu outras pessoas. Algumas vieram a ser da Obra; outras, não. Mas todas participaram do seu zelo apostólico. Ali, por exemplo, fez amizade com o escultor Jenaro Lázaro. Quando terminavam as visitas de domingo, Jenaro ficava a conversar um pouco com don Josemaría. Essas conversas deixaram-lhe uma impressão indelével: “Era um homem de Deus, que arrastava para Ele as pessoas com quem tratava. Muitas vezes pensei, mais tarde, que o Padre fazia um verdadeiro apostolado de amizade, pois, mal alguém o tratava, tornava-se seu amigo para toda a vida”.

José Manuel Doménech, que hoje vive em Lérida, também conversava com don Josemaría depois das suas visitas ao Hospital de Santa Isabel. E destaca “como ele usava generosamente o seu tempo connosco —o grupo de estudantes que cuidávamos dos doentes— e também com esses mesmos doentes”.

Dia após dia, incansavelmente, dedicando o seu melhor tempo à oração, acompanhado pela prece e pela dor dos doentes dos hospitais de Madrid, o

Fundador do Opus Dei foi levando por diante a sua missão: com os amigos, com os amigos dos amigos.

Isidoro Zorzano tinha sido seu colega de estudos no Instituto de Logronho. Mal se tinham voltado a ver desde esses anos, embora mantivessem contacto por carta. Pensou logo nele. Desejava falar-lhe do Opus Dei recém-nascido. E, num dia 24 de agosto de 1930, encontrou-o em Madrid. Isidoro, que trabalhava em Málaga como engenheiro de caminhos-de-ferro, tinha vindo decidido a falar com ele sobre as suas inquietações espirituais. Sentia um desejo de se entregar a Deus que não sabia como resolver, porque, ao mesmo tempo, via muito clara a sua vocação profissional. Isidoro considerou sempre —até à sua morte em 1943— que esse reencontro com o Fundador do Opus Dei fora providencial, coisa de Deus, que fez com que se vissem inesperadamente numa rua de Madrid —a de Nicasio Gallego—, que não era caminho habitual de don Josemaría. Falaram e, desde esse dia, soube que podia dedicar-se plenamente ao serviço de Deus dentro da sua vida ordinária, na sua profissão de engenheiro.

Juan Jiménez Vargas conheceu o Fundador da Obra no princípio de 1932, numa visita puramente casual de poucos minutos: simplesmente acompanhava um amigo seu, Adolfo Gómez, que ia confessar-se. Don Juan experimentou depois pessoalmente que don Josemaría não deixava de pedir aos rapazes que se confessavam com ele nomes de amigos que pudessem participar no seu apostolado.

As pessoas que se incorporaram à Obra nesses anos, quando falam da sua vocação, contam habitualmente que um amigo as levou ao Padre. Don Ricardo Fernández Vallespín era, em 1933, estudante da Escola Superior de Arquitetura de Madrid e faltava-lhe pouco mais de um ano para terminar o curso. A situação económica da sua família não era boa e, para ajudar, dava explicações a José Romeo. Desde os tempos de Saragoça, o Fundador do Opus Dei era amigo desta família. E foi nessa casa que conheceu Ricardo, num dia em que este tinha ido dar a lição particular. Ele não se tinha colocado, de modo nenhum, qualquer problema de vocação; desejava acabar o curso quanto antes e ganhar a vida; ao mesmo tempo, preocupava-o a situação de Espanha e pensava que algo haveria que fazer. O certo é que

se sentiu atraído por “aquele sacerdote que, nas suas palavras correntes e simples, deixava transparecer uma alma plenamente entregue a Deus”. E marcou uma entrevista com ele, que teve lugar quinze dias depois, a 29 de maio, em Martínez Campos, n.º 4. Pouco tempo mais tarde, Ricardo pediu para ser admitido na Obra.

Mons. Escrivá de Balaguer sabia esperar, não forçava as coisas. Em concreto, nunca abusou da amizade, transformando-a em mero instrumento de apostolado. Antes de mais, era amigo dos seus amigos. Deus serviu-se dessa amizade sincera para chegarem os primeiros membros à sua Obra. Mas a muitos daqueles amigos —e até a pessoas a quem dirigia espiritualmente— o Fundador não lhes falou do Opus Dei, ou limitou-se a pedir-lhes que rezassem por ele e pelo seu trabalho apostólico.

Don Manuel Aznar assinalava, em *La Vanguardia Española* de Barcelona, que jamais “me pediu, nem sequer me indicou, nem sequer me sugeriu com alguma alusão distante, que eu me incorporasse na Obra. Falávamos de tudo, menos disso e de política”. Aznar começava o seu artigo contando, em detalhe, como o tinha conhecido. É um percurso de amizades, tantas vezes repetido no tempo: “A minha amizade com o Fundador veio através da família del Portillo, aparentada com a de um amigo burgalês de grande distinção —Luis García Lozano, longa vida lhe dê Deus!— e com a do inesquecível doutor José María Pardo Urdapilleta. Os Portillo que eu conheci foram três: um médico, um capitão da Legião e um Engenheiro de Caminhos, Canais e Portos. Este último chama-se Álvaro. É, há muitos anos, sacerdote, doutor em Direito Canónico, doutor em Filosofia e Letras, agudo e penetrante em sabedorias eclesiásticas, Secretário-geral do Opus Dei, colaborador essencial de Mons. Escrivá de Balaguer, desde o primeiro dia”.

Don Josemaría viveu esse respeito pela liberdade com ainda maior delicadeza, se possível, na direção espiritual. Deixava que cada um seguisse o seu caminho. Houve rapazes que se orientaram com ele durante anos, a quem nunca colocou a possibilidade de serem da Obra. A outros, encaminhou-os para o sacerdócio ou para a vida religiosa. A muitos formava-os para o matrimónio, fazendo-lhes ver a sua vocação matrimonial, e falava-lhes de que, com o tempo, poderiam fazer parte do Opus Dei.

Entretanto, atendia-os, como era seu hábito, com absoluta disponibilidade, sem pressas, como se não tivesse mais nada que fazer.

Praticou, pois, com toda a normalidade, isso tão específico do Opus Dei, que descreveu em *Caminho* como *apostolado de amizade e confiança*. Um membro da Obra, pessoa igual às demais, não faz coisas estranhas nem para encontrar Deus nem para levar outros até Deus. Limita-se a trabalhar, a cumprir as suas obrigações profissionais, a ser amigo dos seus amigos, a viver a máxima exemplaridade possível na vida de família; numa palavra, dedica-se —sem mudar de lugar nem de estado— às mesmas atividades humanas e tarefas civis que desempenharia se não fosse do Opus Dei. Foi o que fazia o seu Fundador antes de 2 de outubro de 1928 e o que continuou a fazer depois, à luz da sua nova vocação.

2. Um amigo alegre e otimista

“Era muito alegre e compreensivo, muito simples e sem reservas, fazia-se amigo de todos, e todos gostavam dele. Eu não soube de ninguém que tivesse inimizade com ele pessoalmente”, afirma o dominicano P. Sancho.

É um testemunho unânime: Mons. Escrivá de Balaguer foi um grande amigo, e teve muitos amigos. Pudemos comprová-lo —até com espanto— por ocasião da sua morte. Bastava ler os jornais. Pois, no mundo inteiro, publicaram-se artigos, comentários, recordações, que vinham exprimir o afeto pelo amigo desaparecido. Os nomes de muitos dos seus autores já serão familiares ao leitor, porque foram citados em páginas precedentes. Queria apenas sublinhar aqui a diversidade, a universalidade desses amigos.

Ao lado de amigos de infância ou condiscípulos, professores e alunos. Jornalistas e escritores, como Aznar ou Cortés Cavanillas. Catedráticos e universitários, como Rodríguez Casado, Albareda ou García Hoz. Artistas e operários, como Jenaro Lázaro ou Gonzalo Larrocha, contínuo da residência DYA na rua de Ferraz, 50. Sacerdotes e religiosos que, com os anos, prestariam serviços destacados a toda a Igreja: don Vicente Blanco, don Sebastián Cirac, don José María García Lahiguera, don Casimiro Morcillo, don Pedro Cantero, don José María Bueno Monreal, don Marcelino Olaechea, fray José López Ortiz...

Viktor E. Frankl, que aos 70 anos continua a ser uma das primeiras figuras da Psiquiatria moderna, conheceu em Roma o Fundador do Opus Dei. Mons. Escrivá de Balaguer recebeu-o, a ele e à sua mulher, por ocasião de viagens por razões científicas. E especifica o professor vienense, de religião hebraica: “Se devo dizer o que, na sua pessoa, me fascinou particularmente, foi antes de mais a serenidade refrescante que dele emanava e iluminava toda a conversa; depois, o ritmo inaudito com que o seu pensamento flui e, finalmente, a sua espantosa capacidade de contacto imediato com os seus interlocutores”.

Logicamente, os primeiros testemunhos sobre este traço da personalidade de Mons. Escrivá de Balaguer procedem de Barbastro e Logronho. Vimo-los no primeiro capítulo. Um resumo feliz são as palavras de Concepción Pueyo, que o conheceu em Barbastro, quando ela tinha uns vinte e cinco anos e ele, dez ou doze: “Lembro-me bem de que era um rapaz normal, traquinas. Mas muito alegre. Além disso, era uma alegria contagiante; contagiava-nos a todos os que estávamos a seu lado, tanto familiares como amigos”.

A primeira impressão que José Manuel Doménech de Ibarra conserva muito viva, apesar do tempo decorrido —como acabámos de ver, conheceu-o em 1930—, é a de “um sacerdote jovem, alegre, sempre bem-disposto”. José Manuel Doménech sublinha essa ideia do aspeto juvenil, porque sempre tinha pensado que tinham a mesma idade e, mais tarde, soube que o Fundador do Opus Dei tinha sete anos a mais do que ele.

Dez anos depois, conhecê-lo-ia Alfredo López, e as suas recordações —que publicou no diário *Ya* de Madrid— são muito semelhantes: “Quantos tivemos a sorte de nos aproximar deste sacerdote de Deus sentimo-nos invadidos por um carinho inesgotável, pródigo em detalhes de ternura, delicadezas, compreensão, bom humor, que deixava na alma uma sensação de bem-estar espiritual e um estímulo para uma vida limpa de egoísmo e desejosa de servir os outros”.

“Quando eu cumprimentei, pela primeira vez, o Fundador do Opus Dei —relata um jornalista colombiano em *El Tiempo* de Bogotá, a 30 de junho de 1975—, ele sorria. E quando, pela última vez, o vi, há alguns meses, em

Caracas, o seu rosto continuava a mostrar essa paz e essa alegria que foram características permanentes de toda a sua vida”.

Vale a pena realçar como reações idênticas se produziam em pessoas muito diversas: não só temperamentalmente, mas também diferentes quanto à sua atitude religiosa. Impressiona que um frade dominicano, um suíço convertido, um monge do Yermo, um jornalista italiano, ou um estudante orgulhoso do seu anticlericalismo coincidam a ponto de quase usarem as mesmas expressões. O dominicano é o P. Garganta, que conheceu o Fundador do Opus Dei pelos anos quarenta, em Valência: “Das virtudes humanas do Padre, o primeiro que me impressionou foi a sua inimaginável capacidade de cordialidade, da qual derivava uma capacidade de captar as pessoas que, para um apóstolo, é maravilhosa”.

O suíço convertido é Edwin Zobel. Depois de ter contactado, por motivos de trabalho, com alguns membros do Opus Dei, leu *Caminho* e sentiu um grande desejo de conhecer a pessoa “capaz de infundir um semelhante espírito de amor e de renúncia em gente tão valiosa”. Por fim, numa visita a Roma, em 1960, captou logo “a sua extraordinária amabilidade e alegria, a capacidade de transmitir a sua força espiritual”.

Dom Pio Maria, camaldulense, conta que, pelos anos quarenta, por vezes comentavam no Mosteiro do Parral: “Aí vem o sacerdote que está sempre bem-disposto”... “A gente sentia-se imensamente à vontade ao pé dele, pela sua riquíssima humanidade, que chamava tanto a atenção”.

O jornalista italiano Cesare Cavalleri, diretor da revista *Studi Cattolici* de Milão, anuncia no número de julho de 1975 dessa publicação que outros traçarão o perfil teológico de Mons. Escrivá de Balaguer, mas que ele sente o dever de dar o seu testemunho direto, pessoal: “E a minha testemunha é simplesmente esta: mons. Josemaría Escrivá de Balaguer era um sacerdote infinitamente amável. Era impossível aproximarmo-nos dele e não lhe querer bem”.

Por fim, Antonio, o estudante anticlerical. Por razões que explica, teve ocasião de conversar com o Fundador da Obra em 1953: “O primeiro que me chamou poderosamente a atenção ao falar com Mons. Escrivá de Balaguer foi a sua grande simplicidade e cordialidade. De todas as suas

palavras emanava uma grande segurança, que se ia transmitindo para o meu interior. Logo me senti à vontade a conversar com ele. E, à medida que a conversa avançava, ia-me invadindo uma paz maravilhosa e uma enorme serenidade, que eu nem remotamente tinha procurado, pois só queria falar do problema apresentado ao meu amigo”. Antonio estava a meio do curso de Medicina, muito metido na ação política estudantil e —como confessa— era “visceralmente anticlerical, talvez por ter recebido uma formação religiosa deficiente”. O caso é que um amigo seu, também estudante de Medicina, se permitiu imprudentemente corrigir o tratamento que seguia a mãe dele; pouco depois dessa terapia ela morreu, e essa morte fez-lhe sentir um grande complexo de culpabilidade, que o levava a pensar obsessivamente no suicídio. Antonio falou deste problema a outro amigo, com quem se encontrou numa marcha política. Este falou-lhe do Padre: “Aceitei vê-lo —reconhece—, embora não tivesse muita fé nos conselhos dos sacerdotes”. E conversou com ele, aproveitando uma viagem a Madrid; a partir do seu anticlericalismo, não se explica a confiança extraordinária que encontrou nele: “era totalmente insólito. De tal modo era assim que lhe abri a minha alma de par em par, contando-lhe toda a minha vida. Sentia-me totalmente à vontade e surgia uma confiança sincera de todos os meus problemas e depois os do meu amigo”.

Semeou paz e alegria em quantos o trataram, porque vivia unido a Deus. E por isso, também, Mons. Escrivá de Balaguer se caracterizou sempre pelo seu modo vincado —amigável e franco— de falar do divino e do humano, que nele se tornava também divino, como pressentia aquele jornalista, Giuseppe Corigliano, que aludiu em *Il Giorno* de Milão a “a sua grande compreensão para todas as situações humanas, a sua grande capacidade de amar e aquele porte e aquela simpatia que tornavam agradabilíssimo o seu trato. Ao conhecê-lo melhor, intuía-se que aquela grande capacidade de tratar tão intimamente todas as pessoas era fruto da sua grande intimidade com Deus. Antes de palavras, ensinava com os factos que quem tem uma fé autêntica é mais humano, guarda maior capacidade para compreender a vida e as coisas belas e justas deste mundo”.

A sua generosa sementeira de paz, de amizade, de alegria, deu frutos até nos instantes dolorosos da sua morte. Sublinhava-o Eugenio Montes, numa das suas ternas crónicas romanas de junho de 1975: “Caluniosamente, o

anticlericalismo volteriano pintou com tintas negras e sombrias a fé cristã. Mas o sinal da beatitude é precisamente a alegria. Disse-se que a Santa Teresa sorriem as covinhas da fala castelhana. O florentino São Filipe Néri, em plena Contrarreforma, era um contínuo borbulhar de frases cintilantes. Também Mons. Escrivá de Balaguer. Assim como o seu rosto defunto afugenta toda a imagem tétrica, assim a sua conversa transmitia a todos a sua alegria jubilosa. Don Álvaro del Portillo contou-me tê-lo ouvido dizer: *Quando eu morrer, rezai muito por mim, para que eu possa passar por cima do purgatório como um toureiro*. Repito: a Santa Teresa e a São Filipe Néri esta frase teria encantado”.

3. Confiança, lealdade, gratidão

A amizade do Fundador do Opus Dei transbordou sempre de humanidade, de atenções delicadas e cordiais, capazes de superar a distância ou uma ausência prolongada. Assinalava-o Juan Antonio Iranzo, seu colega de estudos na Universidade de Saragoça. Muitos anos depois, também em Saragoça, assistiu à Missa em que ele deu a Primeira Comunhão ao filho de outro velho amigo, Juan Antonio Cremades. No fim, “viu-me e deixou as crianças, dizendo: *Tenho de estar com este meu colega, que há muitos anos não vejo*. E esteve comigo numa salinha uns vinte minutos. Cada vez que eu lhe insinuava que muitos o esperavam, dizia-me: *Estes têm-me sempre; nós, pelo contrário, só nos vemos muito de vez em quando*”.

Monseñor Avelino Gómez Ledo, que viveu em 1927 na Residência sacerdotal da rua Larra, em Madrid, traz um desses pormenores típicos de boa amizade: celebrava ele o seu dia santo na festa de São André Avelino, pouco conhecido em Espanha, e nesse dia “Mons. Escrivá era o único a felicitar-me carinhosamente e sobrenaturalmente”.

Mas não era apenas uma questão de temperamento ou de boa memória. Mons. Escrivá de Balaguer foi assim, entre tantas razões, porque sabia *confiar nos outros*. E transmitiu este critério a todos os que têm alguma missão de governo dentro da Obra: o Opus Dei funciona à base de confiança. É uma realidade que deriva do facto de o seu Fundador ter confiado sempre em todos quantos tratou. Não teorizava quando

aconselhava os pais de família a não darem nunca aos filhos a impressão de que desconfiavam deles; era preferível deixar-se enganar alguma vez, pois *a confiança que se deposita nos filhos faz com que eles mesmos se envergonhem de ter abusado e se corrijam; pelo contrário, se não têm liberdade, se veem que não se confia neles, sentir-se-ão inclinados a enganar sempre.*

Podia dar estes conselhos porque já os tinha posto em prática. De facto, confiava mais na palavra do amigo, ou do membro da Obra, do que no *testemunho unânime de cem notários*, como costumava dizer com uma frase expressiva. Ele, que aconselhou sempre os pais de família a procurarem tornar-se amigos dos seus filhos, viveu-o profundamente como Fundador e como pai que era, dentro da numerosa família do Opus Dei. Ao contemplar este traço da sua amizade, é impossível não pensar, com ele, nas palavras de Jesus aos Apóstolos na Última Ceia, *vos autem dixi amicos* —“eu chamei-vos amigos” (*Ioann.*, XV, 15)—, que resumem o sentido humano e divino da Redenção.

Muitas vezes lhe perguntaram qual era a virtude humana de que mais gostava, a mais importante. Costumava responder que a sinceridade. Ao mesmo tempo — e sobretudo nos últimos anos —, como um refrão, enalteceu a lealdade: porque, como ser leal, fiel a Deus, se não se saboreia a delícia da lealdade humana, da fidelidade aos outros?

Quando se trata de amizade, a lealdade é inseparável da gratidão. Mons. Escrivá de Balaguer dava graças a Deus por tudo, *etiam pro ignotis*, também pelos benefícios desconhecidos, os que o Senhor lhe tivesse feito e ele nem sequer alcançasse a ver.

E dava graças também aos homens. Não admira que fosse especialmente agradecido com os que o ajudaram nos começos do Opus Dei ou quando as dificuldades apertavam.

Pouco depois da guerra de Espanha, deu os primeiros passos para começar o trabalho do Opus Dei em Bilbao. Don Álvaro del Portillo e don Pedro Casciaro fizeram algumas viagens e encontraram um clima tenso. Pairavam no ambiente as sequelas de sérios ataques pessoais contra o Fundador do Opus Dei, que procuravam prevenir as pessoas contra a Obra.

Muitas portas se fecharam então. Pelo contrário, a Viúva de Ibarra, Carito Mac Mahon, agindo com a sua habitual distinção, abriu-lhe a sua casa e confiou nele. Mons. Escrivá de Balaguer nunca o esqueceu: qualquer ocasião era boa para ter algum cuidado especial com essa família. A Marquesa de Mac Mahon dá testemunho, em 1975, de que “era especialmente agradecido, porque recordava com um agradecimento excessivo o pouco que eu e os meus fizemos por ele naquelas épocas em que não era conhecido, nem tampouco a Obra”.

O P. Garganta, O.P., viu os começos do apostolado do Opus Dei em Valência antes de conhecer pessoalmente o Fundador. O seu primeiro contacto deu-se através do Provincial dos Dominicanos das Filipinas, Padre Tomás Tascón, que esteve um dia em Valência e lhe disse: —O Padre Escrivá pediu-me que lhe transmitisse estas palavras: *Padre Garganta, estou muito agradecido e muito contente com o que faz pelos meus rapazes; um abraço de irmão*. No verão de 1975, o P. Garganta confirma: “O Padre era muito agradecido pelo que eu podia fazer por ele e pelos seus filhos; talvez mo tenha agradecido mais do que a conta porque era generosíssimo, e eu fazia-o com uma boa vontade incomensurável”.

A sua gratidão não era mera cortesia: uma palavra que se diz e depois se esquece. Pelo contrário, o Fundador do Opus Dei continuava a agradecer, muitos anos depois.

Em 1943 instalou-se a Residência de estudantes da Moncloa. O Fundador da Obra conhecia a Madre Geral das Religiosas do Serviço Doméstico e foi ter com ela para ver se lhe poderia proporcionar alguma rapariga que trabalhasse na nova Residência. Atendeu-o a Madre Carmen Barrasa, na ausência da Madre Geral. Recentemente, a Madre Barrasa assinalava que Mons. Escrivá de Balaguer não tinha esquecido aquele pormenor: assistira à cerimónia de beatificação da sua Fundadora (Roma, 1950) e, além disso, dispôs que assistissem também as empregadas do lar, membros do Opus Dei, que então havia em Roma. Na tarde desse dia, apresentou-se na sua Casa Geral para as felicitar pessoalmente, com uma boa caixa de bombons, como manifestação da estima que lhes tinha.

Também dá testemunho da gratidão de Mons. Escrivá de Balaguer don José María García Lahiguera, que na sua época de Diretor espiritual do

Seminário Maior de Madrid o confessou semanalmente entre 1940 e 1944. “Sempre, de modo delicado e com obras, demonstrou a sua gratidão para comigo, por lhe administrar, durante aqueles anos, o Sacramento da Confissão”.

Exemplos deste estilo podem multiplicar-se. No capítulo segundo, aludiu-se à Missa que celebrou em Andorra, depois de atravessar os Pirenéus desde Barcelona. Essa Missa impressionou muito mosén Pujol Tubau, que, como vimos, foi o sacerdote que lhe facilitou tudo para celebrar. Quando mosén Pujol organiza as suas recordações do Fundador do Opus Dei, refere-se a como viveu a amizade, com lealdade e gratidão e —isto também o admira— a como soube inculcá-la aos membros da Obra: “Pouco podia imaginar que, daquele breve encontro em Andorra, com aquela torrente constante de refugiados, viesse a estabelecer-se um trato tão afetuoso e permanente como o que mantenho com os membros do Opus Dei”.

Desde aqueles dias de dezembro de 1937, mosén Pujol e o Fundador da Obra continuaram em contacto com as tradicionais felicitações de Natal e as onomásticas. Em abril de 1944, por ocasião da sagração em Saragoça de don Ramón Iglesias Navarri como Bispo de Seo de Urgel, mosén Pujol foi à capital aragonesa na qualidade de arcipreste de Andorra. Na receção prévia à cerimónia, pôde comprovar a boa memória, o leal agradecimento que don Josemaría tinha, porque, ao ser apresentado ao futuro bispo, este lhe disse que lhe tinham falado muito bem dele e que fora don Josemaría Escrivá: “A mim surpreendeu-me logo, pensando como poderia lembrar-se don Josemaría de um sacerdote com quem tinha tratado tão pouco; mas depois compreendi que tanta afabilidade era consequência de um profundo sentido de amizade”.

Guardava especial gratidão para os seus mestres. Teve sempre para eles provas de afeto e reconhecimento. Mais de uma vez elogiou em público o seu professor de Química no liceu. Apresentava-o como exemplo de homem ordeiro que, quando fazia em aula uma experiência, mal acabava de usar uma proveta ou um tubo de ensaio, limpava tudo —também as prateleiras— e deixava cada coisa no seu lugar. O Fundador do Opus Dei comentava que esse exemplo foi um dos caminhos de que o Senhor se

serviu para lhe ensinar a pôr cuidado em fazer bem até as coisas mais pequenas.

Don Miguel Sancho Izquierdo foi professor dele na Faculdade de Direito de Saragoça. Com o passar dos anos, seria Reitor desta Universidade, muito ligada —por tantas razões— à de Navarra. De facto, os dois primeiros doutores *honoris causa* da Universidade de Navarra, da qual Mons. Escrivá de Balaguer era Grão-Chanceler desde a sua ereção jurídica, foram conferidos a dois reitores de Saragoça, don Juan Cabrera y Felipe e don Miguel Sancho Izquierdo. O ato académico de investidura realizou-se a 28 de novembro de 1964 e, no seu discurso, o Grão-Chanceler da Universidade de Navarra manifestou a sua particular alegria perante a distinção recebida pelo seu mestre: *dou-me a honra de ter sido seu aluno nas salas cesaraugustanas*.

A gratidão de Mons. Escrivá de Balaguer ajudou-o também a viver a justiça com traços de marcada generosidade. Sentia-a especialmente —e vivia-a— quando se tratava de retribuir quem trabalhava junto dos membros do Opus Dei nas obras apostólicas que promoviam. Preocupou-se sempre em que essas pessoas estivessem bem pagas, fazendo todo o esforço necessário para obter meios económicos em tarefas quase sempre deficitárias.

Foi um autêntico *Pai* e, em mais de uma ocasião, disse que admirava o bom *paternalismo*, porque ao seu coração cristão lhe parecia insuficiente o frio cumprimento da justiça. Nunca aceitou, por exemplo, que o ensino fosse gratuito nas obras apostólicas promovidas por membros do Opus Dei no campo docente: a sua ideia era que os alunos pagassem algo —ainda que fosse o que costumam gastar no elétrico, disse uma vez de modo muito expressivo—, para que tivessem consciência do seu *direito* e pudessem reclamá-lo, se fosse caso disso... E, ao mesmo tempo, queria que os professores e os empregados vissem bem reconhecidos todos os seus direitos e fosse organizado o descanso oportuno, também para que pudessem trabalhar com ordem e eficácia.

Como um caso entre centenas, conta Encarnación Ortega que, em 1945, a cozinheira se foi embora da Residência da Moncloa, porque já tinha bastante idade e o trabalho daquela residência era excessivo para ela. Mons.

Escrivá de Balaguer indicou expressamente que se tivesse com ela as máximas atenções e se lhe desse uma gratificação generosa. O seu modo agradecido de ser fazia com que nunca se limitasse a cumprir estritamente —de forma estreita— os deveres da justiça.

Outra manifestação do seu sentido da amizade —pormenor muito significativo nos nossos dias— é que sempre soube ter *tempo* para os amigos, para estar junto deles, especialmente nos momentos difíceis. Don Antonio Rodilla, durante muitos anos Vigário-Geral de Valência, Reitor do Seminário Arquidiocesano e Diretor do Colégio Maior São João de Ribera, em Burjassot, amigo do Fundador do Opus Dei desde os anos trinta, traça, numa carta a um sacerdote da Obra, o amplo quadro de amabilidades e delicadezas que teve com ele e com a sua família: desde o consolo em situações íntimas muito dolorosas, até à presença física no enterro da sua mãe.

Um dia, com paciência, poderão calcular-se as muitas horas que passou a convidar para almoçar esses inúmeros amigos seus, com —a frase é de *Caminho*, 974— *a velha hospitalidade dos Patriarcas, com o calor fraterno de Betânia*.

E, por último, as cartas. Também fará falta muita paciência investigadora para reconstruir a correspondência do Fundador do Opus Dei. Escreveu milhares de cartas, que eram um prolongamento, à distância, de uma amizade profundamente sentida.

Não deixou de escrever nem sequer durante os anos da guerra de Espanha, em que a censura postal tornava arriscado o correio. A amizade —o carinho— conhece mil recursos. Foi então que começou a assinar *Mariano*, um dos quatro nomes que lhe impuseram na pia batismal, e no qual se refletia também a sua devoção à Virgem. As suas cartas desses anos estão cheias de nomes combinados, de imagens tiradas da vida familiar, que contornavam os riscos da censura das duas zonas em que o país esteve dividido entre 1936 e 1939. Muitos foram os que testemunharam a sua alegria e gratidão quando, nas frentes de guerra, recebiam periodicamente notícias do Fundador do Opus Dei, que os animava a continuar firmes noutras lutas: a sua luta interior, o seu afã apostólico, a sua preocupação

pelos outros, a reconstrução das suas vidas, para continuarem a fazer uma cristã sementeira de paz quando terminasse o conflito.

4. Soube amar

Um dos *segredos* de Mons. Escrivá de Balaguer foi a sua grande cordialidade. Ao seu lado era fácil sentir-se compreendido, amparado, levado para o amor de Deus. O seu coração transbordava carinho: por Deus, pelos homens, pelo mundo. *Amar o mundo apaixonadamente* é o título da homilia que pregou em 1967 no campus da Universidade de Navarra. Um título à medida do seu coração. Pois nele cabiam as dores e as alegrias, os corpos e as almas, o grande e o aparentemente trivial.

Tem surpreendido muitos a prodigiosa memória do Fundador do Opus Dei. *Ex abundantia enim cordis os loquitur*: diz a Escritura que da abundância do coração fala a boca (Mt., XII, 34). Mons. Escrivá de Balaguer, porque sabia amar, reparava —e recordava— centenas de pequenos detalhes que pareciam não ter importância.

A história sucedeu num dia de 1974 no Brasil. Havia treze anos que Rafael Llano não o via. O Fundador do Opus Dei respondeu à sua saudação com a melodia italiana —*Tímida è la bocca tua*— que costumava entoar-lhe amavelmente em Roma, muito tempo antes, aludindo às dimensões, nada pequenas, da boca de Rafael e dos seus irmãos, quase todos da Obra. À tarde, comentar-lhe-ia:

—*Lembro-me de que uma vez havia muita gente. Vi um e disse-lhe: tu és fulanito. E ele respondeu: sim; como é que me conhece? Pela boquinha! Lembras-te?*

Rafael respondeu que sim, que a toda a família gostava de ser reconhecida pela boca e pela canção. Ao ouvi-la de manhã, tinha-se desatado a chorar.

A cordialidade do Fundador do Opus Dei era tão espontânea que surpreendia até os que conviviam com ele. Como aconteceu no México, num dia de 1970:

Num canto do átrio principal da ESDAI (Escola Superior de Administração de Instituições), obra apostólica promovida por mulheres do Opus Dei no México, estava Victoria, da Obra, com a sua mãe idosa, que queria, nem que fosse, vê-lo passar. Quando disseram a Mons. Escrivá de Balaguer que era a mãe de duas auxiliares do lar e de dois operários, os quatro membros da Obra, aproximou-se para lhe dizer que os acabava de ver em Montefalco. Sem dar tempo a reagir aos que estavam à sua volta, a senhora ajoelhou-se num gesto de gratidão e de respeito e começou a inclinar-se para lhe beijar os pés. *Isso não, minha filha, isso não!* Imediatamente, Mons. Escrivá de Balaguer ajoelhou-se também. *Somos iguais, minha filha, somos filhos de Deus, com a diferença de que eu não sou mais do que um pobre pecador, por quem é preciso rezar muito.* O gesto foi tão rápido que ninguém sabia o que fazer. Victoria tentava levantar a mãe. Don Álvaro del Portillo esperava poder ajudar Mons. Escrivá de Balaguer a levantar-se. Foi um minuto. Foi longo. Ninguém falava... Ninguém se mexia. Só se ouvia a voz amabilíssima do Fundador do Opus Dei dizendo coisas à idosa que, com a cabeça coberta pelo seu *rebozo*, chorava. Quando se retirou, essa camponesa dizia, com a voz entrecortada pelos soluços: “Hoje foi o dia mais feliz da minha vida”.

Para don José Orlandis, Mons. Escrivá de Balaguer era “o mais cordial, o mais afetuoso, o mais entrañável dos homens: era, verdadeiramente, o Pai. A ninguém conheci com maior capacidade de amar, de amar a todos, tendo para todos os braços bem abertos. Parece impossível que um mesmo homem pudesse ser, ao mesmo tempo, tão de Deus e tão profundamente humano”.

“O segredo —explica Orlandis, repetindo o que tinha ouvido ao próprio Fundador do Opus Dei— estava, simplesmente, em que amava a Deus e aos homens com o mesmo coração. Amava o Pai, o Filho e o Espírito Santo e a Santa Maria com o mesmo coração de carne com que tinha amado a sua mãe e com que amava os seus filhos”.

Em 1974, em São Paulo, perguntaram-lhe:

—Como fazer para que todas as pessoas caibam dentro do nosso coração e para que o nosso temperamento não nos estorve com a sua sensibilidade?

—Que julgas tu? Que o coração humano é pequenino e cabe uma família, e não cabe mais? Toda a nossa família —somos milhares e milhares de pessoas, de raças diferentes, de línguas diferentes, de continentes diferentes...—, todos cabem. Já verás como é fácil. Se não te afastas do trato de Jesus, Maria e José; se procuras ter vida interior; se és homem de oração; se trabalhas, porque se não, não há vida interior..., então o coração aumenta.

Essa pergunta eu fazia-a a mim mesmo ao princípio (...). Senhor, e quando formos muitos, que acontecerá? Porque agora amo-os tanto; mas, quando formos uma multidão? Agora somos muitos, muitos, muitos, e o coração tornou-se grande, grande: à medida do Coração de Cristo, em que cabe toda a humanidade e mil mundos, se os houvesse...

Mons. Johannes Pohlschneider, bispo de Aquisgrão, escreveu no *Deutsche Tagespost* que, no dia 27 de junho de 1975, recebeu por telefone a notícia da morte, totalmente inesperada, do Fundador e Presidente Geral do Opus Dei. Ficou profundamente consternado, com a sensação de que, de repente, uma estrela luminosíssima se tivesse apagado no céu da Igreja: “Muito mais potentes ainda do que as forças da sua inteligência eram os impulsos que o seu coração irradiava à sua volta. Vem-me espontaneamente à cabeça o que a Igreja diz do grande apóstolo da juventude, don Bosco, no Intróito da Missa na festa deste Santo: *Dedit illi Deus sapientiam et prudentiam multam nimis, et latitudinem cordis quasi arenam quae est in littore maris*. Essa *latitudo cordis*, em que cabiam todos e tudo, mas muito especialmente o Amor de Deus e do próximo, era a característica essencial deste sacerdote. Amava, queria aos homens no sentido mais verdadeiro desta palavra e preocupava-se e cuidava deles”.

A Mons. Escrivá de Balaguer faziam-no sofrer a ignorância, a miséria, a fome de pão ou de cultura, a doença, o desânimo, a solidão... E vivia a fundo aquelas cenas do Evangelho que falam da misericórdia de Jesus, perante a dor e as necessidades dos homens: *compadece-se* —pode ler-se numa das suas homilias— *da viúva de Naim, chora pela morte de Lázaro, preocupa-se com as multidões que o seguem e que não têm que comer, compadece-se também, sobretudo, dos pecadores, dos que caminham pelo mundo sem conhecer a luz nem a verdade.*

Daí nascia um propósito claro: tratar filialmente Santa Maria, porque *quando somos verdadeiramente filhos de Maria compreendemos essa atitude do Senhor, de tal modo que o nosso coração se dilata e temos entranhas de misericórdia. Doem-nos então os sofrimentos, as misérias, os enganos, a solidão, a angústia, a dor dos outros homens, nossos irmãos. E sentimos a urgência de os ajudar nas suas necessidades e de lhes falar de Deus para que saibam tratá-l'O como filhos e possam conhecer as delicadezas maternais de Maria.*

O seu desvelo abrangia tanto as grandes crises da humanidade, que atingem as multidões, como os pequenos problemas que afligem os que convivem de perto. Viveu e ensinou desde os começos da Obra o que repetia a 1 de outubro de 1967, em Tajamar: *Passou o tempo de dar moedas e roupa velha. É preciso dar o coração e a vida!*

Dar-se a quem está ao lado, esquecer-se completamente de si mesmo: era precisamente uma das chaves da sua alegria constante. No trato com os outros, sublinhava sempre os aspetos positivos de acontecimentos e pessoas. “Nunca o vi pessimista, nunca, apesar de tudo; apesar das muitíssimas contrariedades, dificuldades e calúnias que teve de suportar. Sempre, agarrado à fé em Cristo Jesus, navegou com serenidade e caridade”, testemunha don Joaquín Mestre Palacio, Prior da Basílica de Nossa Senhora dos Desamparados de Valência.

Uns vinte dias antes de morrer, a 7 de junho de 1975, numa conversa com mais de uma centena de membros da Obra, do enorme coração de Mons. Escrivá de Balaguer brotou, improvisado, um cântico à *alegria de viver*:

Estais a começar a vida. Uns começam e outros acabam, mas todos somos a mesma Vida de Cristo: e há tanto que fazer no mundo! Vamos pedir ao Senhor, sempre, que nos ajude a todos a ser fiéis, a continuar a tarefa, a viver essa Vida, com maiúscula, que é a única que vale a pena: a outra não vale a pena, a outra vai-se, como a água entre as mãos, escapa-se. Em contrapartida, esta outra Vida! (...)

Que quereis que vos diga? Já vo-lo disse sempre: que fostes chamados por Deus para serdes santos, para sermos santos, como ensinava São

Paulo. Sede perfeitos, assim como o vosso Pai celeste é perfeito: essas são as palavras de Cristo.

Ser santo é ser feliz, também aqui na terra. E perguntar-me-eis talvez: Padre, e o senhor, foi sempre feliz? Eu, sem mentir, recordava há poucos dias, não sei onde foi, que nunca tive uma alegria completa; sempre, quando vem uma alegria, dessas que satisfazem o coração, o Senhor fez-me sentir a amargura de estar na terra, como um relâmpago do Amor... E, no entanto, nunca fui infeliz, não me lembro de ter sido infeliz alguma vez. Dou-me conta de que sou um grande pecador, um pecador que ama com toda a sua alma Jesus Cristo. Por isso, infeliz, nunca; alegria completa, nunca também. Ai, que confusão me fiz!

Ajudai-me a ser santo; pedi por mim para que seja bom e fiel. Mas que não fique tudo em palavras; ponde também obras, porque o exemplo arrasta.

Também aconteceu em Roma. Assinou-o Jesús Urteaga em Mundo Cristiano. O Fundador do Opus Dei tinha reparado, no rosto de um estudante, num gesto de contrariedade. Perguntou-lhe o que se passava. E, quando ele lhe disse que estava cansado, respondeu-lhe a sorrir:

—Meu filho, há cinquenta anos que faço as coisas a contrapelo.

Mas não era fácil notá-lo, porque, como costumava ensinar, muitas vezes a melhor mortificação é o sorriso. Dez dias antes da sua morte, a 15 de junho de 1975, dizia:

Tenho a devoção de celebrar frequentemente —quando a liturgia o permite— a Missa da Santíssima Virgem; parece-me que já vo-lo disse alguma vez. E há uma velha oração, na qual o sacerdote pede a saúde mentis et corporis, e depois a alegria de viver. Que bonito! Há por aí quem pense que a alegria de viver é coisa pagã, porque o que procuram é a alegria de morrer, de se suicidar estupidamente, suicidar-se com estrume até por cima dos olhos. Seguir Cristo, procurar a santidade é ter a alegria de viver. Os santos não são tristes nem melancólicos; têm bom humor.

Nessa alegria de viver reparou também o professor Viktor E. Frankl, nos seus encontros romanos com o Fundador do Opus Dei, e descreve-a em termos precisos, técnicos: “Evidentemente Monsenhor Escrivá vivia totalmente no instante, abria-se a ele completamente e entregava-se-lhe por inteiro. Numa palavra, para ele o instante devia possuir todas as qualidades do decisivo (Kairos–Qualitäten)”.

O seu bom humor era contagioso, porque correspondia a uma alegria verdadeira, que nascia da paz da sua alma em graça e que tinha também raízes de dor: a dor normal que acompanha necessariamente a vida de todo o homem sobre a terra. Tinha-se fixado nos camponeses da sua terra, que picam os figos para que o fruto seja mais doce, e assim aceitava, contente, as contrariedades de cada dia, vendo nelas as picadas com que o Senhor faria com que a sua jornada fosse mais fecunda e esperançada.

No dia 27 de junho de 1975, *El Noticiero* de Saragoça publicava um artigo de José María Zaldívar, que reflete o clima cordial que o Fundador do Opus Dei criava à sua volta, como por osmose. Tinha ido em outubro de 1960 a Saragoça para receber a investidura como doutor *honoris causa* da sua Universidade. José María Zaldívar foi ao Paraninfo da Faculdade de Medicina, onde se realizava o ato, embora há uns dias não pudesse aproximar-se dos microfones na sua emissão diária de rádio, porque a morte inesperada do seu irmão o tinha mergulhado num abatimento total. Havia ambiente de festa naquele Paraninfo. Mons. Escrivá de Balaguer entrou “simples, alheio a toda vaidade humana; sorridente, familiar. Percebi, ao vê-lo atravessar aquela via académica, que ele nos demonstrava —autor de *Caminho*— o seu próprio caminho e a sua maneira peculiar de caminhar. A simplicidade, a que gera paz na limpidez dos critérios; a rigorisidade suave que se pode crucificar com sorrisos”. Tanto se comoveu José María Zaldívar que, nesse meio-dia, voltou “a ser voz na rádio, à custa de esquecer as minhas penas, contando a alegria do alto-aragonês”.

A história chegou aos ouvidos de Mons. Escrivá de Balaguer, que quis cumprimentá-lo. Zaldívar foi ao encontro. No jornal, quinze anos depois, não transcreve o diálogo. Só fala de um abraço, de uma bênção e de um presente: um exemplar de *Caminho*, com uma jaculatória escrita pela mão do Fundador do Opus Dei: *Omnia in bonum!* (“Tudo é para bem”). E

conclui José María Zaldívar: “Coube-me na vida, como a todo o mortal, sofrer desde 1960 tantas coisas que poucos saberão... Mas ali estavam as palavras de Josemaría Escrivá de Balaguer, como lição”.

A sua sobrenatural e humana *alegria de viver* aparece em toda a sua força quando se confronta com uma dor tremenda, com uma doença incurável, com o lento consumir-se de uma vida. O *Diario de Burgos* publicou, a 13 de agosto de 1975, o testemunho impressionante de um homem que queria tornar pública a sua “dívida para com Monsenhor Escrivá de Balaguer”. Assim titulou o seu artigo Manuel Villanueva Vadillo: era um homem jovem quando lhe diagnosticaram uma paralisia progressiva, que o levou a uma cadeira de rodas, sem nenhuma esperança de voltar a andar. Aí aprendeu, guiado pelo Fundador do Opus Dei, o significado da dor. Pouco a pouco foi descobrindo que o sofrimento, aceite e oferecido por amor a Deus, o tornava corredentor com Cristo. E compreendeu o valor autêntico daquelas palavras: *os doentes são o tesouro do Opus Dei*.

Manuel Villanueva recorda como o Fundador da Obra, quando era um sacerdote jovem, foi procurar os meios para fazer a Obra de Deus nos hospitais: “Eram gente desamparada e doente; alguns com uma doença então incurável, a tuberculose. O seu tesouro estava ali: repartido entre os doentes que ofereciam a alegria da sua dor e entre aqueles que, pela sua mão, subiram à presença de Cristo. Eu fazia —e faço— parte desse tesouro”.

Alguém escreveu na imprensa, também a propósito da morte de Mons. Escrivá de Balaguer, que, de tanto amar, se lhe tinha partido o coração. E mais de um recordou aquilo de *morrer inadvertido numa boa cama, como um burguês..., mas de mal de Amor* (Caminho, 743). Só que o Fundador da Obra, nos seus últimos anos, antes dizia que de amor não se morre, de amor vive-se. Como naquele 7 de janeiro de 1975, em La Lloma, perto de Valência. Houve canções; entre outras, aquela —*Si vas para Chile*— que lhe cantaram um ano antes em Buenos Aires, na véspera da sua partida para Santiago. Uma canção suave, saturada de nostalgia, que fala de amor:

Se vais para o Chile
peço-te, viajante,

diz-lhe a ela
que de amor eu morro...

—Bem, isso de que se morre de amor... —comentou—, De amor vive-se. Amai muito, amai com todo o coração, que não morrereis de amor. Vá, ponde o coração no Senhor, amai-O de verdade! Amai a sua Mãe, São José, e vivei com eles em Belém, em Nazaré, no Egito... Que vos apaixoneis de verdade, e que vivaís de amor: porque de amor não se morre, não. Isso são histórias: o amor dá vida; sem amor não se pode viver. Por isso vos quero apaixonados; porque, se o estais, não me mete medo nada. Sereis fiéis!

E o Fundador do Opus Dei concluiu:

Vivei de amor, filhos meus, ainda que digais, mentindo, que morreis de amor!

Voltar ao Índice

CAPÍTULO QUINTO

CORAÇÃO UNIVERSAL

1. Os começos em Madrid

Buenos Aires, 16 de junho de 1974. No Palácio de Congressos General San Martín, Mons. Escrivá de Balaguer conversa com milhares de pessoas. Passou quase uma hora, quando pega no microfone uma mulher idosa. É avó de vários membros da Obra. Tem oitenta e quatro anos. Apesar do seu inconfundível sotaque argentino, depois de saudar o Padre, diz-lhe que é de Madrid.

—*Madrilena? De Chamberí, ou de onde? Em que rua nasceste?*

—*Na rua de los Abades.*

—*Conheço-a, claro que sim. Perto de Progreso. E a rua de Dos Hermanas fica mesmo ao lado... Continua, continua...*

Condensei este diálogo que ouvi, com centenas de madrilenos, numa projeção do filme rodado naquele dia na América do Sul. Praticamente nenhum sabia onde ficava a rua de los Abades, nem a de Dos Hermanas. Com efeito, ficam ao lado de Progreso. Mons. Escrivá de Balaguer apresentava-se muitas vezes —em tom de brincadeira— como madrilenos: porque em Madrid tinha nascido o Opus Dei. Muitos dos recantos desta cidade sabem da sua oração ou do seu caminhar. Era capaz de distinguir uns azulejos com a imagem da Virgem no alto de um edifício da rua de Atocha e saudá-la sempre que passava. Pensava com nostalgia no “passeio de carros” da Castellana. Quantas voltas não teria dado por ali falando com aqueles primeiros rapazes que se aproximavam do seu apostolado!

Talvez tenha sido num desses passeios, no início dos anos trinta, quando descobriu a imagem de Nossa Senhora do Pilar que há no monumento a Colombo. O monumento a Cristóvão Colombo está no Paseo de la Castellana, à altura da Biblioteca Nacional. As flores nas arcadas

neogóticas, os maçaricos, festões e símbolos recarregados quase escondem, num lateral da base, a pequena estátua de Santa Maria, com o Menino nos braços, que não passou despercebida ao coração observador e enamorado do Fundador do Opus Dei. É uma imagem em pedra que não foi notada pelos que incendiaram e saquearam igrejas e destruíram e profanaram imagens sagradas. O certo é que, quando chegou a guerra de Espanha, ele —com algum membro do Opus Dei que ainda se encontrava em Madrid— foi rezar e pedir, diante dessa Virgem, a graça e o amor que fizessem crescer com segurança a Obra.

Sabia de Madrid mais do que muitos madrilenos. E isto era mais uma prova de que, enquanto se inflamava em desígnios de universalidade, vivia com os pés na terra e amava o concreto mundo em que Deus o tinha colocado: a casa onde nasceu, a sua família, a paisagem do Somontano, as ruas de Saragoça ou os recantos de Madrid. Não era um desenraizado e, com o seu inconfundível sotaque aragonês —que não quis nem precisou de disfarçar—, difundiu a sua mensagem universal pelos caminhos da terra.

Nesta maneira de ser do Fundador do Opus Dei encontramos algumas das razões da sua capacidade de chegar a homens e mulheres de todas as raças e das mais diversas culturas. Porque não há nada mais universalmente humano do que uma personalidade inteira e rica, cordial e sincera.

Ao mesmo tempo, o seu espírito alimentava-se dessa nascente mais profunda, que é a catolicidade —a universalidade— da Igreja.

Uma e outra acabavam por confluir naquilo que Deus queria que fosse o Opus Dei: um caminho de espiritualidade, centrado na santificação do trabalho ordinário. E, de facto, como assinalava em *La Voz de Asturias* (Oviedo) um professor de Direito canónico, José María González del Valle, glosando textos de Mons. Escrivá de Balaguer: “O trabalho ordinário é uma realidade universal; não é um costume espanhol, nem uma moda nascida no século em que vivemos. Não é arriscado prever que, dentro de muitos séculos, os homens continuarão a trabalhar. Nem parece que se possa restringir essa realidade a determinados setores do planeta. Daí que esse caminho transcenda os limites de espaço e tempo. Não é só que, de facto, o fenómeno espiritual do Opus Dei se tenha estendido pelas diversas regiões da terra, mas que esse fenómeno espiritual é, em si mesmo —pela sua

natureza— universal; tanto hoje, quando o Opus Dei conta com milhares de membros, como no ano de 1928, data da sua fundação”.

Os que se aproximaram de don Josemaría, nos começos da Obra, perceberam desde o primeiro momento que o Opus Dei não tinha nascido para remediar as necessidades de um país ou de uma época determinada, mas que Deus queria uma Obra para todos e para qualquer tempo.

Entre muitas outras pessoas, recorda-se Natividad González, que o conheceu em Madrid no final de 1933 ou no começo de 1934, quando começou a frequentar —vivia na rua de Atocha, número 121— a igreja de Santa Isabel, onde don Josemaría celebrava Missa. Natividad reparou que, todos os dias, havia algumas pessoas à espera para se confessarem. Numa manhã, aproximou-se de uma delas e perguntou-lhe se aquele sacerdote era bom confessor... Aquela rapariga —que lhe inspirava confiança— disse-lhe que sim, que era um Padre excelente, que ela iria gostar. E começou a confessar-se com ele.

O Fundador do Opus Dei animou-a a continuar a fazer o apostolado que já fazia então: dar catequese em paróquias de subúrbios, visitar pobres e doentes. Ao fim de algum tempo, falou-lhe do espírito da Obra: “era um apostolado —ficou gravado na memória de Natividad— amplíssimo, que abrangia toda a gente de todas as condições, que tinha tantas facetas quantas podiam ser as atividades dos homens, porque qualquer atividade podia transformar-se em trabalho de apostolado”.

Naquelas primeiras conversas pessoais, mais de um pensou que era um *visionário*, que estava *louco*. E quase ninguém teria considerado estes juízos *insensatos*, pois então o Fundador do Opus Dei nada podia mostrar, a não ser os seus sonhos.

Sonhava com o mundo inteiro, com homens e mulheres de mil raças e cores. Como naquele 21 de janeiro de 1933, quando deu uma aula de formação a um grupo de gente jovem. Assistiram apenas três pessoas, estudantes de Medicina os três: Vicente Hernando Bocas, José María Valentín-Gamazo e Juan Jiménez Vargas. Teve lugar no asilo madrilenho de *Porta Coeli*, que ficava na rua García de Paredes, paralela à do General Martínez Campos, perto da Rotunda de Iglesia.

O edifício acolhia então uma casa de rapazes de rua —*rapazes no sentido castelhano e madrileno da palavra*—, precisaria em alguma ocasião Mons. Escrivá de Balaguer —, aos quais umas freiras santas procuravam corrigir e ensinar a trabalhar. O Fundador do Opus Dei ia lá ensinar-lhes o catecismo e confessá-los. Fazia todo esse trabalho completamente de graça. Assim, quando o pediu, as freiras deixaram-lhe uma sala de aula das que tinham e permitiram-lhe também usar a capela. Depois de rezar e de fazer rezar, de oferecer e fazer oferecer muitos sacrifícios, começou uma nova atividade. Naquele dia só apareceram três, de entre muitos que costumavam ir confessar-se à casa da sua mãe, em Martínez Campos.

Presidia à aula uma estampa da Virgem, que tinha apanhado na rua. Desde 1931, não era raro ver pedaços de catecismos rasgados e pisoteados nos bairros extremos da cidade. Já desencadeada a perseguição religiosa em Espanha, tinha sido proibido o ensino da doutrina cristã nas escolas. Ao pé de uma árvore, no bairro de Los Pinos —Tetuán de las Victorias—, descobriu um dia uma pequena imagem da Santíssima Virgem: uma folha de catecismo de papel ruim, com uma gravura que representava Nossa Senhora. Don Josemaría, com desejo de desagravo, mandou emoldurar a pequena gravura num pedaço de tecido rico, de uns 30 cm. Foi essa a imagem que presidiu àquela aula e que depois estaria na biblioteca da Academia DYA, na rua de Luchana. O quadro passou para a residência de Ferraz e, dali, desapareceu durante a guerra de Espanha.

No fim da aula, foram à capela, para assistir à Exposição maior e Bênção com o Santíssimo, que ia officiar don Josemaría. A Juan Jiménez Vargas impressionou-o “a maneira de rezar, de abrir o Sacrário, de se ajoelhar e, sobretudo, a maneira de segurar a Custódia nas mãos e de dar a bênção”.

Mais de uma vez o Fundador do Opus Dei recordou esse primeiro ato eucarístico na sua tarefa com a gente jovem. Por exemplo, durante a sua viagem por Venezuela e Guatemala em 1975:

Vieram-me só três. Que desastre!: não é verdade? Pois não! Fiquei muito otimista, muito contente, e fui ao oratório das freiras; expus Nosso Senhor na Custódia e dei a bênção àqueles três. Pareceu-me que o Senhor Jesus, nosso Deus, abençoava trezentos, trezentos mil, trinta milhões, três

mil milhões..., brancos, negros, amarelos, de todas as cores, de todas as combinações que o amor humano pode fazer. E fiquei alguém, porque é uma realidade ao fim de meio século. Fiquei alguém, porque o Senhor foi muito mais generoso.

Compreende-se a sua emoção, pouco depois de chegar à Argentina em 1974, ao verificar, vendo-a, a realidade que já conhecia pela sua tarefa de governo do Opus Dei:

Ainda não acredito. É verdade que estou em Buenos Aires? E rodeado de criaturas que estão enamoradas de Cristo, que estão dispostas a tudo?

A sua emoção era visível, diante daquela multidão de pessoas da Obra:

Eu estou esta manhã, toda a manhã, contra spem in spem. Porque, há uns quarenta e sete anos, havia um sacerdote —que conheço meio, tão pecador como eu— sem nenhum meio humano, sem nada: tinha apenas vinte e seis anos, a graça de Deus e bom humor. Humanamente falando, não é um grande tesouro, pois não?, mas diante do Senhor... E agora estais vós aqui; e há irmãos vossos em todo o mundo: de todas as cores, de todas as raças, de todas as línguas.

2. Em hospitais e subúrbios

“O Opus Dei nasceu nos hospitais e bairros pobres de Madrid, e eu sou testemunha, ainda que em mínima parte”, afirma José Manuel Doménech de Ibarra. E Benilde García Escobar, irmã daquela antiga mulher do Opus Dei, María Ignacia, e de Braulia, a que se alude no capítulo terceiro, acrescenta: “É uma grande verdade. Ali a minha irmã o conheceu e fez parte do Opus Dei; ali também o conhecemos Braulia e eu e nunca deixaremos de agradecer-lo ao Senhor”.

Benilde detalha o zelo do Fundador do Opus Dei no Hospital del Rey, onde a sua irmã estava internada. Não ia só vê-la a ela, mas atendia todas aquelas pessoas, atingidas pela tuberculose, que naquele tempo se considerava terrível porque na maioria dos casos não se curava: “Chamava-me a atenção a alegria e a serenidade daquelas mulheres, mães de família,

pobres, separadas dos seus filhos por causa do contágio da doença e que, mal viam entrar don Josemaría, se enchiam de uma felicidade profunda. Diziam-no simplesmente assim: Já chegou don Josemaría. Estava dito tudo”.

Já ficou referida a atividade que o Fundador do Opus Dei desenvolveu, a partir do Patronato de Enfermos, pelos subúrbios de Madrid e, depois, no Hospital del Rey, no Hospital General da rua de Santa Isabel e no da Princesa, em San Bernardo.

O inimaginável era que, precisamente nesses lugares tão miseráveis, procurasse riquezas: o tesouro da oração e da mortificação dos doentes. No dia de São José de 1975, confidenciava a pessoas da Obra em Roma:

Passou o tempo. Fui buscar fortaleza aos bairros mais pobres de Madrid. Horas e horas por todo o lado, todos os dias, a pé de uma parte para a outra, entre pobres envergonhados e pobres miseráveis, que não tinham nada de nada; entre crianças com ranho na boca, sujas, mas crianças, que quer dizer almas agradáveis a Deus. Que indignação sente a minha alma de sacerdote, quando dizem agora que as crianças não devem confessar-se enquanto são pequenas! Não é verdade! Têm de fazer a sua confissão pessoal, auricular e secreta, como os outros. E que bem, que alegria! Foram muitas horas nesse trabalho, mas sinto pena de não terem sido mais. E nos hospitais e nas casas onde havia doentes, se é que se podem chamar casas a aqueles tugúrios... Eram gente desamparada e doente; alguns, com uma doença que então era incurável, a tuberculose.

Mais de cem pessoas o escutavam em silêncio. Falava em voz baixa, como quem abre o seu coração na presença divina:

De modo que fui buscar os meios para fazer a Obra de Deus em todos esses sítios. Entretanto, trabalhava e formava os primeiros que tinha à volta. Havia uma representação de quase tudo: havia universitários, operários, pequenos empresários, artistas...

Foram uns anos intensos, em que o Opus Dei crescia por dentro sem darmos conta. Mas quis dizer-vos —algun dia vo-lo contarão com mais detalhe, com documentos e papéis— que a fortaleza humana da Obra

foram os doentes dos hospitais de Madrid: os mais miseráveis; os que viviam nas suas casas, perdida até a última esperança humana; os mais ignorantes daquelas barriadas extremas.

No dia 2 de julho de 1974, no Colégio Tabancura de Santiago do Chile, alguém lhe pediu que explicasse por que dizia que o *tesouro do Opus Dei* são os doentes... E, devagar, como saboreando as recordações, Mons. Escrivá de Balaguer falou de um *sacerdote que tinha 26 anos, a graça de Deus, bom humor e nada mais. Não possuía virtudes, nem dinheiro. E tinha de fazer o Opus Dei... E sabes como pôde?*, perguntava:

Pelos hospitais. Aquele Hospital General de Madrid carregado de doentes, paupérrimos, com aqueles deitados nas enfermarias, porque não havia camas. Aquele Hospital del Rey, onde só havia tuberculosos, e então a tuberculose não se curava... E essas foram as armas para vencer! E esse foi o tesouro para pagar! E essa foi a força para ir para a frente! (...) E o Senhor levou-nos por todo o mundo, e estamos na Europa, na Ásia, em África, na América e na Oceânia, graças aos doentes, que são um tesouro...

Poucos meses depois, a 19 de fevereiro de 1975, em Ciudad Vieja (Guatemala), voltariam à sua memória esses anos em que contou *com toda a artilharia de muitos hospitais de Madrid:*

Eu pedia-lhes que oferecessem essas dores, as suas horas de cama, a sua solidão —alguns estavam muito sós—: que oferecessem ao Senhor tudo isso pela tarefa que fazíamos com a gente jovem.

Ensinava-os assim a descobrir a alegria do sofrimento, porque participavam da Cruz de Jesus Cristo e serviam para algo grande e divino. O Fundador do Opus Dei encontrava neles verdadeiro motivo de fortaleza, certeza de que o Senhor levaria a Obra por diante *apesar dos homens, apesar de mim mesmo, que sou um pobre homem.*

Desde então, juntamente com a catequese nos bairros pobres, as visitas a doentes e desamparados seriam meios habituais para impulsionar o apostolado que o Opus Dei faz entre gente jovem de todo o mundo.

Também em Lisboa, em novembro de 1972, se referia ao sentido cristão da dor:

Encontrar-te-ás também com a dor física, e feliz nesse sofrimento. Falaste-me de Camino. Não o sei de cor, mas há uma frase que diz: bendito seja o dor, amado seja o dor, santificado seja o dor, glorificado seja o dor. Lembras-te? Isso escrevi-o num hospital, à cabeceira de uma moribunda a quem acabava de administrar a Extrema-Unção. Dava-me uma inveja louca! Aquela mulher tinha tido uma grande posição económica e social na vida e estava ali, num catre de hospital, a morrer e sozinha, sem outra companhia senão a que eu podia fazer-lhe naquele momento, até que morreu. E ela repetia, saboreando, feliz!: bendito seja o dor —tinha todas as dores morais e todas as dores físicas—, amado seja o dor, santificado seja o dor, glorificado seja o dor! O sofrimento é uma prova de que se sabe amar, de que há coração.

Braulia, a irmã mais nova de María Ignacia García Escobar, contempla o Fundador da Obra em 1931 “rodeado sempre de rapazes jovens, que o acompanhavam a ensinar o catecismo nos subúrbios, nos restolhos e em bairros de barracas. Era necessária uma fé imensa para fazer aquilo então. E uma grande coragem. Ainda recordo os rostos de ódio e a imensa desconfiança que demonstravam para com os sacerdotes e os seus acompanhantes os homens daqueles bairros”.

Jenaro Lázaro soube em 1930 que, além do trabalho nos hospitais, o Padre orientava várias catequeses. Não localiza bem os nomes exatos dos bairros, mas sim que ia muito por Vallecas. No dia 1 de outubro de 1967, Mons. Escrivá de Balaguer voltou de novo a Vallecas. Muitas coisas tinham mudado. No salão de atos de Tajamar, obra apostólica promovida por membros do Opus Dei, o seu Fundador recordou que, quando tinha vinte e cinco anos, *vinha muito por estes descampados todos, a enxugar lágrimas, a ajudar os que precisavam de ajuda, a tratar com carinho as crianças, os velhos, os doentes; e recebia muita correspondência de afeto..., e alguma ou outra pedrada.*

E continuava, referindo-se a Tajamar: *Hoje, para mim, isto é um sonho, um sonho bendito, que vivo em tantos bairros extremos de grandes cidades, onde tratamos as pessoas com carinho, olhando nos olhos, de frente,*

porque todos somos iguais (...) Sou um pecador que ama Jesus Cristo com todas as forças da sua alma; sinto-me muito feliz, embora não me falem as penas, porque neste mundo a dor acompanhar-nos-á sempre. Quero que ameis Jesus Cristo, que O conheçais, que sejais felizes, como eu: não é difícil conseguir esse trato. Diante de Deus, como homens, como criaturas, somos todos iguais.

(...) Falei dos meus vinte e cinco anos. Eu tinha pressentimentos do que o Senhor queria. Só aos vinte e seis o soube. Queria esta loucura, esta loucura de carinho, de união, de amor.

Um sonho de juventude tornara-se realidade. O coração sacerdotal de Mons. Escrivá de Balaguer sentia a preocupação por todas as almas, porque diante de Deus, *somos todos iguais*: pobres criaturas, necessitadas da misericórdia divina. Naqueles anos sofreu muito pelo desamparo em que se vivia —e se morria— nos subúrbios madrilenos, pelo seu ambiente sórdido —infra-humano— que também contribuía para afastar muitos de Deus. Conheceu situações tremendas, só comparáveis às dos hospitais aos quais don Josemaría fazia com que o acompanhassem os rapazes com quem lidava. Porque, como afirma outro dos que iam ao Hospital de Santa Isabel, depois de passar uma tarde de domingo a cortar o cabelo ou as unhas aos doentes, a lavar-lhes a cara ou a esvaziar os escarradores, “quase sempre vomitávamos ao sair”.

Repulsivo é o adjetivo que Juan Jiménez Vargas aplica ao modo como muitas pessoas viviam —algumas por desleixo— na zona da catequese de Tetuán. Ele era de família média, estudante de Medicina e de temperamento nada assustadiço, antes pelo contrário. Pouco depois daquela aula de formação cristã no asilo de *Porta Coeli*, segundo relata, começaram uma catequese no bairro de Tetuán, que era então dos piores de Madrid. Ali comprovou que o Fundador do Opus Dei tinha muita experiência no trato com as crianças, sabia fazê-las compreender a doutrina e facilitava-lhes a confissão.

Desenvolia uma intensa atividade apostólica com pessoas de toda a sorte e condição. Aos estudantes animava-os, de modo especial, a fazer apostolado com os seus colegas de Faculdade, mas sem esquecer que no Opus Dei cabiam todos, também os operários. Ao doutor Jiménez Vargas

não se lhe apaga o nome de um empregado de banca, Dorado, que entendia bem a Obra. Morreu nos primeiros dias da guerra.

Braulia García Escobar guarda também na sua memória a imagem da casa onde vivia Mons. Escrivá de Balaguer, na rua Martínez Campos, como um vaivém de rapazes jovens de posições muito diferentes: “Havia muitos estudantes e também havia muitos operários”.

A Vicente Hernando Bocos parece-lhe que foi onde conheceu don Josemaría, na “Casa do Estudante”, entre 1929 e 1930. Depois, o serviço militar, a sua intensa atividade política, a prisão —desde 1932— e, finalmente, o desterro em 1935, truncaram as suas relações. No princípio, vivia numa Residência para sacerdotes na rua de Larra, número 3, e “tinha em marcha o seu apostolado com um grupo de operários, empregados de escritório, gente de classe média, e também nos tratava a nós, os universitários”.

Em 1940 —segundo publicou, na *Hoja del Lunes* de Madrid, don Pedro Gómez Aparicio, ao historiar os primeiros anos da Escola Oficial de Jornalismo— Mons. Escrivá de Balaguer “era um jovem sacerdote aragonês já rodeado de uma certa popularidade nos meios estudantis e operários madrilenos, que frequentava com predileção”.

Este apostolado universal do Fundador do Opus Dei resume-se na sua frase constante ao longo dos anos: *de cem almas, interessam-nos as cem*. O seu coração sacerdotal não conhecia discriminações. Era preciso chegar a todos, porque —como diria mil vezes, expondo a doutrina do Apóstolo— *cada alma vale todo o sangue de Jesus Cristo*.

Nos seus anos de Madrid, sonhava também em chegar aos meios rurais. Em 1935 tinha redigido umas notas sobre o trabalho apostólico que os membros do Opus Dei realizariam no campo. A Joaquín Herreros Robles, Presidente do Comité de gestão nacional das Escolas Familiares Agrárias em Espanha, ficou gravada na alma, anos depois, a pena do Fundador do Opus Dei pelas precárias condições de vida que as famílias rurais sofriam em muitos lugares, de tantos países.

A ideia de promoção profissional e humana, e de formação cristã no campo, que Mons. Escrivá de Balaguer acariciava desde a juventude, cristalizaria com o tempo em muitas atividades: umas, obras apostólicas atendidas espiritualmente pelo Opus Dei, como a de Montefalco, em Morelos (México); outras, iniciativas pessoais de membros da Obra, fruto do seu desejo de servir os homens e da sua ilusão apostólica. As Escolas Familiares Agrárias foram uma resposta pessoal de Joaquín Herreros e de outras pessoas do Opus Dei, a partir de um desejo expresso do Fundador. Em 1976 existem em Espanha 36 Escolas, impulsionadas por muitas pessoas, entusiastas e generosas, identificadas com a finalidade das EFA: fazer uma promoção profissional, cultural e humana, e dar formação espiritual, nos meios rurais.

Joaquín Herreros visitou o Fundador do Opus Dei em Roma, em fevereiro de 1966, e contou-lhe as suas ilusões, as suas experiências, os seus projetos. “Animou-nos, muito comovido, a levá-las depressa por diante, pedindo-nos que, antes de mais nada, rezássemos muito por toda aquela bela tarefa que se adivinhava e pela qual ele —acrescentava num tom de imenso carinho— já fazia bastante anos que rezava com muita confiança no Senhor”.

Sete anos depois, estando em Pozoalbero (Jerez), tentaram que visitasse alguma das várias Escolas que funcionam pelo sul de Espanha. Não lhe pareceu oportuno, porque —como costumava esclarecer— só tinha um *pote*, e não queria fazer distinções com ninguém. *Quero que venham todos aqui, a Pozoalbero* —explicou-lhes— *porque têm formação suficiente para perceber tudo, como os outros*. “Comoveu-me profundamente —comenta o Presidente das EFA— a imensa delicadeza e sensibilidade do Padre, ao entender que uma visita sua especial às EFA, naquela ocasião em que já estavam organizadas tertúlias para pessoas de toda a classe e condição em Pozoalbero, poderia interpretar-se como uma maneira —por simples que fosse em aparência— de lhes fazer, uma vez mais, pouco caso aos agricultores”.

Trabalho com camponeses, também feito *olhando nos olhos, de frente, porque todos somos iguais*. Naqueles dias de 1972, em Pozoalbero, não era

uma frase feita Mons. Escrivá de Balaguer quando dizia a Anastasio e a Pedro, que trabalhavam no jardim:

—*Que esplêndidas tendes todas estas plantas, todas estas flores... Vós, que pensais: vale mais o vosso trabalho ou o de um ministro?*

Eles ficaram calados. Logo a seguir, continuou:

—*Depende do amor de Deus que puserdes: se puserdes mais Amor do que um ministro, vale mais o vosso trabalho.*

Dois anos antes, durante a sua estada em Montefalco (Estado de Morelos, México), tinha falado muito, segundo recorda um camponês daquela terra, Santiago Vázquez Álvarez, sobre a igualdade dos filhos de Deus, sobre a necessidade de casas mais humanas e higiénicas, de estudo e formação profissional, de elevar os de baixo sem baixar os de cima. As gentes de Morelos conhecem lutas por uma vida melhor. Na hacienda de Montefalco ainda ficam ruínas do tempo da revolução. Em todo o Vale de Amilpas vivem homens que conheceram e lutaram ao lado de Emiliano Zapata e continuam na pobreza. A Santiago Vázquez espantou-o o carinho do Fundador do Opus Dei, a sua preocupação pelo bem-estar espiritual e material das gentes daquela terra. E pensa que, desde o céu, “nos ajudará melhor, intercedendo diante de Deus Nosso Senhor, para que nós continuemos a tornar realidade aquilo que ele sonhou”.

3. Uma audácia: a Academia DYA

Pedro Rocamora conheceu Mons. Escrivá de Balaguer por volta de 1928 e, embora Rocamora nunca viesse a ser do Opus Dei, teve desde o primeiro momento uma veneração profunda e um afeto sincero por aquele jovem sacerdote, don Josemaría, que o tratou com a confiança de verdadeiro amigo e, pouco depois de ter nascido a Obra, lhe falou das suas ideias “fundacionais”. Pareciam-lhe demasiado ambiciosas: “Formulava-as com uma simplicidade e uma convicção de êxito que espantava”. Apesar da admiração que sentia por don Josemaría, “não podia ocultar um certo cepticismo perante aqueles projetos que me pareciam demasiado grandes, belos sem dúvida e quase impossíveis de conseguir”.

Mesmo os que tinham fé —além de amizade— no Fundador do Opus Dei sentiam vertigem quando ele lhes falava do futuro. Porque os seus sonhos não podiam apoiar-se absolutamente em nada humano. Esta impressão de vertigem —a fé e a confiança em Deus de don Josemaría— é a que guardam na memória, como vimos, as mulheres da Obra quando ele lhes descrevia os trabalhos que fariam no futuro. Ficava sempre claro que o mais importante era o apostolado pessoal, impossível de registar ou medir. Mas desse afã apostólico surgiram também iniciativas muito diversas: quintas para camponesas, centros de capacitação profissional para a mulher, residências de estudantes universitárias, atividades no campo da moda... Perante o espanto daquelas poucas mulheres, o Fundador do Opus Dei fazia-as ver que a única coisa necessária era confiar em Deus: o Senhor queria que tudo isso se fizesse e, portanto, Deus seria quem levaria por diante a sua Obra.

Não é supérfluo sublinhar que, na mente e no coração de don Josemaría, estavam, naqueles primeiros momentos, muitas atividades que tardariam anos a tornar-se realidade. Esses projetos incluíam, como acabámos de ver, as tarefas que o Opus Dei atenderia espiritualmente, trabalhos de conteúdo profissional e civil, radicalmente orientados para um serviço cristão à sociedade; isto é, tarefas de carácter exclusivamente apostólico.

Os membros da Obra não esqueceram os horizontes que o Fundador abria, naqueles anos trinta, quando tudo estava a começar. Assim, don Juan Jiménez Vargas recebeu em 1933 uma explicação claríssima do que seriam, em concreto, estes trabalhos apostólicos no âmbito do ensino. Seria preciso fazer, entre outras coisas, centros de ensino não oficiais, impregnados de sentido cristão do princípio ao fim, mas sem nunca se chamarem “católicos”. Seriam sempre poucos, fruto da iniciativa de algumas pessoas da Obra, uma parte dos que se dedicavam profissionalmente ao ensino, porque muitos, no exercício da sua liberdade, prefeririam continuar a trabalhar em centros oficiais. Em qualquer caso, estes profissionais não seriam muitos em comparação com todos os que, em cada momento, fizessem parte do Opus Dei. O professor Jiménez Vargas assegura que “quando me falaram do projeto da Universidade de Navarra, quase vinte anos depois, não me surpreendeu nada, porque era uma ideia conhecida”. E acrescenta: “Estas ideias são as mesmas que eu lhe ouvi no ano de 1933”.

Naquele tempo, don Josemaría soube conjugar a universalidade que Deus queria para a sua Obra no futuro com a sóbria fidelidade à realidade do momento. Assim iniciou, com os poucos meios de que dispunha, a primeira iniciativa apostólica deste tipo, com todas as características que depois teriam estas atividades no mundo inteiro: a Academia DYA, que começou a funcionar em 1933 num entresolo da rua de Luchana, número 33, esquina com a de Juan de Austria.

Até então, como é fácil deduzir das páginas precedentes, o Fundador do Opus Dei tinha feito a sua tarefa apostólica onde pudesse. O jornalista Julián Cortés Cavanillas recorda os seus passeios com don Josemaría por Recoletos e as vezes que, com ele, tomou chocolate com picatostes ou churros em *El Sotanillo*, um lugar tranquilo, muito perto da Puerta de Alcalá, subindo desde Correos. Ainda existia nos anos cinquenta, com um ar quase de relíquia histórica, e conservava até o letreiro da fachada —“chocolateria”—, embora pouco tivesse já a ver com o que ali se bebia. A sua disposição interior continuava a ser a mesma de quando, em 1931, sentados à volta de uma mesa, aqueles estudantes escutavam don Josemaría. A partir da rua de Alcalá, uns poucos degraus levavam a uma espécie de longo corredor, dividido por duas paredes em compartimentos quase independentes com mesas e cadeiras. Surpreendentemente, até mesmo nos anos cinquenta e apesar do tráfego rodado da rua, oferecia um ambiente recolhido, propício à tertúlia madrilenha. Ali, com toda a normalidade, imposta também pela falta de meios materiais, o Fundador do Opus Dei foi preparando o trabalho que em breve se ampliaria na rua de Luchana.

A Academia DYA era um centro cultural e de ensino. Davam-se aulas de matérias profissionais e organizavam-se ciclos de conferências, também sobre questões doutriniais, como os cursos de apologética, dirigidos por um sacerdote, don Vicente Blanco. Na Academia havia ainda aulas de formação espiritual e apostólica para os membros da Obra e para os rapazes que, sem o serem, participavam do trabalho; e iam conversar com don Josemaría sobre os seus problemas pessoais.

Embora a casa fosse relativamente pequena, foram grandes as dificuldades económicas para a levar por diante. As iniciais daquela Academia DYA correspondiam aos estudos que ali se davam: Direito e

Arquitetura. “Mas no fundo —diz Pedro Rocamora— eram as siglas daqueles lemas de que don Josemaría me tinha falado no ano 28: *Deus e Audácia*. Aos frívolos ou aos mal-intencionados, o lema poderia parecer escandaloso, mas o que don Josemaría pretendia era que, com a confiança posta em Deus, fazendo-se cada jovem aliado e amigo do Senhor, se lançasse a fazer o bem pelo mundo com audácia apostólica. Sublinho isto, porque a malignidade contemporânea tem procurado dar uma dimensão de interesses humanos a essa audácia. Nada mais distinto do pensamento do Padre. Audácia para ser apóstolo, audácia para se sacrificar, audácia para fazer o bem, audácia para ajudar quem sofre, quem padece e quem precisa, para dar um conselho mesmo que seja inoportuno, para arrancar um amigo das garras do pecado. Era para isso a audácia que don Josemaría pregava”.

Numa das suas últimas viagens a Madrid, o Fundador do Opus Dei atravessou um dia a rua de Luchana. Evocava-o em Roma, no dia de São José de 1975, três meses antes do seu falecimento repentino:

Passámos diante do edifício, há pouco tempo, e o coração batia-me forte... Quantos sofrimentos! Quanta contradição! Quanta tagarelice! Quantas mentiras!...

E, aludindo à generosidade com que a sua família o ajudou a instalar aquela casa, recordava também o expressivo comentário do seu irmão Santiago, então ainda quase adolescente:

Todos os dias, quando eu saía de casa de minha mãe, vinha o meu irmão Santiago, metia as mãos nos meus bolsos e perguntava-me: o que levas para o teu ninho?

Esta audácia vinha da certeza da sua vocação divina. Contava com Deus, por intercessão de São José —e cedo também de São Nicolau de Bari—, para resolver os problemas económicos, pois a Academia mal se sustentava. Um sacerdote amigo seu, don Saturnino de Dios Carrasco, pediu também dinheiro para a DYA a pessoas conhecidas, entre elas a família Ruiz Ballesteros, da qual ele era capelão e preceptor: “Don Josemaría pretendia abranger todos os âmbitos da sociedade com o seu apostolado; não temia a Universidade daqueles anos, mas procurava contrariar a tarefa negativa de algumas cátedras universitárias, proporcionando uma boa

formação doutrinal aos rapazes que frequentavam a Academia DYA com aulas de religião e outros meios de formação cristã”.

Um destes meios eram os retiros espirituais, que dirigia na igreja dos Padres Redentoristas, na vizinha rua de Manuel Silvela. Conserva-se a carta que, a 26 de abril de 1934, o Fundador do Opus Dei dirigiu a don Francisco Morán, Vigário da diocese de Madrid. Entre outras coisas, fala-lhe do próximo retiro, que será no primeiro domingo de maio, e diz-lhe que *com a ajuda de Deus, espero que seja fecundo, porque os jovens universitários responderam muito bem, acorrendo aos retiros anteriores.*

Estou convencido de que o Senhor abençoa estes jovens que levam a Academia, na qual encontramos tantas facilidades para o nosso apostolado sacerdotal entre intelectuais, cumprindo, por outra parte, a clara Vontade de Deus sobre mim, que é “ocultar-me e desaparecer”.

Peço-lhe, Sr. Vigário, que encomende esta rapaziada na Santa Missa: eles merecem-no (...).

Nessa mesma carta, dá conta também ao Vigário de Madrid da iminente aparição das suas *Considerações Espirituais: por razões de economia, com a aprovação do Sr. Bispo de Cuenca, está a imprimir-se um folheto —depois imprimir-se-ão outros— na “Imprensa Moderna”, antes “Imprensa del Seminario”, dessa capital (Cuenca). São notas que uso para me ajudar na direção e formação dos jovens e que até agora iam a estêncil.*

E acrescenta: *Adianto-lhe que não têm pretensões nem importância e que se imprimem anonimamente: de qualquer modo, só são úteis para determinadas almas que queiram de verdade: 1) ter vida interior e 2) sobressair na sua profissão, porque isso é obrigação grave.*

O Fundador do Opus Dei não tinha dinheiro, mas, desde o primeiro momento, estavam muito claros os fins e os meios, sobrenaturais, para fazer a Obra na terra. Como recapitulava em Roma, em março de 1975:

E depois, Deus levou-nos pelos caminhos da nossa vida interior, pelos específicos. Que procurava eu? Cor Mariae Dulcissimum, iter para tutum! Procurava o poder da Mãe de Deus, como um filho pequenino, seguindo

por caminhos de infância. Recorri a São José, meu Pai e meu Senhor. Interessava-me vê-lo poderoso, poderosíssimo, chefe daquele grande clã divino, e a quem o próprio Deus obedecia: erat subditus illis! Recurri à intercessão dos santos com simplicidade, num latim trapalhão mas piedoso: Sancte Nicolæ, curam domus age!; e à devoção aos Santos Anjos da Guarda, porque foi num 2 de outubro que soavam aqueles sinos de Santa Maria dos Anjos, uma paróquia madrilena, junto a Cuatro Caminos... Recorri aos Santos Anjos com confiança, com puerilidade, sem dar por isso que Deus me metia —vós não tendes de imitar-me, viva a liberdade!— por caminhos de infância espiritual.

Que pode fazer uma criatura que deve cumprir uma missão, se não tem meios, nem idade, nem ciência, nem virtudes, nem nada? Ir à sua mãe e ao seu pai, recorrer aos que podem alguma coisa, pedir ajuda aos amigos... Foi isso que eu fiz na vida espiritual. Isso sim, à força de disciplina, marcando o compasso.

E o Fundador do Opus Dei concluía:

Estou-vos a contar um bocadinho do que foi a minha oração desta manhã: é para me encher de vergonha e de agradecimento, e de mais amor. Tudo o que foi feito até agora é muito, mas é pouco: na Europa, na Ásia, em África, na América e na Oceânia. Tudo é obra de Jesus, Nosso Senhor. Tudo o fez o nosso Pai do Céu.

4. Que cada caminhante siga o seu caminho

A tarefa de fazer o Opus Dei esmagava o seu Fundador: sentia-se *instrumento inepto e surdo*, sem nenhum meio humano. Mas, com incalculável generosidade, soube dar tudo da sua parte para cumprir a missão que Deus lhe exigia. E é importante verificar também que as fadigas da sua chamada específica de modo nenhum o fizeram perder a perspetiva da Igreja universal.

Mons. Escrivá de Balaguer fica para a história como figura muito afastada do “apóstolo especializado”. Pois sentiu como seus os anseios de quantos trabalhavam pela Igreja. Levou muitas almas à vida de oração, na

rua ou no convento; trabalhou pelos sacerdotes e pelos religiosos; amou com obras a Hierarquia; toda a sua vida foi uma entrega ao serviço da Igreja inteira.

Ficou bem gravado na alma de uma daquelas raparigas que se confessavam com ele na igreja de Santa Isabel, Natividad González: muitas vezes lhe falou de amar a Igreja e o Papa com obras, de obedecer a todos os seus mandatos. Explicava-lhe que a Obra era e seria sempre muito romana, que tinha e teria sempre por honra amar a Igreja santa, una, católica, apostólica e romana.

Asunción Muñoz, Dama Apostólica que contemplou de muito perto o labor do Fundador do Opus Dei entre 1927 e 1931, testemunha que “compreendeu muito bem o nosso espírito, ainda que depois ele fundasse o Opus Dei com um modo de procurar a santidade muito diverso. Tendo-o conhecido, isto explica-se com facilidade, já que ele acolhia tudo o que era bom, tudo o que era grande, tudo o que era santo... Tinha um espírito muito universal. Queria tudo quanto fosse para a Glória de Deus. E por isso nos conheceu muito bem, ajudou-nos imenso e teve por nós um grande afeto”.

Em 1933 prosseguiu, de modo mais organizado, como sabemos, o seu trabalho apostólico com os jovens: círculos, meditações e retiros, atos de devoção eucarística, etc. Desde o primeiro momento, quando explicava essas atividades aos que se incorporavam, dizia-lhes sempre que não se tratava de formar nenhuma associação: *já há muitas e muito boas*, costumava repetir. Limitava-se a oferecer uns meios de formação, umas aulas de doutrina cristã que, de facto e de direito, eram compatíveis com pertencer ou continuar a pertencer a qualquer associação das que então existiam. Esta atitude não era tática, mas pura consequência do seu espírito aberto, universal, católico, que se alegrava —alegrar-se-ia toda a vida— com as manifestações de zelo dos outros.

O P. Sancho, O.P., regressou de Manila em 1935. Interessava-lhe nessa data, de modo especial, o apostolado com os jovens. Conheceu então as Teresianas e a senhorita Segovia, que um dia lhe falou de don Josemaría. O P. Sancho reconhece o afeto com que o Fundador do Opus Dei ajudou esta Instituição e como bendizia a Deus diante de qualquer apostolado de que

tivesse notícia: “Nunca foi exclusivista; tinha um espírito muito amplo, um zelo infatigável por todas as almas”.

Depois da guerra de Espanha, o próprio P. Sancho teve ocasião de voltar a comprovar de perto esse espírito. Por então surgiram diferentes grupos apostólicos. Uns, promovidos por sacerdotes seculares; outros, por religiosos, que começaram a trabalhar com leigos. Ao P. Sancho não se lhe apagou a alegria de Mons. Escrivá de Balaguer perante essas iniciativas: “Dizia sempre: quanto mais pessoas houver que sirvam a Deus, melhor”.

Ao Fundador do Opus Dei competia ser, como tantas vezes se reconheceu, “pioneiro da espiritualidade laical”. Mas era tal a força da sua palavra e dos seus escritos, a riqueza de doutrina que o Espírito Santo lhe imprimia, que, na prática, fez um bem enorme, não só a milhares de pessoas do mundo, que descobriam Deus no meio dos seus afazeres mais ordinários, mas também a religiosas e religiosos, consagrados para toda a vida a Deus longe do mundo, por caminhos que não podiam ser mais diversos dos do Opus Dei.

A fidelidade a Cristo conhece, na história como no presente, uma notável variedade de situações pessoais e institucionais, que mostram o carácter católico, universal, da Igreja, sem que haja necessariamente entre essas instituições relação de continuidade. Acima das diferenças, há sempre um denominador comum radical: a mensagem do Evangelho. Mons. Escrivá de Balaguer sublinhou sempre —como elemento decisivo— que, para serem santos no meio do mundo, os leigos deviam aprender a levar vida *contemplativa*, a ter presença de Deus nas circunstâncias normais próprias dos fiéis correntes.

O espírito contemplativo é o fio condutor que, em boa medida, explica que o Fundador do Opus Dei entendesse muito bem a vocação —com manifestações tão distintas— de outras pessoas. Um irmão professo da Cartuxa de Aula-Dei (Saragoça), Hugo María Quesada, atesta como desde maio de 1942 acudiu todas as semanas à direção espiritual de don Josemaría até à sua entrada na Cartuxa de Miraflores. Foi-o ajudando a ter presença de Deus, a ver a oração como um diálogo, simples e familiar, com Deus, a mortificar-se no ordinário e no extraordinário... Ajudou-o, em suma, a amadurecer a sua vocação, para que a sua entrada na Cartuxa não fosse

fruto de um entusiasmo passageiro. E, por fim, *vai-te*, disse-lhe, *que o Espírito Santo te leva por esses caminhos*. O irmão Hugo María recorda com gratidão aquele conselho e conserva um exemplar de *Caminho* dedicado, que “continua a fazer-me bem na minha vida na Cartuxa”.

Do seu Mosteiro de Valência, sor María Rosa Pérez, monja clarissa, afirma que os escritos de Mons. Escrivá de Balaguer, “cheios de um profundo conteúdo espiritual, têm sido uma valiosa ajuda nas diferentes épocas da minha vida, tanto na minha vida secular como atualmente na minha vida consagrada. Todos eles refletem a grandeza da sua alma, a sua profunda fé e extraordinária confiança em Deus”.

Na carta que, a 21 de agosto de 1975, escreve sor María Jesús Rodríguez Cuervo, Abadessa do Mosteiro Cisterciense de Santa María de los Ángeles (Oviedo), reconhece que as obras do Fundador do Opus Dei ajudam a viver a sua vocação contemplativa e a ser fiel ao espírito da Regra de São Bento.

E a Superiora do Mosteiro da Visitação de Santa María, também de Oviedo, sor Teresa J. García de Samaniego, exprime-se em termos parecidos. Leem e meditam os escritos do Fundador do Opus Dei. Alguma religiosa do Mosteiro afirma que lhe deve muito da sua vocação. Todas veem nas suas homilias um fermento de vida sobrenatural, de fé e de esperança, de serenidade e de alegria. Para uma irmã do Mosteiro, cega há anos, a edição de *Caminho* em método Braille é recurso permanente para a sua oração e vida de piedade. Sor Teresa conclui: “A espiritualidade deste Fundador é universal. É a espiritualidade de um homem de Deus”.

A amplitude de horizontes do Fundador do Opus Dei não conhecia reservas. Movido pelo Amor de Deus, queria que toda a glória fosse para Ele e para a sua Igreja. Por isso, perante qualquer chama que se acendesse ao serviço apostólico, a sua atitude era de apoio decidido, naquilo que estivesse ao seu alcance. Pelo menos, de alegria e de oração, como escreveu em *Caminho*:

Alegra-te, se vês que outros trabalham em bons apostolados. —E pede, para eles, graça de Deus abundante e correspondência a essa graça (Caminho, 965).

Encantava-lhe que, na Igreja, houvesse muitos caminhos:

Deve havê-los: para que todas as almas possam encontrar o seu, nessa variedade admirável (Caminho, 964).

Mas, como tinha sofrido a dor da incompreensão de alguns, arrastados pela tentação da inveja —a ciumenta rivalidade—, que aparece já entre os primeiros discípulos de Jesus Cristo, formou, desde o primeiro momento, os que vinham ao seu lado na ideia de que se dedicassem à sua tarefa, sem incomodar em nada outros que também trabalhavam por Deus:

É mau o teu espírito se te dói que outros trabalhem por Cristo sem contar com o teu trabalho. —Lembra-te desta passagem de São Marcos: “Mestre: vimos um que andava a expulsar demónios em teu nome, que não é da nossa companhia, e lho proibimos. Não há que proibir-lho, respondeu Jesus, pois ninguém que faça milagres em meu nome poderá depois falar mal de mim. Porque quem não é contra vós, é por vós.” (Caminho, 966).

Pouco depois da guerra de Espanha dirigiu uns dias de retiro para estudantes em Burjasot (Valência). O edifício tinha sido quartel de milicianos ou coisa parecida. Ainda restavam letreiros nas paredes, embora tivessem tirado muitos. Quis que deixassem um que dizia “Cada caminhante siga o seu caminho”: vinha a ser todo um lema do espírito aberto que caracterizava a sua ação apostólica.

Ao longo da sua vida, teve muitas ocasiões de confirmar, com os factos, que tinha incorporado à sua conduta esse espírito evangélico. Uma delas foi referida, nas suas linhas gerais, pelo Bispo de Ciudad Real. Don Juan Hervás promoveu um grande movimento de renovação cristã e de apostolado laical, os conhecidos Cursinhos de Cristandade, que tiveram pronta e rápida expansão. Mas, como tantas vezes sucede, desencadeou-se uma tremenda tempestade contra ele. Por volta de 1957 foi desabafar com o seu amigo don Josemaría, a quem tinha conhecido antes de 1936, quando don Juan consagrava o seu recém-iniciado sacerdócio à nascente Ação Católica.

Os tempos tinham mudado. Mas o diálogo foi tão fácil e cordial como então. “As suas palavras, breves e certeiras —escreve Monsenhor Hervás

em 1975— reconfortaram-me muito numa hora certamente difícil para os Cursilhos de Cristandade. E lembro-me também da insistência com que sublinhava, dando-me a sensação de que derramava em mim a sua própria alma: amor aos que não nos compreendem, oração pelos que julgam sem querer perceber, atenção à voz da Igreja e não aos rumores da rua, um coração limpo de amarguras e ressentimentos”.

“Deste modo providencial e imprevisto, aquele homem de Deus —como não hesito em chamá-lo— influenciou para encorajar uma empresa que não era a sua empresa e derramou caridade e compreensão sobre um método de espiritualidade e apostolado laical que seguia por caminhos distintos dos seus.”

Alegra-te, se vês que outros trabalham em bons apostolados (...). Depois, tu, ao teu caminho: convence-te de que não tens outro.

Assim termina aquele ponto 965 de *Caminho*, citado pouco antes. Isto exige que cada um se centre na sua própria tarefa, com o seu espírito peculiar, e com veneração e compreensão pelos outros, sem ingerências, nem coordenações ou planificações supérfluas.

Não obstante, quando foi necessário, o Fundador do Opus Dei trabalhou —ou fez trabalhar— a favor de organizações ou movimentos apostólicos que obedeciam a princípios ou modos de fazer diversos dos da Obra.

Foi assim, por exemplo, com a Ação Católica Espanhola no pós-guerra. Quando, em 1949, o Bispo de Madrid lhe pediu um sacerdote do Opus Dei para o nomear conselheiro eclesiástico da Juventude Universitária da Ação Católica madrileña, deu-lhe vários nomes para que o Bispo escolhesse. Deve ter-lhe custado, porque ainda eram muito poucos os sacerdotes do Opus Dei e abundantes as próprias necessidades apostólicas. Mas o que aqui nos interessa agora é que, quando comunicou a don Jesús Urteaga que ia receber esse encargo diocesano, lhe exprimiu —com toda a clareza— o seu desejo terminante de que trabalhasse *seguindo o próprio espírito da Ação Católica*.

Conselho idêntico dava sempre às pessoas da Ação Católica que recorriam à sua direção espiritual. Testemunhou-o publicamente, no diário

ABC de Madrid, por volta de 1964, Alfredo López, que tinha sido presidente da Ação Católica Espanhola em 1953. Outro amigo, Manolo Aparici, “o inesquecível presidente e conselheiro eclesiástico da Juventude da Ação Católica”, tinha-lhe apresentado don Josemaría em 1939. O público e reconhecido testemunho de don Alfredo López concluía assim: “Dos lábios do Fundador do Opus Dei ouvi eu muitas vezes, ao longo dos anos em que o tratei, estas palavras: *Ama muito a Ação Católica*. Eu ameia, servi-a e continuo a amá-la, é certo, mas ao mesmo tempo apodera-se de mim uma inquietação quando me lembro disto. Porque, se eu tivesse cumprido os deveres dos meus cargos, como Mons. Escrivá de Balaguer queria que eu os tivesse cumprido, a minha contribuição para a Ação Católica teria tido uma perfeição que por vezes lhe faltou”.

Alfredo López tinha tido ocasião de comprovar de muito perto o coração grande do Fundador do Opus Dei, o seu peito “aberto de par em par para tudo o que é nobre e limpo na vida”. Pôde vislumbrar o único interesse da sua vida, a busca da santidade, “porque é um homem que ama verdadeiramente a Jesus Cristo e está empenhado em encher o mundo deste amor”. E, entre os da sua própria família, Alfredo López avaliaria também que, para don Josemaría, todos os caminhos levam a Deus: “Com uma compreensão tão certa da vocação laical, tão amante da sua própria vocação de sacerdote diocesano, sabia também compreender e amar a vocação, tão distinta, dos religiosos e descobrir os seus sinais nas almas que tratava, quando Deus as queria fora do mundo. Ele abençoou e confirmou nesse caminho uma filha minha, que sabia de cor, de tanto os ler, muitos trechos de *Caminho*, e hoje é religiosa da Assunção”.

Como refletiu o bispo resignatário de Santander, em *La Gaceta del Norte* (Bilbao), “Monsenhor Escrivá era um homem de ideias ao mesmo tempo universais e concretas. Viveu o Evangelho, a ‘letra do Evangelho’ e o seu espírito. Amou a Igreja, a obra de Cristo, a instituição, sem distinção de tempos: amou a Igreja de Paulo VI como a de João XXIII, recebendo com a mesma veneração os ensinamentos do Concílio Vaticano, segundo ou primeiro, como os do Concílio de Trento. Este espírito eclesial transparece em todos os seus escritos, em *Caminho*, rota segura de espiritualidade, como sobretudo nas suas ‘Homilias’, onde se desenvolve amplamente a

ideia da presença constante de Cristo na sua Igreja, e da Igreja no mundo, projetando a verdade evangélica sobre o quefazer humano integral”.

5. “A raça dos filhos de Deus”

O Opus Dei nasceu geograficamente em Espanha, mas, como o seu Fundador declarava a 15 de abril de 1967 a Peter Forbath, correspondente da *Time*, *desde o primeiro momento a Obra era universal*, católica. *Não nasceu para dar solução aos problemas concretos da Europa dos anos vinte*. No entanto, acrescentava a esse mesmo jornalista, *a Obra nasceu pequena: não era mais do que o anseio de um jovem sacerdote, que se esforçava por fazer o que Deus lhe pedia*.

Mons. Escrivá de Balaguer começou por recomendar continuamente aos rapazes que ia formando que estudassem línguas, *para estender esta Obra nossa a outros países*, repetia-lhes. Estudar línguas era uma forma de aproveitar melhor o tempo, sobretudo no verão. Além disso, com o conhecimento de outras línguas ampliava-se a competência no próprio trabalho profissional. Mas, acima de tudo, nessa recomendação latia a impaciência de levar o Opus Dei ao mundo inteiro.

Já nos primeiros meses de 1935, o Fundador ia preparando as coisas para trabalhar em França, concretamente em Paris. Mas estalou a guerra civil espanhola e depois a Segunda Guerra Mundial, e foi preciso adiar essa expansão.

Contudo, mesmo no meio dos avatares da perseguição religiosa em Madrid depois de 18 de julho de 1936, don Josemaría, com a sua ilimitada confiança em Deus, escondido em diversos lugares, não desistia do empenho e fazia com que os que o rodeavam continuassem a estudar outras línguas.

O mesmo fez em Burgos, onde viveu desde os começos de 1938 até abril de 1939. Continuava a sonhar em ir a novos países. Burgos é a cidade castelhana a que alude o ponto 811 de *Caminho*:

Lembras-te? —Fazíamos tu e eu a nossa oração, quando caía a tarde. Perto ouvia-se o murmúrio da água. —E, na quietude da cidade castelhana, ouvíamos também vozes diferentes que falavam em cem línguas, gritando-nos angustiosamente que ainda não conhecem Cristo.

Beijaste o Crucifixo sem te esconderes e pediste ser apóstolo de apóstolos.

Mal terminado o conflito espanhol, veio a guerra mundial. Até 1945 as atividades do Opus Dei tiveram de centrar-se quase exclusivamente na Península Ibérica. A partir de 1940 inicia-se o trabalho em Portugal, e fazem-se viagens a outros países. Ao acabar as hostilidades, começa-se em Inglaterra, em França, em Itália, nos Estados Unidos, no México. A partir de 1949 e 1950 pessoas do Opus Dei chegam à Alemanha, Holanda, Suíça, Argentina, Canadá, Venezuela e aos restantes países europeus e americanos. Ao mesmo tempo, o apostolado da Obra vai-se estendendo a outros continentes: o Norte de África, Japão, Quênia e outros países da África Oriental, Austrália, Filipinas, Nigéria, etc.

Era lógica a alegria íntima —o agradecimento a Deus— de Mons. Escrivá de Balaguer, que manifestava em 1966 ao jornalista Jacques Guillemé-Brûlon, de *Le Figaro*:

O Opus Dei sente-se tão à vontade em Inglaterra como no Quênia, na Nigéria como no Japão; nos Estados Unidos como na Áustria, na Irlanda como no México ou na Argentina; em cada lugar é um fenómeno teológico e pastoral enraizado nas almas do país. Não está ancorado numa cultura determinada, nem numa época concreta da história.

Podemos pensar também na sua pena pelas dificuldades que teve de enfrentar em Espanha e que, sucintamente, confiava a Peter Forbath em 1967:

Em poucos sítios encontrámos menos facilidades do que em Espanha. É o país —custa-me dizê-lo, porque amo profundamente a minha Pátria— onde mais trabalho e sofrimento custou fazer com que a Obra criasse raízes. Quando mal tinha nascido, encontrou já a oposição dos inimigos da liberdade individual e de pessoas tão agarradas às ideias tradicionais, que

não podiam entender a vida dos sócios do Opus Dei: cidadãos comuns, que se esforçam por viver plenamente a sua vocação cristã sem deixar o mundo.

E depois —acrescentava Mons. Escrivá de Balaguer—, *na sua expansão internacional, o espírito do Opus Dei encontrou eco imediato e acolhimento profundo em todos os países. Se tropeçou em dificuldades, foi por falsidades que vinham precisamente de Espanha e inventadas por espanhóis, por alguns setores muito concretos da sociedade espanhola.*

Nessa ocasião, ao acabar a entrevista, Mons. Escrivá de Balaguer adiantava-se a qualquer mal-entendido ou equívoco: *não pense que eu não amo o meu país.* Porque, no seu coração de cristão, o patriotismo jamais lhe toldava o olhar aberto a horizontes sem limites. Como se lê em *Caminho*:

Ser “católico” é amar a Pátria, sem ceder a ninguém melhora nesse amor. E, ao mesmo tempo, ter por meus os anseios nobres de todos os países. Quantas glórias da França são glórias minhas! E, do mesmo modo, muitos motivos de orgulho de alemães, de italianos, de ingleses..., de americanos e asiáticos e africanos são também o meu orgulho.

—“Católico”: *coração grande, espírito aberto (Caminho, 525).*

Movido por esta clareza —que era espírito de Deus—, muito cedo pôs em marcha o Colégio Romano da Santa Cruz: um centro de formação, no coração da cristandade, onde pudessem conviver pessoas do Opus Dei de todo o mundo, enquanto estudavam nos diversos Ateneus e Universidades de Roma. Ali aumentariam todos os seus anseios de universalidade, para serem no futuro —espalhados pelo mundo— instrumentos de unidade.

Consumiam o Fundador do Opus Dei o zelo pela salvação de todas as almas. Diante do fogo que Cristo tinha vindo trazer à terra e que devia arder nos corações, como lhe pareciam fracas as fronteiras geográficas ou políticas. Com a sua visão universal, descobria possibilidades apostólicas que a outros passavam despercebidas. Assim sucedeu com o Brasil. Os milhares de brasileiros que o escutaram em 1974 não esperavam o panorama apostólico que lhes apresentou.

A sua primeira surpresa foi que Mons. Escrivá de Balaguer, dois dias depois de chegar ao Brasil, começou a dizer-lhes que a sua pátria era um continente, não uma nação. Impressionara-o a amálgama de raças, de gentes que sabem conviver, querer-se. E via a sua projeção espiritual e apostólica no mundo inteiro.

Em diversos momentos da sua estadia naquelas terras, exclamaria: —*O Brasil! A primeira coisa que vi foi uma mãe grande, bonita, fecunda, terna, que abre os braços a todos, sem distinção de línguas, de raças, de nações, e a todos chama filhos.*

Como mostra da fertilidade daquela terra, contaram-lhe a história de que, num lugar, colocaram as traves de uma baliza de futebol e nasceram-lhes ramos... O Brasil tem, como se sabe, inúmeras fontes de riqueza por explorar. Perante esse panorama o Fundador do Opus Dei insistia com os brasileiros:

Há muito trabalho, muita tarefa. Há muitas almas boas no Brasil. E vós tendes no coração o fogo de Deus, aquele que Jesus Cristo veio trazer à terra. É preciso pegá-lo aos outros corações! Tendes simpatia e bondade, capacidade humana e sobrenatural para o fazer (...) Pois, vá!, mexam-se, multipliquem-se e façam muitas coisas boas nesta terra, que é tão fértil.

Não lhe passavam despercebidos os problemas. Tinha consciência, por exemplo, das grandes diferenças sociais que há naquele país, como no resto do mundo. Mas preferia pôr o acento no positivo, porque só a caridade cristã, o Amor, pode mudar as pessoas e apagar as injustiças.

Neste país —raciocinava com calor—, abris com naturalidade os braços a toda a gente e recebeis todos com carinho. Gostaria que isso se transformasse num movimento sobrenatural, num grande empenho de dar a conhecer Deus a todas as almas; de vos unirdes; de fazer o bem não só nesta nação, mas, a partir deste grande país, ao mundo inteiro. Podeis! E deveis! E, visto que o Senhor vos dá os meios, dar-vos-á também a vontade de trabalhar.

Reiterava-o na festa de Pentecostes, dirigindo-se a vários milhares de pessoas. Devagar, pronunciando as palavras com calma, como se temesse

que a dificuldade do idioma criasse algum obstáculo para o entenderem:

Tendes de fazer sobrenaturalmente o que fazeis naturalmente; e depois, levar este afã de caridade, de fraternidade, de compreensão, de amor, de espírito cristão, a todos os povos da terra. Entendo que o brasileiro é e será um grande povo missionário, um grande povo de Deus, e que as grandezas do Senhor sabereis vós cantá-las em toda a terra.

Aos testemunhos presenciais é difícil descrever a impressão que estas palavras lhes causaram, pois significavam uma viragem de cento e oitenta graus. Sempre tinham pensado que o Brasil era terra de missão e, no entanto, Mons. Escrivá de Balaguer desenhava-o como um grande povo missionário, que deveria levar a outros países a riqueza sobrenatural da Fé.

A um membro da Obra, que é *nissei* —filho de japonês, nascido no Brasil—, confiaria:

—Quando vejo a tua carinha, lembro-me do teu país —gosto muito dos japoneses—, que é nobre, grande, de homens de ciência e de cultura, com sede de verdade e de Deus, e que estão na escuridão do paganismo.

E penso em África. Aqui há tantos de raça negra, com antepassados que foram trazidos injustamente de África... Que bonito seria conseguir que me surgissem aqui muitas vocações de gente de raça africana, que quisessem voltar a África! Aqui, com todo este sentido de nação, tendes muito mais facilidade para fazer o ut eatis!

Ut eatis!, não só ao grande continente brasileiro. Ut eatis!, ao Japão; ut eatis!, a África, que é um continente que nos espera de braços abertos.

O Fundador do Opus Dei sonhava que esses homens, que tinham chegado ao Brasil pela força dos acontecimentos históricos, pudessem voltar aos seus países de origem, por sua própria vontade, para levar o amor de Cristo.

Ao longo daqueles dias, respondeu a muitas perguntas concretas e abriu horizontes de apostolado, para que os membros da Obra se propusessem,

cada dia, metas mais exigentes naquela nação e, a partir dali, no mundo inteiro:

No Brasil, nós, católicos, temos muito que fazer, porque se vê gente necessitada do mais elementar: de instrução religiosa —há tantos por batizar—, e também de elementos de cultura comuns. Temos de os promover de tal maneira que não fique ninguém sem trabalho; que não exista um idoso que se preocupe por estar mal assistido; que nenhum doente se encontre abandonado; que não haja ninguém com fome e sede de justiça e que não possa saciá-la.

E depois, a partir desta plataforma maravilhosa —prosseguia com o olhar ao longe e a mão estendida—, atender às necessidades espirituais do Oriente, onde as pessoas são muito bem recebidas, mas melhor ainda se a cara ajuda, como costumam dizer em São Paulo:

—Depois, se amamos de verdade o Japão, por exemplo, e a China —com as suas grandes tradições milenares, com a sua cultura imponente, com a sua arte, com a sua graça, com a sua história...—, devemos desejar que haja japoneses e chineses, formados aqui, formados nas Filipinas, formados no Peru, formados noutros sítios, que voluntariamente queiram voltar ao país de origem dos seus pais, para lhes anunciar a boa nova de Cristo.

Com as gentes de África, muitos europeus —não todos, muitos— cometeram uma maldade muito grande, que foi trazê-los à força para aqui, e em escravidão. Isso é um crime da humanidade! Um verdadeiro crime! Temos de reparar. E o Opus Dei nisso pode muito e o Brasil pode muito... Depois, se saírem muitas vocações (...), e forem para lá preparados para levar Cristo, serão muito melhor recebidos. A partir do Brasil...

Depois, todos? Não; mas alguns, sim. Também irão de outros países: vão tão contentes! Tenho filhos meus nas Filipinas —onde o Senhor quer consolar este pobre coração de sacerdote, fazendo com que surjam tantas vocações, tão abundantes e tão boas— que, ao verem a minha fome de estender o reinado de Cristo, me dizem: não se preocupe, nós, com esta cara, podemos ir a toda a parte.

Foi um *ritornello* constante. Mons. Escrivá de Balaguer quis deixá-lo também plasmado no auto de consagração do primeiro altar que consagrou no Brasil. Era o do oratório da sede central do Opus Dei nesse país. Desde que Pio XII lhe concedeu faculdade para consagrar altares, seguiu sempre o costume de depositar um auto no sepulcro da ara, no qual exprimia o seu pedido durante a cerimónia. Aquele breve documento dizia que *enquanto fazia esta consagração roguei intensamente a Deus Trino e Uno, por intercessão de Santa Maria, sempre Virgem, e de São José, Nosso Pai e Senhor, que nos faça bons e fiéis aos seus filhos desta Região brasileira e a mim, e sempre prontos a estender o Reino de Cristo Senhor Nosso por esta imensa nação e também por outras, até às terras mais longínquas.*

Na festa de Pentecostes, 2 de junho de 1974, milhares de pessoas reuniram-se no Salão de Atos do Palácio Mauá, em São Paulo. *Aqui vejo*—descrevia Mons. Escrivá de Balaguer— *gente de todos os países e de todas as línguas, que também entendem a voz de Cristo.* Realmente, o auditório tornava extraordinariamente atual aquela primeira festa de Pentecostes, em que os Apóstolos *começaram a falar das magnalia Dei, das maravilhas de Deus, e entendiam-nos em todas as línguas.* Também agora, gentes de muitas raças estavam atentas à doutrina de Cristo: negros e amarelos, cobrizos e mulatos, brancos dos mais diversos tons e matizes. Em cada alma, essas palavras ressoariam com eco diferente: o milagre das línguas repetia-se, uma vez mais, no fundo dos corações.

Ali, o coração universal do Fundador do Opus Dei só via uma raça: *a raça dos filhos de Deus.*

Voltar ao Índice

CAPÍTULO SEXTO

O SELO DA FILIAÇÃO DIVINA

1. A loucura dos filhos de Deus

Tudo foi possível graças à confiança ilimitada e filial do Fundador do Opus Dei no seu Pai Deus. Só assim se explica a sua fé naquilo que para tantos era loucura: também para ele. Declara D. Ricardo Fernández Vallespín que, no final de 1933, o Fundador lhes expunha o que Deus queria que, no futuro, fosse o Opus Dei: uma loucura! Um sacerdote jovem, sem meios materiais, incitava-os a pôr o mundo inteiro aos pés de Cristo. “E nós, que já não éramos uns miúdos —Isidoro Zorzano tinha a idade do Padre—, não duvidávamos por um instante de que tudo aquilo se realizaria, porque Deus o queria”.

Quando, por aqueles dias, pediu opinião a um sacerdote, amigo seu, sobre o projeto que tinha de abrir em breve, na rua de Ferraz, uma residência de estudantes, aquele bom sacerdote objetou-lhe que era “como subir para um avião e atirar-se sem paraquedas”.

As pretensões de D. Josemaria, no entender de muitos, não eram razoáveis. Tantas vezes o deve ter ouvido que, em 1934, nas *Considerações Espirituais*, escreveu:

Isso —o teu ideal, a tua vocação— é... uma loucura. —E os outros —os teus amigos, os teus irmãos— uns loucos...

Nunca ouviste esse grito, alguma vez, bem dentro de ti? —Responde, com decisão, que agradeces a Deus a honra de pertencer ao “manicómio”.

Quarenta anos depois, um rapaz jovem —só sei o seu nome próprio, Gilberto— perguntou-lhe, em São Paulo, o que quisera exprimir com essas palavras. Mons. Escrivá de Balaguer ia respondendo. E, de repente, dirigiu-se a Gilberto:

—*Tu nunca viste loucos?*

Gilberto ficou surpreso com a pergunta. Limitou-se a fazer um gesto negativo com a cabeça.

—*Não? Nunca viste ninguém que esteja louco? Olha para mim!*

Gilberto e todos os presentes riram. E Mons. Escrivá de Balaguer continuou:

—*Há muitos anos que diziam de mim: está louco! Tinham razão. Eu nunca disse que não estava louco. Estou mesmo doidinho, perdido, mas de amor de Deus! E desejo-te a mesma doença.*

Que o Fundador do Opus Dei entendia dessas loucuras do coração confirma-se lendo as múltiplas referências que faz nas suas obras. Em *Caminho* apresenta aquele *maluquinho* que beijava os vasos eucarísticos recém-consagrados:

Loucura! —Já te vi —pensavas que estavas sozinho na capela episcopal— pôr em cada cálice e em cada patena, acabados de consagrar, um beijo: para que Ele o encontre, quando pela primeira vez “descer” a esses vasos eucarísticos (Caminho, 438).

E descreveu o zelo apostólico, o amor por todas as almas, como uma *loucura divina*, com três sintomas bem claros: *fome de tratar o Mestre; preocupação constante pelas almas; perseverança, que nada faz desfalecer (Caminho, 934).* Noutro passo, referido à tática para vencer nas batalhas da luta interior e da ação apostólica, perguntava-se: *Há loucura maior do que lançar ao acaso o trigo dourado na terra para que apodreça? —Sem essa generosa loucura não haveria colheita (Caminho, 834).* Porque, no fim, os verdadeiros dementes são os que não querem saborear o amor de Deus pelos homens: *Não gritaríeis, de boa vontade, à juventude que fervilha à vossa volta: loucos!, deixai essas coisas mundanas que encolhem o coração... e muitas vezes o aviltam..., deixai isso e vinde connosco atrás do Amor? (Caminho, 790).*

O Fundador do Opus Dei teve a *lucidez* de enfrentar essa cadeia de *impossíveis* que o Senhor lhe pedia, apoiando-se na realidade da sua condição de filho de Deus. Isso dava-lhe uma fé e uma esperança inquebrantáveis. Pouco lhe importava não ser nada, não valer nada, não ter nada —como dizia de si mesmo—, se Deus era seu Pai. Pouco lhe importava carecer do necessário para pôr em marcha uma nova atividade apostólica. Pouco lhe importavam as dificuldades —reais ou imaginárias— do ambiente.

Ismael Sánchez Bella, primeiro reitor da Universidade de Navarra, resume os começos desse centro aludindo à “desproporção entre os meios com que se contava em 1951 e o que Mons. Escrivá de Balaguer nos tinha confiado”. Mas essa desproporção “superava-se com a sua fé, própria de um homem de Deus”. E Edwin Zobel corrobora: “Sou testemunha do que o Opus Dei foi capaz de fazer no meu país e com os meus compatriotas. Nunca o teria acreditado, nem imaginado. Recordo a fé tão impressionante do Padre quando dizia que esperava, com muita ilusão, o fruto apostólico que, com a graça do Senhor, tinha de amadurecer na Suíça”. A sua fé “superava todos os obstáculos”.

D. Josemaria contava sobretudo com o querer de Deus. Mas não à maneira quietista. A sua aceitação rendida da Vontade divina levava-o a pôr em primeiro plano a necessidade da oração, da mortificação, do trabalho feito diante de Deus. E morreu a mendigar orações, como fez sempre desde os anos vinte, convencido de que era o recurso mais importante para mover as almas. Pedia-o a todos: aos seus amigos, aos rapazes que tratava, a sacerdotes e religiosos, aos doentes que assistia.

Os testemunhos são inumeráveis. Sor Cecília Agut, monja clarissa, conheceu o Fundador do Opus Dei em 1935, por ocasião de uma viagem que fez a Valência. Visitou o Mosteiro e pediu-lhes que oferecessem orações para que o Senhor o ajudasse: “Chamou-me a atenção a fé profunda e a extraordinária confiança em Deus que se transparecia nas suas palavras. Foi tal a visão sobrenatural e a retidão de intenção com que nos falou, que desde então não deixámos de pedir ao Senhor pelo Opus Dei e pelo seu Fundador”.

D. Casimiro Morcillo, quando era arcebispo de Madrid, recordava perfeitamente, ao fim de quase quarenta anos, como o Fundador do Opus Dei lhe tinha pedido que encomendasse ao Senhor uma intenção sua. Tal era a vibração que pusera nas suas palavras. Sucedeu em 1929. Não se conheciam. D. Josemaria cruzava-se com ele, às seis da manhã, na rua de Eloy Gonzalo. Um dia parou-o e disse-lhe:

—*Vai o senhor celebrar Missa? Quer rezar por uma intenção minha?*

D. Casimiro ficou espantado. Prometeu rezar, e rezou. Depois vieram a ser grandes amigos e recordou sempre com carinho aquela primeira conversa.

Não foi um caso isolado. Aquele jovem sacerdote fez o mesmo com muita gente que não conhecia. Mais de uma vez, também na rua, quando via a honradez cristã no rosto de tantas pessoas, dizia-lhes que rezassem por uma intenção sua que seria para muita glória de Deus. Então a Obra ainda estava na sua fase de gestação. Com o tempo, saberiam que tinham estado a pedir pelo Opus Dei.

José María González Barredo ia à Missa ao Patronato de Enfermos (na rua de Santa Engracia), e conta que um dia o Fundador, que ali estava a confessar, se lhe aproximou para lhe pedir que rezasse por uma intenção sua especial. O tom impressionou-o e, embora tenha saído de Madrid por um período longo, continuou a encomendar a Deus todos os dias, sem falhar um único, esse assunto que não conhecia, de um sacerdote que também não conhecia.

Mons. Escrivá de Balaguer soube ser consequente com o que tinha anotado quando ainda não tinha trinta anos e publicou depois, em 1934, numa das suas *Considerações Espirituais: Depois da oração do Sacerdote e das virgens consagradas, a oração mais agradável a Deus é a das crianças e a dos doentes*. Por isso, procurou entre os doentes e as crianças mais desamparadas de Madrid fortaleza para seguir em frente.

Milhares de pessoas, enfim, têm gravada a sua imagem nas suas *correrias apostólicas* por todo o mundo, estendendo o braço e abrindo a mão...

Eu peço-vos assim, como pede um pobrezinho na rua, que rezeis por mim —como uma esmola que me fazeis—, para que o Padre seja bom e seja fiel.

Ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, esta insistência era justamente fruto da confiança filial em Deus: um Deus próximo, um Deus —como ensinou sempre— que não está apenas lá em cima, onde brilham as estrelas, mas está continuamente junto de nós —mais ainda, em nós—, como um Pai que ama ardentemente os seus filhos. A oração era consequência dessa proximidade, manifestação de carinho de filho, que gosta de estar com o seu pai, para aprender dos seus gestos e receber das suas riquezas.

Assim, até à morte. O Consiliário do Opus Dei em Espanha, nos funerais que se celebraram em Madrid, evocava uma conversa durante a sua última estadia em Espanha, em maio de 1975. Dizia D. Florencio Sánchez Bella: “Falava-me da sua morte: sei que, desde que era sacerdote muito jovem, meditava diariamente sobre este tema e pedia que se rezasse pela sua alma. Tinha consciência de que —como a todos— o Senhor podia chamá-lo a qualquer momento, e pedia-me de novo, com carinho e com força, que rezássemos muito por ele, logo que soubéssemos do seu falecimento. Mendigava assim, uma vez mais, a esmola da oração, para que o Senhor tivesse misericórdia dele”.

Diante da morte, a sua atitude era a mesma que diante da vida: oração filial e confiante, mas tenaz e perseverante, como tantas vezes tinha indicado aos membros da Obra:

Não há outro remédio senão perseverar! Pedi, pedi, pedi! Não vedes o que faço eu? Procuro praticar este espírito. Quando quero uma coisa, faço rezar todos os meus filhos; digo-lhes que ofereçam a comunhão, o rosário, tantas mortificações e tantas jaculatórias, milhares! E Deus Nosso Senhor, se perseverarmos com perseverança pessoal, dar-nos-á todos os meios de que precisamos para sermos mais eficazes e estender o seu Reino no mundo.

2. “Sem medo da morte”

Tudo é para bem, quando se ama a Deus. *Omnia in bonum!* É uma síntese rápida do que escreveu São Paulo: “Deus faz concorrer todas as coisas para o bem dos que o amam” (*Rom.*, VIII, 28). E é uma jaculatória, um pensamento dirigido a Deus, em que Mons. Escrivá de Balaguer encontrava a serenidade e a confiança de quem sabe que é filho de Deus, a tranquilidade que difundia por toda a parte.

Ao Mosteiro das Agostinhas Recoletas de Santa Isabel ofereceu-se como Capelão, em momentos atribulados da vida espanhola, depois da queima de conventos de 1931. Sor Maria do Bom Conselho, religiosa daquela comunidade, sempre o viu como “um sacerdote exemplar, muito fervoroso, com grandíssimo recolhimento, que tornava compatível com a naturalidade e a alegria”. Tem gravada “a sua maneira de se rir, tirando importância às coisas, serenando o ambiente”.

Era também a época em que ia assiduamente ao Hospital do Rei. Sor Isabel Martín fazia parte da comunidade das Filhas da Caridade que trabalhava naquele hospital de infecciosos. Não esqueceu a alegria que emanava da sua pessoa: “estávamos desejosas que chegasse, naquela etapa de insegurança e de provável e próxima perseguição”. Não era nada agradável o ambiente em que se desenrolava o trabalho daquelas religiosas. Nem sequer podiam ter oficialmente capelão. Para Sor Isabel, “era preciso ser muito valente para exercer o ministério sacerdotal. Mas D. Josemaria Escrivá não tinha respeito humano de ninguém nem de nada. Era um homem com suficiente fé sobrenatural e suficiente valor humano”.

A sua alegria, no meio das mais tremendas dificuldades, teria especial relevo —por contraste— quando chegou a guerra de Espanha. Já se aludiu a essa etapa da sua vida em algumas páginas, e poderão ver-se mais pormenores no capítulo próximo. Basta agora apontar que, também então, não deixou de se abandonar nas mãos de Deus.

Quando rebentou a guerra, em julho de 1936, D. Ricardo Fernández Vallespín estava em Valência. Acabara de chegar, para decidir os detalhes do aluguer de uma casa, destinada a residência de estudantes. As comunicações entre Madrid e Valência ficaram cortadas. Soube, no entanto, que a 20 de julho a luta mais violenta em Madrid tinha tido lugar no Quartel da Montanha, situado justamente em frente da residência da rua de Ferraz,

16: “A formação que tínhamos recebido tinha-nos preparado para enfrentar sem desânimo esta terrível situação. Estávamos convencidos de que a Obra sairia em frente desta tempestade, mas éramos humanos e não podíamos deixar de sofrer pensando nos perigos que corriam em Madrid o Padre e os outros”. Só no mês de abril de 1937 pôde ir à capital de Espanha. Por aqueles dias, o Fundador da Obra estava refugiado num apartamento, sob a proteção diplomática das Honduras. Quando Fernández Vallespín foi vê-lo, acompanhado por Isidoro Zorzano, impressionaram-no duas coisas: uma, a sua magreza; outra, ver como, com o espírito de sempre, o animava acima de tudo a perseverar no cumprimento das normas de piedade que tinha recomendado aos membros do Opus Dei. No meio das dificuldades, não perdia o norte e continuava a endireitar as almas para Deus.

Foi uma atitude constante na sua vida, que se resume na ideia que fez meditar em muitas ocasiões:

—Nunca acontece nada, ainda que o pavimento se mova; só a infidelidade, romper a união com Deus, é que é grave.

"Tive a sorte —assegura D. Antonio Rodilla— de conversar com ele muitas vezes e longamente: não me lembro de uma única em que a conversa não fosse um ato de fé contínuo". A sua alegre esperança "era, paradoxalmente, estimulada pela pena de se sentir pecador". Essa atitude lembrava a D. Antonio a reação de euforia que se produz em quem sai com vida de um acidente mortal. Qualquer pena o impelia para a oração: nela se afirmavam a sua paz e a sua alegria. O Fundador da Obra era um *campeão* na fé.

Não lhe faltaram penas nos seus 73 anos de vida. Embora só muito de vez em quando lhe escapasse alguma palavra sobre elas. Como naquele 28 de março de 1950, data das suas bodas de prata sacerdotais, em que dizia a umas mulheres do Opus Dei, em Roma:

—Foi um dia plenamente feliz, coisa pouco corrente nas datas marcantes da minha vida, nas quais o Senhor sempre quis enviar-me alguma contrariedade.

E, como para tirar importância a estas últimas palavras, acrescentava com um sorriso:

—Até no dia da minha Primeira Comunhão, ao pentear-me, o barbeiro fez-me uma queimadura com a tenaz. Não era nada de grave, mas para uma criança daquela idade era bastante.

Monsenhor Escrivá de Balaguer soube muito de dores. Porque não fugiu à luta. E, embora tivesse ombros largos, por vezes esmagava-o o peso da sua tarefa ao serviço de toda a Igreja e das almas. Até se sentir *corcunda*... Em junho de 1974, referia-se a um quadro que há na sede central da Obra, em Roma, sobre a porta que dá para um oratório dedicado à Sagrada Família.

É de um pintor de quarta ou quinta categoria —chama-se Del Arco—, do tempo de Velázquez, mais ou menos: representa um Cristo coroado de espinhos, que está corcunda, corcunda!... corcunda!... Como eu me vi corcunda muitas vezes, cansado, rebentado, ao cair da tarde daquele modo, consola-me muito pensar na imagem de Cristo Jesus, tal como vem nesse quadro. Ele era a formosura, a fortaleza, a sabedoria..., e ali —atado à Coluna— estava assim. Por isso, se alguma vez pesar, e vos sentirdes corcundas, lembrai-vos de Jesus. Jesus, rebentado. Jesus que tem fome. Jesus que tem sede. Jesus que se cansa. Jesus que chora. Jesus que sabe ser amigo dos seus amigos... E, sobretudo, Jesus com Maria e José: isso já é o máximo. Ide lá, ide lá! Aprendei! E então caminharemos bem.

Não é difícil imaginar a vibração da sua voz pausada nesses momentos, como que para gravar nas almas a imagem do Senhor em cada um desses instantes da sua vida terrena. Seguir os passos de Jesus era —e será— a solução de todos os problemas e dificuldades. O Fundador do Opus Dei podia falar por experiência própria, quando acrescentava:

—Não crieis ilusões. Só com meios humanos, iremos ao fracasso em tudo. Pelo contrário, com meios sobrenaturais, sairemos sempre vencedores. Porque dificuldades haverá, tem de havê-las. Não estamos..., infelizmente, na glória: estamos na terra, e temos defeitos.

Expressava-se com o realismo de quem conhece a chave para encontrar alegria na dor: saber-se filho de Deus e viver como tal. *A alegria tem raízes em forma de cruz*, ensinou. E, durante muitos anos, apontava no começo da sua epacta —o calendário litúrgico que os sacerdotes usam para saber que Missa devem ou podem celebrar, e que partes do Ofício Divino hão de rezar— uma jaculatória expressiva: *in laetitia, nulla dies sine cruce!* (com alegria, nenhum dia sem Cruz!).

Tinha escrito em *Caminho*, 217: *Quero-te feliz na terra. —Não o serás se não perderes esse medo da dor. Porque, enquanto “caminhamos”, é precisamente na dor que está a felicidade.* Foi feliz no meio de inumeráveis dores físicas e morais. Não era fácil percebê-las, porque não lhe tiravam o bom humor, porque vivia o que ensinava: que muitas vezes a melhor mortificação era um sorriso. E é especialmente difícil sorrir quando o corpo está esgotado. Muito provavelmente, essa ideia ascética —o sorriso como a melhor das mortificações— aprendeu-a Mons. Escrivá de Balaguer com o seu pai, D. José, a quem nunca tinha visto triste, embora o Senhor o tratasse como ao santo Job.

Que estejam tristes os que não sabem que são filhos de Deus. Na vida do cristão não pode caber a tristeza, o medo, a queixa, porque os seus tesouros são precisamente: *fome, sede, calor, frio, dor, desonra, pobreza, solidão, traição, calúnia, prisão...* (cf. *Caminho*, 194). Ao seu lado muitos aprenderam a não ter medo de nada nem de ninguém, nem de Deus —sublinhava—, que é nosso Pai e nos ama mais do que todos os pais e mães juntos na terra. E, por isso, levou fortaleza cristã a centenas de doentes, ajudando-os a morrer santamente, com a alegria de quem sabe, pela fé, que morrer é ir ao encontro do Pai divino. Dos seus anos no Hospital do Rei, Sor Isabel Martín descreve “doentes jovens, tuberculosas, que recuperavam até a alegria humana, embora tivessem consciência de que iam morrer. Mas aceitavam a morte sem tragédia, com naturalidade, com esperança. Até cuidavam do seu aspeto pessoal, para terem a paz de não entristecer os de à volta e se apresentarem com alegria diante de Deus”.

O Fundador do Opus Dei mostrou com o seu exemplo que os que se decidem a seguir as pegadas de Jesus Cristo *não têm medo da vida, nem medo da morte*. E é que quem vive de verdade como filho de Deus não

pode temer a morte. Recentemente, abrindo o coração a uns membros da Obra, em Roma, dizia-lhes:

Eu era muito jovem quando escrevi —e repeti-lo-ei agora, saboreando como mel— que Jesus não será o meu Juiz nem o vosso: será Jesus, um Deus que perdoa.

Gostava de uma canção italiana dos anos cinquenta, porque o fazia pensar na sua futura passagem para o Céu:

Aprite le finestre al nuovo sole,
è primavera, è primavera.
Aprite le finestre al nuovo sole,
è primavera, è festa dell'Amor.

Muitos conheciam um desejo que manifestou mais de uma vez: *que depois de receber a Extrema-Unção —se o Senhor tiver misericórdia de mim— me cantem essa canção. Levar-me-á perfeitamente disposto a ir ao encontro de Deus. Ajuda-me a fazer oração.*

Naqueles anos cinquenta, já em Roma, agravou-se a diabetes de que padecia. Em 1974 detalhava-o:

Fiz com que colocassem uma campainha no meu quarto, ao alcance da mão. Disse: pelo menos, toco; e, ao ouvirem o estrondo, vêm dar-me a Extrema-Unção. Aquela campainha, uma vez posta em movimento, têm de ir longe para a parar.

Chegava a noite, e eu pensava: Senhor, não sei se me levantarei amanhã; dou-te graças pela vida que me concedas, e estou contente de morrer nos teus braços. Espero na tua misericórdia. De manhã, ao acordar, o primeiro pensamento era o mesmo.

A situação era muito difícil. As análises davam todas as semanas resultados idênticos e graves, apesar do rigoroso regime alimentar e da alta dose de insulina que lhe aplicavam. No dia 27 de abril de 1954, pouco antes da uma da tarde, estava com D. Álvaro del Portillo. Tinham acabado de lhe injetar insulina retardada: era a hora habitual e sentia-se bem. De repente,

pouco depois de receber a injeção, sofreu um choque anafilático. Antes de perder os sentidos, em segundos, exclamou, dirigindo-se a D. Álvaro:

—*A absolvição, a absolvição.*

Tudo aconteceu com tal rapidez, sem nenhum sintoma prévio que pudesse fazer suspeitar um desfecho tão grave, que D. Álvaro del Portillo não o entendeu. —Que solução?, perguntou-lhe. E Mons. Escrivá de Balaguer, como que a urgir, respondeu com as primeiras palavras da fórmula: —*Ego te absolvo...* Segundos depois, ficou inconsciente.

D. Álvaro tentou depois reanimá-lo. Pediu açúcar —pensando que podia ser um coma hipoglicémico— e procurou fazê-lo engolir um pouco, sem o conseguir, pela rigidez do maxilar. Entretanto, a cor do rosto de Mons. Escrivá de Balaguer mudou de tal maneira que, embora chamasse imediatamente o médico, estava convencido de que este nada poderia fazer.

Deus quis que voltasse a si ao fim de uns quinze minutos, antes de chegar o médico. Nessa mesma tarde, quando recuperou a vista —tinha-a perdido durante várias horas—, chamou as três mulheres da Obra que tinham sabido por D. Álvaro do gravíssimo incidente e continuavam alarmadas. Queria tranquilizá-las e, para afastar todas as suas preocupações, pôs-se a fazer um trabalho em que precisava da colaboração delas.

Aquelas pessoas não esqueceram esta lição de serenidade e de abandono nos braços de Deus.

É de interesse notar que, desde aquele dia, Mons. Escrivá de Balaguer não sofreu mais por causa da diabetes, doença que, no entanto, é considerada clinicamente irreversível.

3. “Sem medo da vida”

Mas seria falso pensar que o Fundador do Opus Dei recorria à filiação divina apenas nos momentos difíceis. Pelo contrário, ser —saber-se— filho de Deus era uma realidade tão profunda, que penetrava toda a sua vida. Escrevia nas *Considerações Espirituais*: *É preciso que nos embebamos, que nos saturemos de que Pai e muito Pai nosso é o Senhor que está junto de*

nós e nos céus. E nunca deixou de insistir na necessidade de parar, frequentemente, todos os dias, para pensar nesta grande realidade. Porque saber-se filho de um Pai que é Deus, além de consolar, estimula a uma conduta melhor. Reflete-o bem esta outra consideração espiritual de 1934:

Os filhos... Como procuram comportar-se dignamente quando estão diante dos seus pais!

E os filhos de Reis, diante do seu pai, o Rei, como procuram guardar a dignidade da realeza!

E tu... não sabes que estás sempre diante do Grande Rei, teu Pai-Deus?

Mons. Escrivá de Balaguer dirigia estes ensinamentos a todos, também às pessoas do Opus Dei. A 24 de maio de 1974, dizia-lhes em São Paulo:

—O Senhor quer que estejamos no mundo e que o amemos, sem sermos mundanos. O Senhor deseja que permaneçamos neste mundo —que agora está tão revolto, onde se ouvem clamores de luxúria, de desobediência, de rebeldias que não levam a parte nenhuma—, para ensinarmos as pessoas a viver com alegria. As pessoas estão tristes. Fazem muito barulho, cantam, dançam, gritam, mas soluçam. No fundo do coração, não têm senão lágrimas: não são felizes, são desgraçados. E o Senhor, a vós e a mim, quer-nos felizes.

Para quase todos os presentes, era a primeira vez na vida que estavam junto do Fundador do Opus Dei, e talvez não imaginassem a capacidade de Mons. Escrivá de Balaguer para resumir em duas palavras, como fez então, a história de uma vocação bem vivida:

—Seremos felizes, se lutarmos e vencermos. Cada um de vós tem uma experiência pessoal, como a tenho eu. Cada um de vós sabe que, todos os dias, há uma porção de batalhas.

E terminava com uma afirmação de optimismo:

—Sei que todos estais decididos a lutar. Sei que nenhum de vós é cobarde, que todos sois valentes, que não tendes medo...

Porque —não importa repeti-lo— um filho de Deus não pode ter medo... Saber que Deus é Pai torna serena a entrega e confiante a luta interior. Este sentido da filiação divina, sendo característica geral da vida cristã, tomou, no entanto, uma forma peculiar e intensa na vida do Fundador e do Opus Dei num momento bem preciso de 1931:

Em momentos humanamente difíceis, nos quais tinha, no entanto, a segurança do impossível —do que hoje contemplais feito realidade—, senti a ação do Senhor a fazer germinar no meu coração e nos meus lábios, com a força de algo imperiosamente necessário, esta terna invocação: Abba Pater! Eu estava na rua, num eléctrico: a rua não impede o nosso diálogo contemplativo; o bulício do mundo é, para nós, lugar de oração.

Sucedeu assim, num dia de muito sol, num eléctrico que apanhara em Atocha. Era uma luz nova, que iluminava de outro ângulo aquilo que já tinha visto claramente a 2 de outubro de 1928: o cristão pode —deve— ser santo no meio e através das coisas ordinárias da vida —a profissão, a família, os amigos—, sem necessidade de sair do seu lugar.

A isto se referia o Fundador do Opus Dei quando ensinava *àqueles universitários e àqueles operários que vinham junto a mim pelos anos trinta, que tinham de saber materializar a vida espiritual. Queria assim afastá-los da tentação, tão frequente então e agora, de levar como que uma vida dupla: a vida interior, a vida de relação com Deus, por um lado; e por outro, distinta e separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas.*

Que não, meus filhos! Que não pode haver uma vida dupla, que não podemos ser como esquizofrénicos, se queremos ser cristãos: há uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser —na alma e no corpo— santa e cheia de Deus: a esse Deus invisível, encontramos-lo nas coisas mais visíveis e materiais.

Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar na nossa vida ordinária o Senhor, ou não o encontraremos nunca.

D. Ricardo Fernández Vallespín contou um caso prático de como materializava o Fundador do Opus Dei a vida espiritual. Antes de pedir a

sua admissão na Obra, D. Ricardo tinha feito a promessa —ainda por cumprir— de ir à ermida de Sonsoles (Ávila) desde Madrid. D. Josemaria disse-lhe que, embora pudesse dispensá-lo, a cumpriria, e ele acompanhá-lo-ia, mas fazendo a peregrinação de uma maneira diferente daquela que D. Ricardo tinha pensado inicialmente.

No dia 2 de maio de 1935 foram de Madrid a Ávila de comboio. Acompanharam-nos José Maria González Barredo e Manuel Sainz de los Terreros. De Ávila empreenderam o caminho de Sonsoles rezando cinco mistérios do Rosário; na ermida rezaram outros cinco e, ao regressar, os restantes. O caminho era de terra, poeirento, embora pudessem circular automóveis. Há um momento em que se avista a ermida; depois uma pequena colina esconde-a, mas, seguindo em frente, ao acabar a subida, a ermida volta a aparecer. Poucos dias mais tarde o Fundador do Opus Dei, numa das meditações que lhes dirigia, fê-los considerar que o mesmo acontece na vida interior. Há épocas em que não se vê a meta, e tudo se faz “custa acima”. Mas se fossem fiéis e dóceis, encontrariam o prémio ao coroar a subida, voltando a ver. E assim teriam paz e felicidade.

A Natividad González, D. Josemaria contou a história de João, o leiteiro, acontecida na igreja do Patronato de Santa Isabel. João distribuía as suas cântaras pelo bairro, com um carrinho de mão. D. Josemaria, do confessional, ouvia, sempre à mesma hora, um ruído que ressoava no silêncio da manhã. Até que um dia saiu para ver o que se passava. E encontrou João, com as suas cântaras, à porta da igreja. Entrava por um momento e dizia: —Jesus, aqui está o João, o leiteiro. O Fundador do Opus Dei passou o dia a dizer esta jaculatória: —*Senhor, aqui está este desgraçado, este sacerdote desgraçado, que não Te sabe amar como João, o leiteiro.* Ficara muito comovido. A atitude daquele homem do povo era uma maneira preciosa de fazer oração. E aprendia com ele, e usava a história do João, o leiteiro, para que as pessoas que tratava aprendessem também a aproximar-se da oração com essa naturalidade e confiança.

Outra cena ficou gravada a D. Avelino Gómez Ledo, quando, anos depois da sua época na residência da rua de Larra, se encontrou casualmente na rua com o Fundador do Opus Dei. Foi perto da Praça de Cibele, por onde fica o Banco de Espanha. D. Avelino não teve dúvida de

que o Padre —envolto na sua capa, como se as próprias voltas da capa o ajudassem a recolher-se— ia a rezar pela rua, unido a Deus, pelo passeio daquele boulevard madrileno.

D. Josemaria endireitou muitas almas por caminhos de vida interior perfeitamente normais, simples, firmes, autênticos, também humanos, sem esquisitices nem complicações. Toda a sua vida, toda a sua pregação, todo o espírito do Opus Dei transborda esse tom amável —não por isso menos exigente—, consequência do trato filial com Deus. Basta aqui, como leve amostra, estas considerações de *Caminho*, que ajudaram milhares de homens e mulheres a começar a fazer oração:

Que não sabes rezar? —Põe-te na presença de Deus, e, logo que comeces a dizer: “Senhor, eu não sei fazer oração!...”, fica certo de que já começaste a fazê-la (Caminho, 90).

Escreveste-me: “rezar é falar com Deus. Mas, de quê?” —De quê? De Ele, de ti: alegrias, tristezas, êxitos e fracassos, ambições nobres, preocupações diárias..., fraquezas!: e ações de graças e pedidos: e Amor e desagravo.

Em duas palavras: conhecê-l’O e conhecer-te: “tratar-se!” (Caminho, 91).

Quando alguém lhe dizia que se encontrava *frio*, que não sentia nada, que ir à Missa, rezar, oferecer a Deus o trabalho ou fazer um rato de oração nesse estado lhe parecia *uma comédia*, Mons. Escrivá de Balaguer propunha —com palavras muito parecidas com as que se seguem— a deliciosa e ingénua história daquele jogral das Cantigas do Rei Afonso, que, movido pelo desejo de amar mais a Deus, entrou num mosteiro.

Dia após dia, o titereiro remexia no seu pobre haver, para encontrar alguma excelência com que honrar a Santíssima Virgem, como faziam os outros frades, com o estudo, com a voz, com as mãos. Não tinha letras, nem sabia fazer nada aquele frade. E um dia os seus pensamentos fizeram-no sorrir. No mundo, ainda que pobremente, ele ganhava a vida com umas habilidades aprendidas desde criança: atirava uns malabares ao ar, davam cambalhotas, e ele apanhava-os todos, sem lhe cair nenhum. E riam as

crianças e divertiam-se os adultos. Ao frade —assim pensava— parecia-lhe desproporcionado ganhar o céu com aquilo com que antes ganhava a vida. Mas não queria ganhar nada agora: só honrar a Senhora... À noite, saía às escondidas da sua cela e punha-se diante do rosto maternal e compreensivo da Virgem. Fazia cambalhotas e os dedos teciam mil jogos de mãos. Até que um dia o Superior o descobriu. Mas nada lhe disse. E o frade titereiro continuou a fazer oração, à sua maneira.

Não vos escondo —lê-se numa homilia pronunciada a 5 de abril de 1964— que, ao longo destes anos, se aproximaram de mim alguns e, compungidos de dor, disseram-me: Padre, não sei o que se passa, encontro-me cansado e frio; a minha piedade, antes tão segura e lisa, parece-me uma comédia... Pois aos que atravessam essa situação, e a todos vós, respondo: uma comédia? Grande coisa! O Senhor está a brincar connosco como um pai com os seus filhos.

(...) Fica tranquilo: para ti chegou o instante de participar numa comédia humana com um espectador divino. Persevera, porque o Pai, e o Filho, e o Espírito Santo contemplam essa tua comédia; faz tudo por amor a Deus, para Lhe agradar, ainda que te custe.

Que bonito é ser jogral de Deus! Que belo recitar essa comédia por Amor, com sacrifício, sem nenhuma satisfação pessoal, para agradar a Nosso Pai Deus, que brinca connosco! Enfrenta o Senhor e confia-Lhe: não tenho nenhuma ganas de me ocupar disto, mas vou oferecê-lo por Ti. E ocupa-te de verdade desse trabalho, ainda que penses que é uma comédia. Bendita comédia! Garanto-te: não se trata de hipocrisia, porque os hipócritas precisam de público para as suas pantomimas. Em contrapartida, os espectadores dessa nossa comédia —deixa-me que te repita— são o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a Virgem Santíssima, São José e todos os Anjos e Santos do Céu.

Jogral a lo divino, escrevia sobre Mons. Escrivá de Balaguer o poeta José Ramón de Dolarea, num jornal peruano da cidade de Piura (*El Tiempo*, 14 de julho de 1975). Porque, diante de milhares de pessoas, fez de *jogral de Deus*, nos anos setenta, como o vimos em Barcelona, a 25 de novembro de 1972:

O ginásio da Escola Desportiva Brafa tinha sido convertido em auditório. Cerca de 4.000 pessoas estavam ali naquela tarde, todas jovens. Sucediavam-se as perguntas. Do fundo, alguém se referiu ao perigo de “ficarmos moles, como requeijão”, em vez de sermos duros, para podermos responder ao Senhor quando pede coisas que exigem sacrifício. E o Fundador do Opus Dei apoiou-se no exercício, no desporto que se faz na Brafa. E nas recentes Olimpíadas... Estava em terra italiana, a uns quatro quilómetros da Suíça, e via-as às vezes pela televisão. Começou a descrever —a reviver— as aventuras e desventuras do saltador com vara: primeiro media-se, observava; depois concentrava-se, relaxava; finalmente saltava e voltava de cabeça baixa. E outra tentativa, e outro fracasso. Até que, por fim, conseguia. Os gestos de Mons. Escrivá de Balaguer imitavam, com muita graça, os movimentos e as expressões que tantas vezes tínhamos visto nos atletas. As pessoas seguiam, entre divertidas e absortas, a “representação”. *Perdoai-me se faço um pouco... o jogral de Nosso Senhor. Porque, no fim, conseguiam! Pois nós, com a graça de Deus, que é a melhor vara, e a única vara que o cristão tem, saltamos o que for. E endurecemo-nos. E fazemos as maravilhas que fazem estas criaturas aqui.*

Não é fácil encontrar um modo mais natural, amável, divertido e exigente de apelar à luta interior, com *dom de línguas*, junto dos jovens. Esse quadro do saltador com vara é uma boa amostra da pedagogia “desportiva” da luta ascética tão característica do espírito do Opus Dei, do *ascetismo sorridente* connatural a Mons. Escrivá de Balaguer, a todo o autêntico filho de Deus.

Propunha um modo de se esforçar por fazer a vontade de Deus que, de facto, vinha a dar uma volta copernicana ao enquadramento convencional da luta interior. Durante anos —até séculos— muitos escritores ascéticos e diretores de almas tinham, em geral, carregado a tinta nos aspetos negativos do cristianismo. Insistia-se demasiado no cumprimento do dever “a palo seco”, por medo da sanção divina que todo o pecado traz consigo. Esquecia-se habitualmente, na prática, que o cristão é filho de Deus, e que um filho deve ao seu pai piedade, reverência, afeto, e até temor: mas temor filial —explicava Mons. Escrivá de Balaguer—, pena por desgostar, nunca medo, no sentido literal e usual do termo.

Compreende-se que, aos primeiros que se aproximaram do Fundador do Opus Dei, essa insistência na *alegria dos filhos de Deus* lhes desse paz interior, serenidade, para enfrentarem, com luzes radicalmente diferentes, as lutas que —diante de Deus— tinham de travar no meio do mundo, no trabalho, em casa, em plena rua. A filiação divina trazia novo sentido à oração, à vida de piedade, ao sacrifício, ao serviço aos outros, à fraternidade, ao apostolado, às penas e às preocupações, aos triunfos e às derrotas, ao passado e ao futuro.

De um modo muito especial, centrava a possibilidade de santificar-se na vida ordinária, sem sair do mundo, sem ter também medo do *mundo*, porque Jesus Cristo tinha pedido ao seu Pai: “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal” (Jo., XVII, 15). O cristão devia considerar o mundo como criação divina, algo saído das mãos de Deus Pai, que o entregava aos seus filhos como herança (cfr. *Sl.*, II, 8). Era, portanto, bom, salvo se nós, homens, o fizemos mau pelo pecado, precisava o Fundador do Opus Dei.

A partir desta perspectiva, é mais fácil compreender que todos os enfoques apostólicos de Mons. Escrivá de Balaguer fossem sempre positivos, nunca negativos. O realismo —a constatação da realidade do mal no mundo— não o levava a pessimismos derrotistas. Porque, confiado em Deus, não tinha medo de nada nem de ninguém. E quem não tem medo não vê *inimigos*. Daí que repetisse sempre que o Opus Dei não é *anti-nada*, nem *anti-ninguém*. Todo o seu apostolado podia resumir-se numa frase bem gráfica: *afogar o mal em abundância de bem*.

Com os anos, pessoas que, sem serem da Obra, a olhavam com afeto, contemplá-la-iam como uma possível solução contra isto ou aquilo: tudo em função dos grupos ou movimentos a que essas pessoas, com toda a sua boa fé, atribuíam os males da religião ou da Igreja. Tanto faz que fosse a maçonaria ou o comunismo, a Institución Libre de Enseñanza —no caso da Universidade espanhola no primeiro terço do século XX—, ou o laicismo mais frio de outros países. Mas não era esse o espírito do Fundador do Opus Dei, que já em 1934 tinha escrito, na primeira das suas *Considerações Espirituais*:

Que a tua vida não seja uma vida estéril. —Sê útil. —Deixa marca. —Ilumina, com a luminária da tua fé e do teu amor.

Apaga, com a tua vida de apóstolo, a marca viscosa e suja que deixaram os semeadores impuros do ódio. —E acende todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo que trazes no coração.

Quarenta anos depois, continuaria a manter esta ideia central com palavras diferentes:

Não tenhas medo do mundo paganizado, porque o Senhor procura-nos precisamente para sermos fermento, sal e luz no meio deste mundo. Não te preocupes, que o mundo não te fará mal, a não ser que tu queiras. Nenhum inimigo da nossa alma pode nada, se nós não quisermos consentir. E não consentiremos, com a graça de Deus e a proteção de Nossa Mãe do Céu.

Sede piedosos. Sede pessoas de oração. Uma vez, eu estava preocupado com as circunstâncias de uma determinada nação, e dizia: meu Deus, o que acontecerá ali? Justamente porque o ambiente era muito mau. E veio um dos Diretores e disse-me: Padre, esteja tranquilo, porque somos muito rezadores. (...) Sede rezadores e não tenhais medo do mundo paganizado. Tiraremos o paganismo do mundo, com a oração.

Mas não se deve pensar apenas nos riscos de um ambiente hostil. Muitas vezes, o que dificulta a vida cristã não são os grandes inimigos de fora, mas simplesmente a falta de tempo, o sufoco que deriva do excesso de trabalho ou do pluriemprego, a sensação de incapacidade física para chegar a tudo. Há momentos em que alguém se pode deixar levar pelo nervosismo e perder o ponto de mira, o norte sobrenatural, que deve orientar tudo o que se faz, também o mais humano.

Esse desassossego rouba a presença de Deus e pode quebrar a perspectiva, de tal modo que se chegue a pensar que não faz sentido deixar um trabalho muito urgente para dedicar em exclusivo uns minutos à oração, à vida de piedade... Perde-se então, não só a oportunidade de santificar o próprio esforço, mas também, na prática —e não é paradoxo—, diminui a eficácia no trabalho, o aproveitamento do tempo.

Por isso, o Fundador do Opus Dei, que tanto sabia de urgências no seu trabalho, não deixava passar uma: se, para os pais de família, o trabalho mais importante tinha de ser a dedicação aos próprios filhos, ensinou a

todos que, para um filho de Deus, a vida de piedade, o trato com o Pai, era sempre o trabalho mais urgente, o mais importante, o único que não podia ser adiado.

Ficava muito claro naquelas palavras que pronunciou numa homilia bem conhecida, a de 8 de outubro de 1967, no campus da Universidade de Navarra:

Asseguro-vos, meus filhos, que, quando um cristão desempenha com amor a mais intranscendente das ações diárias, isso transborda da transcendência de Deus. Por isso vos repeti, com repetida martelada, que a vocação cristã consiste em fazer endecasílabos da prosa de cada dia. Na linha do horizonte, meus filhos, parece que o céu e a terra se unem. Mas não: onde verdadeiramente se juntam é nos vossos corações, quando viveis santamente a vida ordinária...

4. A prudência sobrenatural

Não lighes. —Sempre os “prudentes” chamaram loucuras às obras de Deus.

—Avante, audácia! (Caminho, 479).

No entanto, a audácia não é imprudência, nem temeridade (cfr. *Caminho*, 401).

O Fundador do Opus Dei aprendeu a abandonar nas mãos divinas as suas preocupações: *as crianças não têm nada delas, tudo é dos seus pais..., e o teu Pai sabe sempre muito bem como governa o património*. Esta confiança em Deus não o levava a fugir à sua responsabilidade pessoal. Muito pelo contrário: precisamente porque confiava em Deus, não podia desprezar nenhum meio humano. Era o mais oposto ao *carismático* vazio de doutrina, ao *visionário* irresponsável. Dizia, a brincar, que *não era profeta, nem filho de profeta*. Mas repetia o *electi mei non laborabunt frustra* do Profeta Isaías (65, 23): o trabalho dos filhos de Deus dá sempre fruto.

A prudência de Mons. Escrivá de Balaguer é um contraponto ineludível para compreender em profundidade como viveu a sua relação filial com

Deus, fonte de alegria, de paz, de serenidade, de audácia..., e, ao mesmo tempo, base onde assentavam os seus esforços, as suas jornadas extenuantes de trabalho.

No capítulo terceiro aludi à mais importante manifestação da prudência sobrenatural do Fundador do Opus Dei: não querer ser fundador; pôr os meios humanos para verificar que aquilo que Deus lhe pedia não estava já organizado; atuar com a licença e a bênção do Bispo de Madrid; procurar, no tempo oportuno, a aprovação da Obra; gastar-se sempre —uma vez clara a vontade divina— para a levar por diante.

Há depois um conjunto inabarcável de aspetos heroicos e menores da prudência de Mons. Escrivá de Balaguer, perfeitamente sintetizados no lema —*Alma, calma*— do seu escudo familiar.

Não era indeciso, mas sabia esperar. Custava-lhe muito, pela vivacidade do seu carácter. Alguma vez, quase recém-chegado a Roma, ouviram-no dizer: —*Aprendi a esperar: não é pouca ciência.*

Amadurecia as decisões, sem improvisação nem ligeireza. Assim o vivia e assim o inculcou sempre aos que, com os anos, ocuparam tarefas de direção dentro do Opus Dei. Usava muitas vezes uma frase gráfica, prevenindo-os contra o perigo da precipitação: *as coisas urgentes podem esperar; as muito urgentes, essas devem esperar...* Era uma maneira prática de distinguir o importante do urgente: porque o que não pode nem deve aguardar é o verdadeiramente importante, embora não pareça urgente.

Não tinha, assim, pressas no trato com as pessoas. *As almas, como o bom vinho, melhoram com o tempo.* Esperava também quando o apertava a indigência de tantos e, no entanto, por razões que fossem, mal se podia fazer nada. *Não se viam as plantas cobertas pela neve. —E comentou, contente, o lavrador dono do campo: “agora crescem para dentro”.*

—*Pensei em ti: na tua inatividade forçada...*

Diz-me: também cresces para dentro? (Caminho, 294).

O seu prudente dar tempo ao tempo —*calma*— era compatível com a coragem e a impaciente rapidez —*alma*— com que se punha em marcha, logo que tinha claro o que Deus queria, como o queria e que o queria já. O Cardeal Tedeschini julgava que Mons. Escrivá de Balaguer era, entre as pessoas que tinha conhecido, a que estava mais atenta aos planos de Deus, para os pôr imediatamente em prática. Sabia esperar, mas quando chegava o momento de decidir ou de fazer, não se concedia nenhum prazo. Dava a impressão de não ter inércia.

As mulheres do Opus Dei puderam comprová-lo nos começos do seu trabalho. Ainda eram poucas e, cheias de afã apostólico, mas com pouca experiência ainda, estavam desejosas de multiplicar as atividades. *Calma! Calma!*, costumava repetir-lhes o Fundador. Poucos anos depois, quando estivessem preparadas, animá-las-ia com uma frase muito diferente: *Depressa! Ao passo de Deus!*

Se a sua audácia não foi imprudência, a sua prudência nunca foi cobardia. Em *Caminho* pôde escrever, como de algo que lhe tocou sofrer na própria carne: *Não me agrada tanto eufemismo: à cobardia chamais prudência.*

A Superiora da Comunidade que atendia o Hospital do Rei, irmã Engracia Echeverría, reitera que viveu com valentia e com prudência aqueles difíceis anos entre 1931 e 1936. O Fundador do Opus Dei enfrentou os problemas que surgiam pela oposição ao clero com uma atitude serena, mas enérgica: “Via-se, desde então, que valia para governar”. A ela impressionava essa serenidade num homem que era jovem e, ao mesmo tempo, “já muito sensato, muito sério e muito valente. Muito valente, naqueles momentos em que era preciso coragem e prudência para se impor a tanta oposição”.

Também entre as monjas de Santa Isabel deixou uma lembrança de sacerdote delicado e prudente. Nesse antigo Patronato Real havia duas Comunidades religiosas distintas: o Mosteiro das Agostinhas Recoletas e o Colégio da Assunção. Antes de ser nomeado Reitor do Patronato —em 1934—, D. Josemaria era apenas capelão das Agostinhas. Mas dos atos litúrgicos que celebravam na igreja do Patronato, podiam beneficiar indistintamente as duas comunidades religiosas: “A sua exquisita prudência

—na opinião da Irmã Aránzazu Minteguiaga, religiosa da Assunção em Pamplona—, favoreceu sempre as relações, que foram de grande harmonia e de ajuda contínua em momentos em que apertava a perseguição religiosa e a destruição, dentro do país”.

Apegava-se à realidade das coisas. A sua prudência —unida também ao seu sentido de justiça— fazia-o *saber escutar*. E soube exprimir este critério com uma frase gráfica, que lembram até pessoas que não são do Opus Dei: *ouvir todos os sinos e, se possível, conhecer o sineiro*.

Por outro lado, também não tinha inércia, por assim dizer, nos seus juízos ou decisões: quando os dados mudavam, retificava com alegria. Não era amigo de ditar normas preconcebidas. Preferia que surgissem da vida, da experiência, do costume. Mas não se agarrava à experiência. Se apareciam novos fatores que exigiam ver as coisas de modo diferente, mudava facilmente —humildemente— o seu enfoque.

Uma manifestação muito importante dessa prudência sobrenatural ficou —para sempre— no modo específico que preside à direção do Opus Dei: a *colegialidade*. O Fundador tinha clara autoridade. “Era um homem —segundo o P. Garganta, O.P.— que sabia persuadir, sabia fazer refletir, mas quando mandava, mandava. Quer dizer: um homem excelso na sua prudência diretora, na sua prudência governativa”. Precisamente por isso, abominava a tirania e o governo pessoal. Muito cedo ficou estabelecida a colegialidade —não sem uma particular e especial graça de Deus, costumava dizer— na direção do Opus Dei em todos os níveis: central, regional, local. Nunca em nenhum sítio manda uma só pessoa: são várias as que tomam as decisões. Muitas vezes declarou, até em entrevistas jornalísticas, que ele, como Presidente, era um voto, um voto mais, dentro do Conselho Geral do Opus Dei. E assim se praticou sempre: nos organismos centrais da Obra e na direção do centro local mais incipiente.

Mons. Escrivá de Balaguer tinha os pés assentes na terra, foi *realista*: porque tinha a certeza sobrenatural de que Deus estava empenhado em que se tornasse realidade a *loucura* que lhe tinha confiado. A Obra era de Deus, e o Céu realizá-la-ia. Os seus *sonhos* não eram irreais. Pelo contrário: nada mais real do que o cumprimento de um mandato imperativo de Cristo. Nada mais prudente do que aquela loucura.

[Voltar ao Índice](#)

CAPÍTULO SÉTIMO

AS HORAS DA ESPERANÇA

1. Dias de guerra em Espanha

Frente de Madrid, junho de 1938. De um observatório militar em Carabanchel Alto, com a luneta de antenas de uma bateria, o Fundador do Opus Dei contempla destruída a casa da rua Ferraz, 16, cuja abertura lhe custou tanto esforço e tantas dificuldades.

Significava recomeçar do nada, pois a guerra tinha destruído o trabalho material de vários anos. E, mais uma vez, agarra-se à esperança. Em Vitoria —por volta de 1938—, Monsenhor Beitia foi testemunha presencial da “alegria” do Fundador do Opus Dei, perante a ruína do seu esforço: *Se é para a sua glória, o Senhor voltará a construí-la.*

Foram, de modo muito especial, tempos de esperança.

Desde a vitória da Frente Popular nas eleições de fevereiro de 1936, agravou-se a já confusa situação da vida pública espanhola, e recrudesceu a perseguição religiosa. Voltaram a ocorrer, em muitos pontos de Espanha, incêndios e saques de igrejas. Concentrações de massas, atentados e represálias, falta de segurança pública, criavam um ambiente que pressagiava a futura guerra civil.

D. Josemaria via a gravidade do momento. Eram contínuos os seus atos de desagravo perante as manifestações contra a religião. Mas não perdia a serenidade nem se deixava levar por pessimismos alarmistas. Conseguiu que o ambiente envenenado do país mal perturbasse o trabalho apostólico, a atividade na Residência de Ferraz, a regularidade das diversas ações de formação espiritual.

O Fundador do Opus Dei sabia-se filho de Deus, filho de Santa Maria, *Mãe de Deus e nossa Mãe*, como a invocou ao longo dos anos. Este era, como acabámos de ver, o fundamento de toda a sua vida:

Tinha uma imagem da Virgem, que os comunistas me roubaram durante a guerra de Espanha, e a que chamava a Virgem dos beijos. Nunca saía nem entrava, na primeira Residência que tivemos, sem ir ao quarto do Diretor, onde estava essa imagem, para a beijar. Penso que nunca o fiz maquinalmente: era um beijo humano, de um filho que tinha medo... Mas já disse tantas vezes que não tenho medo de ninguém nem de nada, que não vamos dizer medo. Era um beijo de filho que tinha preocupação pela sua excessiva juventude, e que ia buscar em Nossa Senhora toda a ternura do seu carinho. Toda a fortaleza de que precisava ia buscá-la a Deus através da Virgem.

Antigos residentes de Ferraz, 50, não esqueceram a sua fortaleza contagiante, que os imunizava contra o ambiente derrotista e os fazia continuar nas tarefas apostólicas como se nada fosse acontecer.

O Fundador do Opus Dei viveu aqueles momentos com grande intensidade. Não deixava de apresentar a todos os membros da Obra a obrigação que lhes cabia de estarem bem informados, bem metidos na realidade —como correspondia ao seu dever de cidadãos normais—, evitando cuidadosamente que o ambiente de serenidade pudesse ser mal interpretado e levasse a qualquer tipo de “isolamento” ou “evasão”. Aproveitou também aquela situação para formar bem os que o rodeavam: ensinou-os a confiar, acima de tudo, na Vontade de Deus; fez-lhes ver que, por graves que fossem os assuntos, não podiam deixar-se levar por um ativismo desenfreado que os fizesse esquecer a primazia dos meios sobrenaturais, da vida de oração; alertou-os contra os riscos da soberba, do amor-próprio, na atuação política; e, como que sem dar importância, concretizou-lhes modos práticos de viver a prudência.

Nos primeiros meses de 1936, em meio à crescente efervescência social e política, continuava empenhado em encontrar uma casa maior, pois a residência de Ferraz, 50, já era insuficiente para o volume do trabalho, e em procurar ao mesmo tempo os meios económicos necessários. Trabalhava no presente e pensava numa casa grande unifamiliar: precisamente por causa da situação política, casas deste tipo punham-se à venda, a baixo preço, pela procura quase nula que havia. Com a colaboração dos rapazes que viviam ou passavam pela Residência, procurou-se por todo Madrid, embora

preferisse o bairro de Argüelles, provavelmente pela sua proximidade ao casarão de San Bernardo e aos novos edifícios universitários para lá da Moncloa.

Finalmente encontrou-se uma casa na mesma rua de Ferraz, no número 16. Era propriedade do Conde del Real, que por então vivia em França. Chegou-se logo a acordo com o administrador, e tudo ficou pronto para tomar posse do imóvel no primeiro de julho daquele 1936.

Ao mesmo tempo, pensava na nova residência de estudantes de Valência. Francisco Botella, natural de Alcoy, iria no fim do ano letivo, com o encargo de procurar uma casa que pudesse servir no curso seguinte. Assim que visse algo adequado, devia avisar Madrid, para que Ricardo Fernández Vallespín fosse a Valência, a fim de assinar o contrato se a escolha fosse acertada. O plano era que Ricardo fosse o diretor desse centro. Da sua parte, Isidoro Zorzano assumiria em Madrid a direção de DYA —este continuava a ser o nome da residência e academia de Ferraz—, depois de pedir licença sem vencimento no seu lugar de Engenheiro-Chefe das oficinas dos Caminhos de Ferro andaluzes em Málaga. Com efeito, também no fim de junho ou princípios de julho, Isidoro Zorzano viajou para Madrid, para ficar definitivamente na capital de Espanha.

A situação política estava ao rubro. Muitas famílias antecipavam as férias, pois o golpe de Estado era já visto como inevitável por ambas as partes. Abundavam os rumores, que corriam como pólvora. O ambiente era muito tenso.

No dia 13 de julho —data crítica— foi assassinado Calvo Sotelo, chefe da oposição conservadora na Câmara legislativa. A inquietação generalizou-se. Vivia-se com a sensação de que “era questão de horas”. Mas o Fundador do Opus Dei continuava impávido, pondo em prática os planos de expansão da Obra, como se nada estivesse a acontecer. “Para as pessoas era uma loucura”, afirma o então diretor de Ferraz.

Vivia com esperança o *hoje e agora*. Acelerou a mudança para Ferraz, 16, entre outras razões, para deixar de pagar quanto antes a renda de Ferraz, 50. Levaram todos os móveis. A casa precisava de um mínimo de obras de

reparação e adaptação. Como não havia dinheiro, trabalharam todos como podiam, dando pouco a pouco um aspeto decente à futura Residência.

Este novo Centro ficava em frente do Quartel da Montanha, ponto nevrálgico da sublevação em Madrid. Das suas varandas, durante o domingo 19 de julho, puderam ver como os sublevados se iam concentrando no Quartel. À tarde, a primeira hora, as ruas de acesso estavam cortadas por guardas e milicianos, que pediam a documentação a todos os que passavam. Por volta das oito da noite, saíram da Residência os estudantes que viviam com os pais. D. Josemaria pediu-lhes, paternalmente, que lhe telefonassem para saber que tinham conseguido chegar e que estavam bem. Durante a noite começou o ataque. As balas iam-se cravando nas paredes e nos tetos da Residência. De manhã, no momento em que os milicianos, embriagados de vitória, entravam já no Quartel da Montanha, D. Josemaria abandonou Ferraz com os poucos que ali tinham passado a noite. Fizeram-no vestir um fato-macaco dos que se usavam naqueles dias para os arranjos da casa. Embora lhe ficasse mal de tamanho, não havia outra roupa de leigo. Atravessando-se por entre as massas enfervorizadas, que iam celebrar o triunfo, conseguiram chegar a casa da sua mãe, na rua do Doutor Cárceles (hoje, Rey Francisco).

O Quartel da Montanha tinha caído. A situação tornou-se confusa e em Madrid começou a dominar o terror. Sabia-se que tinham fuzilado muita gente, pois no dia 21 de julho os cadáveres enchiam o depósito judicial e os iam amontoando à entrada. Estava claro que todas as precauções seriam poucas.

D. Josemaria teve de ficar em casa da sua mãe, sem poder sair, por ser conhecida de todos, na zona, a sua condição sacerdotal. Como para qualquer outro sacerdote de Madrid, naquele momento, a única alternativa era esconder-se, ou expor-se a ser assassinado por qualquer patrulha de rua, embora também, escondido, corresse o risco das frequentes rusgas.

A guerra civil chegava justamente quando já dispunha de uma base de pessoas bem formadas com as quais empreender uma expansão imediata: ampliar a residência de Madrid, pôr em marcha a de Valência, começar em França. Tudo desabava. Além disso, o Fundador sofria —como Pai— naqueles momentos, pois, estando interrompidas as comunicações, não

tinha a menor notícia de muitas pessoas do Opus Dei, ausentes de Madrid. E, por se não bastasse, não podia celebrar a Santa Missa, nem fazer oração junto do Sacrário.

Começou um longo pesadelo, de esconderijo em esconderijo, erizado de dificuldades e perigos. D. Josemaria não pensava em si mesmo, mas nas almas, na Igreja e na Obra, em cada um dos seus membros, na sua mãe e nos seus irmãos. Sentia-se, ao seu lado, uma fé inabalável no carácter sobrenatural do Opus Dei, uma fortaleza esperançosa para enfrentar qualquer tipo de problemas. As suas contínuas reações sobrenaturais —a repetição incessante de uma breve jaculatória, *fiat!*, de abandono nas mãos de Deus— ficaram gravadas em quem o rodeou naqueles meses. Convenceram-se depressa de que, qualquer que fosse o curso dos acontecimentos, tudo seria para bem, *omnia in bonum!*

Um ponto de *Caminho* refletirá, em boa medida, estas disposições interiores de D. Josemaria, embora eu não tenha a certeza de que o tenha escrito naqueles primeiros dias da guerra civil:

—*A guerra! —A guerra tem uma finalidade sobrenatural —dizes-me— desconhecida para o mundo: a guerra foi para nós...*

—*A guerra é o obstáculo máximo do caminho fácil. —Mas teremos, no fim, de amá-la, como o religioso deve amar as suas disciplinas (Caminho, 311).*

O seu otimismo trazia sempre uma nota de grave objetividade. Quando muitos pensavam que a guerra duraria pouco ou que o seu fim era iminente, fazia ver aos que o acompanhavam que isso não estava claro, que deviam prever uma espera muito mais longa do que imaginavam. Com o tempo, alguns veriam neste tipo de afirmações, que não correspondiam aos dados comuns a todos, uma certa inspiração que escapa ao natural. E comenta Juan Jiménez Vargas: “Sem pôr em dúvida os acertos que tantas vezes, ao longo da sua vida, indicavam uma autêntica inspiração divina, neste caso concreto, como noutras ocasiões —por exemplo, quando atravessámos os Pirenéus—, parece-me que o que importa destacar, no fundo de tudo isto, é autêntica virtude pessoal. Era uma prudência diante dos acontecimentos

que, no meio das suas preocupações esmagadoras, o fazia estar mais na realidade do que ninguém, e com mais objetividade na hora de atuar”.

Todos tinham a convicção de que ao Fundador não lhe aconteceria nada, pois tinha de fazer o Opus Dei. No entanto, não deixaram de pôr nenhum meio necessário para a sua segurança pessoal.

Esteve em casa da sua mãe até que alguém comunicou a suspeita de que, naquele edifício, havia pessoas escondidas em vários andares. Foi-se embora e, de facto, pouco depois houve rusgas. Isto sucedeu por volta de 9 de agosto de 1936.

Foram dias e meses de tremenda confusão. Abundaram os desmandos e os abusos. Cometeram-se muitos crimes e, entre as vítimas, houve uma alta percentagem de sacerdotes e religiosos. Na sua detida e documentada *Historia de la persecución religiosa en España*, Antonio Montero apresenta as seguintes e arrepiantes cifras: ao longo de toda a guerra morreram 4.184 sacerdotes seculares (13 por 100), 2.365 religiosos (23 por 100) e 283 religiosas.

Explica-se que, quando nos primeiros momentos a algumas pessoas chegou a falsa notícia da morte do Fundador do Opus Dei, a aceitassem. Ainda mais se —como sucedeu nalgum caso— a informação vinha com toda a espécie de detalhes.

Esteve em casa de um amigo, na rua de Sagasta, 29, até finais de agosto. Setembro passou-o num apartamento na rua de Serrano, que era de uns argentinos amigos de Álvaro del Portillo. No dia 1 de outubro teve de abandonar esse refúgio e passou depois vários dias a dormir onde e como podia. Pouco depois, conseguiu esconderijo fazendo-se passar por doente mental, num sanatório psiquiátrico da Ciudad Lineal —em Arturo Soria, 492—, dirigido pelo doutor Suils, conhecido de D. Josemaria dos tempos de Logronho. A sua estadia no manicómio —controlado oficialmente pela UGT— foi especialmente dura, também porque se agravou o reumatismo que padecia: chegou a passar perto de duas semanas sem se poder mexer. A imobilidade das articulações foi tão importante que até lhe tinham de dar de comer.

Por aquela época tinha-se estabilizado a frente de Madrid, e tudo dava a entender que a guerra se prolongaria. Impunha-se procurar um refúgio mais normal e com mais garantias. Depois de diversas diligências junto de embaixadas, surgiu a possibilidade de entrar na legação de Honduras (em sentido estrito, era unicamente a casa do cônsul, mas tinha reconhecimento e proteção oficial). Ali chegou em março de 1937.

Tinha sofrido tanto —também de fome— que estava incrivelmente magro, irreconhecível. Durante a sua estadia nesta legação de Honduras, entre março e agosto daquele ano, foi um dia visitá-lo a sua mãe. Esperava-o no vestíbulo, junto à porta do apartamento. Quando saiu, vestido à paisana, macilento e pálido, D. Dolores não o conseguiu reconhecer até ouvir a sua voz: —*Que alegria ver-te, mãe!*

Aqui o panorama de D. Josemaria mudou: por fim, pôde celebrar a Santa Missa e, além disso, acompanhavam-no vários membros da Obra. Meses depois, começou a fazer saídas à rua, mediante um documento do cônsul de Honduras que o acreditava como empregado da legação. Depois, no primeiro dia de setembro, foi viver para um ático na rua Ayala, n.º 73, e continuou a desenvolver uma intensa atividade apostólica por Madrid: conversava com gente, celebrava Missa, levava a comunhão, dava meditações.

Nestas circunstâncias o conheceu, por exemplo, Tomás Alvira, como relatava num artigo publicado em setembro de 1975: “Recordo com todo o detalhe a primeira vez que falei com Monsenhor Escrivá de Balaguer: foi em Madrid, ao entardecer de um dia de julho do ano 1937”. Impressionou-o “a personalidade firme daquele sacerdote jovem; a visão sobrenatural que envolvia tudo quanto dizia; o seu otimismo e alegria, não fáceis de ter naqueles momentos tão graves, e que só eram compreensíveis ao vê-los nascer de uma fé profunda”.

A Tomás Alvira surpreendeu muito o convite que um dia recebeu para fazer exercícios espirituais com outras poucas pessoas. A surpresa era justificada, porque então, em Madrid, os sacerdotes eram perseguidos e não havia nenhuma igreja aberta. Por isso, esses exercícios, que duraram três dias, tiveram lugar em casas diferentes. Cada um chegava separadamente, tinham uma meditação e iam-se embora, também separadamente, para não

estarem muito tempo reunidos. Pela rua, continuavam a meditar, rezavam o rosário, etc. Depois tinham a meditação seguinte noutra casa. Uma delas foi a de José María Albareda, na rua de Menéndez y Pelayo; outra, a do próprio Tomás Alvira, em General Pardiñas, 28, 1.º C.

No fim do verão de 1937 tinham diminuído algo os assassinatos em Madrid, mas as condições de vida para um sacerdote continuavam a ser impossíveis. Embora, naquelas circunstâncias, fosse muito necessária a presença do Fundador na cidade, viu-se a conveniência de ele abandonar a capital e passar para a outra zona de Espanha. Custou-lhe muito tomar esta decisão. Não se conformava com a ideia de sair da cidade, deixando a sua mãe e os seus irmãos, e a maioria dos membros do Opus Dei em Madrid. Mas venceu as dúvidas e decidiu-se, pela insistência de todos, até da própria mãe. Uma vez resolvido o problema da documentação, partiu para Valência em outubro.

Ali estavam Francisco Botella e Pedro Casciaro, que já tinham notícias de que poderia chegar a qualquer momento. Pedro Casciaro costumava ir ao entardecer a casa dos Botella. Um dia, ao entrar numa saleta, viu Juan Jiménez Vargas com outra pessoa que não reconheceu. Era “um senhor muito magro, corretamente vestido de cinzento-escuro que, mal me viu, me abraçou dizendo-me: *Perico, que alegria voltar a ver-te!*” Houve mudanças tão notáveis na fisionomia do Fundador depois desses quinze meses, que Pedro Casciaro só o reconheceu pela voz: o mesmo que tinha acontecido com a sua própria mãe, D. Dolores, como já vimos. “Tinha emagrecido mais de quarenta quilos —escreve Pedro Casciaro—; até esse momento, eu sempre o tinha visto de sotaina, com o cabelo muito curto e com tonsura muito ampla —que costumava cobrir com um solidéu de pano preto— e com óculos de aros finos completamente redondos. Agora tinha as faces encovadas, destacando-se mais a sua ampla testa; os olhos eram mais penetrantes; o cabelo, relativamente longo, penteava-o com risca ao lado; os óculos eram ovais e de armação mais grossa; reparei especialmente num pormenor insignificante em si, mas —quem sabe porquê— muito significativo para mim: o nó da gravata estava muito bem feito. A única coisa que não tinha mudado nada nele era o tom da voz”.

De Valência, seguiu viagem para Barcelona, num comboio noturno. Já na Cidade Condal, começou uma espera tensa, pois era mais difícil do que lhes parecera desde Madrid contactar com as pessoas que se dedicavam a tirar clandestinamente gente de Espanha. Voltavam a assaltá-lo dúvidas sobre a conveniência desse passo. Mas acabava convencido de que era Vontade de Deus.

Por fim, a 19 de novembro saiu de Barcelona no autocarro da Seo de Urgel. Depois de dias difíceis, a 2 de dezembro de 1937 conseguiam atravessar a fronteira de Andorra e chegavam a Sant Julià. Terminava o pesadelo que começara em outubro de 1937. O Fundador do Opus Dei tinha passado muito mal: além da preocupação angustiante pelos que ficavam em Madrid e nas frentes, a fadiga física roçava o esgotamento desde a primeira noite em que tinham começado a andar. No entanto, os que foram com ele coincidem em que conservou sempre a paz e a alegria. D. Juan Jiménez Vargas garante que, até então, não tinha chegado a compreender bem o que é *a alegria de quem se sabe filho de Deus*. Pouco depois, D. Juan fez uma breve nota, resumo da sua experiência daqueles meses, que deu origem ao ponto 659 de *Caminho*:

A alegria que debes ter não é essa que poderíamos chamar fisiológica, de animal são, mas outra sobrenatural, que procede de abandonar tudo e de te abandonares nos braços amorosos do nosso Pai-Deus.

Com esta alegria, o Fundador do Opus Dei pôs-se de novo a caminho. Passou por Lourdes antes de voltar a Espanha. Atravessou a fronteira por Irún, e em Pamplona D. Marcelino Olaechea, seu bom amigo, alojou-o no Palácio episcopal. Pouco depois, transferiu-se para Burgos, onde vivia o Bispo de Madrid, e de onde lhe seria mais fácil recuperar o contacto com diversas pessoas a quem já vinha acompanhando antes da guerra e que estavam agora espalhadas pelo país.

Mas as dificuldades não cessaram. A maior parte dos que o tinham acompanhado na travessia dos Pirenéus teve de incorporar-se nas fileiras. Felizmente, a Burgos acorriam muitos outros, quando conseguiam licença nos seus destinos militares. Da capital castelhana, D. Josemaria fez um imenso apostolado epistolar. Quando era necessário, deslocava-se para onde fosse preciso, para atender a quem passava dificuldades, para dirigir um

curso de retiro, para visitar algum bispo, para resolver os problemas que surgiam. Tomás Alvira, um dos que o acompanharam pelos Pirenéus, conserva uma carta sua datada de Burgos, a 4 de fevereiro de 1938:

Jesus te guarde.

Querido Tomás: que vontade tenho de te dar um abraço! Entretanto, peço-te que nos ajudes, com as tuas orações e o teu trabalho.

Eu ando a correr de um lado para o outro: acabo de vir de Vitoria e Bilbao. E antes: Palência, Valladolid, Salamanca e Ávila. Agora estou a curar uma constipação que apanhei no Norte. Depois, vou a León e a Astorga.

Tomasico: quando é que darás um salto, para nos vermos?

Muitos escreviam para Burgos, perguntando onde estaria o Padre numa data determinada, em que teriam licença. Nem sempre se lhes podia responder com precisão. Às vezes era preciso dizer: “no vagão do comboio, ou nalgum carro desconjuntado por essas estradas, ou... na frente”.

Em Burgos, no Opus Dei interessavam, acima de tudo, as pessoas: recuperar o contacto com os que participavam nas atividades apostólicas antes da guerra, manter a sua vida interior e o seu afã apostólico, fazer novos amigos. O seu intenso apostolado epistolar deu também origem a uma espécie de carta coletiva, por meio da qual se davam a todos notícias de todos. Isto não era novidade, porque já muito antes —pelo menos desde o verão de 1934— D. Josemaria tinha mandado enviar este tipo de cartas de família, cheias de vibração sobrenatural, e também de sentido de humor. Conservam-se algumas dessas folhinhas dactilografadas e reproduzidas com um modestíssimo velógrafo. Nelas resumiam-se brevemente as cartas que, durante o verão, iam chegando de uns e de outros à Academia DYA, para contar aos demais onde estavam, o que faziam no verão —desporto, arte, estudos, línguas, atividades de ajuda a médicos rurais, preocupações apostólicas— e, ao mesmo tempo, animava-se a perseverarem na piedade e a manterem aceso o afã de transmitir a outros os seus ideais cristãos, com vistas ao curso seguinte, para seguir “em frente..., com *Deus e audácia!*”.

O mesmo tom —ainda que salpicado de histórias relacionadas com a guerra— tiveram as *Notícias* de Burgos. Acusavam receção, com agradecimento, das cartas que chegavam das frentes e dos navios da Armada, “com idêntica vibração, com preocupações comuns e com o mesmo sobrenatural e alegre otimismo”. Davam notícia dos que tinham passado por ali, para estar um pouco com o Fundador da Obra.

Nessas cartas abundavam os pormenores pitorescos e as brincadeiras divertidas. Era tenaz a insistência em que continuassem a estudar —sobretudo línguas— apesar das dificuldades: “faz mais quem quer do que quem pode”. De Burgos animavam-nos a pedir gramáticas, dicionários, textos para fazer traduções. E falavam-lhes da biblioteca que iam formando, com livros que lhes chegavam, até, de fora de Espanha. Tinham escrito, nesse sentido, a autoridades académicas de diversos países. Numa carta de 1938 lê-se: “Sabem que pedimos livros —e em várias línguas— para os lermos? Parece uma verdade de La Palice, mas é que... nem sempre acontece assim”.

Todos os meses saía a breve e rudimentar edição, por vezes com um “perdoem o laconismo destas folhinhas: escasseia o papel”. Por vezes também, com a notícia da morte de algum nos campos de batalha: “mais um protetor!”. Ou com informações sobre os que continuavam na outra Espanha: “é exemplar a fé e a continuidade com que trabalham”.

As missivas lacónicas vinham temperadas com múltiplas referências sobrenaturais, cheias de naturalidade. Numa aparece esta frase, toda uma síntese do espírito desses dias: “Livros, línguas, estudo: instrumentos do vosso trabalho. Mas não esqueçais que o carácter sobrenatural da nossa empresa precisa de ORAÇÃO, SACRIFÍCIOS, FREQUÊNCIA DE SACRAMENTOS”.

A ilusão apostólica levou o Fundador do Opus Dei a pedir a todos que o ajudassem a localizar os que não apareciam. Queria ter as suas moradas —seguras ou prováveis— quando terminasse a guerra. Animava-os continuamente a fazer apostolado: *entre tanto rapaz generoso, que tu conheces, achas que não haverá um, ao menos, capaz de nos entender?*

Ao lado de D. Josemaria, que não pensava só em Espanha, os horizontes dilatavam-se. Um dos redatores das notícias escreveu: “A futura Espanha é pouco: ao escrever estas folhinhas de família, sente-se que o planeta encolhe”.

No entanto, não abandonava o imediato: o regresso a Madrid. O Fundador da Obra ia preparando tudo o que podia, também no plano material. Juntamente com os livros, foi reunindo o indispensável para o novo oratório: um sacrário, castiçais... Encomendou alvas e paramentos à família de Vicente Rodríguez Casado, que estava em Burgos. A outros, que desenhassem e tentassem fazer um cálice... Esta preocupação ficou também registada numa carta: “Com aquele espírito anónimo das antigas oficinas de arte, vamos construindo os vasos sagrados, os paramentos e os outros objetos litúrgicos para o nosso Oratório. Asseguramos-vos que serão gratos a Deus por esse espírito com que vão sendo feitos e a vós, pela solidez do material que se emprega, pelo vigor e delicadeza da forma, pela harmonia do conjunto”. Muitos destes objetos litúrgicos foram guardados no palácio episcopal de Ávila. O seu bispo tinha-se oferecido para os ter sob custódia até chegar o momento de voltar a Madrid.

D. Josemaria alojava-se no “Hotel Sabadell”, na rua de la Merced, número 32 (no fim de 1938 ou começos de 1939, mudar-se-ia para uma casa ainda mais modesta na rua de la Concepción, número 9, 3.º esquerdo). Continuava a viajar sempre que era necessário. Por vezes, simplesmente, para visitar um ferido.

Assim se lhe apresentou a ocasião de ir à frente de Madrid, porque no dia 7 de junho de 1938, a Ricardo Fernández Vallespín, num serviço de destruição de bombas de mão defeituosas, rebentou-lhe uma muito perto. Do hospital de campanha mandou telegrafar, comunicando-lho. Assim que pôde, foi vê-lo e passou uma noite no posto de comando da bateria, em Carabanchel Alto. Outro oficial levou-o ao observatório que tinham instalado na antiga Escola de Automobilismo de Carabanchel. Ali contemplou, com a luneta de antenas da bateria, a casa de Ferraz, 16, semidestruída. Ao ver essas ruínas, desatou a rir. Um oficial perguntou-lhe a razão. Com a sua fé indómita na Providência divina, respondeu: *porque estou a ver o pouco que resta da minha casa*. Deus resolveria tudo,

pensava, embora não o dissesse. Naturalmente, o oficial ficou desconcertado, sem perceber nada.

O trágico parêntesis da guerra, que para o Opus Dei se abria com essas ruínas, não tardaria a fechar-se. E os meses de Burgos ficariam para trás, como etapa de consolidação, em que se recuperaram contactos e se começou a preparar o futuro: foi um tempo de esperança, de oração e de intensas mortificações do Fundador do Opus Dei.

D. Josemaria chegou a Madrid ao mesmo tempo que a primeira coluna de abastecimento. Tal era a sua impaciência. Ricardo Fernández Vallespín acompanhou-o na primeira visita que fez aos restos de Ferraz: “Ao chegar à nossa casa, vimo-la destruída, mais do que pensávamos”. O edifício tinha sofrido danos durante o assalto ao Quartel da Montanha. Depois foi confiscado pelas milícias populares. Por fim, ao aproximar-se a frente de Madrid, os bombardeamentos acabaram por destruí-lo.

Para já, voltou a alojar-se, como antes da guerra, na habitação do Reitor do Patronato de Santa Isabel. A partir daí continuou o seu trabalho apostólico e começou de novo a procurar um local apropriado para instalar a residência de estudantes. Queria que começasse a funcionar em outubro de 1939. Assim foi, em uns andares alugados na rua Jenner, perto do Paseo de la Castellana, com capacidade semelhante à antiga residência de Ferraz, 50.

O Fundador do Opus Dei recomeçou, também desta vez, sem meios materiais, apoiado na ideia clara de que Deus estava empenhado em que a sua Obra se realizasse. Ángel Galíndez, residente de Ferraz e depois de Jenner, confessaria em 1975 em *El Correo Español* de Bilbao: “Muitas vezes, ao longo destes quase quarenta anos, tenho refletido sobre a figura do Padre, rica de um conteúdo insondável, audaz e apostólica... Sim, pensei muitas vezes na fé imensa e na audácia incontida e no afã apostólico do Padre, que tornaram possível que aquela pequena casa onde vivi se transformasse na gigantesca Obra atual”.

Tudo foi possível pela sua esperança inabalável. Sublinhou-o D. Manuel Aznar, em *La Vanguardia Española*, de Barcelona: “Não sei que dom carismático possuía que lhe permitia promover esperança, alargar

horizontes, vencer pessimismos, comunicar a segurança de um futuro resplandecente, acalmar inquietações, iluminar dúvidas, sentir-se, antes de tudo e acima de tudo, sacerdote de Deus e, como tal, pregar e pedir uma viva permanência na fé, uma ardorosa caridade, mas também uma luminosa esperança. Suponho que era um grande meditativo de São Paulo. Sem dúvida pela sua condição de homem que dava esperança”.

O próprio Fundador do Opus Dei detalharia em 1940:

A Obra está a ir para a frente à base de oração: da minha oração —e das minhas misérias—, que aos olhos de Deus força o que exige o cumprimento da sua Vontade; e da oração de tantas almas —sacerdotes e leigos, jovens e velhos, sãos e doentes— a quem eu recorro, certo de que o Senhor as escuta, para que rezem por uma determinada intenção que, ao princípio, só eu conhecia. E, com a oração, a mortificação e o trabalho dos que vêm junto de mim: estas foram as nossas únicas e grandes armas para a luta.

Assim vai —assim irá— a Obra fazendo-se, crescendo, em todos os ambientes: nos hospitais e na universidade; nas catequeses dos bairros mais necessitados; nos lares e nos lugares de reunião dos homens; entre os pobres, os ricos e as gentes da mais diversa condição, para fazer chegar a todos a mensagem que Deus nos confiou.

Uma missão que a Obra se lançou a cumprir de frente, com generosidade, com sinceridade, sem subterfúgios nem mecenatos humanos, sem recorrer —valha o exemplo— ao contínuo salto em busca do sol que mais aquece ou da flor mais rica e vistosa: o sol está no nosso interior e o trabalho realiza-se —como tem de ser— na rua, e dirige-se a todos.

Nestes anos do começo, encho-me de profunda gratidão para com Deus. E ao mesmo tempo penso, filhos meus, no muito que nos falta percorrer até semear em todas as nações, por toda a terra, em todas as ordens da atividade humana, esta semente católica e universal que veio a espalhar o Opus Dei.

Por isso, continuo a apoiar-me na oração, na mortificação, no trabalho profissional e na alegria de todos, enquanto renovo constantemente a

minha confiança no Senhor: universi, qui sustinent te, non confundentur (Ps., XXIV, 3); nenhum dos que põem em Deus a sua esperança será confundido.

2. O caminho jurídico do Opus Dei

Tens razão. —Do cimo —escreves-me—, em tudo o que se avista —e é um raio de muitos quilómetros—, não se percebe uma planície: atrás de cada montanha, outra. Se nalgum sítio parece suavizar-se a paisagem, quando a névoa se levanta, aparece uma serra que estava oculta.

Assim é, assim tem de ser o horizonte do teu apostolado: é preciso atravessar o mundo. Mas não há caminhos feitos para vós... Vós os fareis, através das montanhas, ao golpe das vossas pisadas (Caminho, 928).

Provavelmente, ao redigir estas linhas, o autor de *Caminho* pensava no amplo panorama apostólico que, com os anos, fariam as pessoas da Obra no mundo inteiro. Dificuldades não faltariam. A guerra de Espanha tinha terminado. Mas chegava o momento de abrir um caminho para o Opus Dei no campo do Direito canónico.

A Obra não se parecia com nenhuma das organizações que então existiam na Igreja. Os seus membros não queriam, nem podiam, ser religiosos, que procuram a santidade afastando-se do mundo, no retiro do ermo ou no serviço ativo às almas —colégios, hospitais—. A vocação plenamente apostólica que Deus queria para o Opus Dei afastava-o também das simples confrarias ou pias uniões, estabelecidas no Código de Direito canónico.

O único modelo era bem preciso nos seus contornos teológicos, mas ainda nunca tinha sido definido em textos jurídicos: os primeiros cristãos. Como declararia o Fundador do Opus Dei em 1967 a Peter Forbath, correspondente da *Time* de Nova Iorque, *a maneira mais fácil de entender o Opus Dei é pensar na vida dos primeiros cristãos. Eles viviam a fundo a sua vocação cristã; procuravam seriamente a perfeição a que estavam chamados pelo facto, simples e sublime, do Batismo. Não se distinguiam exteriormente dos demais cidadãos. Os sócios do Opus Dei são pessoas*

comuns; desenvolvem um trabalho corrente; vivem no meio do mundo como o que são: cidadãos cristãos que querem responder plenamente às exigências da sua fé.

Não havia cauce jurídico para uma iniciativa que propunha o modo de viver dos primeiros cristãos. Além disso, o Fundador —bom jurista— entendia que a norma devia surgir da vida e não ao contrário. Abrir-se-iam os caminhos ao golpe das pisadas. O fenómeno ascético e apostólico tinha de preceder a configuração jurídica.

Não obstante, D. Josemaria, fiel filho da Igreja, sabendo que não há trabalho fecundo à margem da Hierarquia eclesiástica, atuou em todo o momento —como diria em inúmeras ocasiões— *com a licença e com a afetuosa bênção do queridíssimo Senhor Bispo de Madrid, onde nasceu o Opus Dei a 2 de outubro de 1928. Mais tarde, sempre também, com o beneplácito e o estímulo da Santa Sé e, em cada caso, dos Revmos. Ordinários dos lugares onde trabalhamos.*

Também o atesta o P. Vicente Ballester Domingo, salesiano, secretário particular em 1937 do Bispo de Pamplona, D. Marcelino Olaechea, que hospedou D. Josemaria, como sabemos, no seu palácio episcopal. Por ali passavam muitos bispos e ele dava-lhes a conhecer o Opus Dei. D. Vicente Ballester testemunha que “sempre procurou o beneplácito da Hierarquia embora então não fosse fácil compreender o que era o Opus Dei”.

Toda a urgência que sentia pela salvação das almas desaparecia perante o problema do caminho jurídico da Obra: não tinha pressa; confiava no querer de Deus. Ao mesmo tempo, era muito lacónico ao falar do Opus Dei, precisamente porque ainda não tinha qualquer entidade jurídica dentro da Igreja. O Padre Sancho, O.P., recorda uma explicação dessa necessária prudência: a Obra está ainda em gestação, é como uma criatura *non nata*. Depois, quando chegou o *decretum laudis* da Santa Sé, o Fundador da Obra dir-lhe-ia que, a partir desse momento, graças a Deus, podiam falar amplamente do Opus Dei, porque já era uma coisa pública e a Igreja a tinha louvado maternalmente. “Vejo neste facto —comenta o P. Sancho— uma manifestação do profundo amor submisso de Josemaria às decisões da autoridade suprema da Igreja”.

No entanto, esta delicadeza de consciência foi motivo de desconfianças e calúnias, nos anos imediatos do pós-guerra. “Não se sabia se era um santo ou um herege”, recorda o Dr. Eladio de la Concha, hoje pediatra em Gijón: “Tudo era questão de confiar nele, e quem o conhecia não podia deixar de confiar”. À confiança absoluta do Fundador do Opus Dei na Providência do seu Pai Deus, respondiam os membros da Obra e os seus amigos, confiando plenamente num sacerdote empenhado, acima de tudo, em cumprir a Vontade de Deus. As pessoas do Opus Dei, as gentes cada vez mais numerosas que participavam do seu trabalho apostólico, tinham a certeza de que aquilo “era de Deus”; sabiam que os bispos incentivavam D. Josemaria e confiavam em que, um dia, se resolveria o problema jurídico.

Quando se intensificaram os ataques de alguns contra o Opus Dei e o seu Fundador, o Bispo de Madrid empenhou-se em dar uma aprovação por escrito, para ver se assim se acalmavam as calúnias. A medida não podia ter carácter definitivo. Não resolvia de modo nenhum o problema jurídico da Obra, mas podia contribuir para amortecer a campanha. E, a 19 de março de 1941, D. Leopoldo Eijo y Garay aprovou o Opus Dei como Pia União. O seu Fundador recebeu a notícia em Diego de León, 14 —como recordava ali mesmo, uns trinta anos depois—, e dirigiu-se ao oratório com a sua mãe e com algum dos membros da Obra que *estava em casa, porque não havia mais ninguém: todos estavam a trabalhar; o nosso é trabalhar. Fui ter com a minha mãe e disse-lhe: olha, acabou de me telefonar o Bispo e, contra a minha vontade, porque eu não queria nenhuma aprovação, diz-me que está feito o decreto. Vamos dar graças. Ajoelhamo-nos sobre a tarima do altar e demos graças ao Senhor.*

E continuou à espera. As calúnias não cessaram. O aumento do trabalho apostólico —que se estendia por novas cidades: Valência, Barcelona, Saragoça, Valladolid, Sevilha...— tornava conveniente encontrar alguma solução jurídica de maior alcance do que a de simples Pia União. Por outro lado, um grupo de leigos do Opus Dei tinha começado os estudos para chegar ao sacerdócio: era imprescindível também resolver as questões que a sua ordenação colocava no terreno do Direito canónico.

Anos mais tarde, na festa da Maternidade de Nossa Senhora, diria: *Tenho considerado outras vezes, filhos meus, e fiz-vos considerar, que cada*

passo no caminho jurídico da Obra o demos sob a proteção da Mãe de Deus. Ao celebrar agora a sua Maternidade divina, recordo —não posso deixar de o recordar— que a primeira vez que a Santa Sé pôs as suas mãos sobre a Obra foi nesta festividade, há tantos anos.

E referia-se ao que lhe tinha dito D. Álvaro del Portillo, que estava ao seu lado: Pai, estará contente, porque amanhã é a Virgem do Pilar. E eu respondi-lhe: festa por festa, todas as de Nossa Senhora me comovem, parecem-me estupendas; mas, se é para escolher, prefiro a de hoje, a Maternidade. Não sabia então que a Mãe de Deus tinha intercedido por esta Obra de Deus e se tinha dado a primeira aprovação.

Por outro lado, tornava-se necessária, por muitas razões, uma aprovação de carácter pontifício. D. Álvaro del Portillo foi enviado a Roma em fevereiro de 1946, para apresentar no Vaticano a documentação sobre a Obra, preparada pelo Fundador. Algum tempo depois, enviou-lhe uma carta: vinha dizer-lhe que a sua presença pessoal em Roma era necessária, para tratar de levar por diante o que, humanamente, parecia impossível.

Por esse tempo tinha-se agravado a diabetes de que padecia. Tinham de lhe aplicar diariamente várias injeções. O clima do verão em Roma não podia fazer-lhe nada bem para a sua doença. O médico não só desaconselhou a viagem, como declarou que —caso se realizasse— não assumia a responsabilidade do que pudesse acontecer. Mas D. Josemaria não hesitou um momento: via claramente que o Senhor queria que fosse a Roma, apesar do sacrifício que isso supunha. Reuniu os que então faziam parte do Conselho Geral do Opus Dei, para os informar do que tinha decidido. Os membros do Conselho, visto o assunto na presença de Deus, aderiram unanimemente aos planos do Fundador.

Recordando este momento decisivo da sua biografia pessoal e da história do Opus Dei, escreveu em 1961:

A Obra aparecia, perante o mundo e perante a Igreja, como uma novidade. A solução jurídica que eu procurava, como impossível. Mas (...) não podia esperar que as coisas fossem possíveis. Vós chegastes —disse uma alta personagem da Cúria Romana— com um século de antecipação. E, no entanto, era preciso tentar o impossível. Urgiam-me milhares de

almas que se entregavam a Deus na sua Obra, com essa plenitude da nossa dedicação, para fazer apostolado no meio do mundo.

Acompanhou-o na viagem a Roma D. José Orlandis, que conhecia italiano: “Ir de Madrid a Roma —explica—, nesses tempos do imediato pós-guerra, era quase uma aventura e, em todo o caso, uma viagem longa e penosa, por terra e mar, na qual se gastavam perto de cinco dias. Ainda não havia serviços aéreos e, estando fechada por razões políticas a fronteira pirenaica com França, a única ligação entre Espanha e Itália era um navio-correio, que navegava semanalmente de Barcelona a Génova”.

Na quarta-feira, 19 de junho de 1946, ao princípio da tarde, saíram de carro de Madrid, com destino a Saragoça e Barcelona. Mons. Escrivá de Balaguer encomendava especialmente à Santíssima Virgem o transcendental assunto que o levava a Roma. Na quinta-feira, 20, de manhã, foi à Basílica de Nossa Senhora do Pilar e, segundo o seu costume, aproximou-se misturado com o povo e sem que ninguém o reconhecesse, para beijar o Pilar da Virgem. Depois, ao chegar perto de Igualada, quis subir a Montserrat e saudar ali a Virgem Morena, Padroeira da Catalunha. No dia seguinte, pôs-se de modo especial nas mãos da Mãe de Deus que, sob a invocação da Virgem da Mercê, é a Padroeira da cidade de Barcelona, em cujo porto tinha de embarcar rumo a Itália. Foi de manhã à Basílica da Mercê e ali rezou confiadamente à Senhora, pedindo-lhe a sua ajuda, as suas mercês, naquele transe importantíssimo para a aprovação do Opus Dei pela Suprema Autoridade da Igreja.

Anos mais tarde, em 1961, Mons. Escrivá de Balaguer referia-se a que tinha feito a viagem a Roma *com a alma posta na minha Mãe, a Virgem Santíssima, e com uma fé acesa em Deus Nosso Senhor, a quem confiadamente invocava, dizendo-lhe: ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te: quid ergo erit nobis? (Mt., XIX, 27). Que será de nós, meu Pai?: tínhamos deixado tudo: a honra —com tanta calúnia em cima—, a vida inteira, fazendo cada um no seu lugar o que o Senhor pedia. Deus escutou-nos e escreveu, nestes anos romanos, outra página maravilhosa da história da Obra.*

Nessa manhã, 21 de junho de 1946, tinha celebrado a Santa Missa no oratório do Centro do Opus Dei de Barcelona onde tinha passado a noite:

um andar na rua Muntaner, 444. Antes da Missa, dirigiu a meditação dos membros da Obra que estavam presentes. As suas palavras, cheias de fé, ficaram-lhes gravadas para sempre. Tomou como ponto de partida para a sua meditação em voz alta aquela passagem do Evangelho de São Mateus, em que Pedro diz a Jesus que deixaram tudo para segui-lo. Ao calor dessas palavras da Escritura surgia um profundo sentimento de fé, que o impelia a encarar abertamente o Senhor e a dizer, cheio de audácia filial:

¡Senhor, Tu pudeste permitir que eu, de boa fé, engane tantas almas!? Se tudo o que fiz foi para a tua glória e sabendo que é a tua Vontade! É possível que a Santa Sé diga que chegámos com um século de antecipação...? Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te (Mt., XIX, 27).

Concluiu a meditação com um ato de entrega, plena e confiante, na Providência amorosa de Deus, para quem todas as coisas são possíveis, também aquelas que os homens chamam impossíveis.

Nessa mesma tarde embarcou no navio que devia conduzi-lo a Itália, o J. J. Síster, um pequeno vapor da Companhia Transmediterrânea, de cerca de 1.500 toneladas de deslocamento e cinquenta anos de idade. Um furioso temporal, impróprio do Mediterrâneo e ainda mais no mês de junho, sacudiu durante perto de vinte intermináveis horas o navio. O Fundador do Opus Dei, doente como estava, sofreu o indescritível nesta sua primeira viagem por mar.

No sábado 22, perto da meia-noite, com várias horas de atraso por causa do temporal, o J. J. Síster atracava no porto de Génova, onde esperavam Álvaro del Portillo e Salvador Canals. No dia seguinte, domingo 23, depois de celebrar a sua primeira Missa em terra italiana, fez de carro o caminho de Génova a Roma.

O que é que eu queria? —escreveu o Fundador do Opus Dei em 1961—: Um lugar para a Obra no direito da Igreja, de acordo com a natureza da nossa vocação e com as exigências da expansão dos nossos apostolados; uma sanção plena do Magistério ao nosso caminho sobrenatural, onde ficassem claros e nítidos os traços da nossa fisionomia espiritual. O crescimento da Obra, a multidão de vocações de pessoas de

toda a classe e condição, tudo isto que era bênção de Deus, urgia-me a procurar obter —da Santa Sé— a plena aprovação jurídica do caminho que o Senhor tinha aberto.

Antes, nesse mesmo escrito, tinha-se referido ao motivo da sua primeira viagem a Roma:

Nós não vínhamos ser um grupo dobrado sobre si mesmo, para buscar a santidade pessoal e, ao abrigo corporativo de uma instituição, santificar os demais. O Senhor queria-nos onde estávamos —nel bel mezzo della strada, gosto de dizer em italiano—, no estado, condição, trabalho profissional que cada um tem no mundo.

E aí nos dava a missão de santificar os demais, de os levar a Cristo pelo testemunho, pela doutrina, pela amizade e pelo exemplo de uma vida limpa. Esta missão apostólica urgia-nos a procurar a santidade: aí, onde estávamos, no nosso trabalho profissional, no lazer de cada um que, elevado pela graça à ordem sobrenatural e exercido com perfeição humana, se convertia em caminho específico de santificação. O estado religioso, filhos meus, eu não o podia aceitar para nós, porque difere —pela sua ascética, pelos seus meios e pelos seus fins específicos— da ascética, dos meios e dos fins que Deus, no seu desígnio providencial, queria para a sua Obra.

O Fundador do Opus Dei deixou as suas preocupações no Senhor, e Ele o sustentou (cfr. Ps., LIV, 23). Apoiado na sua vocação divina como certeza absoluta, foi capaz de abrir caminho, guiado pela mão de Deus. Porque o Senhor escuta os que a Ele acorrem confiados, sem outras armas que não o abandono nos seus braços poderosos, sem outro apoio que não a confiança na sua Santíssima Mãe. Reconhecia-o em 1950:

Apesar das minhas muitas misérias —talvez precisamente por causa delas, para que se visse que a Obra era d’Ele— o Senhor se dignou inspirar o Opus Dei a este pobre pecador e, praticamente desde 1917 até 1928, e até agora, tenho a impressão de que fez comigo o que diz a Palavra divina: et delectabar per singulos dies ludens coram eo; omni tempore ludens in orbe terrarum: et deliciae meae esse cum filiis hominum (Prov., VIII, 30 e 31): a Sabedoria de Deus brincava como com uma criança,

diante do Senhor todos os dias, na redondeza da terra: porque as delícias de Deus são estar com os filhos dos homens.

A Sabedoria infinita foi-me conduzindo, como se brincasse comigo, desde a obscuridade dos primeiros pressentimentos até à clareza com que vejo cada pormenor da Obra, e bem posso dizer: Deus docuisti me a iuventute mea; et usque nunc pronuntiabo mirabilia tua (Ps., LXX, 17), o Senhor foi-me instruindo desde o princípio da Obra, e não posso deixar de cantar as suas maravilhas.

O Senhor, com a sua insondável Sabedoria, guiou os passos do Fundador do Opus Dei. Encheu-o de fé e de confiança para tentar o impossível e mostrar assim, mais uma vez, que *ecce non est abbreviata manus Domini: o braço de Deus, o seu poder, não se encurtou!* (Camino, 586).

Mons. Escrivá de Balaguer voltou a Madrid a 31 de agosto, com um documento da Santa Sé chamado *aprovação de fins*, que não era concedido desde havia um século. Passou o verão em Madrid e em Molinoviejo (Segóvia), e a 21 de outubro foi outra vez a Barcelona, para dar graças à Virgem da Mercê: ia, de novo, a caminho de Roma. Algo mais tarde, a 24 de fevereiro de 1947, a Obra recebia da Santa Sé o *Decretum laudis*, e a 16 de junho de 1950, a aprovação definitiva como instituição de direito pontifício.

Em 1968, Enrico Zuppi e Antonio Fugardi, diretor e redator, respetivamente, de *L'Osservatore della Domenica*, perguntaram a Mons. Escrivá de Balaguer se estava satisfeito com os quarenta anos de atividade do Opus Dei, e se as experiências dos últimos anos, as mudanças sociais ou o Concílio Vaticano II lhe tinham sugerido algumas mudanças de estrutura. O Fundador do Opus Dei respondeu:

Satisfeito? Não posso deixar de estar, quando vejo que, apesar das minhas misérias pessoais, o Senhor fez em torno desta Obra de Deus tantas coisas maravilhosas. Para um homem que vive de fé, a sua vida será sempre a história das misericórdias de Deus. Em alguns momentos dessa história talvez seja difícil de ler, porque tudo pode parecer inútil e até um

fracasso; outras vezes, o Senhor deixa ver abundantes os frutos, e então é natural que o coração transborde em ação de graças.

Uma das minhas maiores alegrias foi precisamente ver como o Concílio Vaticano II proclamou com grande clareza a vocação divina do laicado. Sem qualquer vanglória, devo dizer que, no que se refere ao nosso espírito, o Concílio não supôs um convite a mudar; pelo contrário, confirmou aquilo que —pela graça de Deus— vínhamos vivendo e ensinando desde há tantos anos. A principal característica do Opus Dei não são umas técnicas ou métodos de apostolado, nem umas estruturas determinadas, mas um espírito que leva precisamente a santificar o trabalho ordinário.

Erros e misérias pessoais, repito, temos todos. E todos devemos examinar-nos seriamente na presença de Deus, e confrontar a nossa própria vida com o que o Senhor nos exige. Mas sem esquecer o mais importante: si scires donum Dei!... (Ioan., IV, 10), “Se reconhecesses o dom de Deus!”, disse Jesus à samaritana. E São Paulo acrescenta: Llevamos ese tesoro en vasos de barro, para que se reconozca que la excelencia del poder es de Dios y no nuestra (2 Cor., IV, 7).

A humildade, o exame cristão, começa por reconhecer o dom de Deus. É algo bem diferente do encolhimento perante o rumo dos acontecimentos, da sensação de inferioridade ou de desânimo perante a história. Na vida pessoal — e por vezes também na vida das associações ou das instituições — pode haver coisas a mudar, até muitas; mas a atitude com que o cristão deve enfrentar esses problemas tem de ser, antes de mais, a de ficar pasmado diante da grandeza das obras de Deus, comparadas com a pequenez humana.

Sabia muito bem Mons. Escrivá de Balaguer que o Concílio Vaticano II tinha introduzido a figura das Prelaturas pessoais, que vinha como anel no dedo para dar uma configuração jurídica definitiva ao Opus Dei, plenamente conforme com o seu espírito, com o seu carácter nitidamente secular e com a realidade vivida durante anos na Obra. Mas compreende-se que se calasse em 1968, para não se antecipar a futuras decisões da Santa Sé. Como recordava Mons. Marcello Costalunga, Subsecretário da Sagrada Congregação para os Bispos, no comentário oficial publicado em *L'Osservatore Romano*, 28.XI.1982, não deve surpreender que o Opus Dei

não tivesse encontrado normas adequadas na legislação geral da Igreja, por se tratar de “um peculiar fenómeno teológico e pastoral que nasceu, como escrevia Paulo VI ao Fundador da Obra em outubro de 1963, ‘como expressão vivaz da perene juventude da Igreja, sensivelmente aberto às exigências de um apostolado moderno’”.

Foi precisamente Paulo VI quem autorizou e incentivou o Fundador do Opus Dei a convocar um Congresso geral especial, que dispusesse os oportunos estudos para a transformação da Obra em Prelatura pessoal. Este Congresso extraordinário permanecia aberto quando faleceram Mons. Escrivá de Balaguer, em 1975, e Paulo VI, em 1978. João Paulo I confirmou a necessidade de proceder ao exame dessa solução, que se iniciou já sob o pontificado de João Paulo II.

Depois de conhecer os dados de facto e de direito, o parecer da Sagrada Congregação para os Bispos, de uma comissão especial de Cardeais designada pelo Santo Padre, e contando com a opinião de mais de dois mil bispos diocesanos das nações em que está presente o Opus Dei, João Paulo II decidiu erigir a Prelatura pessoal da Santa Cruz e Opus Dei e nomear Prelado Mons. Álvaro del Portillo y Diez de Sollano, após três anos e meio de trabalho ininterrupto (cfr. Const. ap. *Ut sit* e *L'Osservatore Romano*, 28.XI.1982). Em 19.III.1983 teve lugar a inauguração oficial da Prelatura do Opus Dei, durante uma solene cerimónia em que, por delegação do Papa, o Núncio em Itália, Mons. Carboni, entregou a Mons. Álvaro del Portillo o texto original da Const. ap. *Ut sit*, com a qual se erige a Prelatura do Opus Dei.

Culminava assim o caminho jurídico iniciado por Mons. Escrivá de Balaguer, que conduziu com firmeza durante toda a sua vida, sempre confortado pela sua robusta e alegre esperança na amorosa providência divina, em plena e filial submissão aos Romanos Pontífices e aos bispos em comunhão com a Sé Apostólica. Deus concedeu-lhe a graça de presidir às sessões do Congresso especial do Opus Dei, nas quais foram aprovados os documentos que, poucos anos depois, Mons. Álvaro del Portillo submeteria à definitiva aprovação da Santa Sé.

Com a transformação da Obra em Prelatura pessoal, ficam assegurados, conforme ao querer inequívoco de Mons. Escrivá de Balaguer, o carisma

fundacional e as genuínas características do espírito, da organização e das modalidades apostólicas do Opus Dei, na mais plena harmonia com as estruturas da Igreja universal e com a pastoral orgânica das igrejas particulares.

3. “A barca de Pedro não se afunda”

Pouco tempo antes de celebrar as suas bodas de ouro sacerdotais —28 de março de 1975—, Mons. Escrivá de Balaguer dirigia-se a um grupo de membros do Opus Dei nestes termos:

Quando me tornei sacerdote, a Igreja de Deus parecia forte como uma rocha, sem uma fenda. Apresentava-se com um aspeto externo que logo punha de manifesto a unidade: era um bloco de uma fortaleza maravilhosa. Agora, se a olharmos com olhos humanos, parece um edifício em ruínas, um monte de areia que se desfaz, que pontapeiam, que espalham, que destroem... O Papa disse alguma vez que se autodestrói. Palavras duras, tremendas! Mas isto não pode acontecer, porque Jesus prometeu que o Espírito Santo a assistirá sempre, até ao fim dos séculos.

O que vamos fazer nós? Rezar, rezar. Tenho a certeza de que as minhas filhas e os meus filhos, muitos milhares de pessoas em todo o mundo, rezarão especialmente pelas intenções da minha Missa quando celebrar as minhas bodas de ouro sacerdotais. Serão as de sempre: a Igreja, o Papa, a Obra. Dou sempre estas três pinceladas, embora cada dia haja uns coloridos diversos, umas vibrações diferentes, umas luzes cuja intensidade vai daqui para ali. Mas o denominador comum do meu pedido ao Senhor é sempre o mesmo: a Igreja, o Papa e o Opus Dei.

Monsenhor Escrivá de Balaguer esperou sempre na Igreja, *apesar de tudo*. Uma vez confiava a um Cardeal que, com muita frequência, ao recitar o Credo e afirmar a sua fé na divindade da Igreja una, santa, católica e apostólica, acrescentava: *apesar de tudo*. Quando o Cardeal lhe perguntou a que se queria referir, respondeu-lhe: *aos seus pecados e aos meus*.

Estava firmemente persuadido de que é o Espírito Santo quem governa a Igreja. Daí nascia o seu otimismo contagioso quando a Barca de Pedro se

via sacudida por dificuldades aparentemente insuperáveis.

Viveu sempre uma fidelidade plena ao Magistério, a todo o Magistério da Igreja, e ao carácter contínuo e unitário dos seus ensinamentos. Por isso, não era amigo do uso arbitrário —por vezes, abusivo— do termo *pós-conciliar*, esquecendo —comentou alguma vez— que *estamos em época pós-conciliar desde uns trinta anos depois da morte de Nosso Senhor Jesus Cristo: desde o Concílio de Jerusalém, onde com aquela autoridade tremenda, com aquele atrevimento humano e divino, os apóstolos disseram: visum est Spiritui Sancto et nobis, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...*

Acompanhou muito de perto o andamento do Concílio Vaticano II. Antes de mais, com a oração pelos frutos da Assembleia ecuménica. Muito antes de começar a primeira sessão, pediu a todos os membros do Opus Dei que encomendassem ao Espírito Santo os trabalhos conciliares, oferecendo cada um a Deus o que quisesse, mas que rezassem muito e todos os dias.

Todos souberam depressa do carinho, do amor à Igreja com que acompanhou desde o primeiro momento os trabalhos dos bispos, da Cúria, dos peritos conciliares. E entre as suas primeiras preocupações destacou-se logo uma, acima de todas: o seu grande amor ao Romano Pontífice.

Quando em 1967 o diretor da revista *Palabra* lhe dirigiu um extenso questionário, quis iniciá-lo perguntando que sentido dava ao termo *aggiornamento*, muito usado naqueles anos para se referir à Igreja. A resposta de Mons. Escrivá de Balaguer resume toda a sua atitude de fundo, toda a sua esperança, perante a missão da Igreja:

Fidelidade. *Para mim aggiornamento significa sobretudo isto: fidelidade. Um marido, um soldado, um administrador é sempre tanto melhor marido, tanto melhor soldado, tanto melhor administrador, quanto mais fielmente sabe enfrentar em cada momento, perante cada nova circunstância da sua vida, os firmes compromissos de amor e de justiça que assumiu um dia. Essa fidelidade delicada, operativa e constante —que é difícil, como difícil é toda a aplicação de princípios à realidade mutável do contingente— é por isso a melhor defesa da pessoa contra a velhice de espírito, a aridez do coração e a anquilose mental.*

O mesmo sucede na vida das instituições, de modo singularíssimo na vida da Igreja, que obedece não a um precário projeto do homem, mas a um desígnio de Deus. A Redenção, a salvação do mundo, é obra da amorosa e filial fidelidade de Jesus Cristo —e de nós com Ele— à vontade do Pai celeste que O enviou. Por isso, o aggiornamento da Igreja —agora, como em qualquer outra época— é fundamentalmente isto: uma reafirmação gozosa da fidelidade do Povo de Deus à missão recebida, ao Evangelho.

É claro que essa fidelidade —viva e atual perante cada circunstância da vida dos homens— pode exigir, e de facto tem exigido muitas vezes na história bimilenar da Igreja e, recentemente, no Concílio Vaticano II, oportunos desenvolvimentos doutrinários na exposição das riquezas do Depositum Fidei, bem como convenientes mudanças e reformas que aperfeiçoem —no seu elemento humano, perfectível— as estruturas organizativas e os métodos missionários e apostólicos. Mas seria, pelo menos, superficial pensar que o aggiornamento consista primariamente em mudar, ou que toda a mudança aggiorna. Basta pensar que não faltam aqueles que, à margem e contra a doutrina conciliar, também desejariam mudanças que fariam recuar muitos séculos de história —pelo menos até à época feudal— o caminho progressivo do Povo de Deus.

Esperança e prudência foram duas virtudes que Mons. Escrivá de Balaguer exercitou especialmente a partir dos anos sessenta, para viver a sua lealdade à Igreja. No termo da entrevista citada, sublinhava o otimismo cristão, a gozosa certeza de que o Espírito Santo fará frutificar plenamente a doutrina com que enriqueceu a Esposa de Cristo; pois esse enriquecimento doutrinal colocava a Igreja —o Povo sacerdotal de Deus— perante uma nova etapa, sumamente esperançosa, de renovada fidelidade ao desígnio divino de salvação que lhe foi confiado.

Mas o otimismo esperançado era inseparável da prudência, porque o momento não deixava de ser delicado: muitas conclusões teológicas tinham imediatas e diretas aplicações de ordem pastoral, ascética e disciplinar, que tocam muito de perto a vida interna e externa da comunidade cristã —liturgia, estruturas organizativas da Hierarquia, formas apostólicas,

Magistério, diálogo com o mundo, ecumenismo, etc.— e, por isso, também a vida cristã e a própria consciência dos fiéis.

Daí a necessidade de prudência por parte de quem investiga ou governa, porque especialmente agora poderia causar um dano imenso a falta de serenidade e ponderação no estudo dos problemas.

*Não é este o lugar para descrever a difícil situação que a Igreja tem padecido nestes últimos tempos. Aqui interessa mais assinalar como Mons. Escrivá de Balaguer nunca perdeu a alegria, a serenidade, a fé esperançada de que Deus iria pondo tudo em ordem. Tampouco perdeu a prudência, quando, como bom pastor da extensa família do Opus Dei, tinha de tomar disposições para cuidar da saúde espiritual dos seus membros. Tinha consciência da complexidade do problema, o que tornava muitas vezes *mais difícil discernir o que é positivo e bom* —reais contributos para o desenvolvimento da ciência teológica, desejos de autêntica vida cristã e ânsias apostólicas—, *daquilo que constitui um grave atentado à fé e aos costumes.**

Com autêntica e sábia vigilância pastoral, por vezes exercida em termos verdadeiramente heroicos, impulsionou nestes anos a formação das pessoas do Opus Dei, na doutrina comum da Igreja —in libertate gloriae filiorum Dei—, sem ter escolas próprias nas questões que o Magistério eclesiástico deixa à livre disputa dos homens: fortes in fide, com retidão de intenção, com abertura e vigilância, evitando extremismos ou conformismos de qualquer tipo. E sem medo do ambiente e das modas passageiras: porque o nosso amor à Igreja, à Obra e às almas nos levará a fazer um trabalho de crivo que aproveita o que é bom e deixa o resto, e a ir por vezes, por lealdade a Jesus Cristo e à sua doutrina, contra a corrente.

A partir destes sólidos pontos de apoio, a ação pastoral de Mons. Escrivá de Balaguer destacou-se por essas duas notas já assinaladas: otimismo e prudência. Soube estar no seu lugar e conduziu a Obra com uma segurança vibrante, que inflamava as almas, difundia fortaleza e assegurava o bom caminho, cheio de frutos sobrenaturais.

Em conversas privadas, ou com milhares de pessoas, o seu ensinamento incansável confortava os espíritos, comovia os corações, confirmava a fé e

alargava o horizonte apostólico. Como escreve o Professor Kummer, da Universidade de Viena, que esteve com o Fundador do Opus Dei em fevereiro de 1968, “de todas as suas palavras se desprendia um profundo amor à Igreja e ao Papa, que foi o que deu à conversa o seu verdadeiro tom. Impressionou-me muito que, apesar da seriedade das suas palavras, estas desprendiam um otimismo contagioso: uma postura que, dado o seu conhecimento da situação, só podia nascer da sua profunda união com Deus. Ao despedir-me, senti-me confirmado na fé e movido a uma maior dedicação apostólica”.

Um conhecido sacerdote, D. Juan Ordóñez Márquez, publicou num jornal de Sevilha, no dia seguinte ao falecimento de Mons. Escrivá de Balaguer, que ele tinha sido “possivelmente, o homem a quem o Vaticano II pouco ou nada de novo teve de dizer, porque desde muito atrás já vinha trilhando os seus caminhos”.

Algo semelhante afirmaria algumas semanas depois o Cardeal Primaz de Espanha, D. Marcelo González Martín: “Muito antes do Concílio Vaticano II trabalhou ele, como ninguém, na promoção do laicado, na autêntica e profunda promoção, não nas ridículas e tristes experiências que tanto abundaram e continuam a fazer ato de presença nos anos do pós-concílio; e no campo do ecumenismo, e no diálogo com o mundo moderno, e no reconhecimento efetivo da sã autonomia das realidades temporais.

“Precisamente por isso, agora, quando tantos se movem aloucadamente, sem rumo, porque a sua frivolidade os priva da luz, ele soube manter-se tão firme e erguido na rocha da fidelidade, sem jamais se tornar um futurologo insubstancial que, crendo divisar o porvir, consente que o presente lhe desmorone entre as mãos. Porque soube ser um autêntico progressista, foi também —como não podia deixar de ser— um conservador denodado e valente, da raça dos mártires e dos confessores da fé, ou simplesmente da linhagem espiritual dos que, a imitação de Maria, sabem conservar no seu coração de pobres do Reino o que deve ser conservado sempre para serem fiéis”.

E é que o Fundador do Opus Dei não se deixou levar por superficialidades. Rejeitou sempre a conveniência —até, a possibilidade—

de catalogações ou simplificações do tipo “integrismo contra progressismo”. Ao diretor da revista *Palabra* esclarecia em 1967:

Essa divisão —que por vezes se leva até extremos de verdadeiro paroxismo, ou se tenta perpetuar como se os teólogos e os fiéis em geral estivessem destinados a uma contínua orientação bipolar— parece-me que obedece no fundo à convicção de que o progresso doutrinal e vital do Povo de Deus seja resultado de uma perpétua tensão dialética. Eu, pelo contrário, prefiro crer —com toda a minha alma— na ação do Espírito Santo, que sopra onde quer e em quem quer.

Algum tempo depois, no começo de 1974, o Fundador do Opus Dei esteve com o Cardeal König, Presidente do Secretariado pontifício para os não crentes, que, num artigo publicado em 9 de novembro de 1975 no *Corriere della Sera* (Milão), se referiu à conversa que mantiveram então. O Cardeal König destacava a “grande autoridade espiritual” de Mons. Escrivá de Balaguer, “a sua serenidade, o seu espírito aberto que desarmava, as suas dotes de organizador, qualidades que estavam unidas a uma compreensão carinhosa das preocupações e alegrias das demais pessoas e a um zelo ardente pelas coisas de Deus”.

E em *Il Veltro, Rivista della Civiltà italiana*, assegurava por essas mesmas datas o Cardeal Pignedoli, Presidente do Secretariado para os não cristãos: “Sofria na sua alma os sofrimentos da Igreja e alegrava-se com as suas alegrias. Doía-lhe profundamente a atual desorientação de muitas almas, rezava e trabalhava com renovado zelo e pedia orações. Estendia a mão ‘como um pobrezinho de Deus, implorando a esmola da oração’. Recordava incessantemente que este tempo de tempestade, em que o demónio, mais uma vez, sacode como o trigo a Igreja de Deus (cfr. *Lc. XXII, 31*), é tempo de preces e de reparação, porque quanto mais se estende a insídia e a infidelidade, tanto mais necessário é procurar a intimidade com Deus na oração e na penitência.

“Mas a sua fé não lhe permitia estar triste e muito menos desanimado. Oferecia os seus sofrimentos e toda a sua vida pela Igreja e pelo Papa e continuava a trabalhar contente —semeador de paz e de alegria—, cheio de otimismo, infundindo à sua volta segurança e consolo”.

Uma vita per la Chiesa, titulou a revista milanese *Studi Cattolici* ao informar sobre a morte de Mons. Escrivá de Balaguer. O título queria compendiar o amor à Igreja que deu sentido à vida do Fundador do Opus Dei; amor que foi sempre *in crescendo* até ao fim dos seus dias. Como escrevia, a 29 de junho de 1975, Mons. Álvaro del Portillo, referindo-se à manhã do dia 26: “Resistíamos a convencer-nos de que tinha falecido. Para nós, certamente, tratou-se de uma morte repentina; para o Padre, sem dúvida, foi algo que vinha amadurecendo —atrevo-me a dizer— mais na sua alma do que no seu corpo, porque cada dia era maior a frequência do oferecimento da sua vida pela Igreja”. E continuava: “Há já algum tempo, o Padre, com uma intensidade progressiva, oferecia ao Senhor a sua vida e *mil vidas que tivesse* —acrescentava habitualmente— pela Igreja Santa e pelo Papa, seja quem for. Este oferecimento era intenção diária da sua Missa, era fervor contínuo da sua alma, era dor do seu coração, era a vigília da sua vida”.

Quem viveu de perto de Mons. Escrivá de Balaguer estes últimos anos sabe das suas noites em claro, esmagado por notícias tristes da vida da Igreja, que o não deixavam tranquilo, ao pensar nas almas que podiam perder a vida eterna. Foram anos —dias e noites— de oração contínua, de trabalho constante, de permanente e amoroso desagravo. Foi uma época longa em que prescindiu da sua pessoa —da sua honra, da sua fama— para servir apenas e de verdade a Igreja, pensando nas almas e na glória de Deus. Foram tempos em que sustentou os membros do Opus Dei como autêntico *bom pastor*. Pôs na sua oração, na sua mortificação e no seu trabalho apostólico um empenho que, embora possa parecer impossível, aumentava de dia para dia, tanto no aparente sossego de Roma como nos seus meses de pregação por meio mundo. Nestas horas de tempestade, amparou a esperança sobrenatural na Igreja:

O mar está um pouco agitado... Já se acalmará, não vos preocupeis! Também indo Jesus na barca, a barca parece que se afunda. A barca de Pedro não se afunda!

“Assim —evocaria Mons. Álvaro del Portillo— até ao último dia, até às últimas horas que passou na terra”. A 26 de junho de 1975, menos de duas horas antes de morrer, o Fundador do Opus Dei exortava as almas —neste

caso, as alunas do *Istituto Internazionale di Pedagogia* de Castelgandolfo— a que crescessem na vida interior, *para tratar Deus e a sua Mãe bendita, Nossa Mãe, e São José, nosso Pai e Senhor, e os nossos Anjos da Guarda, para ajudar esta Igreja Santa, nossa Mãe, que está tão necessitada, que está a sofrer tanto no mundo, nestes momentos. Temos de amar muito a Igreja e o Papa, seja qual for. Pedi ao Senhor que seja eficaz o nosso serviço à sua Igreja e ao Santo Padre.*

Voltar ao Índice

CAPÍTULO OITAVO

A LIBERDADE DOS FILHOS DE DEUS

1. A contradição dos bons

Era meio da tarde quando o Fundador do Opus Dei chegou a Diego de León, 14. Dois ou três estudantes estavam sentados no banco do amplo vestíbulo, ao fundo das escadas que dão acesso à zona de representação daquela casa. Cumprimentou-os, perguntou-lhes o que estavam a estudar, ficou um pouco com eles. Entretanto, foram chegando outros, que regressavam das aulas. Tentaram retê-lo contando-lhe algumas histórias do seu trabalho apostólico, e um começou a falar de um colega que tinha participado, tempos antes, numa manifestação em que também se tinham ouvido alguns gritos contra o Opus Dei... Imediatamente, antes que o rapaz pudesse continuar, Mons. Escrivá de Balaguer interrompeu-o com palavras semelhantes às seguintes: *Pois fez muito bem. Estava no seu direito: se pensava assim, devia fazê-lo.*

Luis Calle entrou nesse momento, a tempo de ouvir que depois esse estudante tinha conhecido a fundo a Obra... Percebeu de quem se falava e adiantou-se: —Era eu, Padre.

Mons. Escrivá de Balaguer sorriu. Abraçou-o com força e, olhando-o com muito carinho, dirigiu-lhe algumas palavras, enquanto lhe fazia o sinal da cruz na testa.

A história é expressiva, a meu ver, do profundíssimo amor que o Fundador do Opus Dei sempre teve pela liberdade. Era uma das razões que o levavam a desculpar e a compreender, até, aqueles que não o compreendiam ou chegavam a insultar a Obra. Nunca se defendia, quando se tratava da sua pessoa. No entanto, se se referiam ao Opus Dei, sabia deixar a verdade bem clara, perdoadando as pessoas sem ceder às ofensas, como um bom filho não tolera que maltratem os seus pais.

Esta atitude explica que olhasse com simpatia para os românticos do século XIX. Na Páscoa de 1974 falava deles a uns estudantes universitários de todo o mundo nestes termos:

Tinham toda uma ilusão romântica, sacrificavam-se e lutavam para alcançar essa democracia com que sonhavam, e uma liberdade pessoal com responsabilidade pessoal.

É assim que se deve amar a liberdade: com responsabilidade pessoal. (...) Penso que sou —dizia-lhes a brincar— o último romântico, porque amo a liberdade pessoal de todos —também a dos não católicos— (...) Amo a liberdade dos outros, a vossa, a de quem passa agora mesmo na rua, porque, se não a amasse, não poderia defender a minha. Mas essa não é a razão principal. A razão principal é outra: Cristo morreu na Cruz para nos dar a liberdade, para que ficássemos in libertatem gloriae filiorum Dei.

Presenciei a primeira história no vestíbulo de Diego de León, a 12 de abril de 1972. Mas podia muito bem ter ocorrido trinta anos antes, pois foi ali, naquela casa de Diego de León, que o Fundador do Opus Dei, que conhecia o duro sabor das contradições desde 1929, sofreu, a partir de 1940, graves e duras calúnias, que Deus o ajudou a suportar com alegria, com sentido sobrenatural e também com uma grande dose de respeito pela liberdade alheia.

Nos primeiros anos fundacionais, já tinha sentido a amargura da incompreensão. Deixou-o escrito, com visão de futuro, em 1932:

Compreensão, portanto, ainda que às vezes haja quem não queira compreender: o amor a todas as almas deve levar-vos a querer todos os homens, a desculpar, a perdoar. Deve ser um amor que cubra todas as deficiências das misérias humanas; deve ser uma caridade maravilhosa: veritatem facientes in caritate (Ephes., IV, 15), seguindo a verdade do Evangelho com caridade.

Tende em conta que a caridade, mais do que em dar, está em compreender. Não vos escondo que eu estou a aprender, na minha própria carne, o que custa que não nos compreendam. Esforcei-me sempre por me fazer compreender, mas há quem esteja empenhado em não me entender.

Também por isso quero compreender a todos; e vós deveis sempre esforçar-vos por compreender os outros.

Com espírito de compreensão e com afã de verdade, tentei escrever as páginas que se seguem. Por isso, embora contenham forçosamente referências a erros e equívocos tremendos cometidos por pessoas de carne e osso, os seus nomes não são citados, antes de mais, por fidelidade à pessoa que os sofreu na própria alma. O Fundador do Opus Dei não só compreendeu e perdoou desde o primeiro momento, como também proibiu aos membros da Obra que falassem, nem sequer entre eles, desses acontecimentos, para nunca dar a mínima ocasião a possíveis faltas de caridade. Indicou-lhes, além disso, que, se pessoas alheias ao Opus Dei levantassem o tema nas suas conversas, eles se limitassem a expor a verdade com simplicidade, a aludir a que perdoavam, a esquecer, e a continuar a trabalhar sem dar mais importância a mexericos, por mais insidiosos que fossem.

Não era um conselho de circunstância. Mons. Escrivá de Balaguer tinha incutido desde sempre essa visão forte da caridade. Antes de ter de sofrer na sua carne mesquinhas intrigas e gravíssimas calúnias, a sua rica vida interior já o tinha ido preparando para passar por cima delas, levando-as com dor, em silêncio, sem uma queixa. As disposições da sua alma tinham ficado reflectidas, tempos antes, ao redigir alguns pontos de *Caminho*, publicado em 1939:

Soltaram-se as línguas e sofreste desaíres que te feriram mais porque não os esperavas.

A tua reacção sobrenatural deve ser perdoar —e até pedir perdão— e aproveitar a experiência para te desprenderes das criaturas (Caminho, 689).

Quando vier o sofrimento, o desprezo..., a Cruz, debes considerar: que é isto para aquilo que eu mereço? (Caminho, 690).

Conheci pessoalmente o Fundador do Opus Dei a 8 de Setembro de 1960, no Colégio Maior Aralar, em Pamplona. Éramos cerca de uma centena de estudantes. Um perguntou-lhe quando se escreveria a história da

Obra e quando poderíamos conhecer tudo o que tinha acontecido antes da última aprovação pela Santa Sé. Respondeu com uma metáfora que fala de rosas e espinhos. Ficou-me gravada a ideia: por vezes, os espinhos magoam quem corta uma rosa; mas a pessoa esquece a picada, perante o perfume e a beleza da flor.

Muitos anos depois, recordei esta imagem ao ler textos de Mons. Escrivá de Balaguer sobre o bom espírito dos membros da Obra, que não deixam *alojar no coração senão sentimentos de amor, de compreensão, de perdão sobrenatural*. No entanto, apesar de conhecer essa realidade, o Fundador insistia em não falar desses momentos da história do Opus Dei, porque certas histórias poderiam provocar, sobretudo nos mais novos, *uma reacção pouco comedida —limpa, mas cheia de ímpeto juvenil—, que injustamente pudesse ser interpretada como agressiva ou pouco cristã*.

Na realidade, Deus quis servir-se de pessoas convencidas de que lutavam por uma boa causa, para fazer com que o Fundador do Opus Dei participasse ainda mais da Cruz de Cristo —que sofreu, antes de ninguém, a perseguição e a calúnia de *os bons*—: apesar de tudo, o Senhor escreveria direito por linhas tortas.

No dia 16 de Junho de 1974, em Buenos Aires, uma mãe de família falou ao Fundador do Opus Dei da vocação dos seus filhos, que alguns não compreendiam. Mons. Escrivá de Balaguer respondeu com uma pergunta: que seria de um quadro se tudo estivesse cheio de luz e não houvesse sombras... *Não haveria quadro! Portanto, é conveniente que alguns não entendam. Além disso, quando chegam a entender, ficam com muita vergonha e tornam-se santos*.

Tinha experiência pessoal desde 1929. As incompreensões iam surgindo uma a uma, porque a Obra então mal era conhecida. Mas todas tinham a mesma raiz: um simples não entender a mensagem nuclear do Opus Dei, que leva a santidade para o centro da vida quotidiana. A muitos pareceu loucura, como vimos. Outros, simplesmente, agarravam-se aos esquemas conhecidos, que são sempre válidos para quem tenha essa vocação. Se um rapaz mostrava desejo de maior compromisso na sua vida cristã, não tinha outro caminho senão entrar num seminário ou num noviciado. Não

concebiam que também pudesse continuar no mundo, lutando pela santidade, sem mudar as suas circunstâncias familiares e profissionais.

Foi depois de 1939 que as dificuldades se agravaram, especialmente em Madrid e em Barcelona. O Fundador do Opus Dei, ao princípio, não queria acreditar que estivesse perante uma campanha autêntica e tenaz, mas as provas ganharam tal peso que não teve outro remédio senão render-se à evidência.

Chegaram a inquietar a consciência dos pais dos membros da Obra. Uma vez era no confessionário. Outras, indo de propósito visitar as famílias. Como história significativa da novidade da mensagem do Fundador do Opus Dei, D. Amadeo de Fuenmayor contou o seguinte a um jornalista, no dia em que faleceu Mons. Escrivá de Balaguer: "Talvez porque hoje se cumpre o primeiro aniversário da morte da minha mãe, venho agora à memória algo que ela me contou no ano de 1941... Disse-me que uma pessoa a tinha acabado de visitar para a avisar de que o seu filho estava em perigo de condenação; e, ao perguntar-lhe eu se lhe tinha explicado o motivo desse parecer tão terrível, disse que aos membros do Opus Dei nos tinham alucinados, porque nos faziam acreditar que se pode ser santo no meio do mundo".

Essa pessoa, que não conhecia de todo a mãe de Amadeo de Fuenmayor, foi visitá-la em Barcelona, por ocasião de uma viagem que ela fez desde Valência, onde vivia. Disse-lhe ainda que podia e devia dissuadir o seu filho Amadeo do caminho que tinha empreendido, sem que fosse obstáculo a circunstância —que ele provavelmente alegaria— de já ser maior de idade. E preveniu-a contra D. Antonio Rodilla, Vigário-geral da diocese de Valência, porque "era dos deles". Assim, o panorama ficava fechado, pois ela não podia recorrer ao Arcebispo —D. Prudencio Melo y Alcalde— por ser o prelado pessoa de idade avançada.

"Não vou dizer —conclui D. Amadeo de Fuenmayor— o enorme desgosto que sofreu a minha pobre mãe, que teve de ficar de cama durante vários dias. Depois, tudo se esclareceu para ela, por intervenção de D. Antonio Rodilla, a quem foi pedir conselho, transformando o desgosto numa grande alegria, porque o seu filho tinha encontrado um caminho de santidade no mundo".

Muitos pais e mães choraram. Anunciavam-lhes, de facto, que os seus filhos estavam metidos numa coisa herética e que se iam perder. Tudo porque não compreendiam o alcance da pregação do Fundador do Opus Dei acerca do chamamento universal à santidade. Muitos anos depois, ao começar o ano lectivo de 1970–71, recordá-lo-ia o Cardeal Bueno Monreal, Arcebispo de Sevilha, aos estudantes do Colégio Maior Universitário Guadaira. Definiu-lhes o Opus Dei como um fenómeno espiritual novo na vida da Igreja: "Essa mesma novidade —lê-se numa crónica da imprensa sevillhana daqueles dias— foi o que provocou, há anos, a incompreensão de algumas pessoas, que não compreenderam o seu carácter laical eminentemente apostólico e sobrenatural".

O próprio D. Antonio Rodilla afirma agora: "Foi perseguido, acusado falsamente e caluniado em público. Eu próprio tive de desfazer mentiras entre Prelados e Consiliários nacionais da A.C.

"Havia ferocidade e pertinácia na perseguição. Não ouvi calúnias nem acusações contra a sua vida privada, mas sim quanto às suas actuações apostólicas, cujos fins eram considerados mal intencionados, e quanto à sua ortodoxia.

"No noviciado de uma benemérita Congregação de religiosas, foi apresentado como o anticristo, e disse-se e repetiu-se por muitos, em muitos ambientes religiosos, que se tratava de uma nova heresia.

"(...) Forjava-se uma história, misturando dados verdadeiros e evidentes com outros inventados e irritantes. Uma vez produzida a irritação, esta precisava de alimentar-se até à cegueira e corria como um incêndio florestal não só entre ressentidos, sempre famintos de morder, mas também entre os mais sensíveis às injustiças; e maus com bons uniam-se contra o inocente caluniado: D. Josemaría e a sua Obra eram uma organização secreta, clandestina e herética".

Uma destas falas centrava-se na Residência de estudantes na rua Jenner. Correu por Madrid o boato de que o seu oratório estava cheio de *sinais cabalísticos*. O que acontecia, simplesmente, era que, na parte central de um friso por cima do altar, estava gravado aquele verso de um hino litúrgico: *Congregavit nos in unum Christi amor*. Nos lados do friso tinha-se

colocado uma frase dos Actos dos Apóstolos: *Erant autem perseverantes in doctrina Apostolorum, in communicatione fractionis panis, et orationibus* (Act., 11, 42). As palavras iam separadas por símbolos eucarísticos e litúrgicos: os pães, a espiga, a videira, o *lumen*, a pomba, a cruz... Estes eram os sinais cabalísticos e hieroglíficos.

Outra história que deu que falar foi a do oratório *elíptico* na casa da rua Diego de León. O P. Severino Álvarez, dominicano, Decano da Faculdade de Direito Canónico do Angelicum de Roma, contava em 1950 que, tempo antes, tinha chegado ao Santo Ofício uma denúncia contra o Opus Dei, na qual, entre outras coisas, se indicava que o oratório de um centro que tinha em Madrid era *elíptico*. O Mestre Geral dos Dominicanos, aproveitando que o P. Severino vinha a Espanha, encarregou-o de ver pessoalmente o que tinha de mau o oratório em questão. O P. Severino apresentou-se em Diego de León e examinou-o ao pormenor. Comentava, meio indignado, meio a rir-se, o que poderia ter de mau aquele oratório, instalado numa sala cuja planta era, de certo modo, parecida com uma elipse, o compartimento mais digno e mais amplo da antiga casa dos Marqueses de Donadío.

Todos os testemunhos coincidem em que a reacção do Fundador do Opus Dei foi sempre sobrenatural. Oferecia a sua Missa por aqueles que o caluniavam e animava os membros da Obra a fazer por eles mortificações duras, inclusive corporais. Nem uma palavra de falta de caridade —expõe D. José Luis Múzquiz— lhe saiu dos lábios: era verdadeiramente heróico, pois sofria muito, porque ao seu trabalho apostólico intensíssimo se juntava este peso da contradição dos bons.

Em 1941, a contradição tornou-se especialmente aguda em Barcelona. Um bom grupo de rapazes passava pelo *Palau*, um pequeno apartamento na rua Balmes, perto da rua Aragó, alugado por Alfonso Balcells, que, embora não tivesse pedido a admissão no Opus Dei, quis facilitar a gestão, porque era o único com o curso terminado.

Apesar de, por aqueles dias, não deverem passar de meia dúzia os que, em Barcelona, tinham pedido a admissão no Opus Dei —todos ainda estudantes—, fez-se muito barulho contra a Obra. Numa ocasião, D. Pascual Galindo, sacerdote amigo do Fundador, foi à Cidade Condal e esteve no *Palau*. No dia seguinte, celebrou Missa num colégio de freiras

situado na esquina da Diagonal com a Rambla de Catalunya. Acompanharam-no alguns do *Palau*, que assistiram à Missa e comungaram. A Superiora e outra freira ali presente ficaram muito edificadas com a piedade desses jovens estudantes e convidaram-nos a tomar o pequeno-almoço com D. Pascual Galindo. A meio do pequeno-almoço, D. Pascual disse à Superiora: "Estes são os hereges pela conversão dos quais me pediu que oferecesse a Missa". A pobre freira —recorda um deles— quase desmaiou: “tinham-na feito acreditar que éramos uma legião numerosíssima de verdadeiros hereges, e encontrou apenas uns poucos estudantes normais, do dia-a-dia, que assistíamos à Missa com devoção e comungávamos".

Na Universidade eram apontados em público como. Qualificavam-nos como gente estranha. Mas o seu comportamento era, em tudo, normal, sem uma palavra de queixa ou de amargura. Seguiam o exemplo e o conselho do Fundador: calavam, trabalhavam, sorriam, perdoavam. E viam tudo aquilo como algo providencial, que Deus faria frutificar para bem. Rafael Termes, então director do *Palau*, deu uma grande alegria ao Fundador ao escrever-lhe de Barcelona que podia estar tranquilo com eles, pois nem uma palavra de falta de caridade lhes tinha escapado dos lábios.

Embora no *Palau* não houvesse oratório, tinha-se colocado uma cruz de madeira, como essa cruz de madeira preta, sem brilho e sem imagem do Crucificado, descrita em 1934 em *Considerações Espirituais*:

Quando vires uma pobre Cruz de pau, sozinha, desprezível e sem valor... e sem crucifixo, não te esqueças de que essa Cruz é a tua Cruz: a de cada dia, a escondida, sem brilho e sem consolo..., que está à espera do Crucifixo que lhe falta: e esse Crucifixo tens de ser tu.

Espalhou-se por Barcelona que se crucificavam nessa pobre cruz, que havia uns estudantes que faziam *ritos sangrentos* na rua Balmes.

A D. Josemaría doeu-lhe, mais uma vez, esta afirmação absurda. Mas a sua prudência levou-o a substituir essa cruz por outra muito pequena: Assim já não poderão dizer —brincou— *que nos crucificamos, porque não cabemos.*

Frei José López Ortiz confirma que o Fundador do Opus Dei, perante esses e outros ataques e enredos, sofreu, mas "não sofria por si, mas pelo Senhor, pela Igreja, pela Obra e pelas almas. A ele, pessoalmente, não lhe importavam nem a honra —com tanta calúnia em cima—, nem o prestígio, nem a fama, nem nada: era exemplarmente humilde".

A situação chegou a extremos de tal gravidade que não podia andar por Barcelona, pois corria o risco de ser detido. Apesar de tudo, fez algumas viagens desde Madrid, de avião, regressando no próprio dia, para não ter de ficar em nenhum hotel. O bilhete ia em nome de Josemaría E. de Balaguer, para não pôr a polícia em movimento, pois era mais conhecido como P. Escrivá. Tinha-lhe dado este conselho o Núncio, Mons. Cicognani.

Era então Governador Civil de Barcelona Correa Veglison. Anos depois, o doutor Balcells falou-lhe dessa viagem: "Ainda bem —disse Correa— que não soube que, nessa altura, Monseñor Escrivá esteve em Barcelona: tal era o que diziam dele que eu teria mandado a polícia ao aeroporto para o deter".

Naquela época, a Abadia de Montserrat era um dos centros mais importantes de espiritualidade em toda a Espanha. Felizmente, Dom Aurelio M. Escarré, Abade-Coadjutor de Montserrat, dirigiu-se ao Bispo de Madrid pedindo-lhe informação sobre o Opus Dei. A resposta de D. Leopoldo Eijo y Garay ao Abade Escarré tem a data de 24 de Maio de 1941: "Já sei o alvoroço que em Barcelona se levantou contra o Opus Dei. Bem se vê a ferida que lhe faz o inimigo mau. O triste é que pessoas muito dadas a Deus sejam instrumento para o mal; claro, *putantes obsequium se praestare Deo*". D. Leopoldo acrescenta que sabe tudo sobre a Obra, porque "desde que foi fundada em 1928 está tão nas mãos da Igreja que o Ordinário diocesano, isto é, ou o meu Vigário-geral ou eu, sabemos e, quando é preciso, dirigimos, todos os seus passos; de tal modo que desde os seus primeiros vagidos até aos seus actuais gemidos ressoam nos nossos ouvidos e... no nosso coração. Porque, acredite-me, Revmo. P. Abade, o *Opus* é verdadeiramente *Dei*, desde a primeira ideia e em todos os seus passos e trabalhos".

Na sua carta, o Bispo de Madrid detém-se na descrição das virtudes sacerdotais —incluída a extrema docilidade ao seu prelado— do Fundador

do Opus Dei, e responde à calúnia específica relativa ao *segredo* da Obra: "A *associação secreta*, de que falam os difamadores, não nasceu senão com a bênção da autoridade diocesana e não dá um passo de alguma importância sem o pedir, além da aprovação". A reserva discreta —nunca segredo— que o Dr. Escrivá incute é "o antídoto contra o espalhafato, a defesa de uma humildade que ele quer que seja colectiva, não apenas individual". "O *Opus Dei* não merece senão elogios —conclui D. Leopoldo—; mas nós, que o amamos, não queremos que se elogie nem que se apregoe", porque o seu único afã é "trabalhar em silêncio, com humildade, com alegria interior, com entusiasmo apostólico que não se desvirtue, precisamente porque não transborda em ostentações".

Esta carta teve grande importância, pois várias famílias encontraram apoio e consolo em Montserrat e puderam tranquilizar as suas consciências. O Reitor do Seminário de Barcelona, Vicente Lores, que enviou a 11 de Julho de 1941 um extenso escrito sobre o Opus Dei a Mons. Díaz Gómara, Bispo Administrador Apostólico de Barcelona, anexava ao seu relatório uma cópia dessa, para ele, "carta definitiva": "A sua leitura dissipa toda a espécie de dúvida nos mais exigentes".

Entretanto, em Madrid, ia atingindo o seu ponto de máxima gravidade a calúnia que acusava os membros da Obra de maçons. Apesar do absurdo dessa calúnia, chegaram a denunciar o Fundador perante o Tribunal de Repressão da Maçonaria.

Acusavam o Opus Dei de ser "um ramo judaico dos maçons", ou "uma seita judaica em relação com os maçons". O general Saliquet, Presidente do Tribunal, pôs ponto final à história. Quando lhe falaram das pessoas do Opus Dei como cidadãos e cristãos correntes, que não se distinguiam em nada dos seus colegas, como gente limpa, honrada e trabalhadora, de vida casta..., perguntou: —Mas vivem a castidade? Disseram-lhe que sim, e ele respondeu: —Então não há que se preocupar: se vivem a castidade, não são maçons, pois não conheço maçons que sejam castos. E arquivou o processo.

No entanto, tudo isso também fez sofrer o Fundador do Opus Dei. O P. Sancho, O.P., regista que um dia, ao terminar a sua aula em Diego de León, 14, subiu ao gabinete de trabalho de D. Josemaría, junto ao oratório, e encontrou-o muito abatido. Mons. Escrivá de Balaguer explicou-lhe que

tinham feito denúncias de que *somos maçons*, e fez-lhe notar que o possível *motivo* da calúnia não podia ser outro senão a naturalidade com que viviam as pessoas do Opus Dei: fiéis correntes, cidadãos como os outros, que não apregoavam a sua dedicação interior a Deus na Obra, então em fase de gestação jurídica dentro da Igreja.

O P. Sancho consolou-o como pôde. Dava-se conta das graves consequências que uma acusação desse tipo podia ter naquele momento da vida espanhola. "Nesse dia —anota também— em que o Padre estava tão magoado depois de toda aquela noite de sofrimento e oração, sobressaía o seu espírito sobrenatural. Ele levava sempre tudo a Deus, sempre; e oferecia ao Senhor os seus sofrimentos com serena alegria".

E D. Antonio Rodilla acrescenta: "Não teria sido uma prova completa se ele não tivesse sentido a dor e a vergonha de arranhões e mordidelas e bofetões e escarros. Sentiu-os e é possível que lhe arrancassem lágrimas e lhe dessem sobressaltos, mas não perdeu por um instante o abraço amoroso à sua cruz nem o amor aos seus perseguidores".

No meio destas duras provas, não lhe faltou o ânimo e o consolo da fidelidade dos membros da Obra. Mas também muitas outras pessoas souberam estar ao lado dele, com visão sobrenatural e lealdade humana. Como atesta o P. Sancho, "graças a Deus, todos os bispos, todos, ficaram do seu lado; especialmente o queria e o abençoava com predilecção o Bispo de Madrid, D. Leopoldo Eijo y Garay".

É justo sublinhar —com o P. Sancho— a atitude firme e clara que D. Leopoldo Eijo y Garay adoptou em todos os momentos. Difundiu sempre ideias semelhantes às que, em Maio de 1941, comunicava ao Abade Escarré.

Monsenhor Castán, então bispo auxiliar de Tarragona, soube por D. Leopoldo que, um dia, uma comissão foi falar com ele para acusar e denunciar o Opus Dei, sugerindo-lhe que interviesse contra esta nova iniciativa e contra o seu Fundador. D. Leopoldo deixou-os falar e depois acrescentou, de forma taxativa, que tinha actuado directamente e com pleno conhecimento de causa na sua aprovação. Mons. Castán recorda com

certeza umas palavras textuais que o bispo de Madrid pronunciou nessa ocasião: "Essa criatura nasceu nestas mãos".

O P. Carlos Calaf, operário diocesano, conta outra história semelhante, que situa em 1940. O próprio D. Leopoldo lha contou. No dia da Procissão do Corpus ia à sua direita, segurando uma das varas do púlpito, um jovem que tinha dito alguma coisa menos conveniente contra o Opus Dei; e, "mesmo levando o Santíssimo na mão —dizia-me o Patriarca—, dirigi-me a ele e disse-lhe: olha, pelo que mais vale no mundo e pelo que mais estimo, que é Jesus Sacramentado, não ataques, não digas nada em desdouro dessa Obra, que a quero como à menina dos meus olhos".

Há muito tempo, muitíssimo —evocaria o próprio Fundador do Opus Dei—, quando vivia em Lagasca, uma noite, já deitado e a começar a adormecer —quando dormia, dormia muito bem; nunca perdi o sono por causa das calúnias, perseguições e intrigas daqueles tempos—, tocou o telefone. Levantei-me e ouvi: Josemaría...Era D. Leopoldo, então bispo de Madrid. Tinha uma voz muito calorosa. Já muitas outras vezes me tinha telefonado àquelas horas, porque ele deitava-se tarde, de madrugada, e celebrava a Missa às onze da manhã.

Que se passa?, respondi-lhe. E ele disse-me: ecce Satanas expetivit vos ut cribraret sicut triticum (Lc., XXII, 31). Ele há-de abalar-vos, há-de sacudir-vos, como se sacode o trigo para o peneirar. Depois acrescentou: eu rezo tanto por vós... Et tu... confirma filios tuos! Tu, confirma os teus filhos. E desligou. Bonito, não é?

Para mais de um, a atitude do Patriarca não se explicava bem. Consideravam-no um bispo de perfil tradicional, inclinado a estimar um "clero serrano, escalafonado, rural", que "amparava decisivamente uma experiência como a do Opus Dei, de sinal contrário". É assim que o esboça o P. Federico Sopena no seu livro *Defesa de uma geração*. O P. Sopena cita também uma história que deve ter tido grande difusão pelos anos quarenta: o Patriarca, antes de dar a comunhão a um conhecido leigo, disse-lhe com decisão: "quem critica o Opus Dei, critica o Patriarca".

No dia 25 de Junho de 1944, D. Leopoldo Eijo y Garay conferiu o sacramento da Ordem aos três primeiros sacerdotes do Opus Dei. Nesse dia,

foi almoçar a Diego de León, 14, e depois esteve à conversa com um bom grupo de membros da Obra que tinham vindo de outras cidades para a ordenação. Confiou-lhes que, por momentos, tinha temido que reagissem com violência ou com faltas de caridade, mas ficou muito tranquilo num dia em que Álvaro del Portillo lhe disse, olhando para o crucifixo:

—Não! Nós perdoamos-lhes e, além disso, agradecemos-lhes tudo. Porque há-de o doente zangar-se com o bisturi, e ainda por cima se o bisturi é de platina?

D. Álvaro del Portillo tinha aprendido com o Fundador a perdoar, a ver em tudo aquilo a mão de Deus, que queria purificá-lo a ele e ao Opus Dei. "Quanto deve aos seus perseguidores!", exclama D. Antonio Rodilla: empurravam-no para a oração, para a humildade, para a mortificação, para a caridade mais heróica e para a formação sobrenatural das pessoas do Opus Dei.

Ensinou-os —com o seu exemplo e com as suas palavras— a perdoar desde o primeiro momento aos detractores obstinados. Quando alguém lhe dava notícia de uma nova falsidade —e isso acontecia muitas vezes várias vezes por dia— a primeira coisa que fazia era convidá-lo a rezar um Pai-Nosso ou uma Avé-Maria por quem o tinha caluniado. Para se referir a essas pessoas e à sua conduta, usava sempre uma expressão significativa, que resumia a sua reacção sobrenatural: era a *contradição dos bons*, que agiam *putantes obsequium se praestare Deo*, acreditando que prestavam um serviço a Deus.

"Nunca lhe vi uma reacção de rancor —confirma, por sua vez, o dominicano P. Sancho—. Ele não era homem para isso, mas para compreender, perdoar e esquecer. Reagia sempre de modo sobrenatural e com muita mansidão".

Frei José López Ortiz sublinha a mesma ideia: "Sofria muito, porque tinha um espírito muito grande e aberto, um coração magnânimo".

Muitos anos depois, em Buenos Aires, Mons. Escrivá de Balaguer aludiria de passagem àqueles momentos tremendos dos anos quarenta:

Ponde sempre o sinal mais, que é a Cruz, a adição. Assim atraireis, não repelireis. E se vos insultarem? Mais do que a mim, parece-me que não: ...como um trapo! Houve um momento em que tive de ir, uma noite, ao Sacrário, ali, em Diego de León, dizer: Senhor —e custava-me, custava-me porque sou muito soberbo, e caíam-me lágrimas grossas...—, se Tu não precisas da minha honra, eu para que a quero?

O Fundador do Opus Dei, que tinha também humanamente uma grande sensibilidade, não pôde deixar de sentir o peso de tanta lama acumulada sobre ele. Perdoou e ajudou a perdoar a todos, desde o primeiro momento. Mas os que estavam perto dele não esquecem que, pelos anos de 1940 e 1941, por vezes havia dias tão duros que, ao cair da tarde, já não conseguia literalmente manter-se de pé, porque o corpo lhe falhava. Via-se-o exausto, pelo trabalho constante —tinha forças para impulsionar o trabalho do Opus Dei por toda a Espanha, como se nada se passasse: era o motor do apostolado, a puxar pelos membros da Obra e a fazer viagens contínuas a muitas cidades do país—, e porque lhe custavam muito as possíveis ofensas feitas a Deus e a confusão que se semeava em tantas almas. Esquecia-se de si mesmo e, por isso, estava feliz e alegre, com o seu bom humor habitual e o seu sorriso de sempre.

No dia 27 de Junho de 1975, no *La Vanguardia Española* de Barcelona, Alfonso Balcells Gorina, testemunha privilegiada das dificuldades naquela cidade, escreveu de improviso: "Quando, no início dos anos quarenta, houve em Barcelona incompreensões e calúnias, ensinou-nos o amor à liberdade e o respeito pela liberdade de todos, e quis que, no Colégio Maior Monterols, a inscrição *Veritas liberabit vos* presidisse ao seu oratório. Anos antes da nossa guerra, na primeira residência de estudantes, em Madrid, como depois em tantas outras, mandou colocar em lugar bem visível o *Mandatum novum*: 'amai-vos uns aos outros...' para que ficasse bem gravado na mente de todos que o espírito daquela casa e do Opus Dei parte de uma pedagogia de amor".

O Fundador, maltratado, nunca deixou de se sentir feliz no meio da dor. Suportou tudo com grande compreensão e carinho, sem uma palavra de queixa, saboreando na sua oração o *Iesus autem tacebat*, o silêncio do Filho de Deus diante de Herodes.

A D. Miguel Sancho Izquierdo, seu professor de Direito Natural na Universidade de Saragoça, impressionou-o sempre esta atitude silenciosa de Mons. Escrivá de Balaguer: enquanto nunca defendeu a sua própria honra —observa—, saiu sempre em defesa da Igreja e do Vigário de Cristo quando alguém atentava contra o seu bom nome.

Foram anos duros —escrevia o Fundador aos membros do Opus Dei, em 1961— porque essas calúnias eram levadas até ao mais alto da Igreja, semeando desconfiças e receios em relação à Obra. Eu (...) calava-me e rezava. Mas é natural que agora —quando já desapareceram bastantes dessas pessoas que tanto mal pretendiam fazer, talvez pensando obsequium se praestare Deo (Io., XVI, 2), que prestavam um serviço a Deus; e outras, abrindo os olhos, mudaram de opinião— vos diga, pelo menos, que existiram essas contradições.

No entanto, nem mesmo então quis que as pessoas que não as tinham vivido conhecessem essas páginas da história do Opus Dei, para que, nem remotamente, pudesse nascer nos seus corações *um ressentimento ou uma falta de amor para com aqueles que, voluntária ou involuntariamente, tenham sido causa de alguns dos sofrimentos que tivemos de padecer.*

Até ao fim dos seus dias na terra deu exemplo de um coração grande, capaz de perdoar sem reservas:

Na Santa Missa lembro-me de pedir não só pelos meus filhos, pelos meus pais e pelos meus irmãos, pelos pais e pelos irmãos dos meus filhos, mas também por aqueles que estão na terra e desejam incomodar-nos, e por aqueles que nos caluniaram e já foram prestar contas ao Senhor. Digo: Senhor, eu perdoo-lhes para que Tu lhes perdoes e para que perdoes os nossos pecados. Ofereço-Te sufrágios pelas suas almas: os mesmos que Te ofereço pelos meus filhos, e pelos meus pais, e pelos pais dos meus filhos. Todos por igual!

O Senhor fica contente e eu também fico muito tranquilo. Aconselho-vos o mesmo: não queirais mal a ninguém, nunca. Alimentar mágoas só traz desgraças; e como havemos de ser desgraçados, se somos filhos de Deus? É preciso saber perdoar.

Depois, se alguém vos disser que isto é heroísmo, vocês riem-se. É uma coisa estupenda. Porventura Deus não nos perdoa quando O ofendemos? Como não havemos nós de perdoar?

Apesar desta atitude generosa —não isenta de elegância cristã e de bom sentido de humor—, ao Fundador do Opus Dei doeu-lhe, em carne viva, a grave contradição, que aqui mal fica apontada.

Talvez o compreendam melhor aqueles que viram, pela pequena tela, as imagens filmadas a 23 de Junho de 1974 no Teatro Coliseo de Buenos Aires. Uma viúva falou-lhe do seu filho único, sacerdote, e Mons. Escrivá de Balaguer acompanhava as suas palavras com um sorriso amplo e acolhedor. A sua expressão alegre foi-se transformando num ar sério, preocupado, quando essa mãe —no rosto notavam-se as marcas de uma profunda dor— lhe contou, entre soluços, que a vocação do filho se estava a desviar do bom caminho.

Esse coração grande e apaixonado, que tão facilmente se identifica com o sofrimento alheio, sofreu o indizível nos anos quarenta, porque as tremendas injustiças que padeceu ofendiam a Deus, confundiam muitas pessoas e manchavam a alma de quem as cometia. O Fundador do Opus Dei, que sabia amar, calou, perdoou e rezou, tirando importância ao seu heroísmo: *se alguém vos disser que é heroísmo, vocês riem-se...*

Surgia também aqui um traço característico da sua personalidade —desviar a atenção da sua pessoa para a centrar em Deus—, que reflectia a objectividade própria da humildade cristã que vivia. Evidentemente, oferecer iguais sufrágios por quem nos quer bem e por quem nos fez mal parece insólito, desproporcionado, heróico. Mas a quem se comporta assim, porque de facto procura viver o Evangelho, isso parece-lhe pouca coisa, quase nada, pois a sua alma fiel não deixa de comparar esse esforço com o Sacrifício divino de Cristo no Calvário.

Jesus Cristo morre na Cruz para remir a humanidade inteira. O seu amor, que nos conquista a liberdade da glória dos filhos de Deus, exige de forma inequívoca que perdoemos sempre e em tudo, ainda que humanamente nos custe, seja difícil de entender e de viver. Mas o cristão tudo pode com a graça divina. Os braços abertos de Jesus no Madeiro

—com gesto de sacerdote eterno, numa expressão querida ao Fundador do Opus Dei, que tão de perto sentiu a Cruz durante a *contradição dos bons*—ajudaram-no a levar, com garbo, o seu tremendo peso, objectivamente duro, esgotante, difícil de compreender, mesmo passados anos.

2. Sem liberdade não se pode amar a Deus

"Uma das coisas que mais me emocionou ao conversar com Monsenhor Escrivá de Balaguer, para além do seu calor humano, do seu entusiasmo e do seu sentido sobrenatural, é o seu amor à liberdade", afirmou no *La Libre Belgique* Mons. Onclin, poucos dias após o falecimento do Fundador do Opus Dei. O Decano da Faculdade de Direito Canónico de Lovaina glosava o seu espírito de liberdade, "palavra que nunca pronunciava sem lhe acrescentar outra: responsabilidade". E acrescentava uma ideia central, tantas vezes repetida por Mons. Escrivá de Balaguer: *sem liberdade, não se pode amar a Deus*.

Na história de Espanha, Aragão foi sempre terra de liberdades. Antes da *Carta Magna* inglesa, já conhecia a tradição do *habeas corpus*. O seu Justiza Maior escreveu páginas gloriosas e trágicas na história espanhola. Mas não parece ser telúrico o sentido de liberdade que teve Mons. Escrivá de Balaguer, nem o amor que lhe dedicou e que começou a viver no lar dos seus pais. As suas raízes são mais profundas, mais cristãs. Procedem da sua meditação profunda sobre a Cruz, talvez guiada por São Paulo: a criatura foi libertada "da servidão da corrupção, para participar na liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rom., VIII, 21). Deus é nosso Pai, que é Espírito, e "onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade" (2 Cor., III, 17). Sem liberdade, não se pode amar a Deus, precisamente porque os cristãos foram "chamados à liberdade" (Gal., V, 13).

Um jornalista colombiano, Javier Abad Gómez, escreveu a 30 de Junho de 1975 no *El Tiempo*, de Bogotá: "Impressionou-me, sobretudo, o seu amor à liberdade. Nunca conheceu o fanatismo. Com um enorme respeito pela consciência pessoal de cada um, cabiam no seu coração magnânimo não só os que pensavam como ele, mas também os que opinavam e agiam de modo muito diferente do seu. Recordá-lo-ão agora homens de letras e

operários, intelectuais e camponeses, das mais diversas religiões e das mais contraditórias opções ideológicas".

Não era efêmero o fundamento do seu amor pela liberdade. Sentia dentro de si, com toda a força, o carácter profundo e único, libertador, da Cruz redentora. Resumia-o numa frase muito clara, muito expressiva e muito verdadeira: *cada alma vale todo o sangue de Cristo*. No dia 22 de Outubro de 1972, no salão de actos de Tajamar (Madrid), uma mulher expunha-lhe o problema da angústia de alguns pais quando têm de lidar com filhos que lhes exigem, de forma violenta e insolente, liberdade e independência em relação à vida familiar. Mons. Escrivá de Balaguer deu-lhe um critério geral, mas recomendou-lhe analisar o caso concreto:

Para te dar um conselho adequado, precisaria de mais dados. Eu gostaria de fazer um fato à medida. Amo muito as almas. Cada alma vale todo o sangue de Cristo. Empti enim estis pretio magno, diz São Paulo (I Cor., VI, 20). Fostes comprados —cada um de nós— por um grande preço: o preço de todo o sangue de Jesus Cristo. Por isso, eu não te posso dar uma receita específica: quero fazer uma receita especial para cada um dos teus filhos; nem sequer para todos em conjunto. Consulta o caso e verás que, rezando, as mães podem muito na presença de Deus. Rezando, levarás os filhos para a frente e esta pequena tempestade passará.

Como antes em Espanha e em Portugal, desde que se mudou para Roma, em 1946, continuou a fazer um apostolado pessoal intensíssimo. Embora o seu lema fosse *ocultar-se e desaparecer*, começou logo a receber, na Cidade Eterna, pessoas que acorriam, de todas as partes do mundo, para lhe pedir um conselho, contar-lhe as suas penas ou as suas alegrias. Para todos tinha o bálsamo da sua caridade, a luz da doutrina e o impulso da sua palavra sacerdotal.

Em 1948 começaram as suas *andanças apostólicas* por quase toda a Europa e foram surgindo novos apostolados, que planeava e impulsionava, por vezes pessoalmente. Além disso, ao mesmo tempo que o Opus Dei se desenvolvia noutros continentes sob o seu olhar vigilante, desde o fim dos anos quarenta começou a receber em Roma grupos cada vez mais numerosos, formados por homens e mulheres vindos das mais diversas nações.

Nos últimos anos da sua vida, Mons. Escrivá de Balaguer sentiu a necessidade de fazer catequese com grupos mais numerosos. Para o realizar, antes tinha atravessado a Europa; agora continuaria este trabalho, percorrendo também muitas nações da América. Pessoas de profissões, ambientes, raças e línguas muito diferentes escutaram-no. Foi necessário preparar lugares amplos —ginásios, esplanadas, até teatros— para acolher todos. Quando as reuniões eram mais numerosas, nem por isso se perdia o ambiente acolhedor: havia espontaneidade nas perguntas e respostas, tom de família, quase de confiança, e um respeito extremo pela intimidade de cada pessoa. Resumiu-o uma conhecida figura da vida intelectual e universitária espanhola, Enrique Gutiérrez Ríos, no *ABC* de Madrid: "Ainda que falasse a uma grande assistência, a pessoa estava sempre em primeiro plano —cada pessoa, concreta, única, insubstituível—. Dizia que, no espiritual, cada criatura requer uma atenção concreta, pessoal; que não se podem tratar as almas em massa!".

Ao Fundador do Opus Dei doía-lhe qualquer tentativa de massificar o ser humano. Saboreava as palavras da Escritura: *Redemi te, et vocavi te nomine tuo; meus es tu*. O Senhor escolheu-nos a cada um chamando-nos pelo nosso nome. *Meus es tu*: és meu. E a resposta tem de ser também pessoal: *Ecce ego quia vocasti me*, aqui estou, a responder ao teu chamamento. Por isso, rejeitava a tendência para o *anonimato*, sobretudo na relação do homem com Deus. Como descreveu no *L'Osservatore Romano* Giuseppe Molteni, todo o seu apostolado era pôr o cristão frente a frente com Cristo: *Sempre, Cristo, que passa! Cristo, que continua a passar pelas ruas e pelas praças do mundo, através dos seus discípulos, os cristãos*. A pregação de Mons. Escrivá de Balaguer poderia resumir-se nesse convite permanente ao encontro pessoal com Deus: nos sacramentos, na oração, na vida quotidiana —que devia ser vida de fé, vida de oração—, na leitura amorosa do Evangelho, sentindo-se mais um personagem, que participa plenamente em cada cena, longe de todo o *anonimato*.

Mais de uma vez propôs o exemplo do *valente* que, no meio da multidão, é capaz de atirar uma pedra contra o maravilhoso vitral de uma catedral —uma joia esplêndida, *que pertence a todos*, costumava acrescentar— e não admite: —Fui eu! Refugia-se no *anonimato*: é um cobarde... O exemplo aplicava-se à cobardia da alma que não se atreve a ir

sozinha ao encontro de Deus ao longo do dia, sem fazer coisas estranhas, sem mexer os lábios, sem ruído de palavras, procurando Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, no centro da nossa alma, no meio do nosso coração, porque é aí que Ele está, se não O expulsarmos (Tajamar, 1 de Outubro de 1967).

Múltiplas consequências práticas teve esta viva consciência da dignidade e da liberdade da pessoa humana.

Para ajudar uma só alma estava disposto aos maiores sacrifícios: levantar-se da cama —com 39º de febre— para ir confessar; percorrer centenas de quilómetros, como no fim dos anos trinta, para ir de Burgos à Andaluzia, nos comboios de então, sem dinheiro para acabar a viagem nem para comer; pregar, mesmo que só houvesse uma pessoa. (Assim se fez sempre no Opus Dei. Mas o Fundador foi à frente. Por exemplo, em Julho de 1935 começou uma aula semanal de formação para uma só pessoa: Álvaro del Portillo. Depois passaram a ser dois, quando, no final desse mês, se juntou à aula José María Hernández de Garnica. Deste modo prático ficava patente o valor de cada alma).

Este afã apostólico estava inseparavelmente ligado ao fomento da liberdade. Precisamente porque abominava o anonimato, promovia a luta pessoal, os caminhos íntimos de cada um para Deus. Não era amigo de apertos nem de receitas gerais. Não “quadrava” a vida interior. Deixava que o Espírito Santo fizesse a sua obra dentro de cada alma. Insistia, a propósito e sem propósito, em que o único modelo é Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem. Evitava cuidadosamente qualquer outro mimetismo, sobretudo se fosse ele próprio quem queriam imitar. Nem sequer os membros do Opus Dei tinham de o imitar. Sublinhava-o mais uma vez no dia de São José de 1975. O texto já foi citado, mas vale a pena relê-lo sob este prisma de liberdade. O Fundador do Opus Dei recordava as dificuldades dos começos:

O que é que eu procurava? Cor Mariae Dulcissimum, iter para tutum! Procurava o poder da Mãe de Deus, como um filho pequeno, por caminhos de infância. Recorri a São José, meu Pai e meu Senhor. Interessava-me vê-lo poderoso, poderosíssimo, chefe daquele grande clã divino, e a quem o próprio Deus obedecia: erat subditus illis! Recorri à intercessão dos santos com simplicidade, num latim trapalhão mas piedoso: Sancte Nicoláe, curam domus age!; e à devoção aos Santos Anjos da Guarda, porque foi

num 2 de Outubro que soavam aqueles sinos de Santa Maria dos Anjos, uma paróquia madrilena junto a Cuatro Caminos... Recorri aos Santos Anjos com confiança, com puerilidade, sem me dar conta de que Deus me metia —vós não tendes de me imitar, viva a liberdade!— por caminhos de infância espiritual.

Divulgou entre os homens do nosso tempo virtudes e devoções cristãs de sempre: Cristo, Maria e José —a *trindade da terra* chamava à Sagrada Família, como caminho para chegar mais depressa à Santíssima Trindade—, o Papa... Santa Missa, oração, mortificação, trabalho... Confissão e Eucaristia... Comovia-o rezar com as orações dos primeiros cristãos, as mesmas que também hão-de usar os cristãos nos séculos vindouros. Mas nunca impunha nada: tinha uma delicadeza extrema para distinguir entre o que é estabelecido pela Igreja e o que é recomendado ou simplesmente louvado por Ela. Quando dava um conselho —sempre pessoal— tinha muito cuidado em deixar claro que era isso mesmo, um conselho, que podia ser seguido ou não, mas que, de modo algum, obrigava em consciência. A clareza jurídica e o rigor teológico andavam de mãos dadas na defesa da liberdade das consciências.

Encantava-o a naturalidade, a espontaneidade da alma no trato com Deus. Queria que os homens se dirigissem a Ele com o mesmo coração, com as mesmas palavras, com que se fala às pessoas queridas na terra. Alguém lhe perguntou em Maio de 1974 como oferecer as coisas a Deus quando se está cansado. E ele respondeu:

—Então diz-lho ao Senhor assim, com naturalidade, como o dirias à tua mãe, como mo dizes a mim pessoalmente...

Dentro de uma família ninguém tem de se sentir acanhado:

—Se não terias vergonha de o dizer à tua mãe da terra, diz-lho à Mãe do Céu: ‘Minha Mãe!, está-me a custar muito levantar o coração ao teu Filho, para Lhe oferecer as obras do dia...’ Isso é oração! Diz-Lhe como te apetecer. Podes rezar as orações vocais habituais, que todos os cristãos temos, e que são maravilhosas. Mas, além disso, tu fazes oração: és alma contemplativa, como as do Opus Dei; e falas sem ruído de palavras, enquanto estás na rua, à mesa, a sorrir a uma pessoa, a estudar... Pois isto

que me perguntaste a mim, conta-o à Mãe de Deus; e já estás a fazer o oferecimento.

Algumas semanas depois, voltaria à necessidade de deixar que o coração se mostre com liberdade na vida interior de cada alma. Perguntaram-lhe:

—O que podemos fazer, Padre, quando —por vezes— o coração fica um pouco duro e não se acende com as coisas de Deus?

—*É a situação normal de uma pessoa; tanto que, muitas vezes, não somos compreensivos com gente demasiado sensível. Parecem-nos histéricas, e muitos não o são. Quando eu era sacerdote novo, irritava-me ver aquelas velhas a suspirar num canto da igreja e —digo-o para vergonha minha— pensava: estes devocionários têm de se queimar, estão cheios de lágrimas... Agora, desses não queimaria nenhum; queimaria era estas coisas que não têm um suspiro, que não têm um afecto. Está claro?*

Pois, meu filho, eu trabalho há quarenta e sete anos no Opus Dei; e bastantes anos antes já sentia as primeiras manifestações do amor de Deus. Ele queria alguma coisa, e eu não sabia o quê. Não vou entrar em pormenores que muitos aqui conhecem perfeitamente. Mas, em geral, vou contra a corrente. Agora estou muito bem convosco. Agradeço ao Senhor por me dar esta alegria, que não é piegas; é amor, é carinho. Meu filho, tenho o coração mais duro do que uma pedra. Mas os corações dos homens, quando são duros, são de bronze, e o bronze no fogo derrete-se em lágrimas. Um dia vais chorar, não te preocupes; vais chorar, e nesse dia serás ainda mais homem: não penses que os homens não choram.

O espírito de liberdade é um dos motivos, juntamente com a humildade, da alegria que Mons. Escrivá de Balaguer encontrava no sacrifício escondido e silencioso, feito diante de Deus, não diante dos homens. Os outros não têm por que dar pela mortificação pessoal, nem em coisas grandes nem em coisas aparentemente pequenas.

D. Jesús Urteaga conta uma história mínima —mas significativa— de como o Fundador do Opus Dei queria que se servisse a Deus com liberdade. Devia ser o ano de 1957. Jesús estava no Colégio Romano da Santa Cruz.

Nessa altura fumava demais. Um dia, o Padre advertiu-o: —*Jesús!, fumas muito*. Mas, ao mesmo tempo que lho dizia, dava-lhe um maço de tabaco, da marca que Jesús Urteaga costumava fumar...

Também tem a ver com tabaco outra história, passada no começo dos anos quarenta, quando a cultura sobre o hábito de fumar era muito diferente. Contou-a D. Álvaro del Portillo, recém-eleito Presidente Geral do Opus Dei: "Quando os três primeiros sacerdotes da Obra recebemos a ordenação, nenhum de nós fumava; o Padre também não, porque, ao entrar no seminário, deu todas as suas cachimbos e o tabaco ao porteiro. Então o Padre disse-me: eu não fumo; vós os três também não; Álvaro, tens de fumar tu, porque, se não, os outros poderiam pensar que o tabaco não é coisa boa; e quero que não se sintam coagidos nisto e fumem se lhes apetecer".

Este sentido da liberdade destaca-se de modo notável quando se trata da vocação, da entrega das pessoas do Opus Dei. D. José María Casciaro, Decano da Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, descreve com detalhe e precisão o ambiente em que nasceu a sua decisão de se dedicar a Deus no Opus Dei. É um paradigma de uma conduta habitual em tantos casos semelhantes.

José María Casciaro frequentava o sexto ano do Bachillerato em Barcelona. Voltou a casa (Torrevieja, Alicante) para passar o Natal de 1939. Lá apareceu também o irmão Pedro, que já era da Obra, e falou-lhe da sua possível vocação, para que fosse pensando com calma, na presença de Deus. Ficaram de conversar mais adiante, quando Pedro fosse a Barcelona. José María estava decidido e assim lho disse, em Abril de 1940, ao irmão. Mas teve de continuar à espera, porque o Fundador do Opus Dei devia ir a Barcelona e "tinha indicado que, como o meu irmão Pedro me levava bastante idade (oito anos e meio), era conveniente que eu agisse com total liberdade ao dar esse passo, evitando qualquer possível influência do irmão mais velho".

No dia 12 de Maio, à tarde, no hotel Urbis, José María Casciaro foi ver —finalmente— o Fundador do Opus Dei. Ao longo da conversa, repetiu-lhe várias vezes —num tom que a José María pareceu firme, severo, sério— se não estaria a ser influenciado pelo irmão, em vez de agir livremente e

depois de ter ponderado a decisão na presença de Deus. Como as respostas eram sempre afirmativas, D. Josemaría acabou por lhe dizer que, a partir daquele momento, podia considerar-se da Obra. "Mais tarde —afirma ao recordar esta conversa—, quando em várias ocasiões o ouvi dizer que na Obra temos uma porta estreita para entrar e outra larga para sair, lembrei-me daquele episódio de 12 de Maio de 1940, compreendendo a verdade exacta e profunda dessa afirmação".

Este amor à liberdade está muito de acordo com o carácter sobrenatural do Opus Dei e também com as condições externas da entrega dos seus membros: cidadãos normais, exactamente iguais aos outros, que vivem em sua casa e com a família, trabalham no meio do mundo, entram e saem e vão de um lado para o outro, sempre de forma natural e espontânea: ou vivem a vocação em liberdade, por amor de Deus, ou não a vivem. Qualquer tipo de controlo externo desnaturizá-la-ia. Como acontece no amor humano, só cabe o livre condicionamento do carinho.

Todos os que pedem a admissão no Opus Dei fazem-no sem coacção. Além disso, têm de trabalhar para se sustentarem economicamente e ajudar a manter os apostolados. Esta realidade, que evita o *senhoritismo*, é também garantia de liberdade: se alguém quiser sair da Obra, pode fazê-lo com facilidade; se persevera, é por razões sobrenaturais, não humanas.

Contudo, seria um erro confundir liberdade com indiferença. O Fundador do Opus Dei queria que todos perseverassem na sua vocação e punha os meios: formá-los, rezar por eles, tratá-los com mais carinho se atravessavam momentos difíceis. Mais de uma vez soube fazer-se de *desentendido* com quem fraquejava, como o Senhor perante o desânimo dos discípulos de Emaús. Quando foi necessário, deixou tudo para sair à procura da ovelha perdida...

Antonio Ivars sintetiza a dupla faceta —compreensão e exigência— que se enraíza no mesmo espírito de amor: "Penso que, de algum modo, reflectia como ninguém a pessoa de Cristo: carinhoso e doce com as crianças, com os pecadores públicos, e exigente e até aparentemente irado com os fariseus e até com os seus próprios apóstolos. A ternura maternal de D. Josemaría combinava-se harmonicamente com a sua firmeza. Podia compreender as maiores misérias, acolher com o maior carinho o maior

pecador e repreender seriamente um dos seus filhos por omitir o mais pequeno detalhe".

Por fim, para completar este panorama rápido, é preciso referir a sua atitude para com os não católicos.

Não era uma *frase* quando declarava que estava disposto a dar cem vezes a vida para defender a liberdade de uma consciência. De facto, teve de lutar muito, com um *filial braço-de-ferro*, para que a Santa Sé aprovasse algo inédito na história da Igreja: que pessoas sem fé católica pudessem ser Cooperadores do Opus Dei.

Em 1966 contou a um jornalista, Jacques Guillemé-Brûlon, do *Le Figaro*, o que uma vez tinha comentado ao Santo Padre João XXIII, movido pelo encanto afável e paterno do seu trato: *"Santo Padre, na nossa Obra sempre encontraram todos os homens, católicos ou não, um lugar acolhedor: eu não aprendi o ecumenismo com Vossa Santidade". Ele riu-se, comovido, porque sabia que, já desde 1950, a Santa Sé tinha autorizado o Opus Dei a receber como cooperadores associados os não católicos e até os não cristãos.*

Pouco antes, o jornalista tinha-lhe perguntado sobre a "posição da Obra" perante a Declaração do Concílio Vaticano II acerca da liberdade religiosa. A resposta saiu bem clara:

Quanto à liberdade religiosa, o Opus Dei, desde que foi fundado, nunca fez discriminações: trabalha e convive com todos, porque vê em cada pessoa uma alma que é preciso respeitar e amar. Não são só palavras; a nossa Obra é a primeira organização católica que, com autorização da Santa Sé, admite como Cooperadores os não católicos, cristãos ou não. Defendi sempre a liberdade das consciências. Não compreendo a violência: não me parece própria nem para convencer nem para vencer; o erro supera-se com a oração, com a graça de Deus, com o estudo; nunca com a força, sempre com a caridade. Compreenderá que, sendo esse o espírito que desde o primeiro momento vivemos, só alegria me podem causar os ensinamentos que sobre este tema promulgou o Concílio.

Mons. Escrivá de Balaguer tratou as almas com lealdade. Defendeu a liberdade das suas consciências, mas sem lhes ocultar a própria e plena adesão à fé católica (que inclui, claro, essa defesa da liberdade). Vale a pena resumir o diálogo que manteve com ele, em 1974, um casal brasileiro, diante de muitas pessoas:

—Somos uma família ecuménica: a minha esposa é metodista...

—*Deus a abençoe! Está aqui?*

Estava sentada na última fila, à frente do marido.

—*Diz-lhe que gosto muito dela.*

—Estamos muito unidos na educação religiosa dos nossos filhos...

—*Muito bem!*

—Dois já fizeram a Primeira Comunhão...

—*Bem!*

—Começam a fazer um bocadinho de leitura espiritual antes de dormir, e o mais velho vai à Missa todos os dias com o pai.

—*Bem!*

—Gostava que dissesse algumas palavras à minha esposa.

—*Minha filha!, digo-te o seguinte: tens um marido extraordinário, e gosto muito de ti no Senhor. Eu gosto de todas as almas. Mas uma mãe que dá liberdade aos filhos e que, além disso, se preocupa que sejam educados nesta fé maravilhosa, que vê com alegria que se aproximem do Santíssimo Sacramento da Eucaristia — uma mãe assim eu já a admiro. Admiro-te! Gosto muito de ti! Reza por mim. E, por agora, basta. Mas amanhã, na Missa, vou lembrar-me muito de ti. Ali não sou eu. Tu não tens de acreditar nisso, por agora; pedirei ao Senhor que te conceda a minha fé, porque —não te zangues— a tua não é a verdadeira. Eu daria a minha vida cem vezes para defender a liberdade da tua consciência; de modo que seríamos*

grandes amigos, se eu vivesse aqui. Mas, claro, eu acredito plenamente que tenho a fé verdadeira; se não, não vestia esta capa de guarda-chuva (referia-se à sua sotaina).

—Reza por mim! Ninguém como o teu marido para defender a fé dele. E ninguém como o teu marido e como eu para pedir ao Senhor que te dê muita luz e muita clareza de ideias. E obrigado, porque és muito generosa e muito boa.

Ao longo dos anos, multiplicaram-se histórias semelhantes. Nos começos do trabalho apostólico do Opus Dei em Genebra, conheceram o filho de um pastor calvinista, que se foi entusiasmando com a Obra, especialmente com *Caminho*, que divulgou entre os seus amigos em diferentes línguas: francês, inglês, alemão, italiano. Mais tarde, escreveria a um membro do Opus Dei com quem se tinha relacionado na Suíça, a dar-lhe os parabéns pelo Natal. Falava-lhe, entusiasmado, da visita que fez a Mons. Escrivá de Balaguer em Roma. Ele tinha-o recebido —como sempre, como a todos— com carinho e não deixara de lhe dizer que são os católicos que estão na verdade... Não precisava de disfarçar a sua fé —bem pelo contrário— para conseguir que os não católicos respondessem com carinho e gratidão ao seu carinho e lealdade.

Perto de Caracas, ao ar livre, na casa de retiros de Altoclaro, cerca de cinco mil pessoas seguiam o seu ensinamento a 14 de Fevereiro de 1975. Levantou-se um jovem, de barba farta e ampla, que realçava a sua jovialidade.

—Padre, eu sou hebreu...

O Fundador do Opus Dei interrompeu-o:

Eu gosto muito dos hebreus porque gosto muito de Jesus Cristo —loucamente!—, que é hebreu. Não digo que era, digo que é: Iesus Christus, heri et hodie, ipse et in saecula. Jesus Cristo continua vivo e é hebreu como tu. O segundo amor da minha vida é uma hebreia, Maria Santíssima, Mãe de Jesus Cristo. Por isso, olho para ti com carinho. Continua...

Aquele homem, com um sorriso de orelha a orelha, ganhou uma salva de palmas quando disse:

—Acho que a pergunta está respondida.

3. Não há dogmas nas questões temporais

Raffaello Cortesini, Director da Cátedra de Cirurgia Experimental da Universidade de Roma, condensou a sua recordação de Mons. Escrivá de Balaguer no *Il Popolo* num título significativo: *Un uomo che amava la libertà*.

O Fundador do Opus Dei amou a liberdade na luta interior. Não concebia que alguém pudesse entregar-se e servir a Deus à força. Estava disposto a dar cem vidas, se as tivesse, para defender a liberdade das consciências. Respeitou —compreendeu, perdoou, quis— os que não o compreendiam ou o caluniavam... Como não haveria de defender também a liberdade nas questões estritamente humanas: o trabalho, a acção social, a educação, a política?

Vimos, num ponto anterior, a inconsistência dos *boatos* que se espalharam nos anos quarenta. Igualmente falsos foram os que começaram nos anos cinquenta, relativos a uma suposta posição política da Obra. Em 1957 foi divulgada à imprensa a primeira nota oficial da Secretaria do Opus Dei, precisando que nada tinha que ver com a actuação livre dos seus membros na vida pública. Embora os factos falassem por si, houve quem se recusasse a aceitar a evidência. Talvez não conseguissem, por causa do clericalismo errado com que se tinham habituado a julgar o divino e o humano. Não lhes cabia na cabeça que era perfeitamente compatível viver por inteiro diante de Deus e, ao mesmo tempo, viver por inteiro diante dos homens, assumindo responsabilidades de cidadão; que a vida sobrenatural era agulhão, estímulo, para a solidariedade com os homens, mas sem *confessionalismos*: pois, nos problemas humanos, não costuma haver soluções católicas unívocas. Só que, como titulava outro jornalista italiano, Cesare Cavalleri, no *Il Corriere della Sera* (Milão), *Il clericalismo è duro a morire*.

Nos anos cinquenta e sessenta, o ambiente era relativamente propício a uma distinção adequada entre religião e política. O espírito do Opus Dei —se é lícito falar assim— ia a favor da corrente. O surpreendente —quero sublinhá-lo— foi a fidelidade do Fundador a esse espírito nos anos trinta e quarenta, quando falar de liberdade e de pluralismo entre católicos era, normalmente, ir contra a corrente.

Evidentemente, há na vida dos povos circunstâncias excepcionais em que a Hierarquia católica pode —deve— falar em termos muito concretos, e então *cada católico* deve secundar responsavelmente a voz dos seus bispos. Mas é um direito —e uma obrigação— que compete à Hierarquia episcopal e a mais ninguém.

No começo dos anos trinta houve em Espanha uma forte pressão para unir os católicos na vida pública, a fim de poder defender os direitos da Igreja. Muitos chegaram a acreditar que seguir essa linha era uma verdadeira obrigação de consciência, embora o episcopado não se tivesse pronunciado colectivamente (só o faria já iniciada a guerra civil).

Nesse contexto, a atitude do Fundador do Opus Dei, em defesa da legítima liberdade dos cristãos, acentuando o necessário e único denominador comum, não parecia *eficaz a curto prazo*. Esta abordagem —como sintetiza agora José Antonio Palacios ao recordar as suas vivências de 1932— não era "nada atraente, à partida, para gente como nós, ainda muito novos, que considerávamos a situação de Espanha como um grande problema religioso, com uma ameaça crescente de perseguição religiosa, mas que não víamos outra solução senão a política e por isso estávamos metidos de corpo e alma num activismo orientado para a solução violenta de tudo".

Mas D. Josemaría não tinha pressa, nem tinha medo do futuro. Eram-lhe completamente alheias as tácticas para alcançar fins humanos, por mais elevadas que fossem as intenções. Preferia confiar na eficácia divina da mensagem de Cristo, que inclui o amor à liberdade pessoal dos cristãos: porquê impor dogmas em matérias opináveis? Defendia o risco da liberdade. Também por isto, e não apenas por zelo sacerdotal, foi à prisão visitar alguns jovens amigos seus, detidos após o fracasso da sublevação de 10 de Agosto de 1932. É o próprio José Antonio Palacios quem recorda as

suas visitas à Cárcel Modelo, no fim da rua Princesa, onde mais tarde se ergueu o edifício do Ministério do Ar: "Nunca teve a menor hesitação em atender as pessoas, por muito risco que houvesse; fazia visitas à prisão com bastante frequência, embora visitar detidos fosse dar nas vistas e, ainda por cima, tratando-se de um sacerdote".

Nessas visitas, falava como sacerdote com cada um dos seus amigos; por vezes, falava em grupo. Diante das grades do locutório dos presos políticos —uma galeria muito comprida— levava a conversa para temas espirituais: devoção à Virgem, filiação divina, amor à Igreja e ao Papa, frequência dos sacramentos. Animava-os a aproveitar o tempo na prisão, a dar um sentido sobrenatural ao estudo e ao trabalho.

Desses doze meses que passou na prisão, José Antonio Palacios conta uma história simpática e expressiva. Foram detidos anarco-sindicalistas que participaram na revolta de Casas Viejas e foram também levados para a Cárcel Modelo de Madrid. Quando fazia bom tempo, os presos eram conduzidos aos vários pátios da prisão para fazerem um pouco de exercício. Alguns jogavam futebol. Palacios ficou muito surpreendido ao perceber que os anarco-sindicalistas desciam para o mesmo pátio para onde costumavam levar também o grupo dele. Aproveitou uma visita de D. Josemaría à prisão para lhe pedir conselho sobre como conviver com aqueles homens, tão opostos à religião. O Fundador do Opus Dei fez-lhe ver que tinham uma excelente ocasião de os tratar com carinho e de tentar fazê-los ver os seus erros em matéria religiosa. *Tende em conta —vinha a dizer-lhes— que eles, provavelmente, não tiveram pais cristãos como vós, nem viveram num ambiente como o vosso. O que teria sido de vós e de mim nas mesmas circunstâncias deles?*

D. Josemaría encorajou-os a mostrar a sua fé, convivendo e jogando com eles como se fossem seus melhores amigos, e levou-os a aprofundar a doutrina de Cristo: tinham de amar aqueles homens como a si mesmos. Depois deu-lhes um conselho prático: jogar misturados, uns com os outros, formando na mesma equipa com os anarco-sindicalistas.

Decidiram seguir o conselho e, poucos dias depois, juntaram-se a eles para o primeiro jogo de futebol. José Antonio Palacios ainda se lembra —ele jogava a guarda-redes— dos seus dois defesas anarco-sindicalistas:

"Nunca joguei futebol com mais elegância e menos violência. Tradicionalistas e anarco-sindicalistas! Que mistura!".

Ainda que não saiba se fazia parte desse grupo, a 10 de Agosto foi detido José Manuel Doménech de Ibarra, que testemunha a solicitude de D. Josemaría pela vida interior, à margem de qualquer preocupação política. No dia 11 ou 12 de Agosto, um oficial do corpo prisional entregou-lhe um envelope através do pequeno postigo da porta da cela. No envelope vinha uma "Pequena oração a Nossa Senhora", com a seguinte dedicatória: *Beata Mater et intacta Virgo, gloriosa Regina Mundi, intercede pro hispanis ad Dominum.*

A José M. Domenech, com todo o carinho.

Madrid, Agosto, 1932.

Ao Fundador do Opus Dei deve ter-lhe custado muitas diligências fazer chegar esse envelope, porque não era fácil entregar nada aos presos incomunicáveis, e menos ainda que fosse um oficial prisional a levá-lo. "Causou-me profunda impressão —escreve José Manuel Doménech— o carinho do Padre e a sua preocupação com a minha vida interior; ele sabia que eu conhecia e rezava a Pequena oração e queria que, naqueles momentos de sobressalto e inquietação, eu não abandonasse as minhas práticas de piedade. Naturalmente, fiquei muito agradecido e rezei com devoção essas orações naqueles dias". A história é ainda mais expressiva se se tiver em conta que, entre as devoções que o Fundador do Opus Dei recomendava, não se incluía a Pequena oração.

Também foi detido em Agosto de 1932 Vicente Hernando Bocos. Nesses tempos de dura luta política, ele era partidário —como reconhece— de usar a violência. Não se deixou convencer por D. Josemaría, que o animava a defender os seus sentimentos com tenacidade e constância, mas sem ferir ninguém. Ele preferia mais o "bordoada e fica-te". Os conselhos do Padre eram sacerdotais, não políticos: "Nunca D. Josemaría —afirma expressamente Vicente Hernando— discriminou ninguém por motivo das suas opiniões políticas, sociais, etc.; respeitava a liberdade pessoal em todas as questões".

Estas histórias mostram que, para o Fundador do Opus Dei, o respeito pela liberdade política *não era indiferença*, nem despreocupação. Sentia na pele os problemas —como qualquer cidadão consciente—, mas entendia que não era missão dele resolvê-los. Nisto, como em tudo, expunha claramente o ensinamento da Igreja e assinalava com precisão as doutrinas erradas. Assim ajudava as almas dos que se confrontavam —acertando ou não— com questões sobretudo civis e formava bem as suas consciências para santificarem o trabalho —cada um o seu—, procurando tornar a sociedade mais humana e mais justa.

Estas palavras, proferidas em 1967 no campus da Universidade de Navarra, resumiam com acerto e brevidade a sua pregação desde 1928:

Um homem que sabe que o mundo —e não apenas o templo— é o lugar do seu encontro com Cristo, ama esse mundo, procura adquirir uma boa preparação intelectual e profissional, vai formando —com plena liberdade— os seus próprios critérios sobre os problemas do meio em que vive; e toma, em consequência, as suas próprias decisões que, por serem decisões de um cristão, procedem também de uma reflexão pessoal, que procura humildemente captar a vontade de Deus nesses pormenores pequenos e grandes da vida.

Em 1934, D. José Luis Múzquiz teve a primeira notícia do Opus Dei, através de um conhecido de Madrid, chamado Laureano, que ajudava D. Josemaría no Asilo de *Porta Coeli*. Laureano preparou-lhe uma entrevista, que teve lugar na residência da rua Ferraz, 50, no fim de 1934 ou em Janeiro de 1935. José Luis Múzquiz foi com "certa curiosidade por saber o que era aquela fundação de que Laureano me tinha falado e o que pensaria aquele sacerdote da situação, dos partidos e das figuras políticas que mais se mexiam então em Espanha". Porque —anota— nessa época turbulenta, antes da guerra, era normal que os sacerdotes dessem opinião sobre política. Para surpresa dele, D. Josemaría falou-lhe, desde o primeiro momento, num tom sobrenatural, sacerdotal, apostólico. Ainda assim, José Luis Múzquiz perguntou-lhe a opinião sobre um líder político conhecido, por quem ele, nessa altura, simpatizava. O Fundador do Opus Dei respondeu-lhe imediatamente que ali nunca lhe perguntariam sobre política; que pela residência passavam pessoas de todas as tendências. *Ontem* —acrescentou,

a título de exemplo— *estiveram cá o presidente e o secretário da associação de estudantes nacionalistas bascos*. Em seguida, como que para reforçar ainda mais o seu critério, acrescentou a sorrir: *Em compensação, vão fazer-te outras perguntas "chatas": vão perguntar-te se fazes oração, se aproveitas o tempo, se tens os teus pais contentes, se estudas — porque, para um estudante, estudar é uma obrigação grave*.

Em tudo é semelhante a recordação que D. Ricardo Fernández Vallespín conserva da sua primeira entrevista pessoal com D. Josemaría, a 29 de Maio de 1933: "Falou-me das coisas da alma, não dos problemas políticos; aconselhou-me, animou-me a ser melhor". Algum tempo depois, Ricardo pediu a admissão na Obra: "Metia-nos, com infinita paciência, nos caminhos da vida espiritual; nunca nos falava de política; dizia-nos que tínhamos de ser santos no meio do mundo (...)".

A vida pública espanhola complicava-se de minuto para minuto. Como disse um historiador conhecido, durante a II República *a política socializou-se* pela primeira vez na história de Espanha. Em todo o país se falava e se fazia política, quase mais do que qualquer outra coisa. Mas D. Josemaría, contra a corrente, continuou fiel à sua vocação sacerdotal: só falava de Deus. Esta atitude devia contrastar tanto que se tornava um traço distintivo. Ao ponto de o Fundador do Opus Dei poder ser identificado como um sacerdote que não era "trabucaire" (que não se metia em política). Como vimos, foi assim que o apresentaram ao Dr. Canales Maeso no Hospital da Princesa, no início de 1933.

Em Junho de 1975, no jornal *Las Provincias* (Valência), Aurelio Mota contou que, a meio do ano lectivo 1935–36, uns universitários valencianos, preocupados com o rumo que os acontecimentos iam tomando em Espanha, decidiram viajar a Madrid para consultar D. Josemaría. Queriam aconselhar-se com ele, dado o seu profundo conhecimento do ambiente estudantil e a prudência e discrição que o caracterizavam.

Ainda que os problemas que lhe colocaram fossem uma mistura de política e religião, soube —sublinha Aurelio Mota— "separar os campos e esclarecer que a sua missão era puramente espiritual e que, como sacerdote, não entrava nem saía em assuntos políticos". Naturalmente, não deixou de assinalar os pontos contrários à doutrina da Igreja que alguns grupos

defendiam, mas isso era justamente falar de religião, não de política. Repetiu-lhes que "a ele interessavam-lhe as almas e que, para o resto, já lá estavam os leigos".

Ainda que pareça repetição, vale a pena insistir: esta atitude não era indiferença, mas um desejo profundamente sentido de evitar a todo o custo o *mau clericalismo*. Por esta razão, o Fundador do Opus Dei limitava-se a formar a consciência dos cristãos, para que aprofundassem as suas próprias responsabilidades —diante de Deus e diante dos homens— e actuassem em consequência, não como *longa manus* da Hierarquia eclesiástica ou de algum sacerdote.

Tudo isto ficaria muito claro —uma vez mais— ao responder às perguntas que, tantos anos depois, fizeram a Mons. Escrivá de Balaguer em Buenos Aires:

—O que posso fazer para dar a entender aos nossos amigos que o mais importante é tratar Deus, conhecer Deus, e que não se preocupem tanto com outras coisas..., com política...?

—Ora bem; é que não lhes podes dizer que não se preocupem com política. Porque justamente, por amor de Deus, há pessoas que se ocupam de política: eu é que não! Eu não trato desse tema, mas compreendo que haja aí gente cheia de rectidão: uns vão pela direita, outros pela esquerda, outros por ali, e ninguém está necessariamente errado; todos têm boa vontade. Eu não lhes vou dizer que deixem a política. Agora, isso sim: posso e devo aconselhar que não actuem com ataques pessoais; que defendam o seu programa sem ofender ninguém na pessoa: nem figuras actuais nem as imediatamente passadas; caso contrário, num país nunca haverá gente decente que queira sacrificar-se para levar a nação para a frente; porque pensam: depois, se isto afunda, maltratam-me a mim e, comigo, aos meus filhos, à minha família, a todos; e começa uma perseguição atrás de outra. Isto é de loucos.

Portanto, sim: que os bons se preocupem com política, se lhes apetecer. Eu sei que não estou do teu lado, porque citaste isso como exemplo; mas deste-me a ocasião de recordar que não haja ódios. Temos de nos ocupar das coisas da terra. Tu e eu temos de tocar em tudo o que não seja

intrinsecamente mau; e a tudo o que é bom ou indiferente, sem inconveniente algum, é preciso fazer como o rei Midas: transformá-lo em ouro. Está claro?

Naquele mesmo dia, outra pessoa, que trabalhava num canal de televisão, quis tirar as suas dúvidas sobre como usar, com sentido apostólico, os meios de difusão de massas.

—Meu filho, muitos de vós são especialistas nisso. Por isso, não me pergunte coisas profissionais. Vocês sabem muito mais do que eu. Eu posso falar-vos do vosso zelo apostólico, do vosso empenho em levar a outras almas o Amor que tendes a Cristo. Mas sobre o modo específico..., se vocês são mestres, porque é que me hei-de meter eu? Não gosto. Os padres não devemos falar de coisas profissionais, das quais provavelmente não percebemos nada e, em todo o caso, não estamos cá para isso.

Eu posso aconselhar-te a teres mais preocupação, mais fome de almas; e hei-de insistir para que alongues a oração, para que faças muitos actos de Amor e de reparação; para que profissionalmente sejas muito bom. Mas do teu trabalho? Isso é contigo. O que é que dirias se eu me pusesse agora aqui a falar de sociologia ou de política...? Havias de olhar para mim com pena. Pensarias: o Padre enlouqueceu, não nos fala de Deus.

D. Álvaro del Portillo aproximou-se dele —eram quase meio-dia— e, antes de rezarem o Angelus, Mons. Escrivá de Balaguer acrescentou:

—O D. Álvaro pede-me que repita que isto é a única coisa que vos posso dizer, porque vocês —cada um— formarão livremente o vosso pensamento nas coisas temporais, que não tem de ser igual ao dos outros. Muitos pareceres diferentes podem ser soluções boas, nobres e sacrificadas, e todas merecem respeito. Não há dogmas na vida terrena: só na religião.

Este foi o critério claro e inequívoco que sempre proclamou, independentemente dos acontecimentos que lhe coube viver ao longo dos anos: ensinou, no fim da vida, o mesmo que em 1930 ou em 1940.

Como é sabido, em Espanha, em 1939, consolidou-se uma mudança de atitude da autoridade civil em relação à Igreja católica, que se reflectiu em numerosos discursos e manifestações públicas. Mas o Fundador do Opus Dei, que anos antes se mantivera serenamente no seu lugar quando sopravam outros ventos, manteve-se também agora no seu lugar.

A um dos que assistiram à meditação que dirigiu na residência da rua Jenner, no último domingo de Outubro de 1939, Festa de Cristo Rei, ficou gravado o modo sacerdotal como se referia aos nobres anseios, patrióticos, das pessoas, para as levar logo a considerar que há um Reino muito maior: o Reino de Jesus Cristo, que não tem fim... Ficava a ressoar a pergunta, dirigida a cada um dos presentes: *Para que Cristo reine no mundo, primeiro tem de reinar no teu coração: reina de verdade? O teu coração é para Jesus Cristo?*

Mas não era só a pregação. Tudo naquela residência de estudantes transbordava liberdade. Vicente Mortes chegou a Madrid, nos primeiros dias de Setembro de 1940, à procura de alojamento, pois ia começar o curso de Engenharia de Caminhos. Em Valência, D. Eladio España, Reitor do Colégio do Corpus Christi, que orientava espiritualmente muita gente jovem, tinha-lhe falado da Residência de Jenner. Para lá se dirigiu Vicente Mortes com o pai. Cumprimentaram o sacerdote, de aspecto forte e cordial, que os recebeu; sentaram-se e o pai de Vicente tomou a palavra: era filho único; pela primeira vez se separava dos pais; fora bom aluno nos Escolápios de Valência; tinha medo de que se "perdesse" na grande cidade; queria, portanto, deixá-lo num sítio onde não corresse perigo, onde se controlassem as saídas e entradas, onde estivesse vigiado, numa palavra...

D. Josemaría interrompeu-o e explicou-lhe que, na Residência, não se vigiava ninguém; procurava-se ajudar todos a serem bons cristãos e bons cidadãos, homens livres, capazes de formar um critério e de assumir a responsabilidade pelos seus próprios actos...

O pai de Vicente ficou, ao princípio, desolado. Continuaram a conversar e ele foi percebendo que aquele sacerdote tinha razão: a vigilância não serve para nada se não houver um sentido pessoal de responsabilidade.

Apesar disso, a mensagem límpida do Fundador do Opus Dei nem sempre era entendida logo, num primeiro momento, por pessoas, até muito boas, que não avaliavam a sua novidade, a sua *originalidade*, e tentavam encaixá-la em esquemas antigos. Foi o caso, por exemplo, de D. Manuel García Morente. Víctor García Hoz tinha ido ver D. Josemaría a Diego de León e disseram-lhe que devia esperar um pouco, porque ele tinha outra visita. Era D. Manuel García Morente, catedrático de Filosofia da Universidade de Madrid, que tinha vivido afastado da religião, mas que se converteu e chegou a ser sacerdote. D. Manuel García Morente queria perceber o que era o Opus Dei e esteve a conversar com o Fundador. Como síntese da ideia com que ficou, Morente veio dizer-lhe: "Então o Opus Dei é como a Institución Libre de Enseñanza, mas com sentido católico". D. Josemaría, ao receber Víctor García Hoz, comentou-lhe de passagem, com alguma pena, que a uma pessoa tão boa e tão inteligente como D. Manuel tudo o que lhe ocorria sobre a Obra era reduzi-la a uma instituição pedagógico-política...

García Morente acabou por entender e por querer bem à Obra, depois de conversas sucessivas. Em contrapartida, pessoas não tão boas nem tão inteligentes, e que talvez nem se tenham dado ao trabalho de falar com alguém do Opus Dei, repetiriam anos depois que a Obra era uma espécie de anti-Institución Libre de Enseñanza. Não se davam conta de que essa leitura era radicalmente oposta ao espírito positivo do Opus Dei: a Obra não era anti-nada nem anti-ninguém. Além disso, omitiram um dado fundamental: o respeito delicado e eficaz do Fundador pela liberdade de actuação dos seus membros em matérias políticas, sociais ou culturais.

Ninguém sensível aos problemas universitários desconhecia a força que a Institución adquiriu nos anos vinte e trinta. O Fundador do Opus Dei, que tratava com muitos estudantes naqueles anos, conhecia a realidade e falou do tema alguma vez por volta de 1932 ou 1933, segundo aprecia o Dr. Jiménez Vargas, para dar ideia dos graves problemas que afectavam a Universidade espanhola, mas deixando sempre muito claro que resolver esses problemas era responsabilidade das pessoas que, com liberdade, trabalhassem no ensino universitário. Era tão transparente o seu ponto de vista que "nenhuma pessoa de boa fé que o tivesse ouvido falar disto

poderia alguma vez ter pensado que a Obra tinha surgido contra a Institución Libre de Enseñanza".

Em muitos campos, nos anos trinta e quarenta, quando os membros da Obra eram jovens, o respeito delicado do Fundador do Opus Dei pela sua liberdade profissional tinha forçosamente de ser heróico, porque frequentemente surgiam assuntos em que a informação dele era grande; por exemplo, em questões universitárias, jurídicas, artísticas ou históricas. Ainda assim, preferiu sempre o *risco da liberdade*.

Este espírito estendia-se até ao modo de dirigir as obras apostólicas promovidas por membros do Opus Dei. Estas iniciativas —como é sabido— respondem a uma finalidade sobrenatural. Mas são concebidas e geridas com *mentalidade laical*, isto é, por pessoas para quem esta tarefa é o seu próprio trabalho profissional. Por isso não são confessionais nem feitas por um mesmo molde: dependem das necessidades sociais de uma região, das circunstâncias próprias de um território ou das possibilidades que, em cada caso, a legislação civil ofereça.

De viva voz e por escrito, o Fundador do Opus Dei deu muitos critérios para estes apostolados. Referiam-se às suas linhas de força —ideias centrais de carácter apostólico, espiritual e doutrinal— e a aspectos de organização ou de oportunidade prática, pois tinha o desejo de transmitir toda a sua experiência, até nos pormenores mínimos, para que a usassem com responsabilidade pessoal. Os grandes critérios de direcção do Opus Dei —descentralização, colegialidade, autonomia— faziam com que as decisões se tomassem, caso a caso, o mais perto possível de cada problema. Assim nasceram essas obras apostólicas no mundo, fruto do mesmo afã cristão, mas realizadas de formas muito diversas e por pessoas muito diferentes.

No início do trabalho do Opus Dei nos Estados Unidos, pouco depois de 1950, avançou um projecto na cidade de Boston, para impulsionar o apostolado nos meios universitários daquela cidade, tão importante nos Estados Unidos (são famosos o M.I.T. e a Universidade de Harvard). A iniciativa despertou o interesse de muitas pessoas que não eram do Opus Dei, mas estavam dispostas a colaborar. Organizou-se um Patronato, uma comissão para articular essas ajudas e promover outras. Dela fizeram parte pessoas das tendências políticas mais diferentes, como Volpe, republicano,

governador do Estado de Massachusetts; Fitzgerald, um dos líderes do partido democrata em Boston; ou Richardson, republicano, vice-governador do Estado, não católico.

Idêntica compreensão do verdadeiro alcance do Opus Dei se verificou em Londres, quando a residência Netherhall House se preparava para duplicar as suas instalações, para alargar ainda mais o seu trabalho com estudantes do Terceiro Mundo. O Patronato formado para angariar fundos era presidido por um não católico, Bernard Audley, e incluía pessoas de várias tendências, algumas opostas. Um dia, vários membros do Patronato reuniram-se numa das salas privadas do Parlamento, em Westminster. A meio do estudo sobre como ajudar a Netherhall House, soaram as campainhas que chamavam para uma votação de rotina. Entre os reunidos havia quatro deputados, dois trabalhistas e dois conservadores, que faziam parte do Patronato de Netherhall. Um fez menção de se levantar, mas outro sugeriu: "Continuemos com a Netherhall House, porque estamos dois a dois, e a nossa ausência não vai alterar o resultado da votação". E continuaram a tratar da Residência.

Com maior razão, o Fundador do Opus Dei respeitava e incentivava a liberdade quando se tratava de iniciativas apostólicas pessoais de membros da Obra. Joaquín Herreros Robles, presidente do comité das Escolas Familiares Agrárias em Espanha, conversava com Mons. Escrivá de Balaguer numa manhã de Novembro de 1972 em Pozoalbero (Jerez) e, a certa altura, comentou-lhe, mais ou menos: —*Meu filho, com o vosso trabalho pessoal e com a vossa responsabilidade pessoal, fareis uma profunda obra de formação cristã no campo, que será ao mesmo tempo uma importante obra de carácter profissional, social e também político. Mas nunca de partido único!*

Joaquín Herreros quis explicar-lhe que as E. F. A. não teriam o mínimo laivo de afinidade ou adesão a partidos políticos: eram outra coisa. Mas, antes de começar a falar, o Fundador do Opus Dei, com decisão, disse-lhe:

—*Não, meu filho: se pensas de maneira diferente, não me digas.*

Joaquín Herreros ficou tranquilo e satisfeito: "Percebi que o Padre entendia perfeitamente tudo o que eu teria querido dizer e que, se não me

deixou fazê-lo, foi apenas para me mostrar como respeitava a minha liberdade".

O Fundador do Opus Dei viveu o amor à liberdade até ao extremo heróico: quando era fácil e quando era difícil. Especialmente duro deve ter sido —aqui fica apenas esboçado— no período turbulento que antecedeu a guerra de Espanha e nos primeiros anos do pós-guerra. Em ambos os períodos, espalhou-se por muitos países um ambiente que ligava determinadas posições políticas a uma mensagem religiosa. Quem não partilhava certas soluções ficava na posição ingrata de parecer que não amava o Evangelho, que não era fiel filho da Igreja (esta tendência reapareceu com força —por vezes com termos ásperos e duros— na década de setenta e voltou a originar incompreensões em relação ao espírito do Opus Dei: alguns não acabam de entender que defender a liberdade não é indiferença perante os problemas humanos nem desunião entre católicos, mas fidelidade, ao mesmo tempo, à autonomia da ordem temporal e à mensagem de Cristo).

A afirmação do pluralismo entre os católicos foi, nos primeiros anos do Opus Dei, uma novidade incompreensível para muitos, porque tinham sido formados numa linha justamente contrária. Depois, o Concílio Vaticano II pronunciou-se de forma inequívoca sobre a doutrina tradicional da Igreja, que parecia esquecida —"a ninguém é lícito reclamar para si, em exclusivo, a favor da sua opinião, a autoridade da Igreja", lê-se na Const. *Gaudium et Spes*—, mas ainda hoje aquilo que já é património doutrinal comum não acaba de impregnar totalmente as condutas práticas.

Compreende-se a surpresa de Mons. Escrivá de Balaguer, a sua indignação, quando alguém da Cúria Vaticana o felicitou, em 1957, pela nomeação de uma pessoa do Opus Dei, Alberto Ullastres, como ministro do Governo espanhol: *O que me importa a mim que seja ministro ou varredor? O que me importa é que se santifique com o seu trabalho.*

Em 1964, perguntaram-lhe no teatro Gayarre, em Pamplona:

—Que posição têm os membros do Opus Dei na vida pública dos povos?

Mons. Escrivá de Balaguer explicou mais uma vez a liberdade que se vive na Obra, *sempre dentro da doutrina católica*. Mas começou a resposta com um rápido e categórico *a que lhes der na gana*. No teatro apinhado soou uma ovação estrondosa.

Voltar ao Índice

CAPÍTULO NONO

PAI DE FAMÍLIA NUMEROSA E POBRE

1. Como o grão de mostarda

Mais de sessenta mil pessoas lhe chamavam Pai: foi assim que o *Il Giorno*, de Milão, titulou, a 26 de Julho de 1975, o artigo de Giuseppe Corigliano sobre Mons. Escrivá de Balaguer, falecido um mês antes em Roma. Tinha-se dado um fenómeno surpreendente na vida da Igreja: à morte de um Fundador, a sua Obra estava estendida pelos cinco continentes.

Já referi no capítulo quinto a visão universal que, desde o primeiro momento, teve o Fundador do Opus Dei e como, desde 1935, acalentava o projecto de começar o trabalho apostólico em Paris. A guerra de Espanha e, depois, a mundial, atrasaram inevitavelmente a expansão a outros países. No fim do conflito mundial, o Fundador teve de dedicar esforços especiais para alcançar um reconhecimento jurídico da Obra. A sede central, que estava em Madrid, passaria para Roma. A partir daí, em muito poucos anos, começou o apostolado em numerosos países.

Não pretendo aqui fazer um relato exaustivo da expansão do Opus Dei pelo mundo. Vou apenas assinalar alguns momentos significativos. O que me interessa sublinhar é o espírito com que Mons. Escrivá de Balaguer viveu a difusão do seu afã apostólico.

Em 1940 fizeram-se as primeiras viagens a Portugal, embora só em 1945 se possa falar, em sentido estrito, de um trabalho estável da Obra naquele país. Algo semelhante aconteceu com a Itália: em 1942 foram estudar a Roma D. José Orlandis e D. Salvador Canals, mas o grande impulso deu-se em 1946, quando D. Álvaro del Portillo foi nomeado Consiliário e, pouco depois, o Fundador do Opus Dei fixou em Roma a sua residência. Nesse mesmo ano começou o trabalho em Inglaterra e, em 1947, em França e na Irlanda. Para 1949 estava previsto iniciar a tarefa apostólica num país da América, mas no fim foram dois: México e Estados Unidos. Em 1950 chegou-se à Argentina e ao Chile...

Nestes anos, parte do governo central do Opus Dei —Conselho geral da Secção masculina; Assessoria central da Secção feminina— já estava sediada em Roma, onde, pouco a pouco, se foram adaptando os edifícios necessários. Para já, aí ficou também instalado o Colégio Romano da Santa Cruz (1948) e o Colégio Romano de Santa Maria (1953), que impulsionaram, a partir de Roma, as actividades de formação das pessoas do Opus Dei tendo em vista a expansão definitiva.

Necessariamente foi de Espanha que saiu a quase totalidade das pessoas que iniciaram o trabalho em tantos países. Em 1951 chegaram os primeiros à Venezuela e à Colômbia. Em 1953, ao Peru, à Alemanha e à Guatemala. Em 1954, ao Equador. Pouco antes, em 1952, Ismael Sánchez Bella voltou da Argentina para pôr em marcha a futura Universidade de Navarra.

Mons. Escrivá de Balaguer acompanhou, a partir de Roma, com uma confiança ilimitada em Deus, os passos do Opus Dei pelo mundo. Desde 1946 viajara periodicamente a Espanha e a Portugal, e visitou várias cidades italianas e de outros países europeus, fazendo a *pré-história* do trabalho apostólico. Em 1955 empreendeu uma nova e longa viagem pela Europa, para animar os que já trabalhavam nalguns países e lançar as bases de um trabalho futuro noutros. Passou pela Alemanha, França, Suíça, Holanda, Bélgica e Áustria. Foi na Áustria que incorporou à sua vida interior uma nova jaculatória, *Sancta María, Stella Orientis, filios tuos adiuvá!*, depois de celebrar a Missa no altar de Hl. Maria Pötsch, na catedral de Viena, a 3 de Dezembro desse ano.

Depois da aprovação pontifícia de 1950, o Opus Dei teve um Congresso geral na casa de retiros de Molinoviejo (perto de Segóvia, Espanha). Em 1956 celebrou-se outro em Einsiedeln (Suíça). E a expansão continuou: nesse mesmo 1956, para o Uruguai; em 1957, para o Brasil e a Áustria; e começaram as actividades apostólicas em Yauyos —Peru—, cuja Prelatura *nullius* a Santa Sé confiou ao Opus Dei. Pouco depois, iniciou-se o trabalho em África —Quênia, 1958— e na Ásia —Japão, 1959—. Depois, na Austrália (1963) e nas Filipinas (1964).

Perante a realidade desta expansão, veio muitas vezes ao pensamento e ao coração do Fundador do Opus Dei a parábola evangélica do grão de

mostarda, essa semente minúscula que se faz árvore, onde vêm pousar as aves do céu:

Só eu sei como começámos. Sem nada humano. Não havia mais do que a graça de Deus. Mas, uma vez mais, cumpriu-se a parábola; e temos de encher-nos de agradecimento ao Senhor nosso Deus.

Tinha germinado a pequena semente que Deus semeara a 2 de Outubro de 1928. A planta recém-nascida ultrapassou os obstáculos. Em mais de uma ocasião, com humildade, esquecendo-se de si, o Fundador diria que a Obra se fez com a vida santa dos primeiros: *Com aquele sorriso constante, com a oração, com o trabalho, com o silêncio. Assim se fez o Opus Dei: teve a sua cruz e a sua ressurreição, sem ruído, mas maravilhosa.*

O arbusto tornou-se uma grande árvore porque Deus fortaleceu as suas raízes e estendeu os seus ramos. A Ele se dirigia o agradecimento de Mons. Escrivá de Balaguer, porque no Opus Dei, *como num novo Pentecostes, se ouvem diversas línguas, manifestação do Espírito de Deus, da catolicidade do nosso espírito.*

Mas... e os meios?, perguntava-se em 1934, numa das *Considerações Espirituais*. A resposta era inequívoca: —*São os mesmos de Pedro e de Paulo, de Domingos e Francisco, de Inácio e Xavier: o Crucifixo e o Evangelho. —Acham-nos pequenos?*

Para dilatar o Reino de Deus, o único necessário é confiar plenamente na onnipotência divina, viver vida de fé, de esperança e de amor. "Não leveis nada para o caminho, nem bastão, nem alforge, nem pão, nem dinheiro; nem tenhais duas túnicas" (Lc., IX, 3). Numa ocasião, Jesus envia assim os discípulos, sem nada, para que percebam, de modo gráfico, que não lhes pertencem os êxitos; que não se devem às suas qualidades pessoais as conversões, nem os milagres, nem a aceitação da doutrina.

Também o Opus Dei começou sem meios humanos, apoiado apenas em recursos sobrenaturais: *porque nestes primeiros tempos* —escreveu o Fundador em 1941—, *do mesmo modo que o Senhor enviou os seus discípulos, envio eu os meus filhos a abrir novas obras de apostolado: tão*

pobres como os primeiros discípulos, com a bênção que o Senhor lhes dá do Céu e a que eu lhes dou na terra.

Assim foi durante muitos anos. D. José Luis Múzquiz e D. Salvador Martínez Ferigle, por exemplo, partiram para os Estados Unidos em 1949, com a bênção do Fundador e com um quadro da Santíssima Virgem que estivera numa das casas onde ele viveu em Burgos: —*Não vos posso dar outra coisa, meus filhos.*

Pode pensar-se que, para o Fundador do Opus Dei, mais importante do que não ter meios materiais —a isso estava habituado desde 1928— era prescindir da colaboração próxima de pessoas maduras no espírito da Obra. À beira de 1950, aqueles que podiam ter sido seus colaboradores directos partiram para um país ou para outro. De facto, Mons. Escrivá de Balaguer podia dizer, com justiça, que ficava mais só do que nunca. Valia a pena. Estava convencido de que aquela sementeira a eito, por meio mundo, seria para muita glória de Deus. D. Álvaro del Portillo, seu colaborador mais próximo desde 1939, continuaria ao seu lado em Roma, onde estava desde 1946, como Procurador-Geral e primeiro Consiliário Regional de Itália.

Nestes anos, quando saíram de Espanha pessoas do Opus Dei de verdadeira categoria humana e com um currículo profissional notável —não seria correcto citar nomes—, um deles, já falecido, comentou: "Os que ficámos somos como despojo de prova". Se Florentino Pérez—Embid, autor da comparação, catedrático de História, escritor fecundo e brilhante, bem conhecido na vida pública espanhola, se considerava despojo, notável devia ser a qualidade humana —e espiritual— daqueles que o Fundador enviou pelo mundo.

Muitos eram muito jovens, mas tinham amadurecido ao fio da *contradição dos bons* a que me referi no capítulo anterior. Numa carta aos membros do Opus Dei, Mons. Escrivá de Balaguer sublinharia:

Na minha terra, picam a primeira florada dos figos, para que se encham assim de doçura e amadureçam mais cedo. O Senhor nosso Deus, para nos tornar mais eficazes, abençoou-nos com a Cruz.

Em 1971, insistia, com outras palavras, na mesma ideia: *Sabem porque é que a Obra se desenvolveu tanto? Porque fizeram com ela como com um saco de trigo: deram-lhe pancadas, maltrataram-no, mas a semente é tão pequena que não se partiu; pelo contrário, espalhou-se aos quatro ventos, caiu em todas as encruzilhadas humanas onde há corações com fome de Verdade, bem dispostos; e agora temos tantas vocações, somos uma família numerosíssima, e há milhões de almas que admiram e amam a Obra, porque vêem nela um sinal da presença de Deus entre os homens, porque percebem essa misericórdia divina que não se esgota.*

As contrariedades fizeram acontecer aquilo que sucede quando se põem obstáculos à obra de Deus. As aves do céu e os insectos, no meio dos estragos que causam às plantas com a sua voracidade, fazem uma coisa fecunda: levam a semente para longe, longe, pegada nas patas. Aonde talvez nós não tivéssemos chegado tão depressa, o Senhor fez com que chegássemos assim, com o sofrimento da difamação: a semente não se perde.

A magnanimidade sobrenatural de Mons. Escrivá de Balaguer ajustava-se ao seu modo de ser humano. Mas a sua visão ampla dos objectivos apostólicos não era fruto do seu carácter, e sim da certeza que tinha na assistência de Deus.

A Obra foi pobre desde o princípio e sê-lo-á sempre, porque o Senhor nunca deixará de nos pedir mais trabalhos apostólicos, mais iniciativas, mais despesas de dinheiro e de pessoas ao seu serviço. Nunca teremos dinheiro suficiente para dilatar a tarefa com a rapidez que o Senhor nos dá a entender. Chamam-nos de tantos lados, e por falta de meios económicos não podemos ir logo! (...) Mas aproveito a ocasião, que me dá o que acabo de vos dizer, para dar graças ao Senhor nosso Deus, porque a Obra será sempre pobre: sempre precisará de mais do que tem, se há-de cumprir os seus fins apostólicos, por muito abundantes que pareçam os nossos meios aos de fora.

Nunca o assustaram as dificuldades económicas. Nem no início, quando pôs em marcha aquela primeira Academia na rua Luchana, nem quando —com o passar dos anos— as obras apostólicas promovidas por membros do Opus Dei se multiplicaram por todo o mundo. Porque só o movia a

glória de Deus: não descansava quando dispunha de um instrumento para o apostolado; logo pensava noutro que pudesse servir, adequadamente, para espalhar a semente do Evangelho. Dizia-o, meio a sério meio a brincar, em Dezembro de 1973:

—Lembram-se de que, há dias, falávamos de que na Obra há sempre necessidades e realidades de pobreza? Eu comentava-vos que sempre haverá Centros onde, humanamente, o estejam a passar mal. Anteontem recebi carta de um filho meu que está num país grande, onde é professor catedrático de uma universidade. Cheio de alegria, conta-me que já têm casa num sítio central: é uma casa com bom aspecto, mas sem um móvel, sem uma cama. Diz que fazem campismo dentro do apartamento, vão comer onde podem, e estão felizes.

Dava-lhe especial alegria verificar que essas pessoas, no meio das dificuldades económicas, rezavam, trabalhavam e faziam um trabalho apostólico intenso. E, como o mesmo acontecia em muitos sítios, esclarecia: *é bom que aconteça.*

Um capítulo decisivo desta aventura humana e divina do Opus Dei é o Colégio Romano da Santa Cruz. Vale a pena deter-nos brevemente nele, enquanto modelo de como o Fundador da Obra actuou para a estender pela terra.

O Colégio Romano foi erigido a 29 de Junho de 1948. Começou num edifício velho do Parioli, que tinha sido a legação da Hungria junto da Santa Sé. Conseguir aquela casa foi uma verdadeira ousadia, porque não tinham recursos económicos. *Pedem o valor em francos suíços* —comentou Mons. Escrivá de Balaguer naqueles dias—. *Como não temos nada, que importa ao Senhor facilitar-nos francos suíços ou liras italianas!* E apareceram pessoas dispostas a adquirir o imóvel e a financiar as obras necessárias para instalar ali não só o Colégio Romano —centro de formação para membros do Opus Dei do mundo inteiro—, mas também a sede central da Obra.

D. Álvaro del Portillo ocupava-se muito directamente da gestão económica de tudo aquilo e levava a cabo esse trabalho apesar de estar doente, com febres muito altas. Mons. Escrivá de Balaguer dizia, com

graça, que o melhor remédio para lhe devolver a saúde seria pôr-lhe um bom *emplastro* de muitos milhares de dólares.

Foram contínuas as privações do Fundador do Opus Dei e dos que o rodeavam. Iam a pé para as Universidades e Ateneus, porque não havia dinheiro nem para o *filobus* ou a *circolare*; e, como muitos não podiam comprar sequer o tabaco italiano mais corrente, deixaram de fumar... Alguns anos depois, quando, dentro do desconforto persistente, já tinham passado as piores aflições, Mons. Escrivá de Balaguer comentaria:

—Aceitem estas circunstâncias extraordinárias como um sacrifício que podem oferecer ao nosso Senhor, e saibam que outras vezes estivemos muito mais incómodos do que podem estar agora. De modo nenhum terão as dificuldades com que nós vivemos durante anos (...). No princípio, houve ocasiões em que fazíamos uma só refeição por dia, e isso quando era possível.

E aqui não havia lugar para dormir: tínhamos uma única cama, ocupada por quem estivesse doente; os outros deitávamo-nos onde podíamos, lá em baixo, naquela portaria que já desapareceu. Durante bastantes anos, andei a subir pelos andaimes para dormir numa divisão como se podia. Nunca estivemos bem.

Uma história mostra aquela apertada falta de meios. Em 1951 comprou-se uma Lambretta para tratar das muitas e variadas diligências relacionadas com a marcha de tudo aquilo. Usou-se tanto que, muito depressa, foi necessário substituí-la. A mãe de um dos alunos arranjou o dinheiro, mas foi preciso usá-lo para pagar aos fornecedores. A velha Lambretta continuou a circular pelas ruas de Roma mais quatro anos.

Apesar dos apertos e de, em todo o lado, serem necessárias pessoas para levar por diante os apostolados, *estávamos sempre a pensar* —precisava o Fundador da Obra— *em trazer mais gente para o Colégio Romano, todos os possíveis, porque convinha: para a glória de Deus, para o serviço da Igreja, das almas e da Obra; para que (...) aprendam a amar outras nações e a ver as coisas boas e os defeitos que há noutras terras, como os há na de cada um. Convém, além disso, para receber uma formação recia, unificada, no bom espírito da Obra.*

Ao mesmo tempo, os alunos do Colégio Romano estudavam nos Ateneus e Universidades pontifícias para obter os títulos académicos que o Fundador tinha estabelecido. A primeira tese doutoral foi a de D. Álvaro del Portillo. Com o tempo, seriam centenas as teses defendidas por alunos do Colégio Romano da Santa Cruz: em teologia, em direito canónico, em filosofia.

E, a par do trabalho intelectual, o manual. As paredes daqueles edifícios precisavam de uma decoração adequada. Entre as aulas e a investigação, os alunos do Colégio Romano dedicaram muitas horas a latas de tinta e a sacos de cimento, animados por Mons. Escrivá de Balaguer, que —como recorda um deles— "corrige pequenos detalhes, vê o que nós muitas vezes não vemos, fala connosco e as suas palavras vão-se-nos gravando, com o vivo colorido do carinho e da oportunidade".

Percebe-se que, numa ocasião, ao falar dessas paredes, o Fundador do Opus Dei tenha dito que *parecem de pedra e são de amor*. No meio de contradições, pobreza económica e desconfortos sem conta, suportados com alegria, Mons. Escrivá de Balaguer vivia com magnanimidade a falta de meios materiais: queria deixar a quem viesse depois um instrumento idóneo e duradouro, tanto tecnicamente como esteticamente. As linhas construtivas enraizavam nos valores tradicionais da arquitectura romana, para que tivessem, desde o primeiro momento, sabor de maturidade e não corressem o risco de passar de moda ou cair no ridículo poucos anos depois da sua construção. Ao mesmo tempo, o Fundador da Obra e D. Álvaro del Portillo aproveitavam todas as ocasiões para, a preços irrisórios, nos mercados de velharias, comprar mil coisas que serviriam para dignificar a decoração dessas paredes: móveis, pedras antigas, fragmentos romanos, capitéis, molduras, bustos, pequenas esculturas, quadros, castiçais, candeeiros, tapetes, arcas.

Mons. Escrivá de Balaguer visitava as obras com frequência, e os operários habituaram-se depressa à presença do *Monsignore* a subir e descer por andaimes e escadas. Assim que se concluía uma zona, entravam logo os alunos do Colégio Romano, que rematavam os pormenores mais pequenos e limpavam tudo a fundo. Foi esse cuidado de acabar bem as coisas até ao último detalhe —vivido de modo especial pelas mulheres da Obra que se

iam ocupando das tarefas de administração doméstica— que tornou possível que, naqueles edifícios onde chegariam a viver centenas de pessoas, não se perdesse o ambiente familiar, acolhedor e alegre, próprio do espírito do Opus Dei.

A história da construção do Colégio Romano encerra inúmeras lições práticas para os membros da Obra. Também não passavam despercebidas a quem ia àquela casa e encontrava —como observou o Cardeal Baggio— que aquilo não tinha nada a ver com edifícios eclesiásticos convencionais. Era um edifício harmonizado com os outros do Parioli. Tudo estava limpo e cuidado. Esse estilo —"para mim insólito", reconhece o Cardeal— fazia parte da espiritualidade laical do Opus Dei. Era uma novidade autêntica, que não deixaria de suscitar incompreensões. Como nos velhos tempos, o Fundador teria de explicar, em muitas ocasiões, a diferença radical entre falta de meios e sujidade...

Foi algo parecido ao que aconteceu quando quis benzer a *última pedra* da casa. Todos sabiam que ele não era amigo de cerimónias de primeira pedra, mas de última pedra, de trabalho acabado. Quando chegou o momento —a 9 de Janeiro de 1960— foi procurar no Ritual a oração apropriada e não encontrou preces previstas para essa ocasião: *Portanto—decidiu— vamos fazer outra coisa. Começo por fazer o sinal da Cruz, rezamos o Te Deum, depois a oração de acção de graças, e depois a bênção com o signo crucis; e terminámos.*

Por aqueles dias de 1960, já era uma realidade feliz o sonho que Mons. Escrivá de Balaguer acalentava desde o fim dos anos quarenta:

Daqui, do Colégio Romano, sairão centenas —milhares— de sacerdotes e leigos que estenderão o trabalho onde já se está a trabalhar; que o começarão em muitas outras nações que nos esperam; e que pôrão em marcha Centros de formação, para homens de todos os continentes e de todas as raças, ao serviço da Igreja.

Apesar disso, o destino principal daqueles edifícios era servir de sede central da Obra. Mal ficaram prontos, o Fundador pensou em avançar com uma nova aventura: construir o Colégio Romano definitivo, noutro ponto de Roma. Disse que seria *a última loucura* da sua vida:

Em todo o mundo começámos a preparar instrumentos de trabalho sem dinheiro. Eu já o tinha feito muitas vezes; mas, há anos, tinha o propósito de não voltar a agir assim. No entanto, pensando que o bem da Igreja e o bem da Obra, para serviço da Igreja e das almas, torna conveniente que muitos filhos meus passem por Roma, começámos a construir com poucas liras. Não queria repetir essa loucura, mas já a estamos a fazer.

Essa maneira de agir não deixou de suscitar contradições. Não faltaram pessoas —incluindo eclesiásticos— que não a entendiam. Alguns escandalizavam-se, como se o Opus Dei fosse a primeira instituição que, na história da Igreja, tivesse usado meios humanos lícitos para fins de apostolado:

Ninguém se pode admirar —tinha escrito o Fundador em 1954— de que o Opus Dei precise de meios materiais para o seu trabalho. Como realiza a sua missão sobrenatural de santificação entre homens e para homens, tem de usar também (...) um mínimo de meios materiais.

Em 1941 tinha previsto o problema, quando dizia: *Naturalmente, quanto mais a Obra se expandir, mais necessidade haverá de meios terrenos, que sempre procuraremos santificar. Não há na terra ninguém que faça algo e não use meios humanos, por mais nobre que seja o fim.*

Também Jesus Cristo, para cumprir a sua missão divina, serviu-se de coisas tão terrenas como os haveres das pobres pessoas que o seguiam, uns poucos pães e peixes, um pouco de barro... Deram-lhe um jumentinho para entrar em Jerusalém. E numa sala também emprestada celebrou a sua última Páscoa na terra.

Foi essa vida de Cristo que o Fundador do Opus Dei quis imitar. Para levar por diante os seus projectos apostólicos contou com o trabalho profissional dos membros da Obra, mas também com a ajuda de muitas pessoas, conscientes de que essas tarefas mereciam apoio, porque contribuía para o melhoramento dos homens.

Em 1950, quando a Obra se expandia, e eram muitas as necessidades económicas que o crescimento trazia, afirmou que o Opus Dei e os seus membros *não precisam de dinheiro, porque trabalham, cada um na sua*

profissão, e sustentam-se suficientemente; mas, para as nossas obras corporativas, quanto mais nos ajudarem, melhor serviremos as almas.

Esta colaboração económica seguiu sempre vias civis, longe de qualquer confessionalismo. Já se disse que as obras apostólicas, cuja assistência espiritual está confiada ao Opus Dei, são centros promovidos por cidadãos comuns, que aí exercem livremente a sua actividade profissional. Não são, portanto, iniciativas *católicas*, e muito menos *eclesiásticas*, embora ali se siga com fidelidade a doutrina da Igreja. Trata-se de tarefas nascidas e dirigidas com *mentalidade laical*, dentro das leis de cada país, sem qualquer privilégio, nem sequer no plano económico. Resolvem os seus problemas e respondem pela gestão, quando for caso disso, perante os organismos jurídicos estabelecidos em cada nação. Por vezes, também perante os proprietários dos edifícios ou instalações que os cederam ou arrendaram e recebem a correspondente retribuição.

Este carácter laical —nem confessional, nem eclesiástico— destas iniciativas apostólicas explica também a colaboração dos cooperadores não católicos a que se fez referência no capítulo oitavo. A experiência de anos mostra que, além disso, obtêm um imenso benefício espiritual, como sublinhava o Fundador da Obra: *Ao pedir a estas pessoas a sua ajuda económica e as suas horas de trabalho profissional, ao serviço das iniciativas apostólicas que sustentamos —que têm sempre, além disso, uma eficácia humana—, colocamo-las no coração do nosso trabalho e damos-lhes a possibilidade de serem braço de Deus para realizar a sua Obra entre os homens.*

Um dia, em 1973, em Roma, um norte-americano contava a Mons. Escrivá de Balaguer que tinham oferecido um apartamento em San Francisco para aí organizarem classes de formação cristã. O Fundador do Opus Dei comentou:

Nós não conseguiríamos fazer nada sem a ajuda de tanta gente extraordinária. Há alguns, com um sentido sobrenatural tão maravilhoso para ajudar nas coisas de Deus, que, quando cooperam generosamente, põem uma única condição: que não se saiba que deram nem um cêntimo. Às vezes são pessoas que eu nem conheço.

Em muitas ocasiões, citou com emoção a passagem evangélica da esmola da viúva pobre, ao pensar nas ajudas que o Opus Dei recebia de pessoas com poucos recursos:

Talvez esse esforço constante seja mais desinteressado e generoso do que o de todos os outros: com certeza não dão do que lhes sobra, porque nada lhes sobra. Estou certo de que, perante estas dádivas, voltarão a brilhar, com carinho divino, os olhos do Senhor.

Numa outra ocasião, descrevia as formas tão diversas de ajudar as várias iniciativas apostólicas:

Foi a vossa generosidade que mo ensinou: desde aquela aristocrata, de sangue e de espírito, que soube ceder o seu próprio palácio em tempos bem duros de calúnia e de perseguição, até aos camponeses humildíssimos, pais de uma criada, que vendem o seu burrico e enviam o dinheiro com alegria; desde aquele bom amigo americano do Sul, que, de acordo com a família, tem uma das nossas iniciativas apostólicas como se fosse mais um sócio nos negócios —um sócio que não entra nas perdas—, até às crianças (...) que enviam o dinheiro que receberam como prenda no dia da primeira comunhão; desde o que manda móveis para montar uma casa, até ao que paga todas as despesas do pobre carro indispensável para o trabalho.

Mas nunca chega quando se trata de sustentar o que já foi iniciado e de alargar o horizonte apostólico para chegar a mais almas. Por isso, o sentido de responsabilidade leva os membros do Opus Dei a trabalharem muitas horas todos os dias, sentindo —como aprenderam do seu Fundador— *a urgência das necessidades, também económicas, desta família sobrenatural que formamos*. Ninguém se considera dispensado deste dever, inseparável da própria chamada divina:

O carácter plenamente secular da nossa entrega a Deus no mundo faz com que o trabalho profissional seja também o meio habitual de obter os recursos necessários para o sustento de cada um de nós e para as obras apostólicas da Obra.

Mons. Escrivá de Balaguer confiava nos meios sobrenaturais: tudo depende de Deus. Mas, ao mesmo tempo, não dispensava nenhum recurso

humano lícito —sobretudo, o trabalho—, porque, como esclarecia, *não podemos pôr Deus à prova, exigindo-Lhe milagres, quando se pode e se deve recorrer ao trabalho profissional, nobre e honesto, para obter os meios económicos necessários.*

Com a oração, com o trabalho e com a ajuda de muitas pessoas, pôde empreender-se nos cinco continentes esse grande mosaico de iniciativas apostólicas. O desejo de aproximar mais almas de Deus é precisamente garantia do desapego dos bens materiais: *seremos sempre pobres. Nunca teremos meios económicos suficientes para atender a todas as obras, porque, embora trabalhemos muito, os apostolados aumentam sempre, graças a Deus, em proporção maior: e isto acontecerá sempre.*

O Fundador comparava a Obra a uma família numerosa e pobre. Cada um dos seus membros devia sentir na própria pele os apertos económicos dessa família grande, que nunca acaba de sair das dificuldades e, apesar disso, não deixa de fazer o que tem de fazer, em benefício das almas. Para resolver os problemas de dinheiro, começou a invocar São Nicolau de Bari nos anos trinta, quando exercia o seu ministério sacerdotal no Patronato de Santa Isabel:

Ia celebrar a Missa e estava com uns apertos económicos terríveis; disse: como São Nicolau é o santo das dificuldades económicas e o santo de casar as incasáveis... se me tiras disto, nomeio-te Intercessor! Mas, antes de subir ao altar, arrependi-me e acrescentei: e se não me tirares, nomeio-te na mesma.

Contava-o no Domingo de Ramos de 1968, e alguém então se animou a perguntar se aquele problema se tinha resolvido. Mons. Escrivá de Balaguer continuou:

—Onde estaríamos tu e eu, se não! Debaixo de uma tenda e de uns pedaços de chapa! Mas eu não peço milagres; primeiro peço que trabalhemos, que nos sustentemos com o trabalho e, quando não chega, pedimos a Deus para que chegue. Não sou carismático; é preciso pôr os meios humanos e, ao mesmo tempo, os sobrenaturais, que andam sempre juntos.

Assim avançou a Academia DYA e, depois, as primeiras residências universitárias e, ao fim dos anos, essas centenas de obras apostólicas que procuram prestar um serviço cristão à sociedade, ser instrumentos para co-redimir com Cristo.

2. Pobre de solenidade

O Fundador do Opus Dei viu sempre na falta de meios materiais um sinal de predilecção divina. Numa ocasião, conduzia em voz alta a meditação de um grupo de membros da Obra e fazia-os considerar a passagem evangélica do jovem rico:

Vende tudo o que tens, dá-o aos pobres... Filhos meus, o desapego —estão a ver?— é fundamental. Vocês e eu não fizemos como aquele pobre rapaz: his ille auditis contristatus est, quia dives erat valde (Mc., X, 22); ele, ao ouvir isto, entristeceu-se, porque era muito rico. Nós deixámos todos o que tínhamos, e com gosto, para seguir livremente o Senhor. Tanto faz se era muito ou se era pouco, porque deixámos tudo com a mesma intensidade: o que tínhamos e o que pode vir a ter uma juventude maravilhosa como a vossa. E com alegria, filhos; não queremos nada que seja nosso. Digam-no cada um ao Senhor: meu Deus, por teu amor dou-Te tudo, nada quero que seja meu, tudo é teu.

Referia-se depois, nessa meditação, à resposta de Jesus Cristo aos discípulos de João Baptista: “Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, anuncia-se o Evangelho aos pobres” (Mt., XI, 4–5):

Filhos meus, ouvimos o que o Senhor nos diz; as suas palavras mexem comigo por dentro: então amaremos o desapego, amá-lo-emos com predilecção; porque quando o espírito de pobreza se estala, é sinal de que vai mal toda a vida interior.

O desapego do Fundador do Opus Dei foi real, efectivo, até às últimas consequências. Isso sim, sempre com naturalidade, escondendo-o, porque —como ensinava— *a nossa é uma pobreza que não tem voz para gritar “sou pobre”; saboreia-se com alegria. O Senhor dá um gozo nesse não ter,*

nesse não estender o braço mais do que a manga. Trata-se de viver pobres e sorrir, de a nossa condição passar despercebida, tanto na saúde como na doença.

Mas a falta de meios era tão real que, apesar de tudo, não deixou de ser notada por quem o tratou mais de perto: sempre envolta num modo exterior amável, próprio de quem realiza o seu apostolado entre iguais e entende que o desapego do material não é miséria, nem sujidade, nem pobreza exibida.

Assim o aprendeu, em boa parte, como vimos, no lar dos seus pais. Ainda não tinha nascido o Opus Dei, mas Deus ia semeando naquele que viria a ser o seu Fundador traços do seu espírito, entre eles a mentalidade laical como modo específico de viver a prática de todas as virtudes cristãs.

Passou toda a vida a viver com falta até do mais necessário e desprendido de tudo, com naturalidade e —não é paradoxo— sem ostentação. Vicente Hernando Bocos foi um dia visitá-lo à residência da rua Larra, em Madrid, porque don Josemaría estava muito constipado. O seu quarto era elementar e tinha “uma mesa pobre com uns livros de orações”. No entanto, “a forma como don Josemaría se apresentava era elegante, limpa, correcta, de presença agradável”. Isto ia a par do modo de ser: “Deu-me a impressão de ser um sacerdote que gostava da vida, sempre bem-disposto e muito simples. Lembro-me que já então se levantou alguma calúnia contra ele, que nós cortámos energicamente”.

Nessa época, em que tantas horas dedicou ao Patronato de Enfermos, o Fundador do Opus Dei sofreu muito ao constatar, dia após dia, as condições miseráveis em que vivia —e morria— tanta gente humilde de Madrid. Não perdeu, porém, de vista que o sentido cristão do desapego vai além da simples falta de meios. Sublinhá-lo-ia em 1972, ao responder a uma pergunta no Instituto de Estudos Superiores da Empresa, de Barcelona:

—O facto de se mexer em dinheiro, ou de o ter, não quer dizer que se esteja agarrado à riqueza. Dou-te um exemplo. Conheci um pobrezinho que ia a um refeitório de caridade e nem sequer tinha o cartão que davam aos necessitados; ia receber um bocadinho do que sobrava. Era um tempo duro para o coração de um cristão: ver aquela gente com verdadeira fome. Para comer, todos levavam os seus recipientes. Ele trazia a sua panela partida.

Mas tirava a sua colher de estanho, do fundo de um bolso, e olhava para ela com satisfação. Os outros não tinham colher. Via-se que pensava: isto é meu, isto é meu. E com a sua colher comia o grão e o caldo que lhe davam. Depois voltava a olhar para ela apaixonadamente, como um avaro contempla pedras preciosas. Dava-lhe duas lambidelas e guardava-a outra vez. Era rico!

Pois também tive perto de mim uma pessoa, de quem gostei muito e que, sem dúvida, está no céu. Era Grande de Espanha. Mesmo depois de morta, não direi mais do que o seu primeiro nome, porque é muito comum: chamava-se Maria. Em casa tinha móveis excelentes, uma grande criadagem e muita prata..., tudo o que é normal numa casa bem arranjada e de tradição. E aquela pobrezinha gastava em si menos do que a última das suas criadas. Dava tudo; sou testemunha da sua generosidade.

Sem a generosidade de muitas almas, o Opus Dei não teria ido para a frente. Claro que o seu Fundador nunca confundiu a confiança em Deus com um providencialismo irresponsável. Nos anos difíceis da Academia DYA, quando projectava abrir a Residência de estudantes, não deixava de mandar calcular minuciosamente todas as despesas possíveis e as receitas. Isidoro Zorzano talvez ajudasse nestas previsões económicas, durante as suas viagens de Málaga a Madrid. Mas era don Josemaría —rodeado como estava de pobres e de doentes— quem tinha de ir conseguindo ajudas junto das pessoas que conhecia em Madrid. E, claro, não estava disposto a atrasar o apostolado por falta de dinheiro: haveria de aparecer.

As dificuldades económicas não o amedrontavam. Mal conseguia suportar o piso de Luchana e decidiu pôr em marcha a Residência de Ferraz, que começou depois do verão de 1934. Com o dinheiro da venda do património familiar —em Fonz, Huesca— conseguiu-se mobilar o indispensável e comprar o básico para a cozinha. A roupa de cama foi conseguida a crédito nos Armazéns Simeón, de Madrid. O director da Residência recorda que, durante esse primeiro ano lectivo de 1934–35, o dinheiro não chegava ao fim do mês para pagar as rendas nem as contas do talho ou da mercearia. Felizmente, o proprietário da casa, don Javier Bordiu, teve sempre paciência. Era o próprio don Josemaría que ia falar com ele todos os meses.

Nesse ano, cheio de apertos, o apostolado cresceu muito. O Fundador do Opus Dei usava, para formar os jovens universitários que iam a Ferraz, as *visitas aos pobres*. Faziam-se peditórios entre os rapazes, depois de assistirem às aulas de formação cristã. Com esse dinheiro organizavam-se, em pequenos grupos, visitas a pessoas desamparadas, a quem levavam algum dinheiro, algum doce, a companhia e o consolo de um bom bocado de conversa. Era uma maneira de ajudar aqueles estudantes a amadurecer espiritualmente, alguns dos quais ignoravam por completo a miséria em que então viviam, em Madrid, tantas pessoas.

Essas visitas a necessitados e doentes fazem parte inseparável do apostolado do Opus Dei em todo o mundo. Têm um sentido profundamente humano e de caridade: levam um pouco de alegria e de carinho a pessoas que muitas vezes mal ouviram uma palavra amável, nem receberam o olhar de uns olhos amigos, nem o gesto fraterno de uma assistência cristã.

Desfigurou-se tanto —lamentava o Fundador do Opus Dei em 1942— e fez-se tanta sátira de certas manifestações exteriores da caridade benéfica, que a alguns lhes parecem arcaísmos determinadas obras próprias do espírito cristão. Por isso quero que entendam bem —e que façam entender— o profundo significado sobrenatural e humano destes meios, tal como os vivemos desde o princípio.

Com estas visitas não se tratava, nem se trata, de resolver um problema social, mas de aproximar os jovens do próximo necessitado, para que vissem *Jesus Cristo no pobre, no doente, no desvalido, naquele que padece de solidão, naquele que sofre, na criança*. Assim aprenderiam que *é preciso travar uma grande batalha contra a miséria, contra a ignorância, contra a doença, contra o sofrimento*. O Fundador do Opus Dei via claramente que *este contacto com a miséria ou com a fragilidade humana é uma ocasião de que o Senhor costuma servir-se para acender numa alma não se sabe que desejos de generosidade e aventuras divinas*. Ao mesmo tempo, torna os *mais novos sensíveis, para que tenham sempre entranhas de justiça e de caridade*.

Ao mesmo tempo, revoltava-se contra as deturpações: *Não é justo que manifestações do autêntico espírito cristão fiquem postas de lado, porque*

alguns as transformaram em gesto ostensivo e frívolo, ou em sedativo para os seus remorsos de consciência.

Enfim, era preciso fazer esse trabalho até nos países mais avançados, porque sempre existirão camadas da população que sofrem o abandono dos outros:

Atrevo-me a dizer —acrescentava com força, também em 1942— que, quando as circunstâncias sociais parecem ter varrido de um ambiente a miséria, a pobreza ou a dor, precisamente então se torna mais urgente esta acuidade da caridade cristã, que sabe adivinhar onde há necessidade de consolo, no meio do aparente bem-estar geral.

Hoje, os Estados preocupam-se, através de instituições de beneficência ou de previdência, em aliviar as necessidades mais básicas e em promover o progresso social. No entanto —prevenia Mons. Escrivá de Balaguer—, *a generalização dos remédios sociais contra as pragas do sofrimento ou da indigência —que hoje permitem alcançar resultados humanitários que noutros tempos nem se sonhavam—, nunca poderá substituir, porque esses remédios sociais estão noutro plano, a ternura eficaz —humana e sobrenatural— deste contacto imediato, pessoal, com o próximo: com aquele pobre de um bairro próximo, com aquele doente que vive a sua dor num hospital enorme, ou com aquela pessoa —talvez rica— que precisa de um bocado de conversa afectuosa, de uma amizade cristã para a sua solidão, de um amparo espiritual que resolva as suas dúvidas e o seu cepticismo.*

Mas voltemos a 1934 e à Residência de Ferraz. A casa ia ganhando certa dignidade, à custa de substituir a falta de dinheiro por bom gosto, engenho e muitas horas de trabalhos manuais. Depressa se tornou verdadeiramente um lar acolhedor, como queria o Fundador da Obra: *Os lares do Opus Dei são acolhedores e limpos, nunca luxuosos, embora procuremos que tenham esse mínimo de bem-estar que é necessário para servir a Deus, para praticar as virtudes cristãs, para estar em condições de trabalhar e para que se desenvolva, com dignidade e sem estridências, a personalidade humana. As nossas casas têm a simplicidade do lar de Nazaré, testemunha da vida escondida de Jesus, e o calor —humano e*

divino— do lar de Betânia, que o Senhor santificou, procurando ali a amizade verdadeira, a intimidade e a compreensão.

Quando Pedro Casciaro foi pela primeira vez a Ferraz, 50, recebeu logo no vestíbulo uma impressão agradável: “Não era um ‘local’ frio e desarrumado, mas o vestíbulo de uma casa de família de classe média, bastante modesta, mas com bom gosto e, sobretudo, muito limpa”.

O pequeno gabinete de trabalho de don Josemaría, com poucos metros quadrados, não tinha outra luz além de uma janela aberta para um estreito pátio interior e apenas dois móveis: uma “cama turca” —que usava muito de vez em quando, porque dormia na casa do Reitor de Santa Isabel— e um armário onde se guardavam os paramentos litúrgicos. Além disso, o seu desapego pessoal levava-o a usar os sapatos —bem engraxados para não parecerem velhos— que os residentes já não queriam. Da sua sotaina dizia, a brincar, que tinha mais remendos do que um xaile de Manila. Apesar disso, chamava a atenção porque a trazia bem passada a ferro, sem vincos, limpa.

Depois veio a guerra de Espanha. Não é preciso insistir que —como para tantos outros cidadãos do país— aquele tempo foi cheio de privações, de fome verdadeira.

A Irmã Ascensión Quiroga, Terciária Capuchinha, conheceu don Josemaría em Madrid, durante a guerra. Conseguiu escapar e, em 1938, com outras irmãs, fazia parte da comunidade que, por iniciativa de Mons. Lauzurica, bispo de Vitória, cuidava dos sacerdotes. O bispo pediu ao Fundador do Opus Dei que orientasse uns exercícios espirituais para essa comunidade. As meditações impressionaram-nas: “os melhores exercícios espirituais que fiz em toda a minha vida —já longa— foram aqueles que don Josemaría nos pregou, em Agosto de 1938”.

Ao mesmo tempo, dá testemunho de que vivia com o mais absoluto desapego dos bens materiais: “Só tinha uma sotaina e, certa vez, deu-a para lha cosermos; estava em farrapos; tentámos arranjá-la o melhor possível e depressa, porque ele ficou no quarto à espera que acabássemos. A roupa interior tinha-a tão rota que não havia maneira de enfiar a agulha

num pedaço de pano que não estivesse ‘podre’, a tal ponto que a Madre Juana decidiu comprar-lhe duas mudas”.

“Todas estas privações —acrescenta— levava-as com alegria; devia ter muito bom humor, embora connosco, pela seriedade com que se comportava, não o mostrasse, mas ouvíamos como se riam Mons. Lauzurica e ele quando estavam juntos”. Mais adiante conta que nesses exercícios esteve uma irmã mais velha, Juana Quiroga, também religiosa: “Ela guarda especialmente a atitude de don Josemaría, que nunca se preocupava com ele próprio; dele, não. Só com a santidade e com a santidade dos outros”. A Irmã Ascensión tratava, com a Irmã Elvira, de arranjar o quarto de don Josemaría e diz que nunca viu tanta ordem, tanto cuidado com as coisas: “Não se pode dizer que fosse arrumado; era or—de—na—dís—si—mo”.

“Tenho a certeza —continua— de que muitas noites não dormia ou, pelo menos, ao nosso ver, não dormia na cama. De facto, os lençóis estavam sem vincos e, embora ele deixasse a cama descoberta, como se a tivesse usado, nós percebíamos que, se tinha dormido, não tinha sido na cama. Achamos que descansava no chão duro. Por outro lado, muitas noites encontrávamo-lo de joelhos, aos pés do Sacrário, a fazer oração, hora após hora. A Irmã Elvira lembra-se de que tomava apenas um pouco de café com leite ao pequeno-almoço”. E a Irmã Regina afirma que o Fundador do Opus Dei “nunca tinha nada. Viajava com um tinteiro cheio de água benta e com a lâmina de barbear”.

O mesmo espírito, compatível com a dignidade exterior, apareceu também quando se iniciou a Residência da rua Jenner, em 1939. Marciano Fernández López, que viveu ali, exprime-o assim: “A presença humana do Padre, tal como a instalação e o ambiente da Residência —que eram o seu reflexo—, eram sem luxos, mas com grande decoro, limpeza, muito bom gosto nas coisas materiais, que deixavam uma impressão muito agradável”.

O espaço estava realmente bem aproveitado. Muitos conheceram o quarto junto ao vestíbulo, que servia de prolongamento do oratório, de enfermaria e de secretaria da residência. Além disso, tinha uma cama, onde dormia Isidoro Zorzano.

Em Janeiro de 1975, Mons. Escrivá de Balaguer passou uns dias em La Lloma, perto de Valência. Ali, rodeado de alguns membros da Obra, recordou a primeira casa que teve em Valência:

Eram dois quartos e um corredor. Um dos quartos estava cheio até acima com a primeira edição do Caminho.

Quem diria que, com os anos, se venderiam milhares de exemplares em mais de trinta línguas!

De qualquer forma, ali não se podia viver; não havia espaço.

Falou-lhes da única vez na vida em que adoeceu durante a Missa. Tinham oferecido ao padre Antonio Rodilla um cálice e uns paramentos, e ele quis que os estreasse. Ao começar o Evangelho, não conseguiu continuar. Assistia a essa Missa, iniciada no altar da Trindade, na catedral de Valência, Álvaro del Portillo, que, com a ajuda de outros, conseguiu levá-lo até à sacristia:

Depois levaram-me para casa. Dormíamos sobre uns ferros e umas tábuas, como nos quartéis de antigamente, e não havia outra roupa senão umas cortinas de varanda, todas estragadas. Por isso também aqui vivemos na pobreza, e partilhámo-la no mundo inteiro. No Opus Dei nunca falta alguém que padeça verdadeira miséria... Não faz mal; está no Opus Dei e é feliz.

Na tertúlia estava don Álvaro del Portillo e ele dirigiu-se-lhe a sorrir:

—Álvaro, estamos na terra do arroz. Que arroz fazíamos tu e eu, e mais algum! Não comíamos outra coisa: numa lareira punhamos umas chávenas de arroz e umas chávenas de água. E saía-nos muito bem, não era verdade?

—Muito bem, sobretudo quando se tem fome, que é o melhor tempero.

—E não dizíamos nada a ninguém...

Ainda se conserva o grosso capote, de tecido áspero e cor parda, que José Manuel Casas Torres levou para aquele piso da rua Samaniego. Tinha-

o usado durante os anos de campanha. O capote passou depois para a nova Residência, também na rua Samaniego, n.º 16. Era um casarão muito frio no inverno. Nas suas viagens a Valência, o Fundador do Opus Dei costumava usá-lo para se defender do frio, enquanto dava um círculo ou atendia o trabalho apostólico. O mesmo fizeram depois, quando tinham de permanecer muitas horas sentados à mesa de trabalho de direcção, don Amadeo de Fuenmayor, don Justo Martí, don Pedro Casciaro ou don Federico Suárez.

Um critério que Mons. Escrivá de Balaguer ensinou sempre foi escolher o pior para si. Assim o praticou, por exemplo, quando se mudou para Diego de León, 14, no início dos anos quarenta.

O edifício era um velho palacete de estilo francês, onde se vivia com grande aperto. Visto de fora podia dar uma impressão contrária, sobretudo se olhado com mentalidade de *vida religiosa*, pois o seu aspecto não tinha nada a ver com um convento. Além disso, com não pouco esforço, puderam ir instalando pouco a pouco, e com dignidade, os quartos dos dois primeiros pisos do chalé. Era esta a zona de representação. O Fundador do Opus Dei recebia as visitas num gabinete no primeiro piso, decorado com certa categoria: lambril de madeira, sofá de couro, mesa sólida de linhas clássicas, cortinas amplas. Mas no resto da casa sofria-se muita penúria material, e o pior quarto era o dele. Escolhera um quarto muito frio no inverno e sufocante no verão. Ficava no terceiro piso.

No fim, impôs-se o carinho dos membros da Obra e, aproveitando que estava fora de Madrid —a dirigir um curso de retiro espiritual—, mudaram as suas coisas para um quarto melhor, no segundo piso, que tinha ficado livre.

Este quarto era mais amplo. Conserva-se hoje praticamente como então. Continua lá a pobre cama de metal em que dormia. Alguma vez lhe propuseram procurar outra melhor e um pouco maior, mas ele disse sempre que não. Usou-a pela última vez em Maio de 1975, um mês antes da sua morte. A um lado há uma secretária velha, a que chamava sempre *a pianola*, porque tem, de facto, todo o ar das antigas pianolas de família. Entre outros objectos, vê-se um burrico, uma fotografia tirada na ordenação dos três primeiros sacerdotes da Obra, um globo terrestre e um quadro de

São Pedro, de um pintor anónimo. O pintor quis ilustrar a figura do Apóstolo com um galo, mas acabou por lhe sair um pássaro estranho. De Roma, em Fevereiro de 1948, Mons. Escrivá de Balaguer escreveria no pós-escrito de uma carta: *Como eu gostaria de encontrar transformada em galo a perdiz de São Pedro que há no meu quarto! Ao Apóstolo também não lhe fazia mal um retoque...*

Don Manuel Martínez Martínez visitou-o um dia em Diego de León, acompanhando o P. Ballester, então Bispo de Leão: “Fiquei admirado com a austeridade com que viviam aqueles homens; um parece-me que era secretário de câmara municipal, outro era engenheiro; enfim, eram pessoas de certa categoria e por isso aquilo me admirou ainda mais. Ao sair, dizia para comigo: nem um capuchinho vive com a austeridade com que vivem estes”. Quando iam embora, o Fundador da Obra pediu-lhe que não contasse nada do que tinha visto. “Não queria —deduziu don Manuel Martínez— que se soubesse a vida de austeridade que aqui levavam e, por conseguinte, que ninguém pudesse comentá-la.”

Don Vicente Pazos, anos depois Vigário Regional do Opus Dei no Peru, viu, por ocasião da mudança do quarto, que a sua roupa e as suas coisas de uso diário eram o mínimo indispensável. O Fundador não gostava que estes pormenores se divulgassem. Mas sabia ensinar aos membros da Obra todas as consequências práticas que o desapego dos bens materiais devia ter nas suas vidas: em circunstâncias normais ou em momentos extraordinários, como, por exemplo, naqueles primeiros anos de Roma, em que muitos —dizia-lhes— *passaram fome comigo: não um dia nem dois, mas longas temporadas. Não acendíamos o aquecimento porque não tínhamos um cêntimo.*

Faltavam até camas para dormir: *Eu, muitas vezes, deitava-me junto à porta da rua. Era um dos sítios mais distintos, mas entrava um frio e uma humidade pelas fendas que havia nas paredes...*

Quem viveu ali ouviu-o muitas vezes sublinhar o valor positivo desta falta de meios: *Tenho isso metido no mais fundo da minha alma. Repercute-se na vida de entrega e na eficácia ou ineficácia do nosso apostolado. Bendita pobreza! Amai-a!*

Exigia aos membros do Opus Dei uma disposição interior cheia de visão sobrenatural, para *viver neste mundo com sentido realista, mas como peregrinos, a caminho da morada eterna e, portanto, com um grande desejo de viver totalmente desprendidos das coisas que usam; trabalhando com rectidão de intenção, sem uma ambição desordenada de lucro; amando, como vindas das mãos de Deus, as incomodidades, estreitezas e privações com que possam deparar; preocupando-se em contribuir pessoalmente, com o seu trabalho, para remediar a indigência material e espiritual de tantas almas, deixando no Senhor as suas preocupações.*

O desapego do Fundador do Opus Dei chegava a pormenores aparentemente mínimos, mas reveladores de grande delicadeza. A certa altura da sua vida, durante os anos trinta, notou que se apegava às estampas —nem uma coisa de tão pouco valor queria ter como sua— que colocava no breviário para marcar as páginas; anos depois contaria a sua reacção:

Desprendi-me das estampas e pus no lugar uns pedaços de papel. E, ao ver aqueles papéis em branco, comecei a escrever: Ure igne Sancti Spiritus!... Usei-os durante muitos anos e, cada vez que os lia, era como dizer ao Espírito Santo: Acende-me! Faz de mim uma brasa!

Na vitrina de um dos quartos da sede central do Opus Dei, entre velhas ofertas decorativas e recordações de família, vê-se uma vulgar chávena de loiça, lascada, com uma grande falha triangular na borda. Foi Mons. Escrivá de Balaguer quem quis que a colocassem ali. Viu-a pela primeira vez em Paris, depois de celebrar a Santa Missa num dos Centros da Obra, numa manhã de 1955. Eram os primeiros anos de trabalho. Não houve dificuldades em preparar o pequeno-almoço, porque o Padre tomava sempre um pouco de café sem açúcar, algumas colheres de leite e um pedaço de pão. As dificuldades surgiram com a loiça, que não chegava para todos, embora naquela casa estivessem muito poucos. Teve de ser posta em uso uma chávena lascada, partida, que tentaram disfarçar dispondo habilmente os guardanapos. Ele foi sentar-se precisamente no lugar a que correspondia aquela chávena. E alegrou-se por usá-la para beber o seu café com leite. Fê-lo feliz a *riqueza* destas pessoas da Obra —professores, médicos, engenheiros— e, depois de comer, pôs um avental de plástico e ajudou-os a lavar talheres e loiça, como nos tempos da Residência de Ferraz:

Ao longo destes vinte e seis anos —tinha dito na primavera daquele 1955— em muitas ocasiões encontrei-me sem nada, na carência mais absoluta e no horizonte mais fechado para encontrar coisa alguma, nada, nada. Faltava-nos até o mais necessário. Mas que alegria!, porque procurando o Reino de Deus e a sua justiça, sabíamos que o resto nos seria dado por acréscimo. Ponhamos os meios para que não falte; e que estejam alegres os meus filhos se alguma vez lhes faltar alguma coisa!

No entanto, para o cristão comum, o espírito de pobreza não é apenas desapego. Tem também de saber usar os bens humanos com rectidão, ao serviço dos outros. Não se limita a evitar criar necessidades nem a suportar com alegria a falta do necessário: deve praticar também a solidariedade. Aproveitar ao máximo o tempo, empregando-o em benefício de todos, é manifestação de desapego: o tempo é um dom de Deus, que também não lhe pertence, que muitas vezes lhe falta; e deve, portanto, fazê-lo render de verdade, sem angústias nem ritmos vertiginosos, sem precipitações estéreis, com autêntica eficácia humana e sobrenatural.

Este espírito leva também a cuidar das coisas que se usam, para que durem ao serviço de Deus e das almas. O Fundador do Opus Dei apontava muitos detalhes concretos que materializavam esse espírito: consertar o que se estraga; pôr um batente atrás de uma porta ou janela para que não raspe na parede; acender as luzes necessárias, nem mais uma; pendurar um quadro com dois pregos, para ficar bem firme e não estragar a pintura...

Eu sofro —confiava uma vez a alguns membros da Obra— quando vejo que muitos passam diante de um quadro torto e nenhum é capaz de o endireitar; e sofro quando vejo que todos saem de uma sala e, ao sair, não sabem deixar cada coisa no seu lugar. As coisas são para se usarem; e se assim se gastam ou se partem, muito bem. Mas que não seja por falta de cuidado. É preciso cuidá-las com um carinho viril. Trata-se de fazer as coisas como quem tem amor.

Este modo —humano e divino— de viver o desapego dos bens materiais, até nos mais pequenos detalhes, tinha um modelo claro: o pai e a mãe de família numerosa e pobre. Muitos ouviram-no dizer que *quando tu, em qualquer circunstância, vacilares e não tiveres com quem consultar, não*

esqueças o critério claro que vos dei: nós somos pais de família numerosa e pobre. Verás como acertas.

Assim entendido, o amor à sobriedade funda-se e deriva da vibração interior. Não é regra, nem poupança, nem avareza. Por isso não se pode separá-la —como estamos a ver na vida de Mons. Escrivá de Balaguer— da magnanimidade para afrontar, sem recursos humanos, as empresas apostólicas que Deus pede. A atenção ao pequeno não é estreiteza de vistas; pelo contrário, manifesta grandeza de coração que, no seu muito amar, repara no que ao desamor passa despercebido.

Além disso, ao motivo do amor junta-se um motivo de mentalidade laical. Uma pessoa comum —isso são as pessoas do Opus Dei— que vive como as outras e usa os mesmos meios que as outras, tem de se exceder, e muito, para fazer render o seu trabalho ao serviço de todos: tanto no grande —contribuir, com os frutos do seu trabalho, para remediar a indigência, promovendo iniciativas de relevo— como no pequeno —saber aproveitar restos de comida ou escrever em papel já impresso do outro lado—. Neste sentido, Mons. Escrivá de Balaguer advertia com humor que, quando morresse, verificariam que os seus papéis só não estavam escritos na borda. No entanto, não enviava uma carta que não estivesse perfeitamente apresentada, sem erros nem gralhas.

Ensinava assim, com o exemplo, a praticar de verdade o desapego, tal como Deus o queria para o Opus Dei. Em 1968 declarou à directora da revista *Telva*:

Quem não amar e viver a virtude da pobreza não tem o espírito de Cristo. E isto é válido para todos: tanto para o anacoreta que se retira para o deserto como para o cristão comum que vive no meio da sociedade humana, usando os recursos deste mundo ou carecendo de muitos deles.

Mas —acrescentava mais adiante— *pobreza não é miséria, e muito menos sujidade; além disso, a pobreza não se define pela simples renúncia, sobretudo quando se trata de cristãos que vivem no meio do mundo e têm de dar testemunho explícito de amor ao mundo, de solidariedade com os homens. Impõe-se, pois, aprender a viver a pobreza, para que não fique*

reduzida a um ideal de que se pode escrever muito, mas que ninguém realiza seriamente. Em concreto:

Todo o cristão comum tem de tornar compatíveis, na sua vida, dois aspectos que podem à primeira vista parecer contraditórios. Pobreza real, que se note e se toque —feita de coisas concretas—, que seja uma profissão de fé em Deus, uma manifestação de que o coração não se satisfaz com as coisas criadas, mas aspira ao Criador, deseja encher-se do amor de Deus e depois dar a todos esse mesmo amor. E, ao mesmo tempo, ser mais um entre os seus irmãos, os homens, participar da sua vida, alegrar-se com eles, colaborar com eles, amando o mundo e todas as coisas boas que há no mundo, usando todas as coisas criadas para resolver os problemas da vida humana e para estabelecer o ambiente espiritual e material que facilita o desenvolvimento das pessoas e das comunidades.

O Fundador do Opus Dei continuava a explicar que não queria dar regras fixas —apenas orientações—, porque alcançar a síntese entre esses dois aspectos é —em boa parte— questão pessoal, questão de vida interior, para julgar em cada momento, para encontrar em cada caso o que Deus nos pede.

*Estas linhas gerais encontram-se recolhidas nos nºs 110 e 111 do conhecido livro *Conversas com Mons. Escrivá de Balaguer*, e contêm perspectivas realmente sugestivas que evocam —uma vez mais— o que foi previamente vivido e apontam consequências práticas interessantes, algumas especialmente significativas nestes tempos em que tantos se deixam arrastar pela febre do consumo.*

O Fundador do Opus Dei queria que os homens e mulheres da Obra se vestissem com correcção e até com elegância, cada um segundo a sua condição e circunstâncias pessoais, bem arranjados, os sapatos limpos, a roupa sem vincos:

Lembro-me de ter conhecido uma pessoa a quem gostava de vestir bem: gastava uma enormidade em fatos; mas, quando chegava a casa, atirava a roupa para qualquer lado e explicava assim: não sou eu para a roupa, é a roupa para mim (...) As coisas devem gastar-se, sim, mas sabendo que não

as devemos maltratar, que é preciso fazê-las durar, porque não são nossas: são um meio para a nossa santidade e para o apostolado.

Procurou sempre ter e usar a roupa necessária. Houve uma época em que usou solidéu para compensar a idade que não tinha: *Dá-me, Senhor, oitenta anos de gravidade!*, pedia com frequência. Depois, para sublinhar a secularidade própria do espírito do Opus Dei, usou algumas vezes a sotaina com debrum vermelho e os demais distintivos próprios da sua condição de Prelado Doméstico. Anos mais tarde confessou que isso lhe custava mais do que vários cilícios.

A sotaina que usava habitualmente em 1963 tinha então dezoito anos. Era francamente velha, mas limpíssima, digna. Com todos os botões: ele próprio os cosia, assim que ameaçavam soltar-se. Uma verdadeira lição prática.

Sentia-se muito contente dentro da sua sotaina remendada, mas, quando era necessário —muito poucas vezes—, usava os distintivos próprios da sua condição de Prelado, ou os *arreios* —como dizia— de Grande Chanceler de uma Universidade.

Com o mesmo espírito, em que o desapego dos bens humanos ou dos símbolos de honra nunca pode ser desculpa para falhar o próprio dever, exerceu em 1968 o direito de reabilitar, tendo em vista a sua família, o Marquesado de Peralta, concedido em 1718 a um antepassado directo seu, don Tomás de Peralta, Secretário de Estado de Guerra e Justiça no reino de Nápoles.

Esta decisão, que mais de um avaliou muito superficialmente, encerra também lições de grande riqueza humana e cristã, que um dia será necessário expor em toda a sua extensão. Para o propósito destas páginas, basta indicar que Mons. Escrivá de Balaguer tinha plena consciência das críticas que o seu pedido iria suscitar, mas tinha certeza moral de que era o único membro da família que podia promover o processo jurídico de reabilitação, para que efectivamente esse título nobiliário voltasse a integrar o património familiar.

Como sempre, fez o que em consciência devia, depois de ter pedido conselho a alguns dos Cardeais da Cúria Romana que gozavam de maior fama de prudência, e à Secretaria de Estado do Santo Padre. Tratou-se, como digo, de um acto verdadeiramente heróico, porque não lhe passavam despercebidas as falas e os sussurros a que isso dava azo, e de que prescindiu por completo. Quatro anos depois, cedeu ao seu único irmão vivo, Santiago, esse título, que ele nunca chegou a usar.

Ao “limpo resplendor de um coração pobre, não instalado, desprendido, aberto a todos, saturado de confiança em Deus no meio das maiores provas”, se referiu o Cardeal Primaz de Toledo no artigo que publicou no ABC de Madrid: “Esta é a pobreza evangélica autêntica, ainda que quem assim a vive se dedique a mobilizar todos os recursos imagináveis para servir a Deus e aos homens. Talvez esteja aqui o segredo que explica algo da sua vida”.

Mons. Escrivá de Balaguer viveu e morreu no mais estrito desprendimento dos bens materiais. Pouco tempo antes de Deus o chamar, contou um dia aos alunos do Colégio Romano de Santa Cruz que nessa manhã tinha dito aos membros do Conselho Geral do Opus Dei:

Hoje dei-me conta de que continuo a ser pobre de solenidade. Não só porque trago esta sotaina velha, pois poderia vestir outra melhor que tenho, mas porque não posso fazer o que faz uma pessoa da minha idade, em qualquer país mais ou menos civilizado. Há operários da minha idade, já reformados, que desfrutam tranquilamente da sua pensão; e, se uma noite não dormem —que foi o que me aconteceu hoje a mim: por isso tive ocasião de rezar mais—, ficam na cama um bocadinho mais de manhã. Em contrapartida, eu estou aqui, convosco, e muito melhor do que na cama. Mas dei-me conta de que, efectivamente, ainda sou —ao cabo de meio século de sacerdócio— pobre de solenidade.

3. O sacrifício de Abel

No dia 31 de Março de 1935, o Fundador do Opus Dei deixou o Santíssimo no primeiro sacrário que a Obra teve, o da Residência de estudantes de Ferraz, 50. Logo que alugaram aquela casa, escolhera para

oratório o melhor quarto: uma divisão relativamente grande, com entrada perto do vestíbulo principal e voltada para um pátio também grande e tranquilo. Ao princípio, só contavam com uma mesa e um banco comprido, que lhes tinham oferecido. Mandaram o banco a um carpinteiro, para o arranjar um pouco e dele fazer dois pequenos. Sobre a mesa puseram um crucifixo e dois castiçais. Tinham também algum genuflexório.

Pouco a pouco, ao longo do ano lectivo de 1934–35, foi-se completando tudo o que era necessário. Encomendou-se um altar com frontal liso, para lhe adaptar uma armação de madeira forrada com tecido da cor litúrgica do dia. Com um damasco branco confeccionaram-se os primeiros paramentos. A casula era de forma gótica, ampla; então costumavam usar-se casulas “de guitarra”, mas don Josemaría solicitara autorização —que lhe foi concedida— para usar casulas góticas. O fundo foi decorado com um tecido escuro verde-azeitona, da mesma largura do altar. Ia até ao tecto e continuava —à maneira de dossel— sobre o altar, conforme se estabelecia quando sobre um oratório havia quartos destinados a habitação. Ali queria pôr uma imagem da Virgem: seria feita por Jenaro Lázaro, que era escultor. Entretanto, colocou-se um quadro dos discípulos de Emaús, no momento em que reconhecem Jesus ao partir do Pão.

Enquanto se terminava a instalação, don Josemaría tratou pessoalmente, junto do Bispo de Madrid, de obter a licença para reservar o Santíssimo. O pároco de San Marcos certificou que tudo estava conforme ao Direito canónico. O primeiro sacrário, de madeira dourada, foi emprestado por umas religiosas, que não o usavam no seu convento.

Ao Fundador do Opus Dei entusiasmava tê-Lo ali, naquela primeira residência. Tinha fixado a data de 19 de Março, festa de São José, para inaugurar o oratório, mas não pôde ser, porque ainda faltavam coisas: castiçais, galhetas, estante, campainha, patena para a comunhão... Providencialmente, por aqueles dias, o porteiro do prédio subiu com um embrulho que continha tudo o que faltava. O director da Residência, don Ricardo Fernández Vallespín, quis saber quem tinha deixado aquele presente, mas a pessoa não dissera o nome ao porteiro. Por fim, a 31 de Março, don Josemaría celebrou a Santa Missa em Ferraz.

A história repetir-se-ia centenas de vezes, em meio mundo. Mesmo sem dinheiro, o melhor tinha de ser sempre para o oratório. Uma casa podia ser habitada de qualquer maneira, dormindo no chão se fosse preciso —e muitas vezes era—, mas primeiro era preciso instalar, e bem, o oratório. Nele não se celebrava nenhum acto litúrgico até estar perfeitamente terminado, com tudo o indispensável. O Fundador do Opus Dei não admitia excepções. Sempre foi exigente em tudo o que se relacionava com o culto divino, recorda com carinho a irmã Isabel Martín, encarregada da capela do Hospital del Rey, nos anos trinta. E a don Antonio Rodilla lembrava São João de Ribera, “que situou o auge do amor divino aos homens no Sacramento do Altar, e ardia em desejos irrealizáveis —as suas lágrimas o testemunham— de responder ao *Tibi post haec, fili mi, ultra quid faciam* de Jesus na Eucaristia, com outro *ultra quid faciam* da sua generosidade para com o Santíssimo Sacramento”.

Don Saturnino Escudero, Beneficiado da Catedral de Leão, conheceu-o por volta de 1940 ou 1941 por motivos de trabalho, pois o Fundador do Opus Dei lhe encomendou, para um oratório, uma faixa bordada a ouro, sobre veludo verde, com a inscrição *Ubi caritas et amor, Deus ibi est*. A don Saturnino agradou-lhe muito o lema: “encaixava muito bem no que ele queria e sobretudo para aqueles momentos do pós-guerra, em que ainda havia muita desunião, muito ódio e ressentimentos”. Das conversas que tiveram ficou-lhe bem gravado que don Josemaría “procurava dignificar a arte sagrada. Não gostava nada das decorações de cartolina com ‘pedra’ tão frequentes então, nem das figuras ‘baratas’; preferia sobriedade e simplicidade, com autenticidade e dignidade. Não havia que regatear nas coisas do culto: era preciso dar a Deus o melhor que se pudesse. Gostava de oratórios sóbrios e bons, que ajudassem os fiéis a aproximarem-se de Deus”.

Por aqueles dias, tratou também don Abundio García Román, e ficou-lhe gravada a sua insistência em falar da Santa Missa como *centro e raiz da vida interior*: “Isto não era frequente naqueles anos quarenta em Espanha. E menos ainda o cuidado e esmero na Sagrada Liturgia”. A don Abundio impressionava-lhe a pausa ao celebrar e o facto de todos os assistentes participarem, respondendo na Missa: “Isto merece ser assinalado agora,

porque me parece que foi precursor das orientações que o Concílio Vaticano II formulou sobre a participação dos fiéis no culto divino”.

Milhares de pessoas puderam comprovar em todo o mundo a força espiritual que emanava desse modo de viver a liturgia, e que ficou resumido —muito brevemente— nestas considerações de *Caminho*:

Não me ponhais no culto imagens “de série”: prefiro um Santo Cristo de ferro tosco a esses Crucifixos de pasta repintada que parecem feitos de açúcar (Caminho, 542).

Viste-me celebrar a Santa Missa sobre um altar nu —mesa e pedra de altar—, sem retábulo. O Crucifixo, grande. Os castiçais sólidos, com círios de cera dispostos em degraus: mais altos, junto à cruz. Frontal da cor do dia. Casula ampla. Severa nas linhas, larga a taça e rico o cálice. Ausente a luz eléctrica, que não sentimos falta.

—E custou-te sair do oratório: estava-se bem ali. Vês como o rigor da liturgia leva a Deus, aproxima de Deus? (Caminho, 543).

Poucas páginas antes lê-se:

Aquela mulher que, em casa de Simão, o leproso, em Betânia, unge com rico perfume a cabeça do Mestre, recorda-nos o dever de ser esplêndidos no culto de Deus.

—Todo o luxo, a majestade e a beleza me parecem pouco.

—E contra os que atacam a riqueza de vasos sagrados, paramentos e retábulos, ouve-se o elogio de Jesus: “opus enim bonum operata est in me” —fez uma boa obra comigo (Caminho, 527).

Assim o viveu nos seus cinquenta anos de sacerdócio. Em diversos momentos, aludi à Residência da rua Jenner, em Madrid. O dinheiro era escasso e os tempos difíceis, acabada de terminar a guerra em Espanha, e nos começos da mundial. Quase todo o mobiliário da Residência foi feito de velharias arranjadas cuidadosamente pelos membros da Obra e seus amigos. O pouco dinheiro que havia investiu-se no oratório, para que tivesse a

devida dignidade. A mesa do altar, de madeira, levava no frontal uma lâmina fina e comprida de ébano. O sacrário —também de madeira— foi revestido por dentro com tisú de ouro. Os seis castiçais, com pé em cruz, fizeram-se com tubo de ferro comum, tal como a lâmpada do tecto. Só o crucifixo se comprou novo. As paredes cobriram-se com serapilheira plissada. Perto do tecto, o tecido ficava sustentado por um friso com palavras dos Actos dos Apóstolos. Também foram feitos ali: primeiro desenharam-se e depois foram talhados à mão, com goivas, e pintados de vermelho. Sobre o fundo claro do tecido e a madeira castanha, o conjunto era alegre e bonito, na sua extrema simplicidade. Em Villaviciosa de Odón, perto de Madrid, conservam-se estas humildes tábuas, trabalhadas com carinho, como testemunho daquela falta de meios alegre e digna de então e de sempre.

O mesmo sucedeu com o oratório de Diego de León, 14. Don Josemaría escolheu o melhor quarto da casa para o destinar ao Senhor. A fé e o bom gosto superaram a escassez de recursos para o instalar. Facilitava o recolhimento junto do Senhor. É um oratório —tão ligado a momentos decisivos na história do Opus Dei— que hoje se conserva praticamente como então, embora com os anos se tenha enriquecido pouco a pouco, seguindo indicações precisas do próprio Fundador do Opus Dei, para fazer aquilo que ele teria feito em 1941 se tivesse tido meios.

Com a riqueza nos objectos do culto queria manifestar o seu carinho de enamorado. Os que se amam presenteiam-se sempre com objectos de valor —não é só questão de preço— para assim expressarem a medida do seu amor: *Os enamorados não se oferecem pedaços de ferro nem sacos de cimento, mas coisas preciosas: o melhor que têm; quando eles mudarem, mudaremos nós de opinião.*

Essa riqueza no culto mostra também espírito de adoração a Deus, Senhor soberano da vida, a quem se oferece o sacrifício de Abel: o melhor. Assim ensinava o Fundador do Opus Dei:

Lede a Sagrada Escritura, o Antigo Testamento, e comprovareis como o Senhor descreve ponto por ponto a ornamentação do tabernáculo, a elaboração dos utensílios sagrados e o modo de vestir dos sacerdotes, especialmente do Sumo Sacerdote. Até a roupa interior! Tudo tinha de ser

de ouro ou outros metais preciosos e de tecidos finos, cuidadosamente trabalhados.

(...) E o Templo de Salomão não era mais do que a figura; não estava Jesus Cristo real e verdadeiramente presente, como está nos nossos altares e nos nossos sacrários. E o sacerdócio da antiga Lei não era mais do que uma sombra do verdadeiro sacerdócio instituído por Cristo. E, no entanto, diz o Espírito Santo: nolite tangere Christos meos! Não maltrateis os meus Cristos, não profaneis as coisas santas. É a voz do Senhor que se defende! Porque o seu sacerdócio transforma quem o recebe noutro Cristo: alter Christus, ipse Christus, e torna sagrado tudo o que se usa na renovação do Santo Sacrifício da Missa.

Em Junho de 1946 colocou-se o primeiro sacrário do Opus Dei em Roma, numa pequena casa da Piazza de Città Leonina. Como sempre, o oratório ficou no quarto mais espaçoso do apartamento. O sacrário, de madeira, era um tabernáculo pobre, e Mons. Escrivá de Balaguer quis que se adornasse o melhor possível. Pouco tempo depois conseguiu-se a que viria a ser sede central do Opus Dei e ali se construíram oratórios e sacrários mais dignos.

Fê-lo notar em 1957, ao benzer o oratório do Conselho Geral e consagrar o seu altar, numa época em que o Opus Dei estava *em pleno desenvolvimento, estendendo-se por todo o mundo, com uma maravilhosa pobreza*. Naquele oratório pusera-se especial esmero, porque se tinham presentes todos os membros da Obra —solteiros, casados, viúvos, sacerdotes—, *que se deram ao Senhor com todo o coração, com toda a mente e com todas as forças, cumprindo bem o mandato divino*. E acrescentava o Fundador: *A Jesus preparámos este tabernáculo, que é o mais rico que conseguimos fazer*.

Este modo de proceder suscitou sempre espanto. Uma vez, em 1973, um ourives romano recusava-se a dividir um broche de brilhantes montados em platina:

—O que me pedem é um crime. Dão-se conta do que querem fazer? Esta jóia tem mais de um século...

Mas quando o ourives soube o destino dos brilhantes, pôs mãos à obra. E não quis cobrar nada.

Histórias semelhantes sucederam em muitos lugares. Porque as pedras e os materiais preciosos usados para a confecção de vasos e paramentos costumam proceder da generosidade de pessoas que entendem de delicadezas com o Senhor, ao ponto de se desprenderem de uma jóia de família para honrar Jesus, reparando assim a insensibilidade e irreverência com que muitos tratam os objectos do culto:

Dá pena, filhos meus, ver como se atira pela janela um tesouro de séculos. Não pelo que tem de valor humano, mas pelo que perde o culto de Deus: em esplendor, em carinho, em sacrifício. É preciso ensinar as pessoas que não se pode pegar num vaso sagrado e destiná-lo a usos profanos, tal como não é decente transformar um confessionário numa cabine telefónica ou numa gaiola de pássaros. Como é que pode passar pela cabeça transformar um sacrário num bar ou num caixote do lixo? É diabolicamente absurdo; até do ponto de vista artístico revela muito mau gosto. Cada objecto litúrgico é feito para um fim determinado e é preciso procurar que todos continuem a cumprir a sua missão. E, se possível, enriquecendo-os, enchendo-os de amor.

Não se cansou de repetir estas ideias. Às vezes diante de milhares de pessoas, como numa manhã de domingo, em Junho de 1974, no Teatro Coliseo de Buenos Aires. Mal a conversa começara, quando um homem daquela terra, com um sorriso nos lábios e um ar de malícia, tomou a palavra:

—Por ocasião da ordenação sacerdotal de um amigo íntimo meu, ofereci-lhe um cálice de ouro. Alguns amigos, católicos, disseram-me que esse presente não tinha sentido social, ou que eu não tinha sentido social. Por outro lado —e não se ria— em casa temos uma cadela muito boa, que nos custa bastante dinheiro manter. Nenhum amigo meu me disse que me faltava sentido social por isso. Eu gostaria que me dissesse o que pensa do cálice e da cadela.

As pessoas que enchiam o teatro riram da pergunta. E ficaram sérias, e voltaram a rir com a resposta:

Eu, que celebro habitualmente com um cálice de latão, gostaria de usar todos os dias um cálice de ouro, e parecer-me-ia pouco. Deus te abençoe, porque deste esse bocadinho de carinho teu ao Senhor. Fizeste muito bem! Basta leres o que o Senhor dispunha no Velho Testamento e como tudo tinha de ser de ouro. Tudo de ouro! Agora, qualquer coisa lhes parece demais para o Senhor e demasiado pouco para eles. Alguns tornaram-se egocêntricos, miseráveis, só pensam em si. E para o nosso Deus querem o sacrifício de Caim. Outra vez se repete a história. O bom filho oferece o melhor, o ouro, o que puder, o que lhe custa. Os outros gostariam de lhe dar o barro, a miséria.

E quanto à cadelinha, lembra-te de São Francisco de Assis. E consola-te, e continua a fazer festas à tua cadela. Porque havemos de tratar mal os animais? Se tens coração para um animal, sei que o tens ainda maior para um semelhante teu. Que qualquer pessoa necessitada encontre o teu coração aberto e a tua mão generosa. Deus te abençoe.

Não era a primeira vez que Mons. Escrivá de Balaguer se referia a este cálice de latão. *Eu celebro todos os dias* —comentara noutra ocasião—, *há muitíssimos anos, com um cálice que me custou trezentas pesetas. Acontece-lhe um pouco o que a mim; as pessoas vêem-no e dizem: é de ouro... Mas é pura aparência. Quando se desmonta, com total sinceridade, lê-se em letras bem grandes: latão.*

Todo o encanto desse cálice se deve às mãos que lhe deram forma e o recobriram com um finíssimo banho de ouro. Contudo, o ourives teve a honestidade de deixar constância do metal comum de que era feito, num lugar escondido mas acessível. Acabou tão bem a obra que, à primeira vista, ninguém —nem sequer uma pessoa entendida— poria em dúvida a riqueza do vaso sagrado. Era preciso desmontá-lo e vê-lo por dentro para o descobrir. Só a copa era de prata, segundo as disposições litúrgicas. Uma verdadeira lição de sinceridade, naturalidade e amor pelo autêntico e genuíno, que no Fundador do Opus Dei também o levava à humildade: *Quando na Santa Missa elevo o cálice, depois da Consagração, vejo nele uma imagem da minha pobre vida: das lutas, das vitórias e das derrotas. As vitórias são dele, de Cristo; e as derrotas são minhas.*

Com essa confiança em Deus, as misérias nunca podem ser motivo de inquietação ou tristeza. Nas mãos de Deus Pai, aproxima-se da lição desse cálice, que *não quer enganar ninguém parecendo de ouro, porque grita: latão!* E nasce o propósito:

Sede muito sinceros, filhos meus. Não escondais as vossas misérias na direcção espiritual. Só assim as vossas vidas serão como jóias, e o vosso coração se converterá de verdade em trono de Deus, que triunfará na vossa fraqueza.

O coração enamorado do Fundador do Opus Dei precisava de mostrar o seu amor como os que se amam na terra. Não tinha —tantas vezes o disse— um coração diferente para Deus. Por isso, a título de exemplo, quando em Roma não havia dinheiro nem para o mais necessário, não faltava, à imagem da Virgem no quarto onde trabalhava muitas horas por dia, uma rosa natural, manifestação exterior do seu carinho interior. A riqueza nas coisas do culto —vê-se claramente nas histórias aqui recolhidas— era a culminação de um amor autêntico e delicado, para o qual tudo parecia pouco para a Pessoa amada: *Que pouco é uma vida para oferecê-la a Deus!...* (Caminho, 420).

Assim o ensinou sempre. Destinar o melhor ao culto é manifestação concreta de desapego real dos bens terrenos, de aceitação rendida do domínio divino sobre as coisas criadas, de espírito de adoração e de piedade. E comovia-o, e agradecia, o esforço que em todo o mundo as pessoas do Opus Dei faziam para viver essa finura de amor:

O Senhor está muito contente, porque O tratais com amor, cuidando com esmero e delicadeza as coisas do culto, onde procuramos destinar o melhor que pode reunir esta bendita pobreza nossa. E Jesus tem de estar contente também com esse trato pessoal íntimo de cada um de vós. Que Deus vos abençoe!

Voltar ao Índice

EPÍLOGO

1975: “Como uma criança que balbucia”

Ao chegar a noite e fazer o exame, ao ajustar as contas e tirar a soma, sabeis qual é?: Pauper servus et humilis!

Desta forma falava de si mesmo o Fundador do Opus Dei, e quem o escutava não podia deixar de se comover ao experimentar a verdadeira e profunda humildade com que o dizia. Sentia-se diante do Senhor como um servo pobre e inútil, que queria ser *bom e fiel*. Todas as noites, antes de se recolher ao descanso, rezava prostrado sobre o pavimento o Salmo 50, com aquele versículo que tantas vezes repetiu como jaculatória: *Cor contritum et humiliatum, Deus, non despicias!* (Não desprezeis, Senhor, o coração contrito e humilhado).

No domingo, 26 de Maio de 1974, celebrou a Santa Missa no oratório de um Centro do Opus Dei em São Paulo. Depois, tomou a palavra, exprimindo a sua acção de graças em voz baixa e pausada:

—É bom que cada um de nós invoque o história Anjo da Guarda, para que seja testemunha deste milagre contínuo, desta união, desta comunhão, desta identificação de um pobre pecador —isso é cada um de vós, e sobretudo eu, que sou um miserável— com o história Deus.

Sabendo que é Ele, saudamo-Lo pondo a fronte no chão, com adoração. Serviam! Nós queremos servir-Te. Pedir-Lhe-emos perdão das nossas misérias, dos nossos pecados, e doer-nos-ão os pecados de todo o mundo. Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores: sentiremos sobre o nosso peito esse fardo de iniquidade, de toda a miséria que há no mundo, especialmente nestes últimos anos. Queremos não só pedir-Lhe perdão, mas remediar de algum modo tudo isto: desagrarar!

Teremos de confessar o nosso nada: Senhor, eu não posso!, eu não valho!, eu não sei!, eu não tenho!, eu não sou nada! Mas Tu és tudo. Eu sou teu filho, e teu irmão. E posso tomar os teus méritos infinitos, os

merecimentos da tua Mãe e os do Patriarca São José, meu Pai e Senhor, as virtudes dos Santos, o ouro dos meus filhos, as pequenas luzes que brilham na noite da minha vida pela tua misericórdia infinita e a minha pouca correspondência. Tudo isto Te ofereço, com as minhas misérias, com a minha pequenez, para que, sobre essas misérias, Te coloques Tu e fiques mais alto.

Recorro a São José. Dissemos que o trataríamos —prometemo-lo à Virgem— cordialmente. Recorro a São José, que é meu Pai e Senhor; com ele, vou até à sua Esposa, a Virgem Mãe, que é também minha Mãe. Com Maria e com José aproximo-me de Jesus —tenho-O agora no meu coração — e digo-Lhe: creio, eu creio! Adauge nobis fidem, spem, caritatem!, aumenta-nos a fé, a esperança e a caridade. Porque havemos de viver de Amor, e só Tu nos podes dar essas virtudes.

Então, sabendo que nos escuta, que nos ama; sabendo que somos Cristo —porque Ele nos assume de algum modo—, dá-nos alegria louvá-Lo assim: glória ao Pai, glória ao Filho, glória ao Espírito Santo. Desta terra bendita, tão cheia de coisas boas, tão cheia de almas que O amam e de almas que não O conhecem, para as quais Cristo ainda é uma figura desconhecida ou um mito. Meu Deus!, é possível? Passaram vinte séculos, vinte séculos!, e a Redenção ainda se está a realizar.

Alguns dias depois, Mons. Escrivá de Balaguer conversava com membros da Obra do Brasil, já de idade madura. E situava-os, com força, diante da sua responsabilidade como cofundadores do Opus Dei:

—Quando era jovem, não me atrevia a dizê-lo; mas há anos que o digo. Eu sou um pobre pecador que ama Jesus Cristo, um pobre pecador. Mas, olhai: conheci e tratei um exército de pessoas importantíssimas... Mas Fundadores do Opus Dei, há um só: muito pecador, mas um só. Vosso Pai? Sim. Haverá sempre alguém que será melhor do que eu: o que me suceder, e os que vierem depois dele. Haveis de o amar e de o querer muito mais do que a mim. Primeiro, porque essa é a Vontade de Deus; depois, porque o merecerá.

Mas o Senhor vos pedirá contas por terdes estado perto de mim. Não porque eu seja bom, mas porque Ele —não encontrou coisa pior— me

procurou para que se veja que foi Ele quem fez a obra. Vós e eu —vou vo-lo dizer como costume falar, com comparações muito fáceis de entender— escrevemos com uma pena. O Senhor escreve com a perna de uma mesa, e escreve maravilhosamente, para que se veja que é a sua mão, e não a perna da mesa. E uma vez que torno presente que sou um pobre pau —ut iumentum factus sum, apud te, como um burrinho diante de Deus, um burrinho que puxa do carro—, pois apesar de tudo insisto: o Senhor vos pedirá contas, porque estivestes perto do Fundador. Portanto, tendes graça fundacional e, enquanto eu viver, sois cofundadores. Tendes de pôr o ombro a sério, com alegria, com entusiasmo. E sem entusiasmo, na mesma.

Pai, o senhor teve muito entusiasmo? Nestes momentos parece que Deus mo dá: olho-vos... quero-vos tanto, meus filhos! Sei que agrada ao Senhor que vos queira, porque há tanta pureza neste carinho. Mas a maior parte destes quarenta e sete anos trabalhei sem entusiasmo, porque era preciso fazê-lo; porque Deus o quis, e eu devia ser instrumento história: mau, mas instrumento. Tinha de deixar Deus agir e, portanto, não podia abandonar a tarefa; não podia pôr-me de lado e dizer: psss! Vós também não. Tendes de ser constantes, tendes de vos preocupar e dar a vida pelos vossos irmãos.

Ut iumentum... Gostava dos burrinhos o Fundador do Opus Dei, porque assim se sentia diante de Deus: como um burrinho.

Um cónego de Ávila, D. Mariano Taberna, publicou em *El Diario de Ávila* a recordação de um longínquo passeio com Mons. Escrivá de Balaguer: “Tirou um caderninho de apontamentos e mostrou-me o lema que tinha escrito: *Ut iumentum factus sum apud Te, Domine...* Não te parece, dizia-me, que é um bom lema para um fundador? Eu traduzo-o assim: *Senhor, se alguma vez, como um jumento, teimo em meter a cabeça por onde Tu não queres, um bom pau seco, Senhor, até que aprenda...*”.

Fizera lema da sua vida *ocultar-se e desaparecer*. Toda a sua confiança estava em Deus. Nem para fazer o Opus Dei se considerava imprescindível. Mais de uma vez, pelo menos desde 1936, perguntava aos membros da Obra:

—Se eu morrer, continuarás com a Obra?

Alguns lembram-se de que lhes fez essa pergunta no dia 1 de Outubro de 1940. Estavam alguns, que tinham vindo a Madrid, de várias províncias, para passar junto do Fundador a Festa dos Anjos da Guarda, em que se cumpriam os doze primeiros anos do Opus Dei. Todos ficaram impressionados, mas tiveram a serenidade de dizer que, nesse caso, seguiriam em frente, fiéis ao chamamento que tinham recebido.

—Pois só faltava essa! —replicou com vivacidade— Que belo negócio teríeis feito se, em vez de seguir o Senhor, tivésseis vindo a seguir este pobre homem!

A humildade genuína, o abandono nas mãos do seu Pai Deus, cresceu ao longo da vida do Fundador do Opus Dei. A maturidade, a santidade, a bondade —como diz Santo Ambrósio— está “em esforçar-se por alcançar a simplicidade da criança”.

Como uma criança que balbucia, que tem de recomeçar, via-se Mons. Escrivá de Balaguer nos seus últimos anos. Foram anos de esperança, de viver com luzes novas a realidade da infinita misericórdia divina. De sentir a própria condição de filho pródigo, sempre voltando para os braços amorosos que o aguardavam na casa paterna.

Na sua pregação —nas suas homilias; nos seus escritos; nas suas conversas, por vezes, diante de milhares de pessoas— aparecem vislumbres da imensa riqueza da sua vida interior, da profunda união com Deus, que dava unidade a toda a sua vida. Ao terminar estas páginas, que mal conseguem esboçar alguns traços dessa vida, é de todo impossível desenhar o que foram —por dentro— os seus últimos anos.

No dia 28 de Março de 1975 cumpriu as suas bodas de ouro com o sacerdócio. Na véspera, dia de Quinta-Feira Santa, fazia de manhã a sua meditação no oratório do Conselho Geral da Obra. Estavam com ele os outros membros do Conselho. Sentara-se ao fundo. Mal começado esse tempo de meditação, começou a rezar em voz alta. Foi uma oração simples, improvisada. As suas frases conseguem compendiar —na presença de Deus— a vida de Mons. Escrivá de Balaguer. Vale a pena ler algumas dessas frases, ao termo destes rápidos apontamentos:

Adauge nobis fidem! «Aumenta-nos a fé!», estava eu a dizer ao Senhor. Ele quer que Lhe peça isto: que nos aumente a fé. Amanhã não vos direi nada; e agora nem sei o que vos vou dizer... Que me ajudeis a dar graças a Nosso Senhor por esse cúmulo imenso, enorme, de favores, de providências, de carinho... e de pancadas!, que também são carinho e providência.

Senhor, aumenta-nos a fé! Como sempre, antes de começarmos a falar Contigo com intimidade, recorreremos à nossa Mãe do Céu, a São José e aos Anjos da Guarda.

Ao fim de cinquenta anos, estou como uma criança que balbucia: estou a começar, a recomçar, como na minha luta interior de cada dia. E assim até ao fim dos dias que me restam: sempre a recomçar. O Senhor quer que seja assim, para que não haja em nenhum de nós motivos de soberba nem de vã presunção. Temos de viver dependentes d'Ele, dos seus lábios: com o ouvido atento e a vontade tensa, pronta a seguir as inspirações divinas.

Um olhar para trás... Um panorama imenso: tantas dores, tantas alegrias. E agora, tudo alegrias, tudo alegrias... Porque temos a experiência de que a dor é o martelar do Artista, que quer fazer de cada um de nós, dessa massa informe que somos, um crucifixo, um Cristo, o alter Christus que havemos de ser.

Senhor, obrigado por tudo. Muito obrigado! Já Te dei graças; habitualmente dou-Te graças. Antes de repetir agora esse grito litúrgico — gratias tibi, Deus, gratias tibi! —, já to dizia com o coração. E agora são muitas bocas, muitos peitos, que Te repetem em uníssono o mesmo: gratias tibi, Deus, gratias tibi! pois não temos senão motivos para dar graças.

Não devemos afligir-nos por nada; não devemos preocupar-nos com nada; não devemos perder a serenidade por coisa nenhuma do mundo. (...) Senhor, dá serenidade aos meus filhos; que não a percam nem sequer quando cometem um erro grave. Se se apercebem de que o cometeram, isso já é uma graça, uma luz do Céu.

Gratias tibi, Deus, gratias tibi! A vida de cada um tem de ser um cântico de ação de graças, porque como nasceu o Opus Dei? Foste Tu, Senhor, que o fizeste, com quatro chisgarabís... Stulta mundi, infirma mundi, et ea quae

non sunt. Toda a doutrina de São Paulo se cumpriu: escolheste meios completamente ilógicos, nada adequados, e estendeste a Obra pelo mundo inteiro. Dão-Te graças em toda a Europa, e em pontos da Ásia e de África, e em toda a América, e na Oceania. Em toda a parte Te dão graças.

Nesse Tabernáculo tão belo que os meus filhos prepararam com tanto carinho, e que colocámos aqui quando não tínhamos dinheiro nem para comer; nesta espécie de ostentação de luxo, que me parece uma miséria e realmente o é, para Te guardar a Ti, quis eu colocar dois ou três pormenores. O mais interessante é essa frase que está sobre a porta: consummati in unum! Porque é como se todos estivéssemos aqui, colados a Ti, sem Te deixar nem de dia nem de noite, num cântico de ação de graças e — por que não? — de pedido de perdão. Penso que Te zangas por eu dizer isto. Tu perdoaste-nos sempre; estás sempre disposto a perdoar os erros, as falhas, os frutos da sensualidade ou da soberba.

Consummati in unum! Para reparar..., para agradar..., para dar graças, que é uma obrigação capital. Não é uma obrigação deste momento, de hoje, do tempo que termina amanhã, não. É um dever constante, uma manifestação de vida sobrenatural, um modo humano e divino ao mesmo tempo de corresponder ao teu Amor, que é divino e humano.

(...) Esta vida que, sendo humana, para nós tem de ser também divina, será divina se Te tratarmos muito. Tratar-Te-íamos mesmo que tivéssemos de fazer muitas antesalas, mesmo que fosse preciso pedir muitas audiências. Mas não é preciso pedir nenhuma! És tão todo-poderoso, também na tua misericórdia, que, sendo o Senhor dos senhores e o Rei dos que dominam, Te humilhas até esperares como um pobrezinho que se encosta ao umbral da nossa porta. Não somos nós que esperamos; és Tu que nos esperas constantemente.

Esperas-nos no Céu, no Paraíso. Esperas-nos na Hóstia Santa. Esperas-nos na oração. És tão bom que, quando estás aí escondido por Amor, oculto nas espécies sacramentais — eu assim o creio firmemente —, estando real, verdadeira e substancialmente com o teu Corpo e o teu Sangue, com a tua Alma e a tua Divindade, também está a Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Além disso, pela inabitação do Paráclito, Deus encontra-se no centro das nossas almas, à nossa procura.

Repete-se, de algum modo, a cena de Belém, todos os dias. É possível que — não com a boca, mas com as obras — tenhamos dito: non est locus in diversorio, não há lugar para Ti no meu coração. Ai, Senhor, perdoa-me!

Adoro o Pai, o Filho, o Espírito Santo, Deus único. Eu não compreendo essa maravilha da Trindade; mas Tu puseste na minha alma ânsias, fomes de crer. Creio: quero crer como o que mais crê. Espero: quero esperar como o que mais espera. Amo: quero amar como o que mais ama.

Tu és quem és: a Suma bondade. Eu sou quem sou: o último trapo sujo deste mundo apodrecido. E, no entanto, olhas-me..., procuras-me..., amas-me. Senhor: que os meus filhos Te olhem, Te procurem e Te amem. Senhor: que eu Te procure, Te olhe e Te ame.

Olhar é pôr os olhos da alma em Ti, com ânsias de Te compreender, na medida em que — com a tua graça — a razão humana pode chegar a conhecer-Te. Contento-me com essa pequenez. Quando vejo que entendo tão pouco das tuas grandezas, da tua bondade, da tua sabedoria, do teu poder, da tua formosura..., quando vejo que entendo tão pouco, não me entristeço: alegro-me de que sejas tão grande que não caibas no meu pobre coração, na minha miserável cabeça. Meu Deus! Meu Deus!... Se não sei dizer-Te outra coisa, já basta: Meu Deus! Toda essa grandeza, todo esse poder, toda essa formosura... minha! E eu... Teu!

Procuro chegar à Trindade do Céu por essa outra trindade da terra: Jesus, Maria e José. Estão como mais acessíveis. Jesus, que é perfectus Deus et perfectus Homo. Maria, que é uma mulher, a criatura mais pura, a maior: maior do que Ela, só Deus. E José, que está imediatamente junto de Maria: limpo, varonil, prudente, inteiro. Oh, meu Deus! Que modelos! Só de olhar, dá vontade de morrer de pena: porque, Senhor, eu portei-me tão mal... Não soube adaptar-me às circunstâncias, divinizar-me. E Tu davas-me os meios: e dá-mos, e continuarás a dá-los..., porque o divino temos de o viver humanamente na terra.

Sancta Maria, Spes nostra, Sedes sapientiae! Concede-nos a sabedoria do Céu, para que nos comportemos de modo agradável aos olhos do teu Filho, e do Pai, e do Espírito Santo, único Deus que vive e reina pelos séculos sem fim.

São José, que não Te posso separar de Jesus e de Maria; São José, por quem sempre tive devoção, mas compreendo que devo amar-Te cada dia mais e proclamá-lo aos quatro ventos, porque este é o modo de manifestar o amor entre os homens, dizendo: amo-te! São José, nosso Pai e Senhor: em quantos lugares Te terão já repetido a estas horas, invocando-Te, esta mesma frase, estas mesmas palavras! São José, nosso Pai e Senhor, intercede por nós.

Temos de estar — e tenho consciência de vo-lo ter lembrado muitas vezes — no Céu e na terra, sempre. Não entre o Céu e a terra, porque somos do mundo. No mundo e no Paraíso ao mesmo tempo! Esta seria como que a fórmula para exprimir como devemos compor a nossa vida, enquanto permanecermos in hoc saeculo. No Céu e na terra, divinizados; mas sabendo que somos do mundo e que somos terra, com a fragilidade própria do que é terra: um vaso de barro que o Senhor Se dignou utilizar para o seu serviço. E quando se quebrou, recorremos às ligaduras, como o filho pródigo: pequei contra o Céu e contra Ti... Tanto quando se tratou de algo de monta como quando foi uma coisa pequena. Às vezes doeu-nos muito, muito, uma pequena falha, uma falta de amor, um não saber olhar para o Amor dos amores, um não saber sorrir. Porque, quando se ama, não há coisas pequenas: tudo tem grandeza, tudo é grande, mesmo numa criatura miserável e pobre como eu, como tu, meu filho.

O Senhor quis depositar em nós um tesouro riquíssimo. Exagero? Disse pouco. Disse pouco agora, porque antes disse mais. Recordei que em nós habita Deus, Nosso Senhor, com toda a sua grandeza. Nos nossos corações há habitualmente um Céu. E não vou continuar.

Gratias tibi, Deus, gratias tibi: vera et una Trinitas, una et summa Deitas, sancta et una Unitas!

Que a Mãe de Deus seja para nós Turris civitatis, a torre que vigia a cidade: a cidade que é cada um de nós, com tantas coisas que vão e vêm dentro de nós, com tanto movimento e, ao mesmo tempo, com tanta quietude; com tanta desordem e tanta ordem; com tanto ruído e tanto silêncio; com tanta guerra e tanta paz.

Sancta Maria, Turris civitatis: ora pro nobis!
Sancte Joseph, Pater et Domine: ora pro nobis!
Sancti Angeli Custodes: orate pro nobis!

[Voltar ao Índice](#)